OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

OBRAS POETICAS

DE

BOCAGE

NOVA EDIÇÃO

Poemas didacticos traduzidos — Dramas traduzidos

VOLUME III

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 44 a 54

1910

PROLOGO DO TRADUCTOR

A gloriosa reputação do abbade Delille, como litterato, e como poeta; a estima geral, dada ao seu poema dos ***Jardins***, onde se encontram todo o atavio, toda a graça, e toda a philosophia, de que é capaz o assumpto, me incitou a versifical-o em vulgar, apurando n'isso o cabedal que possuo em poesia, cabedal muito inferior ao apreço, e acolheita, de que estou em divida com os meus compatriotas. O amor á gloria, e á gratidão, talvez ainda criem na minha alma um ardor que a fecunde, tornando-me digno do affecto, com que me honra o publico; e entretanto lhe apresento esta versão, a mais concisa, a mais fiel, que pude ordenal-a, e em que só usei o circumloquio nos logares, cuja traducção litteral se não compadecia, a meu vêr, com a elegancia, que deve reinar em todas as composições poeticas.

PROLOGO DO AUCTOR

Varias pessoas de grande merecimento escreveram em prosa ácerca dos *Jardins.* O auctor d'este poema colheu d'ellas alguns preceitos, e até descripções. Em bastantes passagens teve a dita de encontrar-se com tão bons escriptores, porque este poema foi começado antes que elles publicassem as suas obras. Confessa que dá ao prelo com extrema desconfiança uma composição muito esperada, e engrandecida de mais: a indulgencia excessiva, dos que a ouviram, lhe agoura a severidade, dos que a lêrem.

Este poema, além d'isso, tem um grave inconveniente, o de ser didactico. Tal genero é necessariamente um pouco frio, e mais o deve parecer a uma nação, que lhe custa muito (como se tem observado repetidas vezes) a tolerar versos, em não sendo os compostos para o theatro, os que pintam as paixões, ou as baldas dos homens. Poucas pessoas, digo mais, até poucos litteratos lêem as *Georgicas* de Virgilio, e quasi todos os que aprenderam latim sabem de cór o quarto canto da *Eneida.*

No primeiro d'estes dous poemas, dá o poeta a entender que sente não lhe permittirem os limites do seu assumpto cantar os Jardins. Depois de haver luctado longamente com as miudas, e um tanto ingratas particularidades da cultura geral dos campos, a modo que deseja repousar sobre mais risonhos objectos. Mas estreitado no de que tracta, vinga-se

d'esta subjeição com um bello, e rapido esboço dos Jardins, e com o pathetico episodio de um velho feliz no seu pequeno campo, que elle mesmo cultiva, e enfeita.

O que o poeta romano sentia não poder executar, executou o P. Rapin. Escreveu na lingua, e ás vezes no estylo de Virgilio, um poema em quatro cantos sobre os Jardins, que foi mui applaudido, n'um tempo em que ainda se liam versos latinos modernos. A sua obra não é despida de elegancia; mas quizera-se que abundasse de precisão, e de melhores episodios.

De mais o plano do seu poema não interessa; não tem variedade. Um canto é consagrado ás aguas, outro ás arvores, outro ás flôres. Adivinha-se o comprido catalogo, e a enumeração tediosa, que mais pertence ao botanico que ao poeta; e aquelle passo methodico, que assás prestaria n'um tractado em prosa, é grande defeito n'uma composição poetica, onde o espirito pede que o levem por caminhos um pouco desviados, e lhe apresentem objectos que não espera.

Além d'isto, Rapin cantou Jardins do genero regular, e a monotonia inherente á summa regularidade, passou do assumpto ao poema. A imaginação, naturalmente amiga da liberdade, ora vae a custo pelos desenhos enviezados de um canteiro de flôres, ora morre no fim de uma longa, e direita alameda. Por toda a parte lhe lembra com saudades a formosura um tanto desordenada, e a chistosa irregularidade da Natureza.

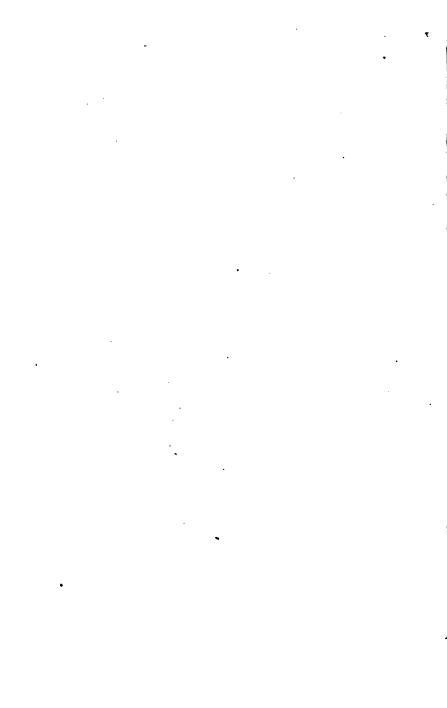
Emfim, aquelle auctor não tractou senão a parte mechanica da jardinagem. Totalmente esqueceu a mais importante, a que procura em nossas sensações, em nossos sentimentos a origem do prazer, que nos causam as scenas campestres, e os attractivos da Natureza aperfeiçoados pela arte. Em summa, os seus Jardins são os do architecto; os outros são os do philosopho, os do pintor, os do poeta.

Este genero tem medrado por extremo ha annos, e se isto é tambem effeito da moda, demos-lhe graças. A arte dos jardins, a que se poderia chamar luxo da architectura, parece um dos entretenimentos mais convenientes, e talvez um dos mais virtuosos da gente rica. Como cultura, reconduz á innocencia das occupações campesinas; como adorno apadrinha sem risco a paixão dos dispendios, que acompanha as grandes fortunas: finalmente, esta arte tem para similhante classe de homens o duplicado prestimo de participar, ao mesmo

tempo, dos gostos que vogam nas cidades, e dos que existem nos campos.

Este prazer dos particulares achou-se ligado á utilidade publica: fez com que os opulentos folgassem de habitar as suas terras. O ouro, que sustentaria artifices do luxo, vae alimentar os cultivadores e a riqueza torna á sua verdadeira fonte. Accresce a isto, que a cultura se enriqueceu com muitas, e muitas plantas, ou arvores estrangeiras, aggregadas ás producções do nosso terreno, e isto vale certamente o marmore todo que perderam nossos jardins.

Feliz este poema se desparzir, ainda mais, affeições tão simplices, e puras! Porque, como o auctor d'este poema o disse em outra composição,

> Quem dos campos o amor inspira aos homens
> Tambem, Virtudes, vosso amor lhe inspira,

OS JARDINS

OU

ARTE DE AFORMOSEAR AS PAIZAGENS

POEMA

DE

MR. DELILLE

TRADUZIDO EM VERSO

Hic inter flumina nota,
Et fontes sacros frigus captabis opacum.
VIRG. Eclog. I.

Entre os rios aqui, e as sacras fontes
Gosarás em repouso a sombra amena.
(Do Traductor).

CANTO I

Renasce a primavera, influe, e anima
A's aves, os Favonios, flôres, Musas.
Que novo objecto á lyra os sons me pede?
Ah! Quando a terra despe antigos lutos
Nos campos, nas florestas, sobre os montes
Quando tudo se ri, tudo se inflamma
De amor, e de esperança, e de ventura,
Outro co'a phantasiã em Phebo acceza,
Abra os fastos da Gloria aos grandes nomes,
N'um carro fulminante alce o triumpho;
Manche, ensanguente as mãos na taça horrivel
Do vingativo Atrêo: sorriu-se Flora,
Vou cantar ós Jardins, dizer qual arte

Em terreno loução, dispõe, regula
As flôres, a corrente, a relva, as sombras.
Tu, que o vigor, e a graça entrelaçando
Dás ao canto didáctico energia,
De Lucrecio na voz, se outr'hora, oh Musa,
As austeras lições amaciastes:
Se pôde o seu rival (sem que nos labios
A linguagem dos numes desluzisse)
Ao laborioso arado unir o metro;
Vem mais fertil ornar, mais rico assumpto,
Assumpto amavel, que tentou Virgilio.
Mãos não lancemos do atavio estranho;
Das minhas mesmas flôres vou c'roar-me:
Qual pura luz, que bella nuvem doura,
A expressão tingirei na côr do objecto.
Arte innocente, que em meus versos canto,
Origem teve nos ceruleos dias,
Nas primaveras do recente globo.
Apenas o homem submettêra os campos
Á cultura efficaz, pôz mil desvelos
De viçosa porção no tracto, e mimo;
Alinhou para si com leis, e industria
Plantas selectas, escolhidas flôres.
De Alcino o luxo, o gosto, ainda rude
Punha a curto vergel modico enfeite;
Eis com arte maior, mais sumptuosa
Jardins nos ares Babylonia ostenta.
Os latinos heróes, de Marte os filhos,
Depois que Roma agrilhoava o mundo,
Davam repouso ameno á gloria, ao raio,
Em frescos hortos, que a victoria ornára.
Habitava os jardins outr'hora o sabio,
Doctrinando os mortaes mais lêdo que hoje.
Quando a sabedoria elysios teve,
Ereis vós, dons do céo, talvez palacios?
Não: vós ereis um prado, um rio, um bosque,
De imperturbavel paz ditoso abrigo,
Puras delicias, que a virtude anhéla.
Corra-se pois, que é tempo, o novo espaço:
Philippe, e o bello assumpto a voz me alentam.
Para aformosear simples terrenos
Não insulteis co'a pompa a Natureza;

Este emprego requer sisudo artista,
Parco em dispendios, na invenção profuso;
Jardim, menos fastoso que elegante,
Jardim com mais belleza que atavio,
Parece aos olhos meus um amplo quadro.
Sêde pintor: o campo, os seus matizes,
Os reflexos da luz, da' sombra as massas,
As estações, e as horas, variando
O giro do anno, o circulo diurno;
Ricos esmaltes de cheirosos prados,
Dos outeiros o alegre, o verde forro,
Aguas, boninas, arvores, penedos:
Eis os vossos pinceis, têas e côres.
Podeis crear: a natureza é vossa,
E doceis para vós os elementos.
Mas antes de plantar, antes que encete
Instrumento imprudente o seio á terra,
Para dar aos jardins mais linda fórma
Observae, reflecti, sabei de que arte
Se imita, se arremeda a natureza.
Não tendes vezes mil em ermos sitios
De repente encontrado aquellas vistas,
Que as plantas, que os sentidos vos suspendem,
E que em meditações quietas, longas
Enlevam manso, e manso a phantasia?
Tudo o melhor senhoreae co'a mente,
Dos campos aprendei a ornar os campos.
Logares, que subtil decora o gosto,
Olhae tambem: nos escolhidos quadros
Ainda ha que escolher; por vós se admire
De Chantilli magnifica elegancia,
Que de heróes em heróos, de edade a edade
Ganha novo osplendor. Belœil, a um tempo
Campestre, apparatoso, e tu que ainda
Ufano Chanteloup, te desvaneces
De teu grande senhor com o desterro;
Todos vós alternaes o bem dos olhos.
Qual purpureo botão, mimoso, e breve,
Timido precursor da quadra bella,
O amavel Tivoli, de fórma estranha
Á França descobriu tenue modelo.
Montreuil as Graças desenharam rindo,

Maupertuis, le Desert, com que alegria,
Auteuil, Rincy, Limours, quam docemente
Nas vossas lindas, arejadas ruas
Olhos se embebem, se extraviam passos!
Do grande Henrique a veneravel sombra
Ama ainda Navarra, e parecido
Comtigo Trianon, deusa, que o reges,
Une a graça, o recreio á magestade,
Se adorna para ti, por ti se adorna.
Grato asylo d'um principe adoravel,
Tu, cujo nome de apoucada idéa
É indigno de ti; logar vistoso,
Quando lhe devo a teu senhor, off'rece;
Um placacido retiro, um ocio ledo.
Bemfeitor de meus versos, de meus dias,
Na eleição de atilados escriptores,
Em jardim, que do Pindo as rosas vestem.
Inclue a Musa minha, e brando a acolhe.
Junto ao lyrio soberbo, e magestoso
Assim cresce a violeta humilde, e escura.
De illustres vates não illustre socio,
Ah! se coubera em mim cantar como elles,
Pintára os teus jardins, pintára o nume,
Que os habita, que os honra; o gosto, as artes,
As virtudes, a gloria, os bens que o seguem,
O ladêam em ti. Logar formoso,
Sê tu sua ventura. Eu se algum dia
Findar, por graça d'elle, amena estancia,
Mais bella a tornarei co'a bella imagem
Do alto meu protector; quero que sejam
Minhas primeiras flôres seu tributo.
Para o busto real cultivo, enlaço
Em virentes festões o louro, o myrto,
Tão caros aos Bourbons; e se o repouso,
A liberdade, as sombras me inspirarem,
Ao bemfazejo heróe te sagro, oh lyra.
　Fallei d'esses logares deleitosos,
Que a arte deve imitar: convém que falle
Dos escolhos, que a mesma evitar deve.
O engenho imitador tambem se engana:
Não dê belleza ao chão, que o chão não queira;
A paragem conheça antes de tudo,

Do sitio adore o Genio, o Deus consulte:
Impunemente as leis não se lhe aggravam.
Nos campos, todavia, a cada instante,
Menos audaz que extranho em phantasias,
Tudo altéra e confunde artista inerte,
E desnaturalisa, e perde tudo;
Com absurda eleição mil graças liga:
Encantavam na Italia, na França enjôam.
O que o terreno teu sem custo adopte
Reconhece, e depois te apossa d'elle.
Isto ainda é melhor que a Natureza,
Mas isto mesmo é ella, isto é perfeito
Quadro brilhante, que não tem modelo.
Dos Berghems, dos Poussins tal foi a escolha,
De ambos estuda as producções divinas;
E o muito, que o pincel aos campos deve,
Arte cultivadora, agradecida,
Nos jardins restitua á Natureza.
Os terrenos agora se examinem,
E que logar se apraz das leis, que traças.
Houve tempo fatal em que a arte infensa,
Guerra aos mais bellos sitios declarando,
Enchendo os valles, arrazando os montes,
Formou de chão gentil planicie ingrata,
Hoje, rural tyranno, outro artificio
Quer, por contrario abuso, — erguer montanhas,
Valles quer profundar. Longe os excessos,
Longe as lidas, e ardís: tudo é baldado
Contra intractaveis, repugnantes serros;
E sobre terra egual montinho humilde
Cuida ser pittoresco, e move a riso.
Queres a teu suor logar propicio?
Foge as mui desiguaes, os muito planos
Campos, e serras. Eu tomára os sitios
Onde sem altivez fôsse eminente
A rico valle matizado outeiro.
Não tendo insipidez, lá tem brandura
O solo complacente, é alto, é secco,
Esteril não, não rispido: caminhas;
Obedece o horisonte, ergue-se a terra,
Ou a terra se abate, aperta, estende:
Luzem de passo a passo encantos novos.

Dos gabinetes no silencio triste,
De compasso na dextra, embora ordene
Artifice vulgar a symetria
D'enfadoso jardim, confie embora
O geometrico plano ao papel frio.
Tu vae vêr em si propria a Natureza.
O lapis maneando, ali copía
Este aspecto, estes longes, esta altura,
Meios advinha, obstaculos presente:
Só a difficuldade é mãe de assombros,
E o chão de menos graça havel-a póde.
É nu? Florestas a nudez lhe amparem.
É coberto? Os machados vão despil-o.
Humido? Em lagos de crystal pomposo,
Em ribeiros fecundos, transparentes
Se converta, se aclare essa agua impura.
Por trabalho feliz corrige a um tempo
Melhora as aguas, o terreno, os ares:
É árido talvez? Procura, sonda,
Torna ainda a sondar, não te enfasties:
Póde ser que, em traír-se vagarosa,
A agua de rebentar esteja a ponto.
Tal de um tenaz esforço eu mesmo anciado,
Morna individuação maldigo, entejo:
Mas de esteril objecto aborrecido
Idéa graciosa eis surge, eis salta:
O verso resuscita, e facil corre.
Inda mais dôces que estes ha cuidados,
Arte existe inda mais encantadora.
Falle-se ao coração, não basta aos olhos,
As invisiveis relações conheces
D'esses corpos sem alma, e dos que sentem?
Das aguas, prados, seltas tens ouvido
A calada eloquencia, a voz occulta?
Todos estes effeitos deves dar-nos.
Do alegre ao melancolico, e do nobre
Ao engraçado, os transitos sem conto
Sempre me aprazem, me captivam sempre.
Une, simples, e grande, forte, e brando.
Todo o matiz, que à todo o gosto agrade.
O pintor enriqueça ali a idéa,
A sancta inspiração turbe o poeta.

Ali remansos d'alma o sabio gose,
Memorias o ditoso ali disfructe,
De lagrimas se farte o miserando.
Mas a audacia é commum, e o siso é raro,
Grata ás vezes se crê a extravagancia.
Evita que os effeitos, mal unidos,
De incoherentes imagens formem cáhos;
Vê que as contradicções não são contrastes.
Estes paineis de natural pintura
Requerem longo espaço; em quadro estreito
Não vás aprisionar montanhas, bosques,
Nem lagos, nem ribeiras. E' costume
Zombar d'esses jardins, parodia absurda
Dos rasgos, que a atrevida Natureza
No seu grande espectaculo derrama:
Jardins, em que arte rude, e inverosimil
Um paiz todo n'uma geira encerra.
Em vez d'este montão confuso, inerte,
Varia objectos, ou lhe altera a face.
Perto, longe, patentes, quasi occultos,
Revezem todos mil diversas vistas.
Dos effeitos seguintes a incerteza
Grato desasocego aos olhos deixe,
Ornamentos o gosto emfim colloque,
Imprevistos jamais em demasia,
Jámais em demasia annunciados.
Presta sobre maneira o movimento;
Sem a doce magia, a elle annexa,
Em lethargo recáe a alma ociosa.
Sem elle, por teus campos enfadonhos
Em giro casual vão sempre os olhos.
Citarei outra vez altos pintores?
Lá diffunde o pincel pródigo, e fertil
Moveis objectos sobre o panno immovel:
O rio foge, o vento encurva os ramos,
Globos de fumo das aldêas sobem,
Os gados, os pastores brincam, dançam.
Cuida em te apoderar d'este segredo,
Dispõe sem parcimonia arbustos dôces,
Arvores brandas, cuja affavel coma
Das virações ao halito obedece.
Sejam qnaes forem, tu, cultor, venera

Tolhe que o ferro a Natureza ultraje;
Ella co'a mestra mão como desenha
D'esta parte os carvalhos, d'esta os olmos!
Olha como do tronco até aos ramos,
Dos ramos té ás folhas desparzido
Da mãe universal benigno influxo;
Vae das undulações dar-lhe a molleza.
Porém golpes crueis... vedae tal crime,
Correi, nymphas da selva... ah! Q'é debalde,
O córte cercou-lhe a gala, o viço.
Já na cópa vivaz não ouço ao longe
Correr os Aquilões, bramir na rama,
Affastar-se, expirar. Tácitos, frios,
Mortos do ferro os vegetaveis entes,
D'elle simelham rispidez immovel.
  Ás plantas deixa, pois, tremor suave
Nos quadros teus, do movimento amigos;
Faze fugir, ferver, saltar as aguas.
Vês estes valles, solidões, florestas?
Por varios sitios de diversos gados
A nédia multidão se envie, e alongue.
Além vejo a cabrinha roedora
Pender do cume de remotas penhas:
Aqui mil cordeirinhos melindrosos
Soltam queixumes, que de serro a serro
Vae écco em molles sons amiudando.
N'estes, que as aguas da collina sorvem
Prados lustrosos, sobre as mãos se estende,
E ruminando jaz o boi pezado,
Em quanto generoso, altivo, accezo,
O filho do Tridente, o marcio bruto
Ostenta, vicejando, em pingues pastos,
O indomito vigor, e o brio agreste.
Quanto me atráe, me regosija, quanto,
A audaz agilidade, o gesto activo!
Ou elle, usado ás fluviaes correntes,
Sobre ellas se arremesse, estremecendo,
E luctando depois, c'os pés sacuda
As ondas, que murmuram, que branqueam;
Ou atravez dos prados salte, e fuja;
Ou, longa crina errante aos ventos dada,
Brotando os olhos fogo, as ventas fumo,

Bello de orgulho, e amor, vôe ás amadas.
Sumiu-se já, e a vista ainda o segue.
O thesouro exhaurindo á Natureza,
Assim terrenos, vistas, e agua, e sombras
Dão ás paizagens movimento, e vida.
Porém se o movimento encanta os olhos,
De liberdade um ar não menos querem.
O limite aos jardins fique indeciso;
Ou com arte se esconda, ou se disfarce.
Não ha mais que esperar? Vôa o feitiço.
Com certo dissabor o fim se tóca
De uma estancia aprazivel: cedo enfada,
E irrita finalmente; além dos muros,
Importuna barreira, inda se ideam
Logares mais gentis, mais attractivos,
E alma inquieta desencanta os olhos.
Quando nossos avós, á guerra affeitos,
Seus campos em castellos convertiam,
Cada qual em munida, enorme torre
Preso vivia por viver seguro,
Mas hoje de que servem taes muralhas
Que o temor inventou, mantem o orgulho?
A estes, que prendendo outr'hora a vista,
A vista duramente entresteciam,
Prefere o gosto verdejantes muros,
Muros tecidos de espinhoso enredo,
Muros, por onde a mão, tremendo, colhe
A rosa inculta, a amóra ensanguentada.
Mas jardim limitado inda me ancêa.
Surja-se emfim de um circulo tão breve
A genero mais vasto, e mais formoso,
De que hoje Ermenonville é só modelo.
Os jardins para si chamavam campos,
Vão n'elles os jardins entrar agora.
Do cinto d'esses montes, d'onde os olhos
Paizagem dilatada abraçam, medem,
A madre Natureza ao Genio disse:
«Os thesouros, que vês, são teus: envoltos
Na rude pompa, na opulencia bruta,
Os quadros meus tua destreza imploram.»
Ella diz, elle vôa: em toda a parte
Esquadrinha esta massa, onde repousam,

Onde dormindo estão bellezas cento.
Do valle á serra, da floresta ao prado
Vae retocando os quadros, que varía.
Dos olhos a saber, une, e desune,
Illumina, escurece, occulta, ou mostra:
Não destróe, não compõe, corrige, apura,
O esboço aperfeiçôa á Natureza.
Carrancudo terror já despem rochas,
O bosque alegre adoça, encurta as sombras;
Ia perder-se um rio: eis o encaminham;
De um lago se apodera a mão geitosa,
De cristalina fonte se enriquece.
Quer, e veredas mil subito correm
A demandar, cingir, prender os membros,
Por aqui, por ali soltos, dispersos;
Os membros, que assombrados, que attraídos
Da engenhosa união, do nó, que os junta,
Formam de cem porções um todo insigne.
Talvez, campestre artifice, te espantem
Estes grandes trabalhos. Entra os nossos
Idosos parques: de uma vez contempla
Apuros vãos, dispendiosos nadas;
As estacadas vê, regos, e tanques.
Preço menor do que a minucias coube
Para ornar o que um dia apraz sómente,
Póde aformosear um campo immenso.
Fallaz, e semsabor magnificencia,
Cáe ante esta arte, e por milagre d'ella
A cara patria minha se transforme
Toda em vasto jardim, n'um Eden novo!
Se não ousas tentar esta carreira,
Ao menos, franqueando o teu circuito,
De aspectos opulentos o engrandece.
De um valle, um serro, uns agradaveis longes
Ajunta posse alhêa á posse tua:
Rege co'a vista, pelos olhos gosa.
Os varios, favoraveis accidentes,
Com que innumeros campos se distinguem,
Une principalmente a teus plantios.
Aqui jaz um logar, que cingem bosques,
Acolá torreões cidades c'roam,
E a grimpa azul, ferindo ao longe os olhos,

Vae sumir pelos céos o agudo extremo.
  Um rio omittirei, e as margens suas?
Apoz fogazes vélas corre a vista,
Ilhas ás vezes saem do vitreo seio,
Ponte arqueada outr'hora o furta aos olhos.
  Se os mares espaçosos descortinas,
Off'rece, mas varia a grave scena.
Mal se divise aqui por entre as folhas,
Uma abóbada além, qual no remate
De tudo extenso, aos olhos o apresente
Em fundo de odoriferas latadas;
Nas voltas de florente bosquesinho
Aqui se encontra o mar, ali se perde:
Eis subito apparece em toda a sua
Fervente, rugidora immensidade.
  Folgue a attenção n'estes semblantes varios;
Mas com mesquinhas mãos (cumpre que o diga)
Os homens, natureza, o tempo, as artes
Nos cercam de tão ricos accidentes.
  Oh planicies da Grecia! Ausonios campos!
Logares divinaes, inspiradores,
Sempre caros ao genio! Ah! quantas vezes
Embebido n'um magico horisonte,
O pintor vê, se inflamma, e toma o lapis,
E debuxa esses longes, essas ilhas,
Esse pégo, esses portos, esses montes,
Torrados de vulcões, e já fecundos;
As lavas d'elles, que ameaçam, fervem,
Palacios, que em ruinas de outros surgem,
Um novo mundo, que do velho assoma
N'estes de terra, e mar longos tormentos.
Ah! Eu ainda não vi essa risonha,
Essa encantada estancia, onde mil vezes
Soôu do Mantuano a voz divina;
Mas, pelo vate, pelo vate o juro,
Hei de, Apenino, transcender teus cumes,
E cheio do seu nome, e de seus versos,
Lêl-os n'aquelles amorosos sitios,
Sitios, cópia do céo, que os inspiraram.
  De encantadoras margens namorado,
Por fóra ingratos campos tens sómente
Em vez de aspectos, que interessem a alma?

De extranha vista, que atedía o gosto,
Vinguem-te objectos de mais bella escolha.
Aprende a deleitar-te em teu recinto,
Sê o emblema do sabio independente,
Que entra em si mesmo, e que se apraz comsigo;
N'esse asylo fiel nos entranhemos.
Todavia em logares onde a terra
De aspectos variados mais abunde,
Os thesouros da vista é bem que poupes,
E seja leve giro o custo d'elles.
A arte os prometta, os olhos os esperem;
Dá quem promette, quem espera gosa.
Releva que enfeitices, não que assombres.
Entre minhas lições tambem quizera
Duas artes de effeitos encontrados:
Uma os olhos adverte, outra os saltêa.
Mas antes de dictar preceitos novos,
Dous generos, ha tempo émulos ambos,
Disputam nossos votos. Um presenta
De regular desenho a ordem grave,
Aos campos dá bellezas que ignoravam,
De pompa desusada os atavía,
E ás arvores põe leis, põe freio ás ondas;
Brilha entre escravos, déspota orgulhoso:
E' mais em magestade, em riso é menos.
Da Natureza respeitoso amante,
O outro lhe ajusta comedido enfeite,
Tracta benignamente os feiticeiros
Caprichos seus, o seu desleixo nobre,
O passo irregular, e extráe com arte
Lindezas da desordem, té do acaso.
Cada qual tem seu jus, nenhum se exclua;
Entre Kent, e le Notre eu não decido.
Ambos tem leis, tem graças; um creou-se
Para grandes, e reis: oh reis! oh grandes,
Sois á magnificencia condemnados.
Em torno a vós o esforço, o extremo, o apuro
De alto poder se espera; ali queremos
Que em prodigios o luxo, o gosto, as artes
Excitem pasmos, embriaguem vistas.
Rebelde a Natureza á Industria cede;
Mas deve gran triumpho honrar a Industria;

Ella em seu esplendor tem seus direitos,
E' uma usurpadora, e lhe compete
Á força de grandeza obter desculpa.
Longe, pois, os jardins desengenhosos,
Insulsa estancia, de que o dono insulso
As arvores garridas fôfo exalta,
Os pequenos salões bem decotados,
A extrema symetria escrupulosa,
Passeios, onde nunca solitaria
Alameda não ha, que irmã não tenha;
Caminhos desgostosos, enjoados
Da obediencia ao cordel, os seus canteiros
Bordados, e os seus tenues fios de agua;
Das arvores algumas torneadas
Em vasos, em pyramides, em globos,
E alçados bem na base os pastorinhos,
Gabe o seu luxo pobre: eu anteponho
Um campo bruto a seu jardim tristonho.
Distante d'estes minimos portentos,
Segue meu vôo á patria dos prestigios.
Vê Versailles, Marly, pomposos, ledos,
Onde Luiz, e a Natureza, e a Arte
Em tanta cópia desparziram graças.
Que afouto resplandece ali o engenho!
Ali tudo é grandeza, é tudo encanto,
São de Alcina os jardins, de Armida os paços,
Antes os de um heróe, que inda procura
Vencer, domar obstaculos, sublime
Em seu retiro, em seu repouso e sempre
Caminha, de milagres circumdado.
Aquellas aguas vês, a terra, os bosques?
Submettidos tambem, seu jugo adoram.
Das arvores á verde architectura
Olha com que elegancia estão casados
De fórma singular palacios doze!
Vê bronzes, que respíram, vê correntes
Que, soltas da represa, esbravejando,
Em grossos borbotões de fôfa espuma
Cáem, e se estendem por canaes soberbos;
Em lustrosa espadana além se espalham,
Em pavêas brilhantes cá se elevam,
E nos benignos ares incendidas

De um sol immaculado, eis chovem gotas
Côr de ouro. de saphira, e de esmeralda.
Selvas, por onde absorto me extravío
Os Sátyros, os Faunos vos povoam,
Em vós Diana influe, e Cytheréa:
E' cada bosquesinho em vós um templo,
Cada marmore um deus. Luiz, folgando
Do pezo marcial, do horror da guerra,
Como que n'esta, a Jove idonea estancia,
Convida todo o Olympo a seus festejos.
N'estes grandes effeitos é que importa
Que a arte se esmere, avulte, e brilhe, e encante.
  Facilmente porém o assombro péza.
Louvo o orador, que erguidos pensamentos
Na luz, na pompa, na cadencia envolve;
Mas é curto prazer, e o deixo, e corro
A escutar corações na voz de amigos;
Marmores, bronzes, que alardôa o luxo,
Arte ostentosa em breve os olhos cança.
Mas as correntes, o arvoredo, as sombras,
Este luxo innocente, ah! não fatiga,
Não fatiga jámais. Deus mesmo aos homens
Traçou este modelo. Attenta em Milton:
Quando essa eterna mão, que rege tudo,
Aos primeiros mortaes guarida apresta,
Regulares caminhos abre acaso,
Talvez captiva na carreira as ondas?
De improprias, de forçadas vestiduras
Cobre a infancia do mundo, a primavera
Recemnascida? Não, sem arte alguma,
E sem constrangimento, a Natureza
Estreou, exhauriu delicias puras,
Delicias puras, que nem ha na idéa.
O mixto amavel de planicie, e monte,
Livres, e mollemente errando as aguas,
Veredas tortuosas, e indecisas,
Gratas desordens, novidades gratas,
Aspectos, onde os olhos mal sabiam
Escolher, preferir, tudo alongava,
Entretinha o prazer na variedade.
Sobre viçoso esmalte avelludado
Mil arvores, mil plantas, mil arbustos,

D'estes logares ondeante adorno,
Iman da vista, do sabor, e olfato,
Em grupos elegantes, movediços,
Em natural, dispersa negligencia,
Já se fugiam, já se avisinhavam.
Seu brando movimento ao longe ás vezes
Inopinada scena aos olhos dava,
Ou com pendor gentil curvando a rama,
Aos passos vinham pôr suave estorvo;
Ou sobre as frontes em festões pendiam,
Ou, na passagem, lhe entornavam flores.
Lindos bosques direi de tenras plantas,
Em latadas, e abóbadas travando
Troncos florentes, e florentes braços?
Lá de imaginações, queridas, ternas,
Cheios á mente, o coração, e os olhos,
Deu Eva ao bello amante a mão mimosa,
E córcu como a Aurora ás portas de ouro.
A natureza toda os afagava.
O céo co'a luz, com seu murmurio as ondas;
Tremendo a terra lhes sentia os gostos;
Favonio aos éccos os suspiros dava;
O arvoredo rugia, e curva a rosa
Cedia ao toro seus perfumes todos.
Oh ventura ineffavel, par tranquillo!
Feliz quem, como vós, nos seus amados,
Bonançosos jardins, longe dos males
Que a soberba atormentam, vive rico
De flôres, fructos, innocencia, e gosto!

CANTO II

A lyra, que os rochedos, que as florestas
Ao Rhodope attraía, oh se eu tivesse!
Ella fallára, e subito arvoredos
Sobre as paizagens lançariam sombras;
A laranjeira, o til, carvalhos, cedros
Viriam nos meus campos collocar-se
Em pasmosa cadencia, em ordem bella:

Mas perdeu a harmonia os seus milagres,
A lyra já não reina, a penha é surda,
A arvore immovel fica aos sons mais gratos;
Dous magicos ha só: trabalho, e arte.
Aprende, pois, que industria, e que desvélo
Prestam mimo, ou riqueza ás varias plantas.
Pela ridente cópa, a flôr, e o fructo
A arvore é dos jardins primeiro ornato.
Para agradar, quantas figuras tóma,
Quantas figuras! Acolá se estendem
Pomposamente seus informes braços;
Brando, e ligeiro além se eleva o tronco,
Aqui lhe admiro, lhe namóro a graça,
A magestade alli. Roçada apenas,
Da menor viração, lhe ondêa a rama,
Ou contra os furacões arrebatados
Firma o corpo nodoso, a rija fronte;
Dura, ou molle, se inclina, ou se levanta,
Prothêo dos vegetaes, a cada instante
Muda o feitio, a côr, verdura, e fructos
Para dar novo brilho á Natureza.
Eis os thesouros teus, oh arte, e o gosto
Prohibe que sem ordem se dispendam.
Das varias plantas a extensão, e a fórma
Se off'rece aos olhos em aspectos varios.
Ora selva profunda, inculta, e negra
Derrama sombra immensa, ora apparece
Bosque risonho de arvores formosas.
Em ventilados campos mais ao longe
Os olhos chamam, a attenção dominam
Distribuidos, primorosos grupos.
Fiando-se na propria louçania,
Só, n'outra parte, uma arvore pompêa,
Só ella exorna o chão. Tal, se é possivel
Que a paz dos campos assimelhe a guerra,
Cerrados batalhões, dispersas turmas,
Numero, e forças ante nós ostentam;
E altivo do seu nome, e sustentado
Na sua intrepidez, á frente d'elles
Um só heróe se avança, e todos vale.
Diversas plantações têm leis diversas.
Nos jardins do artificio em outros tempos

Olhava o luxo com desdem, com tédio
As isoladas arvores, e agora
Aprazem nos jardins da natureza.
Por capricho feliz, sisudo acaso,
Estas desproporções tem attractivos,
Difiram na distancia, aspecto, e fórma,
Sempre a grandeza, ao menos a elegancia,
Distingua a planta, ou ella, envergonhada,
Por entre a multidão desappareça.
Mas se um carvalho, ou plátano longevo,
Patriarcha dos bosques, ergue a fronte
Sombria, veneravel, toda a tribu
Disposta em torno, com respeito o esquive,
Lhe faça corte. Agradará d'est'arte
A arvore, que isolada o campo adorna.
Com mais escolha ainda, e com mais gosto
Os grupos te darão prestantes quadros.
De arvores mais, ou menos vigorosas,
Em numero qualquer, pequeno, ou grande
Fórma-lhe a massa espessa, ou leves tufos:
Este povo de irmãos apraz ao longe,
Podes por elles variar desenhos;
Com elles se approximam, se removem,
Se afastam, se reunem perspectivas,
E com elles tambem sobre as paizagens
Se dobra, ou se desdobra o véo das sombras.
Formaram-se teus grupos: é já tempo
Que a um tanto de arte os bosques se habituem.
Bosques augustos! Bosques venerandos!
Eu vos acato, eu vos saúdo: as vossas
Poeticas abobadas não ouvem
Já do bardo feroz o horrivel canto;
Um delirio mais dôce em vós habita,
Vossas grutas ainda em verso instruem.
Ermos antigos, magestosas sombras,
Vós inspiraes os meus: ah! dae que eu possa
Com respeitosa mão tocar-vos hoje,
E que, sem profanar, aformosêe:
De vós aprender quero a adereçar-vos.
Arvoredos expôr-se aos olhos podem
Em milhares de aspectos. D'este lado
Pressos troncos as sombras lhe carreguem:

Alegre-se acolá de luz escassa
A redolente estancia, travem n'ella
Combate deleitoso a noute, e o dia:
Mais além, signalando o chão co'as folhas,
Sobre os claros dispersas tremam plantas:
Porque, umas para as outras fluctuando,
E sem ousar tocar-se, ao mesmo tempo
Pareça que se fogem, que se buscam.
O bosque assim por ti perde a aspereza;
Mas seu grave caracter não desmanches;
Com miudos objectos, mui frequentes
Não se interrompa, não se altere o todo.
Um seja simples, grande, e toda a pompa
Com alguma rudez a arte lhe deixe
Apresenta esses troncos destroçados;
Quero ver, e seguir negras torrentes,
Pelas quebradas concavas fervendo.
D'agua, do tempo, do ar mantêm vestigios;
Venera do rochedo os ameaços,
Deixa-o pender, e emfim tudo respire
Sivestre, vigorosa formosura
Sobre o terreno magestoso. Agrada
Assim de um bosque a rustica nobreza.
Com menor altivez, com mais brandura
Um bosquesinho off'rece amenos quadros:
Quer bellos sitios, e contornos bellos;
Foge, torna, em rodeios vae perder-se;
Entre flores estende aguas serenas.
E cuido que inda n'elle, embriagado
De um extasis suave, em ocio puro,
As lições do prazer dicta Epicuro.
Mas não basta que em selva, ou bosquesinho
Haja riqueza ou elegante, ou bruta,
Cumpre ornar com primor seus exteriores.
Não vás, symetrisando-lhe os limites,
Com recendentes muros occultar-nos
Dos bosques as innumeras familias.
Ver quero, penetrando o centro agreste,
Crescer a um tempo as arvores diversas,
De vigor juvenil umas brilhantes,
Outras todas decrépitas, nodósas,
Estas rasteiras, languidas, e aquellas,

Tyrannos das florestas, esgotando
Da substancia o tributo a seus vassallos:
Scena em que a idéa vê com gosto imagens
Das edades, da vida, e dos costumes.
A par d'estes effeitos, que valia
Terão verdes reparos, cuja fórma
Entristece, importuna, afflige os olhos,
Fórma, que é sempre egual, nunca inesperada?
Oh delicias da vista! Oh variedade!
Acode, vem romper nivel insulso,
Triste esquadro, e cordel fastidioso.
De matiz acertado, interessante
As estremas dos bosques se guarneçam;
E' a uniformidade ingrata aos olhos;
Da que vêem nos jardins elles se enfadam,
A' sua extremidade elles se avançam,
Folgam de discorrer a inopinada
Fórma, que lustra nos limites varios.
Em giros mil brincando a vista errante.
Ou com elles se entranha, ou sáe com elles,
E nos diversos, florescentes quadros
De distancia em distancia alegre pousa.
O bosque se engrandece, e a cada passo
Seus rodeios varía, e seus encantos.
A fórma, pois, se lhe desenhe, e logo
A's arvores se escolham, a que o gosto
Prescreve o sacrificio; mas sê tarde,
Condemna devagar, condemna a custo:
Antes de executar-se a lei severa,
Ah! vê que manso, e manso as cria o tempo,
E altêa manso, e manso; que impossivel
E' a todo o ouro teu remir-lhe as sombras,
E que já lhe deveste um fresco amparo.
Duro possuidor, com tudo, ás vezes,
E sem necessidade, e sem remorso,
Aos golpes do machado as abandona.
Eis sobre o seio da indignada terra
As miseras baquêam, seccam, morrem:
Para sempre d'ali com magoa vôam
Deces meditações, cautos amores.
Ah! Por estes sagrados arvoredos,
Que aos bailes pastoris prestavam sombra,

Por estas densas comas, que abrigaram
Vossos avós, tende attenção, profanos,
C'os troncos religiosos. Já que os évos
N'elles a robustez inda consentem,
Não lhe affronteis a ancianidade augusta.
Tem de raiar, tem de raiar em breve
O dia em que estes bosques desmaiados,
Para ceder o imperio a tenras plantas,
Da excelsa fronte, succumbindo ao ferro,
Verão no pó murchar-se a honra antiga.
 Oh Versailles! Oh dôr! Oh vós florestas,
De celeste apparencia! Maravilhas,
Que fez um grande rei, Lenotre, e os annos!
Eis sôa o córte; vosso termo é vindo.
Arvores, cuja audacia ás nuvens ia,
Feridas na raiz, no ar balançando
Suas cópas louçans, que abala o ferro,
Já dão ruidosa quéda, e já seus troncos
Vão alastrando ao longe esses passeios,
Que de frescas abobadas cubriam
Com seus pomposos, estendidos braços.
O estrago se atreveu aos arvoredos,
Cuja gloriosa fronte a fronte heroica
De Luis, o magnanimo, assombrava!
Destruiram-se bosques, onde as artes,
Mais suaves conquistas celebrando,
Multiplicavam festivaes prazeres!
Amor, que é feito do encantado abrigo,
Que ouviu de Montespan gemer o orgulho?
Que é do retiro, onde tão meiga, e bella,
Ao de ouvil-a attraído, absorto amante
La Valiere exprimiu segredos ternos
Rendida suspirou, sem crer-se amada?
Tudo cáe, tudo acaba; ao som terrivel
D'esta destruição, não vês, não sentes
Alígero tropel fugir medroso?
Este volátil povo, alegre, ufano
De habitação tão bella, e que entoava
Dos monarchas no asylo os seus amores,
Com dôr se ausenta dos saudosos lares.
Deuses, de que estes porticos honrara
Estremado cinzel, deuses, vestidos

De verdes, molles véos, ainda ha pouco,
Pela perdida sombra estão carpindo,
Mostram-se da nudez envergonhados;
E, receando os olhos, Venus mesma,
Venus se assombra de se vêr despida.
Appressae-vos, crescei, mimosas plantas,
Tornae a povoar a estancia cara!
Arvores semimortas, consolae-vos!
Vós, testemunhas da fraqueza humana,
De Corneille, e Turenna os fados vistes,
Vistes morrer o heróe, morrer o vate:
Ao menos, já contaes cem primaveras,
E os nossos dias de mais luz, mais gloria
Ah! voam logo, e para sempre voam.
Feliz d'aquelle, que possue um bosque
Formado pelo tempo! Mas ditoso
Tambem quem para si pôde creal-o!
Estas, que vão medrando, arvores bellas,
Eu fui o que as plantou (diz como Cyro):
Tu, pois, se inda dispôr das tuas podes,
Teme que antes de tempo ellas rebentem.
Assim como o pintor que, demorando
Indiscreto pincel na mão sabida,
Longamente co'a idéa esboça os quadros:
Tu dos desenhos teus medita a ordem;
O valor, a efficacia dos aspectos,
E dos sitios conhece; e o attractivo
Dos bosques nas collinas pendurados,
E a gala dos que em plano a sombra estendem
Como as amigas fórmas, como as côres
Amigas, te é proveito conheceres
As adversas tambem. O freixo altivo,
Arremessando ao ar comprida rama,
O inclinado salgueiro aborrecera:
Do álamo oppõem-se o verde ao do carvalho;
Mas taes odios temperam-se com arte:
Elege por feliz intercessora
Uma arvore mean, que os concilio.
D'esta sorte Vernet, com maga tinta
De duas côres a discordia extingue.
Conhece, pois, o emprego, a serventia
Das diff'rentes verduras, ou brilhantes;

Ou sem lustre, mais mortas, ou mais vivas.
Com taes alterações, com taes matizes
No seio das paizagens se variam
Formosamente as sombras, se produzem
Effeitos ora dôces, e ora fortes,
Grandes contrastes, ou gentis concordias.
Observa-as maiormente quando o outono
Perto de vêl-a murcha enfeita a c'roa:
Que pompa! Que esplendor! Que variedade!
A côr alaranjada, a côr purpurea,
A opálica viveza, a do encarnado
Ostentação de seus thesouros fazem,
Ai! Todo este esplendor lhe agoura a quéda!
Eis o fado commum! Depressa os Euros
Hão de espalhar pelos profundos valles
Os despojos salváticos: a folha
Caíndo, já distráe de quando em quando
O solitario pensador; mas estas
Mesmas ruinas para mim são gratas;
Ali, se fundas queixas nutro n'alma,
Ou assanhar-me a chaga vem memorias,
Gosto de misturar, de vêr conforme
O luto meu da Natureza ao luto.
Dos seccos bosques, dos raminhos murchos
Me apraz pizar fragmentos, só, e errante.
Dias de embriaguez, e de loucura,
Os mentirosos dias já voaram;
Terna melancolia, a ti me entrego,
Vem, mas não de atras nuvens carregada,
Onde se envolve a tenebrosa angustia:
Por entre véo ligeiro a vista branda
Dirige á terra, aos céos, como no outono
Os vapores traspassa um tibio dia:
Traze, oh dos vates, dos amantes socia,
Sereno o rosto, os olhos pensativos,
E a deleitosas lagrimas propensos.
Mas em quanto minha alma se apascenta
N'estas idéas, mil floridas castas
De fragrantes, de tremulos arbustos
Chamando estão por mim. Vem, lindo povo,
Tu entre a arvore, e a flôr tu és o meio,
És como a transição. Teus delicados

Caractéres agora a scena enfeitem.
Oh! se não me instigasse o largo assumpto,
Se ao termo, que me espera, eu não corresse,
Que jubilo teria em dirigir-vos!
Eu vos reproduzira, eu vos mostrára
Em cem fecundas fórmas, eu faria
A' sombra vossa murmurar correntes,
Vossa rama em abobadas travara;
Envoltos n'estes vividos ulmeiros,
Iriam serpeando os vossos braços
Pelos rigidos troncos, e serieis
O symbolo da graça, unida á força.
Fundira, aproveitára as vossas côres:
A azul ferrete, a encarnada, a branca;
Dos olhos as delicias alternando,
Vossos pennachos, cálices, e flôres,
Formar viriam meus brilhantes quadros,
E o mesmo Vanhuysum m'os invejára.
Tu, que estes ferteis dons dos céos houveste,
Com arte economisa arbórea pompa:
Favores seus co'as estações reparte.
Co'as côres, e os perfumes cada arbusto
Por seu turno appareça, e nunca murche
Na fronte do anno a flórida capella!
Assim com elle o teu jardim varía:
Cada mez tem seu bosque, e cada bosque
A sua primavera... ah! cedo extincta!
Tua industria, porém, da sua instavel
Curta riqueza consolar-nos póde.
Com prudencia estas arvores plantadas,
Quando flôr não tiverem, graça tenham,
Tal, dilatando o imperio de seus olhos,
Já na declinação dos annos bellos,
A destra Ulina me seduz, me enlêa.
Da inclemencia dos ares a despeito
O céo não desherdou de todo o inverno;
Então dos ventos provocando a raiva,
Não poucos vegetaes conservam folhas.
Olha o teixo, olha a hera, olha o pinheiro,
O pungente azevinho, o sacro louro,
De verdura immortal, que a terra vingam,
Vingam dos Aquilões a Natureza.

De purpura, e coral vê fructos, bagas;
Que esmalte aos ramos dão! Seu atavio
Sobre os despidos campos lisonjêa:
Por menos esperado é mais formoso.
Os teus jardins de inverno assim povôa:
Lá de um benigno dia a luz te afaga,
Lá, quando em outra parte é nua a terra,
O passarinho adeja, a se diverte
Indo debaixo de viçosas folhas:
O sitio o illude, não conhece o tempo,
Vêl-a imagina, e canta a primavera:
Assim, sem ser facticia a estancia agrada.
Mas os jardins dos reis com que artificio,
Com que apparato esplendido triumpham
Dos sanhudos invernos! Sempre verdes,
(Oh Mouceaux!) teus jardins são d'isto exemplo.
Troncos fingidos de arvores ausentes,
Grutas de encanto, magicas latadas,
Tudo ali rouba os olhos. Afrontando
A rispida estação caliginosa,
A nascer entre o gelo aprende a rosa.
Milagres ali domam tempos, climas,
Das fadas o poder ali se ant'olha.
Mas não são todavia estes encantos
Dos jardins o melhor, mais doce ornato.
Cedo o costume te desorna os bosques.
Quando os extranhos tuas sombras gostam
Jaz muitas vezes descontente o dono.
Meios não ha, cuja virtude occulta
Sempre a teus bosques a affeição te avive?
Oh! Quanto dos lapões me apraz o estylo!
Oh! Como enganam seus invernos duros!
O til soberbo, os olmos reforçados
Temem d'aquelles campos o regelo;
De alguns tristes pinheiros, negros, bravos
Indigente, escassissima verdura
Apenas a geada ali penetra.
Mas o minimo arbusto, que poupassem
Aquelles agros climas, ante os olhos
Dos habitantes seus tem mil feitiços.
E' consagrado a filho, a pae, a amigo,
A hospede, que parte, e deixa prantos,

Deixa saudade eterna, e de algum d'elles
O nome, sempre caro, á planta fica.
  Tu, de quem puro céo clarêa a patria,
Imitar podes tão feliz industria:
Ella animará tudo, arvores, bosques
Não serão mudos, não serão desertos:
Hão de immensas memorias habital-os,
Gostos distantes adornar-lhe as sombras.
  E quem prohibe, se o favor dos numes
Com doce prole teus desejos farta,
Quem véda consagrares esse dia
Com troncos de nascente bosquesinho?...
Mas em quanto estes versos, Musa, entôas,
Que popular clamor aos ares sobe!
Nasceu, nasceu o herdeiro aos reis da Gallia!
Nos muros, nas phalanges, sobre as ondas,
Nosso terrivel, triumphante raio
Trôa, corre, e aos dous mundos o annuncia.
Flores são pouco para ornar-lhe o berço,
Os louros lhe trazei, trazei-lhe as palmas;
Raiem dias de gloria ante o primeiro
Volver dos olhos seus; nascido apenas,
Da victoria ouça o hymno; eis o festejo
Que ao puro sangue dos Bourbons se deve.
E tu por quem tal dom dos céos nos veiu,
Tu, nó mimoso, tu prisão querida
Do germano, e francez, que irmão, e esposo
Unes como odorifera grinalda
Que enlaça dous ulmeiros magestosos;
Consorte, mãe, e irmã, teus fados ligam
O penhor de hymeneu da morte ao luto,
Em teus olhos misturam pranto, e riso,
Dando-te o filho quando a mãe te roubam:
Nos transportes, que influe este aureo dia,
Ousem almas ferventes, creadoras,
Animar os pinceis, a pedra, a lyra;
Dos campos eu cantor, e humilde amigo,
Irei onde os Favonios, onde Flora
Sós te compõem a deleitavel corte,
Irei a Trianon: ali risonho
Em unico tributo á prole tua
Arvores sagrarei da sua edade,

Um bosquesinho, que lhe deva o nome.
Verão teus olhos avultar o amavel,
O simples monumento, aquelles troncos,
Dos bosques teus o mais suave ornato;
E com ellas crescendo, recrear-se
Ás sombras fraternaes irá teu filho.
 Gozas, emfim, e o coração, e os olhos
Feliz possuidor, já se embellezam
Nos arvoredos teus. Tambem desejas
Unir ao gosto a gloria, obter a palma
N'esta arte singular com que os decoras?
De creador merece, alcança o nome.
Olha como em segredo a Natureza
Sempre está fermentando, e como sempre
A precisão de produzir a ancêa!
Não lhe acodes? Quem sabe que thesouros
Inda em seus cofres para a industria guarda?
Como esta a seu arbitrio as ondas guia,
Póde guiar o succo: outros caminhos,
Outros canaes a seu liquor franquêa.
Por novos hymineus fecunda os campos,
Das seibas virgens exp'rimenta o mixto,
De seus dons mutuos favorece a troca.
Quantas arvores, fructos, plantas, flôres
Tem mudado o perfume, a côr, e o gosto,
Tudo por arte! O pecegueiro a estas
Metamorphoses sua gloria deve.
Assim com triple c'roa a rosa brilha,
Do seu pennacho assim blasona o cravo.
Ousa! Deus fez o mundo, o homem o adorna.
Se a tão bellas conquistas não te afoutas,
Cobertas de outro céo tens mil riquezas.
Usurpa esses thesouros. Tal, mais brando
Vencedor, e mais justo nos seus roubos,
O romano soberbo á Ausonia trouxe
Syrias ameixas, o damasco Armenio,
Da Gallia a pera, e fructos mil diversos:
Assim devêra subjugar-se o mundo.
Lá quando d'Asia triumphou Lucullo
O bronze, o ouro, o marmore assombravam
De Roma os olhos, e entretanto o sabio
Prezou vêr-lhe nas mãos a cereijeira

Conduzida em triumpho ao Capitolio.
E esses mesmos romanos já não viram
Nossos avós, em batalhões armados,
Debaixo de outros céos mais bemfazejos
As vinhas ir buscar, votando a Bromio
Tintos pendões em nectar dos vencidos?
C'o fructo das belligeras emprezas
Escandecida a turba, os preciosos
Trophéos, cantando, aos lares seus trazia.
As cabeças o pâmpano c'roava,
O pâmpano em festões cingia as lanças.
D'esta arte o numen, vencedor do Ganges,
Tornou triumphante: serranias, valles
Da vindima o fervor solemnisavam,
E por onde corria o mago nectar
Folgavam brincos, e o prazer, e a audacia.
Netos dos Gallos, os avós se imitem;
Roubemos, disputemos taes despojos.
N'esses jardins, altivos de regel-os
A mão, que a Themis empunhara o sceptro,
Malesherbe, o facundo, o digno ramo
Dos Lamoignons, com troncos orgulhosos
Honra, abastece o chão: trazidas plantas
Dos fins da terra das equoreas margens,
De alcantilados cumes de agras serras,
Das portas do nascente, e das do occaso;
Plantas, que açouta o sul, que açouta o norte,
Plantas, filhas do ardor, filhas do gelo,
Me fazem, n'um logar, correr mil climas
Vago, entre aquella multidão florente,
Asia, America, Europa, Africa, o mundo.
Regosijadas de se vêr no meio
Das velhas plantas nossas, amam todas
Nosso amoravel céo, e extranhas gentes
Reconhecendo as arvores da patria,
Duvidam já da sua ausencia, ao vêl-as,
Ou de terna saudade os golpes sentem.
Moço Potaveri, tu d'isto és prova.
Dos campos d'O taiti, d'aquelles campos,
Tão caros n'outro tempo á sua infancia,
Onde é sem pejo amor, amor sem crime,
Este ingenuo, selvatico mancebo,

Trazido a nossos muros, pranteava
Sua antiga, innocente liberdade,
Ilha risonha, e jubilos tão faceis.
Do esplendor das cidades sim pasmado,
Mas farto d'ellas, vezes mil clamava:
«Dae-me as florestas minhas!» — Eis que um dia
N'esses jardins, onde Luiz congrega,
Dispõem n'um sitio só, e a custo immenso,
Os povos vegetaes de tantos climas,
Como espantados de crescerem juntos,
De logar, e estação mudando a um tempo,
E cultos a Jussieu rendendo todos;
N'esses jardins o indiano vagueava,
Olhando as varias, ordenadas tribus,
Quando entre estas colonias vicejantes
Lhe fere os olhos arvore, que o triste
Desde os primeiros annos seus conhece.
Subito, desatando agudos gritos,
A ella corre, abraça-se com ella,
Beijos a cobrem, lagrimas a innundam.
Objectos mil de inexplicavel gosto,
Os céos, os campos, que ditoso o viram,
(Céos tão formosos, tão formosos campos!)
Os rios, que fendeu co'as mãos nervosas,
Mattas por onde os brutos habitantes
Tão destro asseteava, as bananeiras
De sombras, e de fructos abastadas,
O patrio asylo, os bosques circumstantes,
Que aos canticos de amor lhe respondiam,
Julgou vêr, e a sua alma enternecida
Um momento sequer gosou da patria.

CANTO III

Eu cantava os jardins, vergeis, e bosques;
Eis sólta vezes tres Bellona o grito,
Eis dos paternos lares arrancado
Vôa o francez guerreiro a extranhos mares,
E de Venus Mavorte as selvas deixa.

Vós, á paz innocente affeiçoados,
Deuses dos campos, não temeis a guerra;
Quer o grande Luiz não destruir-vos,
Mas ao longe estender o imperio vosso;
Quer que logre tranquillo o que semêa
Um povo amigo longamente oppresso.
E vós, mancebos, que outro mundo admira,
Se por cima de tumidas voragens
A York o vosso ardor seguir não posso,
Para quando volteis aperfeiçoa
Jardins a musa minha. Ordeno as flôres
Que para as frontes vossas vão crescendo.
Apromрto para vós de myrto as c'roas,
O murmurio das aguas vos preparo,
E gramineo tapiz, e asylo umbroso.
Sentados mollemente, ao Lethes dando
Fadigas marciaes, direis a gloria
Das nossas forças bellicas, e emtanto
Entre esperanças, e temor suspensos,
Confundirão, tremendo, os filhos vossos
Co'a presença do p'rigo a imagem d'elle.
   Amador dos jardins, eia, acabemos
De pulir estes placidos abrigos.
Infecundo areal, e secco, e triste,
N'elles o dia reflectindo outr'ora
Importunava os pés, cansava os olhos.
Tudo era ardente, e nu; mas Inglaterra
Nos ensinou com que arte o chão se veste:
Na relva cuida, pois, que os campos brotam.
O regador na dextra, ou n'ella a fouce,
Lhes mate as sedes, lhes tosquie as tranças,
As leivas o cylindro pize, aplane;
Sempre, escolhidas bem, bem apertadas,
Bem libertas da herva usurpadora,
Qual macia lanugem finas sejam;
Repare-se-lhe ás vezes a velhice;
Mas, comtudo, aos logares não remotos
Se reserve este luxo de verdura:
Do resto se componham ricos pastos,
E sómente os cultivem teus rebanhos.
Terás d'est'arte numerosas crias,
Os campos adubío, os olhos quadros.

Não te envergonhe pois (e grite embora
O orgulho) não defendas que em teus parques
Entre a vacca fecunda, o boi tardío:
Nem deshonram teus parques, nem meus versos.
Muito pouco é, porém, crear sómente
Esses tapizes vastos, e viçosos:
Cumpre que saibas escolher-lhe as fórmas.
Longe a monotonia, ah! longe d'elles:
Em quadrada feição, feição redonda
Tristemente opprimidos os não quero.
Um ar de liberdade é seu primeiro,
Gracioso attractivo: ora nos bosques,
Cuja sombra os abraça, elles se escondam
Com visos de mysterio, ora esses mesmos
Bosques venham buscal-os. Esta a fórma
Da campestre alcatifa, pura, e simples.
Amas o bello? A Natureza imita,
Que esmalta os prados de opulentas côres:
Dá-te pressa; os jardins te pedem flôres;
Flôres mimosas, candidas boninas,
Por vós é mais gentil a Natureza.
Nos quadros por modelo a arte vos toma;
De terno coração sois dons singelos,
Que arrisca amor, e que a amisade off'rece.
Em dourada madeixa, em niveo seio
Requinta-se comvosco a formosura;
Que a victoria adorneis permitte o louro,
Do virgineo pudor tambem sois premio.
O mesmo, o mesmo altar, onde repousa
A grandeza de um Deus, na primavera
Com vossas oblações se aromatisa,
E a religião, sorrindo-se, as acolhe:
Mas tendes nos jardins o domicilio.
Do sol, da aurora vinde, pois, oh filhas,
Decorar o theatro a nossos campos.
Comtudo, não cuideis que, insano amante,
Em vez de vos travar, em vez de unir-vos
Em brandos, amorosos ramilhetes,
De canteiro em canteiro, attento espere
De cada nova flôr o nascimento,
E lhe espie o matiz, lhe observe as côres.
Sei que em Harlem ha curiosos tristes,

Que em seus jardins co'as flôres vão fechar-se;
Que, por vêr um rainunculo, despertam
Antes d'alva, e que adoram, qual prodigio,
Anêmona exquisita, ou que, invejando
De um rival o segredo, a pezo de ouro
Compram de um cravo as manchas. Deixa aos loucos
Seu maniaco amor: possuam, gosem
Embora quaes ciosos, quaes avaros.
Sem de arte caprichosa as leis seguirdes,
Vós, dos olhos prazer, do campo adorno,
Flôres, pintae a superficie á terra;
Mas a vossa belleza, o mimo vosso
Entre curtos limites não se estreitem.
Em toda a parte esses thesouros brilhem:
Ora aos tapizes a verdura esmaltem,
Ora de um lado, e d'outro enfeitem ruas;
Em mesclados festões cercae ramadas,
Aguas orlae em lucidos meandros;
Ou comvosco estes muros se alcatifem,
Ou, querendo escolher vossos perfumes,
Gire, indecisa, no açafate a abelha.
Seguindo-vos Rapin nas quadras todas,
Nenhum matiz, ou nome vosso esqueça;
A tão frias, cançadas miudezas
Oppõem-se o deus do gosto. Mas quem póde
Negar o obsequio, a preferencia á rosa,
Á rosa de que Venus bosques tece,
C'roas a primavera, amor seus mimos?
Á flôr de Anacreonte, á flôr, que Horacio
Nos dias festivaes engrinaldava?
Mas tão risonho objecto em demasia
Apraz aos meus pinceis, cujo destino
E' quadros desenhar mais vigorosos.
Oh vós, de que eu trilhava o chão florido,
Bosquesinhos, adeus, adeus, oh prados!
Attrae minha attenção o informe aspecto
Dos rochedos sem regra desparzidos.
Foi sua alta rudeza em outros tempos
Banida dos jardins, onde reinava
A inerte, semsabor monotonia.
Mas depois que o pintor, leis dando n'elles,
Contra acanhado artifice restaura

Totalmente o seu jus, emfim se atrevem
A apossar-se os jardins d'estes effeitos.
Por mais graças, porém, que venha d'ellas,
Se estas rigidas massas magestosas
Não off'rece o terreno, então debalde,
Presumpçosa rival da Natureza,
A arte em falsas imagens se apurara.
Do cume dos rochedos verdadeiros,
Da mãe universal morada inculta,
Ella escarnece de affectadas penhas,
Misero aborto de fadiga inutil.
Aos campos de Midléton, ás montanhas
De Dovedale, te acompanho os passos,
A ellas, Whateli, comtigo subo.
Que aprazivel terror me assenhorêa!
Todos esses rochedos, variando
Os cimos colossaes, arremessados
Aqui aos céos, ali para os abysmos,
Um por outro amparados, um sobre outro,
E no ar ousadamente alguns suspensos;
Este em arcada, em torre afeiçoado,
Aquelle pelo portico sombrio
Deixando perceber ao longe o polo;
Além mananciaes, aqui regatos
De limpida corrente, alegre, e mansa,
Tudo, ah! tudo no espirito revolve
Os magicos retiros, que os poetas
Cantaram, fabulando. Oh quam ditoso
Serás se teus jardins aformosêas
Com estas grandes, alterosas vistas!
Mas para que a teu quadro bem se ajustem,
Contra a tosca energia dos rochedos
Cumpre de encantador ter a efficacia.
O encantador é a arte, o encanto os bosques;
Ella falla, os rochedos eis se assombram,
E como que os enfuna a pompa extranha.
Porém, sua aridez austera ornando,
Sagaz diversifica os teus plantios.
Ao cubiçoso espectador off'rece
Das fórmas, e das côres os contrastes;
Sáiam por entre as arvores a espaços
Os mais bellos rochedos: interrompe

Summa egualdade, esconde, ou patentêa!
Variem-se co'as arvores as rochas,
As arvores co'as rochas se variem.
  Não tens tambem, para formar-lhe a gala
Não tens do baixo arbusto a folha errante?
Gósto de vêr os dóceis novedios
Pelos áridos flancos dos penedos
Em tenrinhos festões ir serpeando:
Gósto de vêr-lhes a escalvada fronte
Toucar-se de verdura, e ganhar sombras.
Isto inda é pouco. Um valle entre estas penhas,
Um valle precioso, um chão mais grato
Ri-se a teus olhos? Aproveita-o, mostra,
Expõe esta riqueza inesperada.
E' feliz, singular este contraste,
E' a esterilidade, ella, que um breve
Espaço appetecivel de terreno
Cede á fertilidade: assim subjugas
O aspérrimo caracter dos rochedos.
  Para agradar-te é força ornal-os sempre?
Não; se a arte deve o horror sempre adoçar-lhes,
Consente ás vezes que o pavor inspirem,
Favorece-os até. Na extremidade
De um precipio uma cabana eleva,
E com ella augmentado elle parece:
Ponte audaz de um rochedo a outro lança;
Eu tremo ao vel-os, e a medonho abysmo
Imminente me põe a phantasia;
Lembram-me esses boatos populares,
Os casos de perdidos passageiros,
D'amantes despenhados: contos velhos
Que prendendo attenção maravilhada,
A' credula aldeã serões encurtam;
E o terror do logar ajuda a crença.
  Porém com sobriedade usar se deve
D'estes grandes effeitos: A tão duras,
Tão agras commoções, abalos doces,
Molle socego o coração prefere:
Eu exp'rimento em mim que das montanhas
Me é preciso baixar aos ledos valles.
Tenho-os de flores, de arvores coberto:
Tempo é que á sombra d'ellas manem aguas.

Bem: já que os cimos vossos, nus outr'hora,
Pelas minhas lições estão vestidos
Tão ricamente, oh rochas, franqueae-me
As subterraneas, intimas origens:
Rios, arroios, vós—vós, lagos, fontes,
Vinde, espraiae frescura, e vida em tudo.
Ah! Que prazer substituir-vos póde?
Vosso contente, luzido aspecto
Se de perto entretem, convida ao longe.
Sois o primeiro objecto que se busca,
O ultimo que se deixa. As aguas vossas
Fertilizando a terra, o céo duplicam.
Os ouvidos encanta, encanta os olhos
Vosso crystal, vosso murmurio. Ah! vinde,
Dado seja a meus versos, que vos seguem,
Correr do coração mais tentadores,
Mais abundantes que o principio vosso;
Mais leves do que os Zephyros, que dobram
Vossos canaviaes; e brandos, puros
Como esse rumorsinho, essa corrente.
Tu, senhor d'estas aguas bemfeitoras,
Venera-lhe o pendor, té o capricho;
Nos livres giros seus vê como abraçam
Facilmente das margens os contornos.
E ousas, encarcerando-lhe a brandura,
Os tortuosos passos constranger-lhe!
De que lhe serve o marmore em que é presa?
Não vês co'a longa trança entregue aos ventos,
Sem arte alguma, sem postiço adorno,
Campestre, prazenteira, ingenua moça
Andar, correr, saltar? A graça d'ella
Está no solto, natural meneio.
Contempla n'um serralho a formosura:
Ella deslumbra em vão, debalde ostenta
A pompa oriental, brilho estudado:
Um triste não sei que, na face impresso,
Lhe argúe a subjeição, desbota as graças.
A agua mantenha a liberdade que ama,
Ou muda-lhe em belleza o captiveiro.
Assim, contra Morel, cuja eloquente,
E ponderosa voz pleitear soube
Os direitos da simples Natureza,

Gósto das aguas, que em canaes oppressas,
Com rapida violencia partem, saltam.
Ao vêr esses crystaes, que arte atrevida
Da terra faz brotar, e aos ares lança,
O homem diz: «Eu criei estes portentos!»
E em taes prestigios a arte sua admira.
Nos custosos jardins dos reis, dos grandes
Reluzam, pois; mas, outra vez o digo,
Longe os luxos plebeus, o vergonhoso,
Mesquinho jacto de agua, que da terra
Mal ousando arredar-se, apenas sóbe,
E em minima distancia morre logo.
Tudo a tanta riqueza corresponda:
Tudo grangêe á roda um ar de encanto.
Os olhos persuade, e o pensamento
De que vara efficaz em mão de Fada
Formára para a dona este retiro.
Tal eu vi de Saint-Cloud o amavel bosque.
Póde a vista medir do jacto a altura?
Como que applaudem tanques, grutas, plantas
As aguas, que sobre aguas cáem, fervem;
O ar é mais fresco ali, mais verde a relva,
Das aves o gorgeio ali se aviva
Ao som das vitreas ondas, que baquêam;
E, as rociadas testas inclinando,
Como que ao dôce orvalho os bosques se abrem.
Não menos bella, mais campestre, e simples
A cascata ornará logar mais tosco.
De longe se ouve, admira-se de perto
Lympha sempre a cair, sempre suspensa;
E vária, e magestosa, anima a um tempo
Os rochedos, a terra, aguas, e bosques.
Emprega, pois, esta arte; porém longe
Esses tristes degráos, onde, caíndo
Com movimento egual, medida certa,
As ondas, bem que vão precipitadas,
Até no seu furor seus passos contam.
Só tem jus de aprazer a variedade.
Gosa mais de um caracter a cascata.
Ora em tumulto as aguas despenhadas
No tortuoso leito, correm, cáem,
Saltam, recáem, e escumam, e esbraveam,

Ora de espaço desdobrando as ondas,
Puro, calado, remansinho ameno
Em azul véo se esparge. Os olhos folgam
De vêr estes gentis amphitheatros,
De vêr sobre as ceruleas espadanas
Reflectir, scintillar o ouro diurno;
Tambem lhe apraz a escuridão das penhas,
E a verdura das canas, e a espumosa
Argentea côr das aguas fugidias.
Consulta, pois, artifice, os effeitos
Que intentas produzir. As lymphas, promptas
Sempre a deixar guiar-se, hão de off'recer-te,
Quer mais impetuosas, quer mais lentas,
Quadros benignos, ou soberbos quadros,
Graves, ou deleitosos: quadros, n'alma
Sempre efficazes. Que mortal não prova
A profunda impressão, que vem das ondas?
Sempre, ou viva corrente arrebatada
Sobre seixos murmure, e ferva, e salte,
Ou ribeira indolente sobre o lodo
Em paz alargue as aguas preguiçosas,
Ou torrente feroz entre penedos
Quebre com rijo estrondo, alegre, triste,
A sua correnteza excita, applaca,
Ameaça, ou amima. Escuto á fama
Que de Venus o cinto milagroso
Amores, e desejos incluia,
E o prazer, e a esperança, percursora
De ineffaveis delicias. O teu cinto
É, divina Cybele, é agua: n'ella,
Não menos poderosa, estão complexos
Terror, perturbação, tristeza, e riso.
Quem melhor o sentiu do que a minha alma?
Quem o soube melhor? Mil, e mil vezes
Quando azedos, escuros pezadumes,
Inda mais pela noute ennegrecidos,
Vinham martyrisar-me o pensamento,
Se ouvia os passos de visinho arroio,
Demandava estes sons consoladores.
Das aguas a frescura, a voz das aguas
Cuidados, afflicções me adormeciam,
E a paz do coração resuscitava:

Tanto d'agua o murmurio n'alma influe!
  Em paga de tão gratos beneficios,
Soffre, oh ribeiro, que a arte, sem comtudo
Muito se assoberbar, te aformosêe,
Se é que aformosear-te acaso póde.
  Não quadra a vasto plano um rio escasso:
Seu leito incerta linha ali traçára.
A timida corrente á luz se furta,
E quer banhar um bosquesinho escuro.
Sua dôce carreira adorna as selvas,
Só ellas o namoram. Seus caprichos
Lá com todo o vagar seguir-se pódem,
Seus giros, seu pendor, seu lindo estorvo,
A cholera, o fervor das bellas ondas,
Tornadas pelo obstaculo mais bellas.
Ora n'um álveo concavo, e sombrio
Co'a ramada que o cobre, ella recata
O cabedal agreste, ora presenta
Em patente canal o espelho á vista:
Sem vêl-o o escuto, ou sem ouvil-o o vejo.
Ali meigos crystaes abraçam ilhas,
Além se torna em dous o leve arroio,
Em dous, que nas carreiras competindo,
Apostam rapidez, e claridade;
E ambos depois no leito, que os ajunta
De andarem par a par murmuram ledos.
Errando sempre assim, de volta em volta,
Mudo, loquaz, pacifico, agitado,
Em mil varios aspectos se renova.
  Mas copiosa ribeira ás frescas margens
Me está chamando. Em campo mais aberto,
Nobre, e pomposo quadro, as ondas suas
Ondas menos modestas, vão rolando,
E c'o fulgor diurno ao longe brilham.
Deixa ao regato seu prazer lascivo,
A sua agitação, e os seus rodeios;
E segue caudalosa a curvidade,
O circuito dos valles sinuosos.
  Se dos bosques o arroio adorno colhe,
Ama o rio tambem diversas plantas.
Quer que lhe ornem, lhe assombrem a corrente
Os descorados chôpos, e os salgueiros

Meios-verdes. Que origem tão fecunda
De scenas, de accidentes! Ali gósto
De olhar-lhe derrubadas sobre o rio
As ramas, e tremer ao movimento
Das aguas, e dos ares; aqui foge
Por baixo das abobadas virentes
A onda escurecida; além penetra
Por entre folha, e folha um tenue lume;
Ora as grenhas se embebem na corrente,
Ora a impede a raiz; e desmandando
De uma para outra margem a verdura,
Como que avançam, que outro sitio querem.
Assim as ondas, e arvores se ajudam,
A agua remoça a planta, a planta a enfeita;
E ambas fazem, ligando-se em mil fórmas,
Amavel cambio de frescura, e sombra.
  Unil-as sabe, pois, ou se em logares
Formosos, proprios d'ella, a Natureza
Já celebrou sem ti este consorcio,
Respeita-a. Desgraçado o que presume
Excedel-a no engenho! E' tal (e á mente
O coração m'o traz) tal é o asylo,
Querido Watelet, onde, amansando,
Em sombrios canaes se parte o Sena,
O Sena encantador, tão puro, e livre
Como a tua moral, como os teus dias,
E visita em segredo o lar de um sabio.
Com arte lhe acudiste, não com arte
Temeraria, fallaz, profanadora
D'esses logares, que suppõe que adorna.
Viste, amaste, sentiste a Natureza,
Digno de a vêr, de amal-a, e de sentil-a;
Tu a trataste como intacta virgem,
Que da nudez se corre, e teme o ornato.
Parece-me que vejo o falso gosto
Estragar esses campos feiticeiros:
«Este moinho, cujo som ruidoso
Nutre a meditação, é importuno:»
D'ali o arrancam subito. Estas margens
Torneadas assim tão brandamente,
E pelo proprio Sena afeiçoadas,
Duramente se alinham. A verdura,

Que no seu molle cinto o rio encerra,
Alí já não florece. Aguas queixosas,
Seus lageados carceres accusam.
O marmore fastoso a relva ultraja,
E tosqueadas arvores captivas
Os idosos salgueiros desapossam
Da margem linda, e cara. Ah! Suspendei-vos,
Barbaros! acatae esses logares;
E vós, oh rio, oh bosques deleitosos,
Se a vossa formosura hei retratado;
Se, adolescente ainda, alegres versos
Ás aguas, prados, sombras já tecia.
Ministrae longamente, oh rio, oh bosques,
Ao vosso possessor a dôce imagem
Da paz sagrada, que em sua alma reina.
Quanto na molle agilidade o rio
De margem angular teme a aspereza,
Tanto as margens agudas ornamento
São de estendidos lagos, e o mais bello.
Ora se avance a terra ao seio undoso,
Ora abra ás ondas domicilio fundo.
Com revezado amor assim se chamem,
Se busquem mutuamente aguas, e terra:
N'estes varios aspectos folga a vista.
A comprida extensão n'um lago se ama;
Dá-lhe sitios, comtudo, em que repouse.
Não se lhe interrompendo a immensidade,
Meus olhos sem prazer, sem interesse
Vão pela superficie escorregando.
Para lhe abreviar o espaço insulso,
Edificio, das calmas venerado,
Nas ondas repetido, assome ao longe,
Ou ilha, que verdeje, entre ellas surja:
As ilhas são das aguas summo adorno.
Ou levanta-lhe as margens, ou viçosas
Arvores, em festões dispersos, ganhem
Tua contemplação, teus olhos prendam.
Se queres produzir opposto effeito,
Se o lago estender queres, manda ás margens
Mui subidas, que desçam, e ou distancia
Mais arredada os arvoredos tenham,
Ou faze com que as aguas vão sumir-se

N'um denso bosquesinho, e que tornêem
Ao pé de uma collina. O pensamento
Por entre estas cortinas de verdura,
Onde desapparecem, vae seguindo
As aguas, e as prolonga. Assim teus olhos
Gosam do que não vêm: d'est'arte o gosto
Lindezas, perfeições confere a tudo;
E de objectos, que inventa, e dos que imita
Descobre, alonga, aperta, esconde o termo.
Agora que a arte o meu trabalho insulta
Em soberbos jardins, nos meus, ditosos,
Liberdade, e prazer tudo respira:
Rindo-se a relva, a seu sabor viceja,
Independente o bosque, altêa a rama:
Não temem a thesoura as arvores,
Nem flôres a esquadria; amam as ondas
As margens suas, seu adorno a terra;
Tudo é formoso ali, simples, e grande,
Tudo: esta arte é a tua, oh Natureza.
Porém o lago, o rio estão desertos,
De cidadãos se lhe povôe o seio.
Dêm-se-lhe as aves, que com agil remo
Alados navegantes, a agua fendem.
N'ella se pavonêa, e náda o cysne,
De vanglorioso collo, argentea pluma.
O cysne, a que a ficção deu voz tão dôce,
E que escusa das fabulas o auxilio.
Tambem não tens para animar as aguas,
Oh arte, esse apparato vacillante
Dos mastros, e das velas? Impellida
De remo compassado, a leve barca
Deixa apenas, fugindo, um tenue rasto,
Que logo se esvaece. Entumecido
Dos Favonios azues, sussurra o panno,
E em cada bandeirinha os ares brincam.
Pois se a novella, a fabula, ou a historia
Uma fonte, um ribeiro consagraram,
Da sua gloria antiga elles ufanos,
Assás se aformoseam, se ataviam
Com suaves memorias. Ah! Quem póde,
Descobrir, encontrar, sem commover-se,
Arethusa, o Lignon, Alphêo? Quem póde

Sem cordeal saudade olhar Vauclusa?
Vauclusa, encantamento irresistivel
Dos vates, e inda mais dos amadores,
No circulo de montes, que, encurvando
Sua cadeia, com liquor sadio
Te alenta a subterranea, dôce origem,
Lá debaixo da abobada nativa,
Do antro mysterioso, onde, esquivada
A nympha tua aos olhos cubiçosos,
Some em fundo insondavel teu principio;
Oh quanto me foi grato o vêr-te as aguas,
Que, sempre crystalinas, sempre bellas,
Ora n'um lago seus thesouros fecham,
Ora sobem, fervendo e lançam fóra
Ondas, a branquejar por entre as penhas;
De cascata em cascata ao longe pulam,
Cáem, e rolam com impeto estrondoso;
A cholera depois amaciando,
Por leito mais egual vão docemente;
E debaixo de céos sempre azulados
Por cem canaes fecundam valle ameno,
Ameno qual nenhum que os sóes aclaram!
  Mas estes puros céos, estas correntes,
Este delicioso, e pingue valle,
Menos o coração me penhoravam
Do que Petrarca, e Laura. Eis (eu dizia,
Eu dizia a mim mesmo) ah! Eis as margens,
Que a lyra de Petrarca suspirosa
Outr'hora enfeitiçou! Aqui o amante
Via, exprimindo a Laura os seus amores,
Vir devagar o dia, ir-se depressa.
Inda sobre estas rochas solitarias,
Inda, acaso, acharei das cifras de ambos
Unidos, maviosos caracteres?
Tocam meus olhos desviada gruta:
Ah! dize-me se os vistes venturosos,
Guarida opaca? (eu pronuncio) Um tronco
Toldava encanecido á fonte a margem?
Laura dormido havia á sombra d'elle.
Ali por Laura perguntava aos eccos,
E os eccos o seu nome inda sabiam.
Buscaveis, olhos meus, Petrarca, e Laura

Em toda a parte, e em toda a parte os vieis.
Eram já morte, e cinza os dous amantes,
Mas inda com seus manes amorosos
Mais bello se tornava o sitio bello.

CANTO IV

Dos campos o espectaculo não posso,
Não posso abandonar; e quem se affouta
A ter em pouco o objecto de meus cantos?
Elle inspirava de Virgilio a Musa,
Seduzia a de Homero. Homero, aquelle
Que de Achilles cantou a horrivel sanha,
Que nos pinta o terror jungindo os brutos,
No dardo voador silvando a morte,
O embate dos escudos, o tridente
Do equoreo numen abalando as torres;
Esse vate immortal, de Smyrna o cysne
Se apraz de matizar o horror da guerra
Com bosques, prados, montes: na frescura,
No riso d'estes quadros tão suaves
Desafoga os pinceis; e quando apresta
De Thetis para o filho arnez terrivel,
Se os combates, e os sitios n'elle grava,
Se mostra o vencedor de pó coberto,
Se apresenta o vencido envolto em sangue,
Buril afagador depois movendo,
Traça a vinha, os rebanhos, selvas, pastos.
Vestido o heróe d'estas imagens dôces,
Parte, e leva por entre horrendas turmas
A innocente vindima, e ricas messes.
A teu estro sem par, cantor divino,
Cabe reger as marciaes phalanges:
E' reger os jardins meu brando emprego.
Já minhas leis conhece a docil terra:
Eil-a relvosa: no tapete alegre
A mãe das flôres lhe entornou seus mimos,
E arvoredos c'roaram rochas, aguas.
Para gosar d'estes brilhantes quadros,

Agora em campos, que discorre a vista,
E por baixo de abobadas escuras,
Gratos caminhos abrirei. Mil scenas
Creará minha voz por toda a parte;
As artes guiarei para adornal-as:
E o divino cinzel, e a architectura
Nobre, insigne, hão de emfim d'estes logares
Encantadores completar o ornato.
  De nossos passos engenhosas guias,
Aos olhos os jardins patenteando,
As ruas devem, pois, agracial-os.
Nos recentes, porém, não se abram ruas;
Nas findas plantações melhor se escolhem.
Aos mais lindos aspectos as dirige.
Repara como, se aos extranhos mostras
Do teu trabalho os fructos, como destro
Buscas o bello, o que não presta evitas;
Sitios formosos, ao passar, lhe apontas,
Lhe guardas para a volta outras bellèzas,
O prendes, o entretens de pasmo em pasmo,
Em scena, que nascer faz outra scena;
E assim satisfazendo, ou provocando
Sempre os desejos seus, não poucas vezes
Retardas seu prazer para espertal-o.
Os teus passeios a ti proprio imitem.
  Foge, foge, tambem, nas fórmas d'elles
Os filhos do mau gosto, os vãos systemas,
Pela moda abraçados. Lá no campo,
Como cá na cidade, a moda reina.
Quando a ordem symetrica, e pomposa
De italicos jardins luziu na França,
Tudo se deslumbrou, cegou-se tudo
Com esta arte fulgente. Uma só planta
Não negou ao cordel obediencia:
Em toda a parte se alinharam todas;
De um lado, e de outro lado enfileiradas,
Alamedas eternas se estenderam:
Veiu outro tempo em fim, veiu outro gosto.
De bellezas mais livres avisaram
Aos francezes jardins britannos.
Só linhas ondeantes, e passeios
Só tortuosos desde então se viram.

Farto de vaguear, debalde o termo
Está fronteiro a mim: cumpre que ainda,
Cumpre que, a meu despeito, erre, serpêe;
Que, importuno artificio praguejando
Mil, e mil vezes, sem cessar procure
Um fim, que sem cessar de mim se aparta.
Isto evita: os excessos duram pouco.
D'estes varios caminhos cada especie
Tem seu logar. Um me conduz a vistas
Pasmosas, que de longe os olhos fixam,
Nutrem a expectação; outro me sóme
N'essas mudas estancias, que parece
A algum fim, de proposito, velára
Arte mysteriosa; mas tornemos
Natural o facticio labyrintho,
E não capricho, precisão se ant'olhe.
Diversos accidentes, encontrados
Pelo caminho seu; aguas, e bosques,
Como egualmente o chão, devem regel-o.
Se quero uma feliz docilidade
Na fórma sua, se a tristeza odeio,
E insipidez de alinhamentos longos,
Mais detesto um passeio embaraçado,
Que de ferida serpe á similhança.
Em convulsivas roscas se entrelaça,
Com giros duplicados cansa, enjôa,
E rispido, uniforme, caprichoso,
O terreno atormenta, e passos, e olhos.
Ha curvas naturaes, ha torcicólos,
De que ás vezes os campos dão modelo.
Do carro a roda, a pista dos rebanhos,
Que em passo negligente a aldêa buscam:
A pastorinha, que no prado abstracta,
Vae talvez entretendo a phantasia
Em visões amorosas: isto ensina
Rodeios mollemente volteados.
Longe, pois, os contornos angulares,
Longe de teus passeios, mais ainda
Quando ao fim te encaminha um longo giro.
C'o prazer galardôe-se a fadiga.
A arte se imite dos poetas grandes;
Releva, que ouses tanto. Se alta Musa,

Andando, algum desvio a si permitte,
Mais que o caminho a digressão me agrada.
Nise o seu doce Euríalo defende,
No sepulchro de Heitor a esposa geme.
Assim teu artificio me extravie
Por gratas illusões, assim me alegre
Com risonhos objectos a passagem:
Tocando o termo, indemnisado eu fique
Da extensão que soffri, meus olhos gosem
Aspectos singulares, episodios
De vivente poema. Alem me chamam
Verdes, propicias grutas, onde sempre
A frescura, o silencio, as sombras moram.
O pensamento ali precede aos olhos.
Mais longe vitreo lago o céo reflecte,
E confusa acolá, como fugindo,
Assoma perspectiva immensa, e nobre.
Ás vezes bosquesinho alegre, ameno,
Mas em si recolhido, e ricamente
Por ti, e a Natureza adereçado,
De flôres, e de sombras abundante,
Parece que te diz: — «detem-te: ah! onde
Podes estar melhor?» Subito a scena
Se altera: eis em logar de gosto, e riso
Paz, e melancholia, eis o repouso,
Eis a grave mudez, onde se embebe,
Onde a meditação se alonga, e pasce.
Lá com seu coração conversa o homem,
Attenta no presente, entra o futuro,
Da carreira vital nos males pensa,
Pensa nos bens, e recuando a vista
Ao tempo que voou, se apraz ás vezes
De perceber no circulo dos dias
Esses poucos instantes (ai!) tão caros,
Tão curtos! Essas flôres n'um deserto,
Essas quadras da vida, a que lhe apontam
Saudades do prazer, e até da magoa.

Teme, pois, imitar os que ataviam
Friamente os jardins, os que só querem
Objectos festivaes, e lisonjeiros.
Nada em suas paizagens é sublime,
Nada atrevido: tudo são latadas,

Tudo elegantes bosques: sempre flôres,
Sempre o templo de Flora, ou dos Amores:
A alegria monótona aborrece.
Sáe tu d'esta commum, cansada trilha;
Contrastes imagina interessantes,
E affouto os aventura. Entre si podem
Encontrados effeitos soccorrer-se.
Eia, segue o Poussin. Elle apresenta
Em campestre festejo alvas serranas,
Robustos aldeãos, bailando á sombra
Dos olmeiros frondosos, e ali perto
Impressas vozes taes sobre um sepulchro:
«Já fui, já fui tambem pastor da Arcadia,
Este painel dos gostos voadores,
Do nada da existencia, está dizendo,
Ou parece que diz: «Mortaes, cuidemos
Em lograr, tudo vae desvanecer-se;
Jogos, danças, pastores.» Dentro n'alma
Ao jubilo vivaz, alvoroçado
Mansa tristeza por degráos succede.
  Imita estes effeitos. Não receies
Em quadros ledos pôr sepulchros, e urnas,
Monumento fiel das magoas tuas.
Ah! Quem não tem chorado alguma perda
Rigorosa, cruel! Eia, associa,
Longe do mundo leviano, e cego,
Os bosques, aguas, flôres com teu pranto.
Vêm um amigo em tudo almas sensiveis;
Já co'as sombras pacificas se curvam
Para abraçar a campa, onde suspiras,
O teixo, o agudo pinho, e tu, cypreste,
Das cinzas protector, leal aos mortos.
Teus ramos, que affeiçoam genios tristes,
Deixam a gloria, o gosto ao louro, ao myrto:
Do guerreiro, do amante a venturosa
Arvore tu não és, porém teu luto
Compadece-se, e diz co'as nossas penas.
  Em todos estes monumentos nada,
Nada de apuros vãos. Aliar podes
Acaso, ante estes lugubres objectos
A arte co'a dôr, e co'a riqueza os campos?
Longe principalmente o fingimento,

Longe tumulo falso, urnas sem magoa,
Que o capricho formou; longe as estatuas
De animal ladrador, de ave nocturna:
Isso profana o luto, insulta as cinzas.
Ah! Se as de algum amigo ali não honras,
De envelhecidos teixos lá debaixo
Não vês a sepultura onde esconder-se
Hão de ir aquelles, que, por ti curvados,
Por ti suando sobre ingratos sulcos,
No seio da indigencia a morte esperam?
Pejo de ornar-lhes o sepulchro humilde
Terás acaso? E' certo, que não podes
Gravar illustres aventuras n'elle:
Desde o incerto crepusculo, em que os chama
Ave madrugadora a seus trabalhos,
Té ao serão em que a familia tenra
Com elles vae sentar-se ao lar, que estala,
Em paz, e em lida egual seus dias correm.
Nem guerras, nem tractados os distinguem:
Nascer, soffrer, morrer, eis sua historia.
Mas o seu coração (ah!) não é surdo
Da memoria ao rumor. E qual dos homens
No momento fatal da ausencia eterna,
Qual se não volve, e tristemente alonga
A vista pelos campos da existencia,
Não tem na idéa de deixar saudades
Algum gosto, e dos olhos de um amigo
Não espera uma lagrima? Epitaphios
Para adoçar-lhe a vida, a morte lhe honrem.
Aquelle, que, maior do que a Fortuna,
Serviu seu Deus, seu rei, familia, patria,
E o pudor imprimiu no rosto á filha,
Merece que de pedra menos bruta
A campa se lhe dê: suas virtudes
Contem-se ali, e as lagrimas da aldêa;
Gravem-lhe sobre a lousa: — «Aqui descansa
O bom filho, o bom pae, e o bom consorte.»
Encanto involuntario ha de mil vezes
Teus olhos attraír ao sacro sitio.
E tu, que estás cantando, antes carpindo,
Debaixo d'estas arvores piedosas,
Tu, primeiro que as deixes, Musa minha,

Suspende em oblação tua grinalda
Na rama veneravel. Muito embora
Outrem celébre em verso a formosura:
Nos gostos engolphada a Musa de outrem
Da cabeça jámais deponha o myrto;
Télas trajando, fulgurantes de ouro,
Só da meiga alegria entôe os hymnos:
Verso consolador tu dás ás cinzas,
E primeiro que as outras a mão tua
Algumas flôres sobre as campas sólta.
Para baixo de sombras prazenteiras
Voltemos, que é já tempo. A architectura
Em selvoso logar inda me espera,
Para adornal-o de edificios bellos,
Já não do luto os monumentos tristes.
Mais eis gostosos sitios, que em mil faces
Entre a verdura seu primor offertam.
O uso, porém, lhe approvo, e tolho o abuso.
Desterra dos jardins montão sem ordem
De edificios diversos, essa pompa
De perdularia moda: os obeliscos,
Rotundas, e kioskos, e pagodes;
Esses cahos de ingrata architectura,
Romanos, gregos, arabes, chinezes;
Esterilmente profusão fecunda,
Que o mundo inteiro n'um jardim concentra.
Não procures tambem ocioso ornato,
Antes disfarça em util o aprazivel.
De seu senhor thesouro, e seu recreio,
A herdade exige campesino adorno.
Lares, que sobre o campo ergueu o orgulho,
Magnifico solar não a desdenhe;
As riquezas lhe deve, e d'elle ao fausto
Sobresáe tanto a singeleza d'ella,
Quanto de Armida aos artificios todos
Sorriso ingenuo de acanhada virgem.
A herdade! A este nome hortos, colheitas,
O pastoril reinado, o emprego dôce,
Os innocentes bens dos aureos tempos,
Cujas meigas imagens enfeitiçam
A infancia, que é na vida a edade de ouro,
E tanto a infancia minha enfeitiçaram;

Isto, ah! Isto, que idéas, que saudades
Dentro do coração me não desperta!
Vem, já das aves tuas ouço o canto:
Já chiam carros, da abundancia ao pezo,
Que as tulhas te demandam, e a compasso
Cáe o instrumento, que debulha os milhos.
Orna, pois, o teu predio, mas comtanto
Que, pródigo, em palacio o não convertas.
Por seu caracter simples, e elegante
Entre os jardins, ou quintas é a herdade
O mesmo que entre os versos é o idyllio.
Pelos numes dos campos, ah! desvia
O luxo audaz d'este logar modesto,
Desvia-o sempre; de occultares não tractes
Nem os lagares teus, nem teus celeiros;
Vêr quero o trem das ceifas, das vindimas
Vêr o crivo, a joeira, onde co'a palha
O grão dourado salta, e recáe puro;
A grade, o trilho, tudo o mais da granja,
Sem pejo aos olhos meus se manifestem;
Mórmente de animaes o mobil quadro
Lhe dê por dentro, e fóra um ar vivente.
Não vêmos do solar o adorno esteril,
A graça inanimada, a immovel pompa:
Debaixo d'estes tectos, n'estes muros
Tudo está povoado, e tudo é vivo.
Que aves, diversas pela voz, e instincto,
Que no abrigo da telha, ou colmo habitam,
Republica, nação, familia, reino,
Me entretêm com seus brincos, seus costumes!
Eis á frente de todas gira o gallo,
O gallo, feliz chefe, pae, o amante,
Que, sultão sem molleza, distribue
Pelo serralho aligero a ternura:
Une ao jus do valor o da belleza,
Impéra carinhoso, altivo afaga;
Para mandar, para gosar nascido,
Nascido para a gloria, ama, combate,
Triumpha, e logo seus triumphos canta.
Hão de aprazer-te o vêr como elles brincam,
Como contendem; seu amor, seus odios,
E até sua comida. Assim que assoma

Com a teiga nas mãos a dispenseira,
De repente a nação voraz, e leve
Vôa d'aqui, d'ali, de toda a parte
Em turbilhão ruidoso, e quasi a um tempo.
O sôfrego tropel junto á que o ceva
Subito fórma um circulo apinhado;
Ha taes que, sempre expulsos, tornam sempre,
Perseguem o comer, e até na palma,
Affoutos parasitas, vêm furtal-o.
Este povo domestico protege;
Não soberbos, mas sãos seus pousos sejam.
Decoradas estancias que lhe prestam?
Marmóreos bebedouros, e aureas grades?
Mais lhe apraz, muito mais, um grão de milho.
Já Lafontaine o disse. Oh Lafontaine!
Oh sabio verdadeiro, eras lucroso
N'este logar! Cantor feliz do instincto,
Melhor te inspiraria aqui o olhal-o!
Fofo o pavão de assoalhar seu iris,
A inchação do perú, mais louco ainda,
Teus pinceis alegrára á nossa custa.
Viras aqui dos pombos teus a imagem;
De dous gallos amantes a discordia
A dizer outra vez te obrigaria:
«Tu derrubaste, Amor, de Troia os muros!»
D'est'arte nos apraz, e attráe a herdade.
Mas em outra prisão que vulgo fere
Por incognitos sons os meus ouvidos?
Extranhos animaes ali se guardam,
Maravilhas dos olhos, ali vivem
N'um suave desterro encarcerados
Brutos da terra, do ar, e um d'outro pasmam.
Extravagantes castas não procures,
Prefere o que é mais bello ao que é mais raro.
Mostra-nos aves n'outros céos creadas,
Que, validas do sol, seus lumes vibram;
Da indiana gallinha o vivo esmalte,
E o ouro do faisão purpureado.
Aves de ostentação melhor se alojem;
Ellas mesmas são luxo, e co'a belleza
Já que a inutilidade ellas compensam,
Brilhe a prisão como os captivos brilham.

Rebeldes animaes, porém, não tenhas,
Cujo orgulho se irrita, e cansa em ferros.
Quem póde vêr sem magoa o rei dos ares,
O passaro feroz, que andou folgando
Lá por entre o trovão, por entre o raio,
Quem póde vêl-o na gaiola indigna
Esquecer o relampago dos olhos,
Dos vôos a altivez! Livre de novo,
Na abobada dos céos ao sol se atreva:
Nunca póde agradar ente aviltado.
  Mas com seu lustre peregrino em quanto
Parece que estes hospedes diff'rentes
A' minha escolha, á preferencia aspiram,
O olfato me convida a aquelles tectos,
Onde, do patrio chão tambem roubados,
Extranhos vegetaes o vidro ampara.
Tu cérca de ar macio as debeis plantas,
Mas venera estações, vencendo climas:
Não forces a brotar na quadra feia
Bens, que a bons tempos Natureza guarda.
Deixa aos paizes de aturado inverno,
Deixa embora essas flôres, esses fructos,
De falsa primavera, e falso estio;
Certo de que ha de o sol madurecel-os,
Sem violentar seus dons, seus dons espera.
Mas folgo em vêr no transparente abrigo
Prendas diversas de diversas plagas.
Os ibéros jasmins ali se animam,
Friorenta congorça esquece a patria,
Tenro ananaz pelo calor se engana,
E usurpado thesouro em si te entrega.
Talhe a rasão teus edificios varios,
De flôres, e animaes formoso hospicio,
Oh quantos, quantos mais, que o sitio abrace,
Que approve o gosto, recrear-nos podem!
A sombra d'esses humidos salgueiros,
Humidos com sadia agua corrente,
Seja do banho o solitario asylo.
Além cabana, em que a frescura assiste,
Offerte ao pescador linhas, e redes.
Não vês a mansidão d'este retiro?
Dôce acolheita ali consagro ás Musas.

No seio florecido, e magestoso
Ali sómente um obelisco ordeno:
Aos ares sóbe o monumento augusto,
E lavro sobre a pedra enternecida:
«A nossos destemidos mareantes,
Que pela patria voluntarios morrem.»
Assim teus variados edificios
Nem desertos serão, nem ociosos.
Com seu logar se ageitem massa, e fórma,
Cada qual se colloque onde releva.
E não se perca, não destrua a scena
Por sobeja extensão, por muito aperto.
O que empece ao caracter, e utilisa
Sabe, pois: um recanto quasi occulto
Lá bem n'um descampado, é que nos pinta
Melhor o desamparo, a soledade.
Sempre a cada expressão fiel te mostra;
Um ermo a grande luz não patentêes,
Nem selva carrancuda esconda um templo:
Do monte sobre a espádoa quer ser visto.
Movimento, esplendor, grandeza, e vida
O aereo sitio pelo quadro espalha.
Julgo um aspecto olhar da bella Ausonia,
Esta dos edificios, esta a graça.
Mas de taes monumentos a alegria,
Luxo moderno, e fresca mocidade
Valem de antigos restos a velhice?
D'esses aqui, e ali dispersos corpos
O já desordenado, e gran volume
A fórma pictoresca enlaça a vista.
Por elles sobre a terra está marcada
Dos evos a carreira, e destruidos
Pelos vulcões, ou tempestade, ou guerra,
Instruem sempre, alguma vez consolam.
Sim, estas massas, que tambem da edade
Cedem ao pezo, como nós cedemos,
A' derrota geral nos habituam,
E a perdoar á Sorte. Assim Carthago
Sobre os desfeitos muros n'outros tempos
Mário viu infeliz, e estes dous restos
Tão grandes entre si se consolavam.
Aproveita ruinas venerandas.

E tu, que os passos meus tens variado
Pelos selvosos campos, tu, que, longe
Das vulgares estradas, vás dictando
Leis aos jardins, oh Poesia amavel!
Oh irmã da Pintura! A monumentos
De longa edade restitue a vida;
Presenta ao gosto os ricos accidentes,
Que o tempo desenhou co'a mão remissa.
Uma antiga capella ora apparece,
Modesto, e sancto asylo, onde algum dia
Iam em tosco altar, na quadra nova,
As donzellas, e as mães, e os seus filhinhos
A bem das messes implorar o Eterno.
Consagra inda o respeito estas ruinas.
Ora avulta acolá castello annoso,
Em fragosos cabeços, que tyranno
Do territorio e dos vassallos medo,
Co'as ameias aos céos arremettia;
Que em tempos de terror, discordias, sangue,
Viu lançadas mortaes, viu gentilezas
De nossos invenciveis cavalleiros,
Os Bayards, os Henriques; hoje o trigo
Sobre os fragmentos seus lourêa, e treme,
Esta triste, forçosa architectura.
Cingida de verdor fresco, e risonho,
As esplanadas, e angulos, e torres
Rotas, quasi abatidas, onde as aves
Dos amores em paz o fructo aquecem;
Os gados povoando estes guerreiros
Recintos façanhosos, e o menino,
Q'onde os avós já guerreáram, brinca,
Fórma tudo isto singular contraste.
D'elle te apóssa, dando aos olhos quadro
Duro, e brando, campestre, e bellicoso.
Mais ao longe um mosteiro abandonado
Entre arvoredos subito se encontra.
Que silencio! Amadora dos desertos,
Com gosto ali meditação, te entranhas
Por baixo das abóbadas sagradas,
Por onde austeras virgens, algum dia
Como as turvas alampadas, que velam
Ante a religião, tambem velavam,

E descarnadas, pallidas, ardiam
Por Deus, e emfim, por Deus se consumiam,
Sancta contemplação, paz, innocencia,
Como que ainda este silencio occupam!
Musgosos muros, o zimborio, as torres,
Os arcos d'este claustro escuro, e longo,
D'estes altares o degráo roçado
Do supplice joelho, os vidros negros.
O sombrio, e profundo sanctuario,
Onde, escondidamente desgraçadas,
Almas houve, talvez, que de seus laços
Ás inflexiveis aras se carpissem,
E por dôces memorias inda frescas
Algum medroso pranto ao céo furtassem:
Tudo commove ali, tudo ali falla.
Ali cevando a mente em soledade,
Ás vezes cuidarás, ao pôr do dia,
Que de alguma Heloisa a sombra geme;
Que as lagrimas, que a dôr, que os ais lhe sentes.
Logra, pois, estes restos de alto preço,
Ternos, augustos, pios, ou profanos.
Mas longe os monumentos, cujo estrago
Do fingimento é filho, e mal imita
Do tempo as impressões inimitaveis:
Esses antigos templos, fabricados
Inda ha pouco, as reliquias de um castello
Que jámais existiu, pontes idosas,
Que hontem nasceram, torreão dos godos,
Que roto, e gasto, não parece antigo:
São artificio inutil, e grosseiro;
Fitando-lhe a attenção, se me figura
Que vejo um moço arremedando um velho,
Despindo as graças da amorosa edade,
Sem que retrate da velhice as rugas;
Mas estrago real dá pasto aos olhos.
Restos, que já contemporaneos fostes
De nossos bons, e simplices maiores,
Gosta meu coração de interrogar-vos,
E gosta de vos crêr. De novo a historia
Estudo em vós dos tempos, e dos povos.
Quanto esses povos mais famosos foram,
E quanto mais famosos esses tempos,

Tanto mais n'esses restos fico absorto.
Campos de Italia! Oh campos d'alta Roma!
Onde jaz, por fatal, e horrivel quéda,
Com todo o seu orgulho o nada do homem!
Ahi é que ruinas, afamadas
Por grandes nomes, por memorias grandes,
Dão sublimes lições, aspectos graves,
Thesouros, que as paizagens enriquecem.
Vê como cá, e lá por toda a parte
A rapidez dos seculos tremendos,
Das artes os prodigios destroçando,
Sepulchros arrojou sobre sepulchros,
Um templo derribou sobre outro templo.
Olha as edades blasonando ao longe
Co'a ruina immortal da excelsa Roma.
Os pórticos, e os arcos (onde a pedra
Em caracter fiel conserva ainda
Do povo rei magnanimas proezas),
Pórticos, e arcos tem cansado os tempos.
Ondas suspensas por aqui bramiam,
Por baixo d'estas portas dilatadas
Os despojos do mundo íam passando.
Esparzidos estão, no pó confusos
Por toda a parte; os thermes, os palacios,
Os sepulchros dos Cesares, em quanto
De Virgilio, de Ovidio, Horacio, e de outros
Inda grata illusão nos finge o rasto.
Oh tres, e quatro vezes venturoso
O artista dos jardins! Feliz quem póde
D'estes restos divinos apossar-se!
Já lhe vae surdamente a mão do tempo
Ajudando as tenções; já sobre pompas
Dos senhores do mundo, a Natureza
De recobrar os seus direitos fólga:
Lá onde o domador dos reis, lá onde
Campeava Pompêo com fasto immenso,
Agora dos pastores se ouve a flauta,
Como nos dias do tranquillo Evandro.
Vê rir os campos, que ao cultor volvêram,
E relvar os cabritos sobre os tectos,
E obelisco arrogante além caído!
Olha abraçado co'a columna altiva

O humilde espinho; as arvores, as plantas,
Subir, baixar em mil festões, mil cachos;
Aquella, que Minerva aos homens trouxe,
E a figueira, pelo halito dos ventos
Por entre estes estragos semeadas,
Acabam de abalar co'a raiz branda
As veneraveis obras dos romanos;
A torta vide, a hera de cem braços,
Em torno das ruinas serpeando,
A modo que desejam, que procuram
Recatar-lhe a velhice, ou guarnecel-a.
Se não tens estes restos estupendos,
Terás, sequer, os animados bronzes,
Terás os numes das edades mortas,
Em que arte divinal forçava os cultos?
Quiz dos jardins, bem sei, gosto severo
Lançar todos os deuses dos romanos,
Dos gregos; mas porque? Nossas infancias;
Em Athenas, em Roma cultivadas,
Sua dôce magia exp'rimentaram.
Estes numes agricolas não eram?
Não pastores? Porque has de, pois, tolher-lhes
Os bosques, os vergeis? Podem teus fructos
Rebentar sem auxilio de Pomona?
Ou te é dado expellir do imperio Flora?
Ah! sempre essas deidades nos encantem:
Das artes inda é culto a idolatria;
Mas haja perfeição, primor na escolha.
Não queiras nos jardins improprios deuses,
Elles sem magestade, ellas sem graça.
Elege a cada qual assento idóneo,
Seus direitos nenhum ao outro usurpe.
Deixe nas selvas Pan. Porque motivo
Co'as Dryades estão Tritões, Nereidas?
De que serve este Nilo, em vão c'roado
De canas, e a mostrar do pó manchada
A urna, que é de passaros abrigo?
Fóra os leões, e os tigres: esses monstros
Té nas imagens suas me arripiam;
E os Cesares tambem, mais monstros que elles,
Sentinellas horriferas das portas
De bordadas florestas, que, nojosos

Da suspeita, e do crime, inda parece
Com os olhos as victimas apontam.
Ao risonho logar que jus têm elles?
Mostra-me objectos, que eu venere, eu ame;
A' sua apotheósis sagra um sitio,
Elysios cria em que seus manes folguem.
Longe de olhos profanos, sobre valles
De verdes murtas, de cheirosos louros
Honrem seus vultos marmore de Paros;
Goste um remanso de banhar taes selvas,
E, mesclando co'a sombra os dubios lumes,
Seja Diana affavel o astro d'ellas.
Dos virentes doceis a formosura
Sobre as queridas, candidas estatuas,
D'estes homens egregios o repouso,
A simples, a benigna magestade,
Correntes sem rumor, como as do Lethes,
Que para aquellas almas tão serenas
Parece vão rolando o esquecimento
Da crua ingratidão, e de outros males;
Bosques, e o dia, entre elles expirando,
Tudo respira a paz dos manes ledos.
Tu não consagres, pois, se não tranquillas
Estremadas virtudes n'esses campos.
Longe, longe os fataes conquistadores,
Verdugos, não heróes: esses logares
Turbariam talvez, como turbaram
Este mundo infeliz: ali colloca
Os amigos dos homens, e dos deuses:
Os de que ainda beneficios vivem
Na fama e tradição; tambem monarchas,
De que o seu povo não chorasse a gloria:
Mostra ahi Fenelon, mostra á saudade,
E com Sully se abrace Henrique o grande.
Dá, dá-me flôres, cobrirei com ellas
Os sabios, que em longinquas, novas praias
Artes consoladoras demandaram,
Artes consoladoras desparziram.
E tu, primariamente, heróe britanno,
Tu Cook infatigavel, denodado,
Que acceito, e caro aos corações de todos,
Unes co'a magoa teu paiz, e a França;

Que a essas regiões, que aonde o raio
Outr'hora os europeus annunciava,
Util, novo Triptólemo, guiaste
O serviçal cavallo, a ovelha, o touro,
O arado agricultor, e as patrias artes,
Nossas furias, e roubos expiando:
Com dôce paz fraterna lá surgias,
Prantos, e beneficios lá deixavas.
Recebe de um francez este tributo...
E á minha gratidão que importa o clima?
Virtudes immortaes do illustre Nauta
Nosso concidadão já o fizeram;
No grande exemplo o nosso rei se imite,
Digno de ser seu rei. Ah! que aproveita
Ao pasmoso varão ter vezes duas
Visto os mares de gelo, os céos de fogo,
Ter estes affrontado e rôto aquelles?
Que as ondas, ventos, povos o acatassem:
Que em toda a vastidão do pego immenso
Fosse immune, e sagrada a quilha sua;
Que só com elle reprimisse a guerra
Seu horrido furor? Do mundo o amigo
(Ai!) Morre ás mãos de barbaros selvagens.
Oh vós, que lamentaes seu fim cruento,
Da potente Albion soberbos filhos,
Imitae-lhe, que é tempo, a ambição nobre.
Porque em vossos eguaes quereis escravos?
Dae-lhe fraternidade, e não cadêas.
Dos louros triumphaes cingida o fronte,
Dos louros, que o francez colheu de novo,
Té a mesma victoria a paz cubiça.
Desce, prole do céo, Paz suspirada,
Doura este globo, emfim, com teus sorrisos,
Dos sitios, que eu cantei, requinta as graças;
Fórma um povo feliz de tantos povos;
Aos campos abundancia restitue,
E restitue ás ondas o commercio;
Hajam da tua mão, propicio nume,
Os dous mundos socego, as artes vida.

NOTAS

CANTO I

(Pag. 12, verso 11)

Assumpto amavel, que tentou Virgilio, etc.

Vê-se nas *Georgicas*, liv. IV, que a composição dos jardins de que fallam, é mui singela, e naturalissima, e que se acha n'elles o util com o aprazivel: pomos, flôres, hortaliças. Mas estes jardins são os de um ordinario habitante dos campos; jardins, taes como, com um gosto simples, quizera o sabio ornal-os, e cultival-os pela sua mão; taes como folgaria de os aformosear o amavel poeta, que os descreve. Não tractou d'aquelles jardins famosos, que o luxo dos vencedores do mundo — os Crassos, os Lucullos, os Pompêos, os Cesares, carregaram das riquezas da Asia, e dos despojos do universo.

(Ibid., verso 24)

De Alcino o luxo, o gosto, ainda rude,
Punha a curto vergel modico enfeite, etc.

É um monumento precioso da antiguidade, e da historia dos jardins, a descripção, que faz Homero do de Alcino. Vê-se, que elle distava pouco do nascimento da arte: que todo o seu luxo estava na symetria e ordem, na riqueza do chão, na fertilidade das arvores, nas duas fontes, de que era ornado; e todos os que quizessem jardim para gosar, e não para mostral-o, escusariam outro.

(Ibid., verso 26)

Eis com arte maior, mais sumptuosa
Jardins nos ares Babylonia ostenta.

Parte d'estes jardins suspensos ainda durava mil e seiscentos annos depois da sua creação; elles foram o assombro de Alexandre, quando entrou em Babylonia.

(Ibid., verso 28)

Os latinos heróes, de Marte os filhos,
Depois que Roma agrilhoava o mundo,
Davam repouso ameno á gloria, ao raio
Em frescos hortos, que a victoria ornára.

Existe monumento inestimavel do gosto e fórma dos jardins romanos em uma carta de Plinio Junior, e n'ella se lê que já então conheciam a arte de affeiçoar as arvores, de dar-lhes diversas figuras de vasos ou animaes; que a architectura e o luxo dos edificios eram dos primarios ornamentos dos parques; mas que todos tinham um objecto de utilidade, objecto em demasia esquecido nos jardins modernos.

(Pag. 13, verso 33)

Belœil, a um tempo
Campestre, apparatoso, etc.

Belœil foi uma casa de recreio, ou quinta, do principe de Ligne.

(Ibid., verso 40)

O amavel Tivoli, de fórma extranha
Á França descobriu tenue modelo.

O local de Tivoli negava-se aos grandes effeitos pictorescos; mas Boutin teve o merecimento de colher d'elle a utilidade possivel, e principalmente de ser o que primeiro experimentou com bom exito o genero irregular.

(Ibid., verso 42)

Montreuil as Graças desenharam rindo, etc.

Montreuil era um bellissimo jardim da princeza de Guimené, na estrada de Pariz a Versailles.

(Pag. 14, verso 1)

Maupertuis, le Desert, com que alegria,
Rincy, Limours, etc.

Maupertuis. Este jardim, conhecido pelo nome de Elysio, pertenceu ao marquez de Montesquieu. Se bellas aguas, so-

berbas plantações, aprazivel mixto de collinas e valles fazem um sitio formoso, o Elysio é digno do seu amavel nome.

Le Desert. Este jardim foi desenhado com muita graça por Monville.

Rincy. Este lindo jardim foi do duque de Orleans.

Limours. Este logar, naturalmente inculto, foi mui aformoseado pela condessa de Brionne, e perdeu parte da aspereza, sem perder o caracter.

(Ibid., verso 6)

...... e parecido
Comtigo Trianon, deusa, que o reges, etc.

O pequeno Trianon, jardim da rainha, é modelo n'este genero. Parece que a riqueza foi n'elle empregada sempre pelo gosto.

(Ibid., verso 10)

Grato asylo d'um principe adoravel,
Tu, cujo nome de apoucada idéa, etc.

E o gracioso jardim — Bagatela — composto com muita arte para o conde de Artois, e que tem a vantagem de se achar no meio de bosque aprazivel, que parece parte d'elle. O pavilhão é de uma elegancia rara. Não se poderam nomear n'este poema outros agradaveis jardins, feitos alguns annos depois.

(Pag. 22, verso 11)

A arte os prometta, os olhos os esperem:
Dá quem promette, quem espera gosá.

Este ultimo hemistichio vem n'uma epistola de Saint-Lambert; a reminiscencia o introduziu n'este poema.

(Ibid., verso 33)

Entre Kent, e Lenotre eu não decido, etc.

Kent, architecto, e famoso desenhador em Inglaterra, foi o primeiro que tentou felizmente o genero livre, que principia a lavrar por toda Europa. Os chinezes são sem duvida seus inventores.

(Pag. 24, verso 23)

Attenta em Milton, etc.

Muitos inglezes querem que esta bella descripção do paraiso terreal, e alguns logares de Spencer, déssem a idéa do jardim irregular; e postoque é provavel, como já se disse, que este genero venha dos chins, o auctor antepoz a auctoridade de Milton como a mais poetica. Além d'isso, julgou que se olharia com gosto a magnificencia toda do maior rei do mundo, todos os milagres das artes em opposição com os feitiços da natureza recente, com a innocencia das primeiras creaturas que a aformoseáram, e com o attractivo dos primeiros amores. Não traduziu, nem tão pouco imitou Milton, que devia, e podia descrever mais longamente o Eden.

CANTO II

(Pag. 34, verso 15)

...... Sempre verdes,
(Oh Mouceaux) teus jardins são d'isto exemplo.

O jardim de inverno do duque de Chartres é, com effeito, um encantamento. A estufa especialmente é uma das melhores que se conhecem.

(Pag. 37, verso 38)

Moço Potaveri, tu d'isto és prova, etc.

Este o nome de um habitante de O-taiti, conduzido a França por Bougainville, celebre pelo seu valor, e constancia em varias acções, e gloriosamente conhecido quer por navegante, quer por militar. O passo, que se refere, do mancebo otaitiano, é mui notorio e interessante. Só o que fez o auctor foi alterar o logar da scena, que fingiu no jardim real das plantas. Quizera pôr em seus versos toda a sensibilidade, que respira nas poucas palavras, que o moço proferiu, abraçando a arvore que havia conhecido, e que lhe recordou a patria—«É O-taiti»—dizia elle, e olhando para as outras arvores,—«Não é O-taiti.»—Assim estas arvores, e a sua patria se identifica-

vam no seu espirito. Julgou o auctor que este lance tão terno e tão novo, poderia ministrar um bello episodio.

(Ibid., verso 41)

Onde é sem pejo amor, amor sem crime.

Observou-se em todos os povos, onde a sociedade tem feito curtos progressos, uma certa innocencia nos costumes, muito diversa do resguardo, e do pejo, que sempre acompanham a virtude nas mulheres das nações polidas. Na ilha de O-taiti, na maior parte das outras do mar do sul, em Madagascar, etc., as casadas julgam dever-se exclusivamente a seus maridos, e quebram raras vezes a lealdade conjugal; mas as solteiras não escrupulisam em se entregar até á paixão momentanea, que os homens lhes inspiram. Não se sujeitam nem nas palavras, nem nos modos, nem no vestido ao que olhamos como deveres do sexo feminino. Mas isto é n'ellas simplicidade, não é corrupção: não desprezam as normas da decencia, ellas as ignoram. N'estes paizes a natureza é grosseira, mas não depravada. Eis o que se intentou exprimir n'aquelle verso.

CANTO III

(Pag. 40, verso 42)

Sei que em Harlem ha curiosos tristes
Que em seus jardins co'as flôres vão fechar-se.

Harlem é cidade de Hollanda, onde se commercía muito em flôres, e sabe-se a que extravagancia tem chegado os floristas no amor á raridade, e ás posses exclusivas.

(Pag. 42, verso 8)

Do cume dos rochedos verdadeiros, etc.

Em geral, não se podem imitar bem os rochedos, nem todos os grandes effeitos da natureza. Ella não consente á arte emprehender estes atrevimentos, salvo quando combate com todos os esforços e cabedaes do engenho, e da opulencia. Assim se formou, segundo os desenhos de Robert, o soberbo rochedo

de Versailles, cujo effeito só o póde adivinhar a phantasia, que o vê d'ante mão toucado de vistosas arvores, e ornado de toda quanta verosimilhança e belleza póde só dar-lhe o tempo.

(Ibid., verso 12)

Aos campos de Midelétou, ás montanhas
De Dovedále te acompanho os passos,
A ellas, Whateli, comtigo subo.

São dous sitios de Inglaterra, famosos pelas fórmas pictorescas da sua cadêa de rochedos, descriptos por Whateli, de que o auctor, assim como Morel, no seu formoso tractado dos jardins, colheram algumas passagens, taes como a cabana e a ponte suspensas sobre despenhadeiros. Mas Delille cuidou em exprimir de um modo seu as sensações que nascem d'estes aspectos medonhos.

CANTO IV

(Pag. 56, verso 8)

Eia, segue o Poussin, etc.

Este famoso quadro é certamente o melhor de todos os de paizagens. Se não soubessemos quanto a imaginação do Poussin se alimentou com as producções dos grandes poetas da antiguidade, este painel bastaria para o provar. Quasi todas às obras voluptuosas de Horacio tem o mesmo caracter. Por toda a parte no seio dos prazeres e das festas, aponta ao longe a morte. «Dae-vos pressa (diz elle), quem sabe se ámanhã viveremos? Nosso fado é morrer; será forçoso deixar esta bella casa, esta mulher encantadora, e de todas as arvores que cultivaes, só o cypreste, ai de mim! seguirá seu senhor, mui pouco duravel.»

Esta mesma philosophia, colhida dos antigos poetas, é a que dictou a Chaulieu aquelles versos cheios de melancholia tão doce:

Musas, que n'este retiro
Começaste meu prazer,
Plantas, que nascer me vistes
Cedo me vereis morrer.

Estes contrastes de sensações, compostas de alegria, e tristeza, agitando a alma em sentido contrario, fazem sempre uma impressão profunda; e é o que obrigou o auctor a collocar no meio das scenas risonhas dos jardins a vista melancholica dos sepulchros, e urnas consagradas á amisade ou á virtude.

(Pag. 57, verso 6)

De envelhecidos teixos lá debaixo
Não vês aquelles, etc.

N'estes versos, dedicados ás sepulturas humildes dos camponezes, o auctor imitou alguns versos do «Cemiterio de Gray.»

(Pag. 64, verso 22)

Mas longe os monumentos, cujo estrago, etc.

Chabanon, em uma linda epistola, escripta a favor dos jardins regulares, notou antes do auctor dos *Jardins* que os monumentos velhos despertavam memorias, vantagem que não tem ruinas fingidas. Esta idéa se acha em outras obras, e particularmente na de Whateli: demais, ella é tão natural, que era facil achal-a. Talvez o não fosse exprimil-a bem, mórmente depois de Chabanon; mas se o auctor se encontrou com elle, o que todavia cuidou em evitar, confessa e repete, que os seus versos são posteriores aos d'aquelle poeta.

(Pag. 67, verso 39)

E tu primariamente heróe britanno, etc.

Todos têm noticia das viagens instructivas e animosas do afamoso e desditoso Cook; todos sabem a ordem que Luiz XVI deu para se lhe respeitar o navio em todos os mares, ordem que honra egualmente as sciencias, este illustre viajante, e o rei, de que elle, por assim dizer, se tornou vassallo, com este novo genero de beneficencia, e protecção.

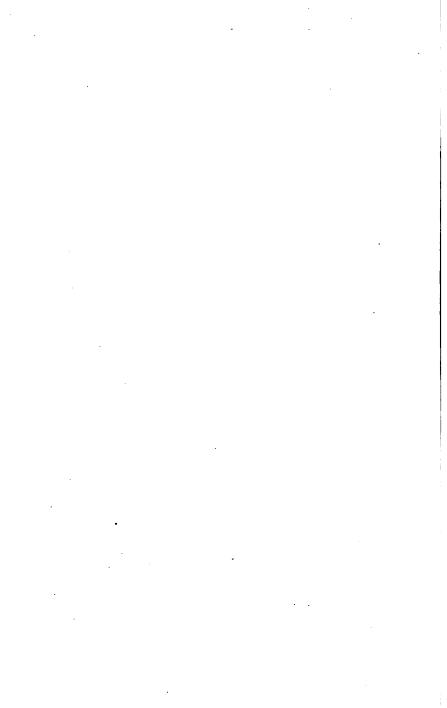
NOTA DO TRADUCTOR

(Canto 1, pag. 20)

. Une principalmente a teus *plantios.*

Vem no diccionario de Souza, e a harmonia e necessidade do termo animou-me a adoptal-o, parecendo-me todavia que os camponezes o usam. A palavra *paizagens,* de cuja pureza duvidei, acha-se em bons escriptores nossos, sendo um d'elles Rodrigues Lobo, para mim de tanta decisão como os melhores.

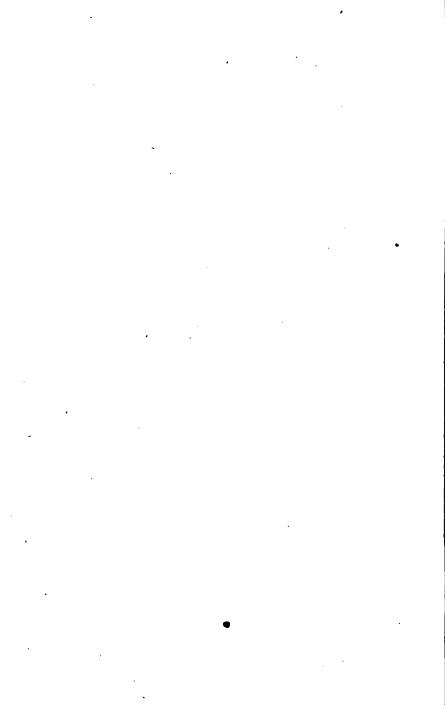
FIM DAS NOTAS.

AS PLANTAS

PROLOGO DO TRADUCTOR

Pascitur in vivis livor: post fata quiescit.
OVID.

Amavel, novo dom te off'reço, oh Lysia,
Attraído por mim do Sena ao Tejo,
Aos campos onde Amor, onde a Virtude
Dando leis desiguaes se conciliam.
As «Plantas» de Castel vaidosas surgem
Em mais propicio chão, mais dôce clima,
De mais puros Favonios amimadas.
Patria de heróes, de vates, patria minha,
No caro, brando seio acolhe, ameiga
Risos, perfumes, o verdor, o esmalte
Com que em versos gentis, das Graças mimo,
Florece a Natureza, a mãe de tudo.
Cordeal gratidão te deve as lidas,
O desvelo, o suor, que mim forcejam
Para teu nome honrar, e honrar meu nome.
Existencia moral, dos sabios vida,
Duplicada por ti me esforça o genio,
A mente me refaz, o ardor me atiça,
Me fortalece o pé na estrada immensa
Que vae da natureza á eternidade.
Soltas de umbrosas, subterraneas grutas
O meu dia invadindo, aves sinistras
Em vão de agouros, e de peste o mancham:
Em vão corvos da inveja á gloria grasnam.
Elles malignos são, tu, Patria, és justa;
Véda que defraudado o genio seja
De seus haveres — o louvor, a estima —
Haveres, porque engeita os da Ventura.
Aos versos meus posteridade abonas;
Ouço a voz do Futuro, ouvindo a tua,
Ouço-a; lá me prantêa, e lá me applaude.

Em sendo morte e cinza o que hoje é fogo,
As Musas, meu thesouro, Amor, meu fado,
Do amante, do cantor, de mim saudosos
Hão de com myrto e louro ornar-me a campa,
No humilde monumento hão de carpir-me;
E até da ferrea Ulina algum suspiro
Talvez me afague, me console os manes.
D'arvores, que dispoz co'a maga lyra
De Virgilio o rival, Delille ameno,
Transplantadas por mim, vireis, Amores,
Vireis, filhas do céo, co'as mãos, co'as azas
Expulsar agoureiro, estygio bando,
Maldicto, grasnador, nocturno enxame,
Que, voar não podendo, odêa os vôos.
Limpos serão por vós do vil negrume
Os ares, que o sepulchro me bafejem.
Musas, suaves Musas! Não me assombro,
Vates de ingente gráo não se assombraram
De que a inveja os mordesse, os profanasse:
Ancêa resplendor, grandeza opprime
O espirito arrastado, a mente escura:
Inveja nunca sóbe, e quer que baixem;
Seus nojosos baldões desdanha o sabio;
Emtanto que ella ruje, o sabio canta,
E juiz não peitado o escuta, o c'rôa.
Se em podre lodaçal negrejam Zoilos,
Ás margens do Permesso Ismenos brilham,
D'alma phebêa, creadora, accêza,
A verdade em relampagos vibrando:
Ferve no audaz Francelio, e rompe os astros
Sacro delirio, destemida insania:
Jacinto aperfeiçôa os sons do plectro;
Clario co'a propria mão Salicio enloura
Revive em ti, Josino, a lacia Musa:
Menalca, da puericia apenas solto
Já conversa c'os deuses; niveas plumas
Nas costas lhe rebentam, cysne adeja.
Melindrosos pinceis menêa Alcino,
E off'rece em dôce quadro Amor, e as Graças.
De tão vario matiz compõe-se o mundo,
Mil vezes o veneno acode á vida.
Eia! Os odios cevae, cevae a infamia,

Furias, que evâporaes tartareas sombras
Contra olympio fulgor, que envolve o genio!
Entre essa escuridão reluz meu nome.
Á Patria os versos meus são aprazíveis;
Versos balbuciei co'a voz da infancia;
Vate nasci, fui vate, inda na quadra
Em que o rosto viril macio, e tenro,
Simelha o mimo de virginea face.
Se ás Musas não pertenço, eu, que a Virtude,
Philosophia, Amor, cultivo, adoro;
Eu, servo da moral, das leis amigo,
Nos outros, como em mim, prezando a gloria;
Eu, que cem vezes concebendo o Olympo,
Absorto com Platão n'um mundo extranho,
Ou de olhos divinaes divinisado,
Sinto no coração, na voz, na mente
Tropel de affectos, borbotões de idéas,
E—«Eis o Deus! eis o Deus!...»—exclamo, e vôo
De repente onde mil nem vão de espaço;
Pertencereis ás Musas, vós, sem fama,
Sem alma, sem ternura?... Ah! Longe, longe
De meus candidos sons, que se enxovalham
Peçonhentos dragões, na peste vossa.
Graças, oh Phebo, oh nume! Oh Lysia, oh patria!
Vossos dons, vosso applauso altêam, firmam
Sobre a cerviz da Inveja o meu triumpho.

PREFAÇÃO DO AUCTOR

Não exaltarei aqui as utilidades do conhecimento e cultura das plantas. Este é o objecto do poema, que publíco. Se meus versos não forem parte para que mais se ame a Natureza, não devo esperar melhor exito em uma prefação.

Esta obra foi composta no intervallo do anno primeiro até ao quinto, e muitas vezes me consolou, occupando-me. Quem é que não tem sentido a necessidade de se acolher ao seio da Natureza? Busquei n'elle distracções, que me eram indispensaveis, e como sempre amei as plantas, foram ellas o primeiro objecto, que se me offereceu ao pensamento. Paguei-me logo d'isto, considerando que ainda não tinham sido materia de poema algum; porque o que temos em verso ácerca das estações, e até dos jardins, bem que falla de muitos vegetaes, não póde chamar-se poema ás plantas.

Depois do momento de alegria, que se segue a uma invenção aprazivel, as difficuldades me acanharam. Quanto mais attractivo era o assumpto, mais temia entranhar-me n'um labyrintho de arvores, de arbustos, de plantas terrestres e aquaticas. O enjôo, inseparavel do genero puramente descriptivo, furtou em breve aos olhos o feitiço dos episodios, e vi que o leitor pediria a quem o guiasse, o fim de um passeio afanoso. Devia pois, antes de tudo, estabelecer as relações com que releva olhar-se o mais amavel dos tres reinos da Natureza. O homem (disse comigo) é destinado a lavrar a terra, isto é, a cultivar as plantas; mas perdas reiteradas o fazem conhecer

que o suor não basta, e que a mesma experiencia pede instrucção. Mórmente na jardinagem, onde mais varía a cultura, é que se prova similhante verdade. Cumpre pois, em um poema como este, unir a theoria á practica, ou por outras palavras, ligar o estudo das plantas com o trabalho, que as tem por objecto. Reflecti egualmente que havia no anno quatro grandes epochas — primavera, estio, outono e inverno — pelas quaes a Natureza distribue diversas producções; e concluí que devia, imitando-a, dividir em quatro partes os estudos e lidas relativas a taes producções. D'est'arte se me presentaram o plano e divisão da obra.

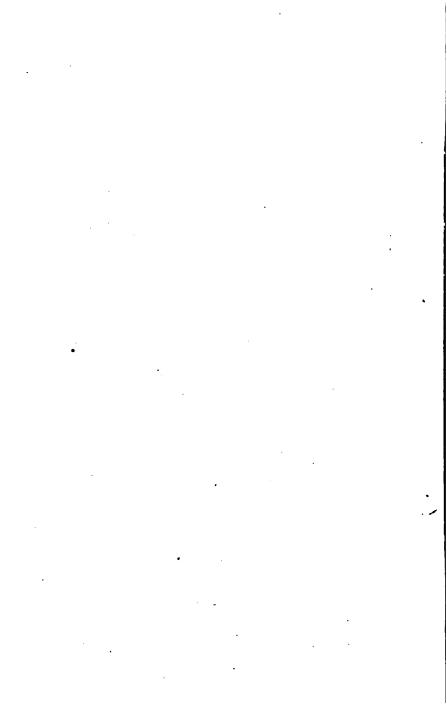
Depois de haver dado no principio do primeiro canto idéa do prestimo da botanica, e proposto modelos para a distribuição de um pomar, importava cuidar-se nos trabalhos da primavera. Deduziam-se d'aqui necessariamente o que exigem as plantas ainda tenras; a extirpação das hervas, que as incommodam; a perseguição dos insectos e dos animaes, que as estragam; como tambem os passeios estudiosos e campestres, chamados herborisações, e algumas vistas encantadoras, que nos offerece a Natureza.

Regarem-se, é um soccorro necessario aos hortos, e o principal trabalho entre os ardores do verão. Em nenhuma parte esta quadra assoalha suas riquezas com mais pompa que nas visinhanças do equador. Entre nós muitas plantas forasteiras, e quasi todas as aquaticas, esperam esta epocha para brilhar com todo o seu lustre, vestidas dos caracteres que distinguem generos e especies. Todos os vegetaes, grandemente aquecidos, sobem ao maior gráo nas suas virtudes, e a industria corre a apanhal-os para as precisões e delicias da sociedade.

O que especialmente qualifica o outono é a madureza dos grãos e dos fructos. Tem tambem suas plantações e seus vegetaes. A hortaliça patentêa então toda a fecundidade; então a terra se cobre de cogumelos, e as plantas marinhas, arrancadas dos abysmos pelas tormentas do equinocio, enriquecem as praias do oceano. Em breve a alteração da verdura annuncia o declinar do anno, varias especies de aves desertam de um clima onde o alimento começa a fallecer-lhes; os pomares despem seus derradeiros fructos, e pagam a divida da Natureza ao homem laborioso.

Em campo aberto quasi nos não occupa o inverno; a estufa é que requer a nossa presença, e nos indemnisa da esterilidade das hortas. Não digo que os nossos climas temperados

deixem de incluir muitos attractivos, principalmente em comparação com as terras polares, onde apenas vegetam raros e miseraveis espinhaes. A folha dos azevinhos, a verdura das giestas, os pinheiros orgulhosos e outros mil vegetaes, verdes, ou ainda em flôr, servem para alegrar então a Natureza tristonha; mas uma familia deve primariamente convidar nossos olhos e estudos; fallo dos musgos e lichenes. Debalde outra estação quereria revindical-os: elles são a alegria e quinhão do inverno.

Com estas idéas fiz o plano e quasi a analyse da minha obra. Travei n'ella os episodios, e outros atavios, a que suppuz apta a materia, persuadido de que o poeta deve pretender menos ensinar e profundar uma sciencia, que attraír a ella os olhos e fazel-a amar.

AS PLANTAS

POEMA

DE

RICARDO DE CASTEL

TRADUZIDO EM VERSO PORTUGUEZ

Laudo ruris amœni
Rivos, et musco circumlita saxa, nemusque.
HORAT. Epist x.

Canto os bosques, os rios, as montanhas,
E as pedras, que humedece, e forra o musgo.
(Do Traductor).

CANTO I

Campestres divindades, Pan, Sylvanos,
Náyades, Faunos, Dryades, Favonios,
Ou habiteis as rusticas florestas,
Ou de nossos jardins guardeis os bosques,
Seguir-vos quero: tutelares numes,
Iniciae-me nos mysterios vossos.
E tu, que um ocio grato aproveitando,
Dos sabios, dos heróes prazer tens sido,
Tu, que, lustrando a trémula verdura,
Dás formoso atavio a planta, e planta,
Sê minha deusa, oh Flora, e por meus versos
Dispõe boninas das que o mundo encantam.
Do Occaso á Aurora teu imperio corre,
Bordam teus dons as mauritanas margens,
Do pastor de Lapland attráes a vista,
Ornas as penhas de engraçado esmalte,
Té lá pégo as Dórides te devem

O mimoso tapiz dos vitreos lares;
Da flor no seio o nectar insinuas
De louro insecto, que organisa os favos;
Por ti, quando selecta essencia aprомptas,
Luz a ambrosía nos festins de Jove;
Pejas os cachos de aprazival succo,
É nutridora espiga um de teus mimos;
Dos prestimos do fructo a planta ignara,
Sem ti déra não mais que esteril sombra:
As aguas formoseâs, o ar, e a terra,
Teu sopro divinal perfuma o globo.
Riso da Natureza, iman dos olhos,
Desdobra ante elles a verdura amavel,
E como nos cristaes de um manso arroio
As flores tuas em meus versos pinta.
Quando, na infancia da estação mais bella,
As mornas virações derretem gelos,
Que olhos não folgam no verdor da relva,
Que se remóça, e do botão, que nasce?
Mas se attentarem que as tenrinhas plantas
Alçando-se, trarão comsigo em breve
O alimento, a saude, os gostos nossos,
Quem lhe ha de os fados ignorar ssm pena?
Quem não verá que seu estudo facil
E' proveito aos mortaes, e adorno á vida?
Mil vezes herva espessa affoga os trigos;
Logo porém no estio, arando a terra,
Sem jamais omittir dispendios, lida,
Na joeira o cultor limpou sementes.
Mas não conhece as plantas, cujo enxame
O terreno invadiu das novas messes,
E, exposto de anno em anno a seus insultos,
Perde tempo, e suor sem destruil-as.
Aos gados outras são veneno, e morte.
A novilha, ao volver da primavera,
Não póde entre os rocios, e entre as hervas
No olfato distinguir fallaz cicuta.
Morre, e a ignorancia em vão crimina a sorte:
Pastor menos inculto ao damno obstára.
E's dado a frequentar piscosas margens,
Amas a nassa, o junco, anzoes, e as linhas;
Flora aos prazeres teus o effeito abona.

De quantos vegetaes a força, o cheiro
Possante engodo ao pescador ministram!
Talinhos de herva-doce a rede inclua,
E do nardo fragrante inclua espigas;
Colhe a hortelã, que te recende ao longe,
E hão de c'o pezo arrebentar-te as malhas:
Flora te diz tambem do peixe a vinda;
Apenas o agrião no prado assoma,
Á porfia, transpondo a equorea estancia,
Aos pulos os salmões entram nos rios.
Ditoso quem trilhando a serra, o prado,
Aprendeu, vegetaes, a conhecer-vos!
Sabe que pasto agrada ao boi submisso,
E onde os rojantes peitos enche a cabra;
Os cordeiros brincões qual herva anime,
Qual ao ginete restitua o brio.
Quer que lustre vistoso as lãs enfeite?
Visinhos bosques lhe deparam côres:
Quer a peste abafar de um mal terrivel?
Antidotos em flôr lá tem nos valles.
Se da raivosa fome horrores lavram,
D'elles a duração não teme aos filhos:
Cuida em remil-os a sciencia logo,
E expulsa precisões, velando á porta:
Dá-lhe luz, patentea-lhe o regresso
Dos naturaes thesouros, não pensado:
Nos bosques tanto fructo, aos ramos preso,
Tanto occulto na terra. Espalha, ensina
Com que arte agrestes plantas substituem
A carencia fatal dos dons de Céres;
E como soube em pães mudar a industria
Dos trevos o botão, do pinho a casca.
Vê pela folha, pela flôr conhece
O designio dos sues, o das procellas,
E a monção das sementes, e a das ceifas.
Da sciencia mórmente as leis escuta
Tu, que tornas co'a enxada a terra docil,
E ordenas os jardins; mas não te enganes;
Entre os bosques sómente é que releva
Estudarem-se as leis da Natureza.
Ella atravez dos campos quer que a sigam,
Quer que trepem com ella aos altos cumes,

Que busquem sitios onde crescem, brilham
Vegetaes, que plantou c'a mão prestante.
Sem interprete ali fallando aos olhos,
Gosta de expôr incognitos portentos.
 Plantas, que Tauro cria, e cria Atlante,
Desejas cultivar? Colhe no estudo
Qual o caracter é do chão, do clima
Em que usam de medrar; que ventos amam,
Debaixo de que estrella emfim descobrem
Do seio os mimos: só então, sustendo
De uma flôr peregrina o molle tronco,
Fazes que a patria no teu campo encontre.
 Mas anteponho a tudo amigas plantas,
Que a intempérie affrontando ao longo inverno,
Me habitam, por querer, no chão da patria.
Se as voltas explorar vou d'um rochedo,
Acho, ao subir, favor na verde rama;
Se vastos campos corro, as flores suas
Seguem meus passos, e detém meus olhos.
Seus ramos complacentes, á porfia,
Se curvam para mim do fructo ao pezo:
Vivo dos fructos, e meus males fogem
D'ante as virtudes que possue o tronco.
Vamos nossos jardins ornar co'as plantas,
E ao lavor nos presida o deus do gosto.
 Dous ufanos rivaes a terra partem;
Um, das regras fiscal, nascido em França,
Entre as artes caminha, envolto em pompas.
Ornam-lhe a fronte mil festões, e as quadras,
Filhas da Natureza, o cinto lhe ornam
De ramalhetes mil. Angulos fórma
O til, e assombra além tapiz viçoso,
Leito das nymphas. Indios castanheiros,
Aqui, tecendo abobadas, nos vedam
A presença dos céos. Cada passeio,
Abrindo-se, presenta á nossa vista.
De Marte os filhos, ou da Grecia os numes.
No chão crava Neptuno o azul tridente,
E ginete feroz do chão rebenta;
Enéas, dos leões trajando a pelle,
Os deuses de Ilion, e Anchises leva,
Pela sinistra mão tendo o filhinho,

Que de medo se volve, e o segue a custo.
Por não vistos canaes guiada, oppressa,
A nivel dos palacios a agua sóbe;
Rios de bronze, derramando as urnas,
Como que nutrem as saltantes ondas.
O outro, cedendo a pompa, e luxo ás artes,
Do genio as digressões mais livre segue.
Em ti se apraz ha muito, ilha famosa,
Que separam de nós soberbos mares,
Mas que duros caprichos obstinados
Inda separam mais, por mal do mundo.
Pastorinha gentil, vagando á toa,
Dos passeios traçou-lhe a curvidade.
Arvores, em festões, em martinetes,
A modo que por si lá se ordenaram,
E, sem medo á tesoura, estendem, lançam,
A seu prazer, as voluntarias sombras.
Lindas cordeiras, de alvejantes vellos,
Retouçam pelo monte, as hervas tózam.
Nos ingentes pinhaes, do norte filhos,
Pan, dos cumes do cerro, as guarda, as véla.
A herdade ostenta aqui campestres graças;
O aceio n'ella mora, e n'ella ha sempre
A nata, o requeijão, presentes de Io;
O junco ali se entrança, o queijo espreme.
Confusos parreiraes além verdejam;
Brómio risonho, em marmore de Paros,
Se apraz em seus doceis, co'a mão no thyrso.
Ora corre, e murmura occulta a limpha,
Um lustroso canal ora apresenta;
E, alongando cristaes por margens de ouro,
Como que off'rece á nympha solitaria
De puro banho a saluctar frescura.
O misero Acteon das aguas perto,
Por vingadoras pontas assombrado,
Diz a todo o imprudente: «Acata o pejo!»
Taes são d'estes jardins as leis diversas:
Mas tu, como Catão, prefere a isto,
Prefere a geira, cujas simples graças
Dão mais proveito do que exigem custo.
Ao nascer da manhã comece a lida:
Semêa: sem semente nada é bello.

Prepara, pois, a terra, e mão robusta
Ajude-se do pé, lhe encrave o ferro:
Quando ouvires monótono gorgeio
De ave odiada do hymeneu, que offende,
Se a chuva por tres noutes fôr perenne,
Diz-se que em dias tres surgem sementes.
Vedado a Bóreas um canteiro elege,
Que sempre do zenith os sóes aclarem.
Debaixo de torrões, das flôres berço,
Fecha vapores de fumantes palhas.
Cedo, a semente ali desenvolvida,
Julga, pelo calor, o inverno estio,
E sem susto confia aos meigos lumes
Seu debil tronco, seus botões nascentes;
Mas n'ella tu vigia. Apenas vires
Que a noute pelo céo vem negrejando,
Abrigo de cristal, e colmo espesso
Dar-lhe convem nos duvidosos mezes.
Raro não é que subitas geadas
Vibrem golpe mortal de noute ás plantas.
Áquilo furioso zune, atroa,
Nos tectos, saltinhando, a pedra soa.
Dos antros boreaes como que escapa,
E a nós de gelos volve armado o inverno.
Prógne estremece então, voltêa os lares,
Abre vãmente o bico, insectos caça;
Mas o frio os detém na estancia immoveis.
Desfallecida cáe; Zéphyro accusa,
Que, chamando-a com halito enganoso,
A vinda lhe apressou, e urdiu seus males.
Sem ti, cultor sagaz, de Flora alumnos
Recemnascidos, caíriam todos,
E dos campos da vida exterminados,
Iriam povoar da morte os campos.
Entretanto do sol fervor disperso,
E o, que a nuvem goteja, humor fecundo,
Nutrindo as flôres, de caminho alteam
A herva, que as offusca, e vive d'ellas,
Eis o fado commum. Da inveja os ramos
Co'a negrejante sombra o genio abafam,
E a miudo o prazer, flôr dôce ao homem,
Se murcha no trabalho, á dôr succumbe.

Assim chusma odiosa em teus canteiros,
Mordaz ortiga, ethusa peçonhenta,
Herva, que de Mercurio inda se chama,
O marroio, e mórmente as que, indomaveis,
Ama o sabujo, porém Flora odêa,
Brotam, co'a triste sombra vexam tudo,
E quantas se destroem nos longos dias,
Renovam-se de noute em hora fresca.
Mas d'estes vegetaes o augmento facil
Tambem aproveitar-se ás vezes póde.
Dêem-se a Vulcano. A flamma ainda occulta
O já secco montão corre estalando.
Vê-se aos ares subir um denso fumo;
O lume ondêa emfim, caíndo as hervas,
E entre as cinzas deixando um sal, que esforça
A languidez da preguiçosa terra.
Nada falta aos jardins, de aceio, ou pompa,
Cada planta cumpriu sua promessa.
Vôa-lhe ao seio a murmurante abelha,
Borboleta louçã faz dôces fructos,
Vae, torna á flôr, ao ar: vaguêa incerta,
E com seu leve adejo adorna a scena.
Por aqui, por ali flóreos theatros
As belgicas cidades alegravam.
Lá de um, lá d'outro objecto a vista presa,
Da escolha exp'rimentava o grato enleio;
Ia indecisa do carmim ao ouro,
Do azul ao branco, do violete ao róseo.
Tal, ante as deusas, duvidoso, oh Paris,
Tinhas nas graças enleado o voto:
Quasi entregando o pomo a Juno, a Pallas,
Venus olhavas, e co'a mão fugias:
Mutuamente as rivaes se deslumbravam.
Porém já de inimigos turba infesta
Invadindo os jardins, devóra a um tempo
As hasteas, a raiz, a casca, o cerne.
Seu mal o arbusto saneando, apenas
Coberto o golpe tem de fibra nova,
Quando, na cicatriz encarniçados,
A têa renascente elles desfazem.
Tal de abutre cruel no curvo bico
Renascem para a dôr de Ticio os membros:

No sangue, que se exhaure, e se renova,
Ceva-se dia, e noute algoz eterno;
Gira-lhe o peito, o coração lhe rasga,
Que vive sem cessar, sem cessar morre.
  Não imagines que meus versos digam
Redes, ciladas, e os engodos varios
Com que destroe o ardil a infensa praga;
As aves melhor que elle hão de escudar-te.
Vê nas florestas voltear, cantando,
O pisco avermelhado, a tutinegra,
Milheiras, verdelhões, e melharucos:
Os damninhos espreitam, e os perseguem;
D'elles afferram, e á contigua planta
Vão seus filhinhos alentar com elles.
Triste a toupeira subterranea, tristes
Outros vis animaes, se torre antiga
Ergue as amêas sobre as terras tuas!
Alados caçadores, negros corvos,
Grasnando, se arremessam do alto asylo,
E d'essa vexação teus campos livram.
  Amem-se as aves, pois: os frescos valles,
O móbil, verde trigo, a rir nos sulcos,
Remansos, grutas, prestariam menos
Sem os brincos, e a musica das aves.
São guarda dos jardins. Formoso arbusto
Fica mais bello, se lhe abriga os ninhos.
A mercenaria mão quanto aborreço,
Que ás miserandas mães a próle arranca!
Ah! Deixem-se emplumar nas selvas nossas,
Consinta-se que animem valles, montes.
Porque as prendemos? Na prisão não póde
Dar-se-lhe o bosque onde trinar lhe é dôce;
Nem a planicie aérea, ou mouta amiga,
Que seus prazeres, seus amores sabem.
  Aves acordam no modesto abrigo
Das plantas o amador; sáe da cidade,
E vae por entre as matutinas flôres
Admirar o jardim da natureza.
Que encanto! Que esplendor! Por toda a parte
Lhe off'rece a terra graciosos quadros.
Ouro da primavera esmalta os cerros;
Narciso inda se inclina, e vê nas aguas;

Como a virtude no retiro humilde
Tráe as violetas seu gentil perfume.
Nas sombrias florestas entra o sabio;
Das rochas escarpadas sóbe ao pico
Para indagar os vegetaes sadios,
Que á pesquiza vulgar Vertumno esconde;
E acolhe-se, já noute, aos lares doctos,
Co'a rica preza carregado, alegre..
Ás vezes de meninos docil turba
Por meio o segue dos lavrados campos;
Aos montes circumstantes chegam, trepam;
Esquadrinham-se as mattas uma, e uma.
Se algum canto recata ignota planta,
Levam-n'a logo ao sabio: elle a noméa
A' multidão pasmada, e faz que observe
Figura, e graças, e caracter d'ella,
Que mez encanta, que logar matiza.
Segui, meninos, tão suave estudo:
Flora seus dons vos cede ás mãos mimosas,
Mas poupae sempre os botõezinhos tenros.
O seu quinhão deixae da selva aos deuses,
Amantes, como vós, de agrestes plantas.
É fama que ao luar se tem já visto
Danças n'um valle urdir Faunos, e Nymphas,
E a trança engrinaldar. São estes numes,
Cuja occulta, benigna providencia
Conserva os montes, e repara os bosques;
São elles, que em campestres, ledos jogos
Animam com seus sons penedos, faias,
E os eccos formam, resoar fazendo
De colina em colina as vozes nossas.
Tambem da Natureza eu namorado
Buscava, imberbe ainda, ermos, e sombras.
Raramente Versailles me attraía,
Nos bosques de Senars dias levava,
De Avron as leivas discorria, e foram
Fontainebleau, Compiegne os meus Elysios.
Céos! com que regosijo em teus passeios
Vi, Meudon, a abelhinha portentosa,
Insecto vegetal, de flor alada,
Que parece voar, fugir do tronco!
Venha uma planta egual, cruzando os mares,

Venha de Amboino, ou de Ceilão remotos;
Ha de em todo o logar maravilhar-nos.
A riqueza porém de nossos bosques
Se ignora, e chama em vão quem a avalie,
Invade o caçador a estancia augusta,
E ecco ali só repete os sons da morte,
Ou golpe, e golpe do ávido matteiro.
  Vem, feitiço dos valles, branda Elisa,
Que de Amor, e Minerva os dons possues,
Com teu esposo vem. Já no oriente
Alegra, tinge os céos manhã de rosas,
E o sol em breve, de rubis c'roado,
Verás á porta dos palacios de ouro.
Segue o trilho orvalhoso, aqui por onde
Zéphyro entende co'a folhinha incerta,
E fragrancias lhe rouba, eguaes ás preces
Que essa bocca innocente aos céos envia.
Junto á vereda, que rodea o combro,
Ante a pereira em flôr, vês pobre choça?
O dono, esse bom velho, hontem seguindo
Seu cabritinho, que fugia aos saltos,
Caíu, feriu-se n'um penedo. Ah! Vamos
Buscar algum remedio a seu tormento.
Vê como nos ajuda o teu filhinho;
Nas melindrosas mãos lá vem trazer-te
Simplices, gratos de Epidauro ao nume;
Solda real, centaurea. Ao velho afflicto
Demos de amiga face o refrigerio.
Ai! Se a dôr, que padece, eu padecera,
Que dôce, que efficaz me fôra olhar-te!
Delicias como as nossas não conhece
Homem, que da molleza está nos braços.
Em vez de a seus irmãos sarar os males,
Misérrimo entre os miseros é sempre.
Filho da saciedade, o triste enjôo
Seus mais dôces prazeres tolda, empesta.
Flôres n'um prado, e n'outro em vão revivem,
Ceres debalde os sulcos enriquece,
Entre seus cortezãos Lyêo campea,
O inverno aos olhos dá severos quadros:
Nunca taes scenas admirou o inutil,
Scenas da Natureza: é como aquelle

A quem barbara mão cegou no berço,
E cuja umbrosa vida é somno eterno.
Crescendo, dobra o lustre a Natureza;
Vigor celeste a mocidade anima.
Tudo fermenta, existe. Olha o carvalho:
Lá formosêa o chão co'as tardas sombras.
Vem á terra sedenta humidos ares,
E a frescura do céo na terra induzem.
Em torrentes o succo inunda os gomos,
Perfuma o valle, aromatisa o bosque,
Recrêa-me os sentidos, e parece
Que as origens da vida em mim renova.
As aves nos seus ninhos cuidam todas;
Colhem crinas, que despe o marcio bruto,
Leves guedelhas, que o picante espinho
A' mansa ovelha na passagem rouba.
Seus mil requebros exprimir quem póde,
Transportes, brincos, e negaças brandas?
Vê o ardente pardal, se o punge Venus,
Como treme, e esvoaça em torno á femea;
Parece redobrar o ardor na posse:
Mil vezes morre em gostos, mil renasce.
De novo myrto Amor já cinge a fronte,
Do mundo vegetal fez a conquista:
Exceptua os ciumes, e outros males,
Verás que as flôres, como nós, se inflammam.
Oh tu, que em Paphos, em Cythéra incensam,
(Que digo? O templo d'elle é toda a terra)
Gran deus! Co'um volver de olhos tu me alenta;
Ergue meus versos; vou cantar-te a gloria.
Em azues pavilhões, purpureos, verdes
A pompa nupcial dispoz Cyprina.
As plantas, que só Zephyro abalava,
N'outros meneios seus desejos pintam.
Abrem, riem-se, inclinam-se, e confundem
Os fogos, as paixões, que amor lhe inspira.
Se o dia se marêa, o céo de nuvens
Damnos lhe agoura, de repente o calix
O ramo, a folha, unanimes se agitam,
Para esquivar-se da procella instante.
Cerrados pavilhões os golpes frustram,
E a mais suave tempo amor trasladam.

Cada especie tem leis; guarda uma estancia
Ás vezes par a par o amante, e a amada:
Em diff'rentes estancias habitando,
Longe um do leito do outro ás vezes vive.
Tal sobre os prados o salgueiro off'rece
Sexo diverso nos floridos troncos.
Quando para o Carneiro o Sol tornando,
No coche Amor conduz, e a Primavera,
O macho faz voar por entre os campos
Substancia fecundante á verde socia;
Um lado de permeio embora esteja:
Elles (mercê de Zephyro) se gosam.
O Rhódano entre as ondas escumantes
Por dez luas nos furta aos olhos planta
Que na estação de amor desmanda o tronco,
A flôr das aguas sóbe, e luz nos ares.
Os machos, atéli no fundo immoveis,
Rompem seus debeis nós, seus laços curtos;
Com livre, afouto ardor ás femeas nadam,
Gran séquito lhes formam sobre o rio:
Festa se ant'olha, que Hymenêo risonho
Pelas ondas azues guia, assoalha.
Mas tanto que de Venus finda o prazo,
O tronco se retira, encolhe e torna
Semente a amadurar no centro d'agua.
Juncto aos pólos glaciaes, nos fins do mundo,
Onde rapido inverno o estio absorve,
E em vão deseja sasonar-se o fructo,
Derroga Natureza as leis constantes,
Faz do calix saír vivente planta,
Que se une á terra, e, de vigor provída,
Brevemente da mãe a altura eguala.
A noute, amiga do prazer mais dôce,
Presta aos suspiros tutelares sombras:
Lá entre os vegetaes o rei das luzes
Aos mysterios de amor é quem preside.
Mal que ás portas do céo velando as Horas
No carro as guias de ouro ao Sol commettem,
E o primeiro fulgor, que d'elle escapa,
Guarnece no horisonte os agros cumes,
Dos subditos de Flora a maior parte,
Cortejando louçãos a etherea deusa,

Celebram hymeneus por entre os vivas
Das aves encantadas. Outras flôres
As horas querem antes em que a terra
Das humidas manhãs o orvalho exhala;
Mas cada qual de noute o rosto véla,
E em ponto certo se retira, e dorme.
Se algumas flôres de estrangeira origem
Evitam entre nós diurnos lumes,
Quaes as bellezas, que na côrte imperam,
Velando as noutes, e dormindo os dias,
E' que lá, d'onde ao seio as trouxe Europa,
Nasce a luz quando cá se espalham trevas;
E' que, segundo as leis da patria sua,
Se abrem, sem ter diff'rença em mez, e em hora.
Taes, não longe de um lenho aberto de ondas,
Miseros nautas, evadindo a morte,
Reliquias ajuntando em ilha ignota,
Os costumes da patria ali transplantam,
E, mantendo-lhe as leis n'outro hemispherio,
Seu infortunio, seu desterro adoçam.
Porém que nova scena! Um leve insecto
Agil nuncio das flôres eis se torna.
Desviados no campo esposo, esposa,
Terreno, que os desune, andar não podem?
A abelha, volteando a elle, a ella,
Do reciproco amor conduz penhores.
O homem tambem lhe presta industria fertil.
Onde arde o clima, e florecente a palma
Mostra inclinada que ao amante acena,
O africano ao palmeiro um thyrso arranca,
Sacode-o sobre a femea, e vae no outono
Colher d'esta união não raros fructos.
Mas ao seu quadro amor me prende ha muito,
E inda tres estações pinceis me pedem.

CANTO II

O astro pomposo, cuja luz fecunda
Presta aos dous mundos o calor, e a vida,
Transpoz dos Gêmeos o brilhante signo,
E no cume do céo reluz, triumpha.
Trajando as estações diversas galas,
Sentadas sobre nuvens o rodeam.
Por mão d'ellas verdura entorna, e flôres,
De Céres a riqueza, os dons de Baccho,
Rouca tormenta, que liquide os ares,
E que, apurando-os, fertilize a terra.
Eis, volvendo ao Verão benigna face,
«Vem, sóbe ao carro meu (diz) sóbe, oh filho;
Na gloria minha, em meu poder tem parte;
Quero illustrar comtigo a Natureza.
Eia, destapa os montes, erriçados
De altas geadas, que meu raio affrontam;
Faze rolar nos hyperbóreos mares
Montão medonho de azulados gelos;
Ondas, do norte ao equador pulsadas,
Das correntes, e fluxo auctor te acclamem.
Aguas povôa, e ar; manda de insectos
Sobre as lagôas adejar negrumes,
Manda enxames zunir d'entre as hervinhas,
Seus tenues habitantes dando ás flôres.
Por ti fulvo metal na terra brilhe,
Accenda-se o rubi nos teus luzeiros;
Inda mais uteis dons confere ao homem,
Verdejantes espigas enlourece,
Os trigos doura, que apiedada Ceres
Lhe deu para ajudar-lhe o pezo á vida.
Diz, e dos fados seus o Estio ufano,
Executa de Phebo as leis supremas.
Espraia seu fervor no céo, na terra,
Rio é de fogo, e se insinua, e corre.
Não lhes empece, aos campos aproveita,
Que a Natureza em paz vestiu de plantas,
Onde a relva confusa, o musgo, o feto
Tapam de espessos véos a terrea face,

E o que á fecundidade é prestadío
Só deixam n'ella entrar de estivos lumes;
Nos logares, porém, onde a arte impéra,
De Flora nos jardins, nos teus, Favonio,
Pela calma esgotado, o sulco em breve
Das flôres suas vê murchar-se a gloria,
Se vida o regador não restitue
A' prostrada verdura, em claras ondas.
Nymphas, que ás fontes presidis, e aos rios,
Vossos puros cristaes prestar-nos vinde.
Feliz quem nos seus campos vê surdindo
Vitrea nascente de humido penedo!
Ribeiras luzem mais, porém mil vezes
Risco attesta o pomar de o visinharem.
A terra não se apraz de ser banhada
Se, pisando-a, simelha os sons do bronze,
Se o meio-dia accezo a tez lhe torra.
Corre agua, que lhe dás, em vão por ella;
Desespéra inda mais sedes, que a mirram,
Nos ares se evapora, e vae-se em fumo.
Assim de Yemen o incenso, em dias faustos,
Mal toca o lume, que na pyra escala,
Subito ardendo, subito exhalado,
Aos deuses vôa na cheirosa nuvem.
Quando a Titonia moça enfeitam, cobrem
Docel de rosas, de jasmins grinalda,
Inda mais quando, oh Venus, o teu astro
Converte em mansa noute o dia inquieto,
E' que a terra, da calma respirando,
O regador chuvoso anhela, e chama.
Depois de estivas, ensuadas horas
N'haste pendente desfallece a planta;
Mas se a frescura lhe penetra o seio,
Logo se animam seus vencidos orgãos,
E reverdece logo, e bella, e branda,
Por entre virações altêa a fronte.
As aguas alegraram planta, e planta:
Todas em largo sorvo as têm gostado.
Em quanto do seu giro o sol no termo
Ás sombras inda oppõe de luz um resto,
Tu visita de novo as tribus verdes,
Recolhe cá, e lá seus mil perfumes,

Vê n'um, n'outro logar luzir-lhe a folha,
E a imagem da ventura em toda a parte.
Os botões ámanhã do cravo e rosa
Te deixarão prevêr seus attractivos;
A cereja, o damasco hão de pagar-te
Desvelos, que exerceste em cultival-os,
E serão teus jardins no estio ardente,
Quaes os logares, do equador visinhos,
Onde sempre escaldada a terra, e fertil,
Delicias nutre ao mundo, e não se estanca.
  Lá nos polidos campos, lá nos bosques
Seus dons ostenta mais soberba Flora.
Monstruoso arvoredo assombra a terra,
E os tempos, os tufões como que insulta.
O Seiba, erguido ali qual torre immensa,
Abarca geiras cem co'a vasta rama.
Seus braços, ás florestas sobranceiros.
Outras florestas são, pelo ar suspensas.
Oh quantas gerações se têm sumido,
Que imperios d'ante os olhos têm voado,
Desde que este gigante aos céos levanta
A fronte, que de seculos blasona!
  Mil vegetaes, ao sol não menos caros,
São de rara virtude ali munidos.
Deleitoso café, o engenho espertas,
Valem teus succos a Perméssia lympha.
Antidoto celeste ali roxêa
Quando a febre assanhada o pulso inflamma;
Trepadora baunilha ali me alegra,
E a siliqua fragrante une aos arbustos.
Ufano olha Ceilão seus bellos bosques,
Das Molucas a noz festins perfuma.
  Certa planta (oh prodigio!) a seus encantos
Liga os melindres do virgineo pejo.
Se com dedo indiscreto ousas tocal-a,
Quer esconder-se a pudibunda folha,
E ás mesmas leis fiel, o mobil ramo
Se inclina para o tronco, e cinge a elle.
  Admiro as redes, que, ao mosquito infensas,
Arachne dependura em torno aos tectos;
Mas do insecto ardiloso o tenue fio
Excedem muito da Diónea as artes.

A folha entre lagôas embuscada,
Recata n'um mel puro aguda ponta,
E de mola infiel se arma, se ajuda.
Mal que a menêa famulenta mosca,
A folha encolhe, e o temerario insecto
Eis traspassado, e susurrando, expira.
De uma flôr tão cruel se arrede a vista
Lustra amaryllis; o jasmim branqueja,
Festões se alongam em redor da agathis.
Purpurêa os botões gentil congorça.
De verde tamarindo á fresca sombra
Quanto fólgo de olhar paizagem rica,
Onde em seus ramos o nopal sustenta
Da purpura de Tyro o triste herdeiro;
Onde instaveis cipós das rochas pendem;
Onde a romã brilhante arêas cobre,
Onde... não posso numeral-os todos.
Risonhas flôres, delicados fructos,
Porque me recordaes a historia amarga
De extinctos povos cento a ferro, e fogo!
Patrono de crueis conquistadores,
Devêra o Fado abrir-lhe os campos vossos?
Ilha remota se demande, oh Musas,
Vedada pelos céos á crua Europa.
Exponde aos olhos meus ditoso valle,
Tégora dos mortaes não profanado.
Vós me ouvis. Eis magnifico arvoredo
Desparze em torno a mim fragrantes sombras.
De uma fonte commum, quaes vem dous gêmeos,
A prado ameno dous arroios descem.
Suspira sobre o myrto a bengalinha;
Por entre as palmas, que Favonio róça,
Rubros loris, e os verdes papagaios,
Abrigados do sol, nas folhas saltam.
Nuvem de araras magestosa brilha,
Pousa nos ramos, e a floresta occupa.
Já nas palmeiras seu revolto bico
Abre os fructos, que forra hirsuta casca;
Já mimoso ananaz, que sáe das hervas,
Os aéreos convivas junta em roda.
Innumeraveis ninhos entre as flôres
Um ar vivificante ali respiram;

A rija tartaruga a passos lentos
Ali junto do mar seu pezo arrasta,
Quando as aves, que amima o deus das ondas,
Os ermos deixam do Oceano immenso,
E as ruivas praias costeando, aos gritos,
Em tropel, quasi noute, as selvas buscam.
Ao ridente logar não póde a Noute
Do dia o resplendor furtar co'as sombras.
Tanto que desce, numerosas plantas
Se accendem todas, e nas trévas luzem.
De insectos mil, e mil radiante chusma
Nos aureos laranjaes lustrando brinca.
Relampagos lhe espirram d'entre as azas,
E lá scintilla cada folha ao longe.
Cessa o recreio, a escuridade reina:
Eis prazenteiro enxame a luz innóva,
E adeja, e vôa, e folga no ar, que doura.
Mas sombras taes, que a Natureza inflamma,
Montanhas do Perú, planicies d'Asia,
Mal podem, França, equivaler-te ao clima.
Vences o Egypto, onde tres vezes no anno
Se c'roa a terra de opulentas messes;
De Mavorte a cidade, aos reis terrivel,
Nos tempos de ouro te invejára o lustre.
Pastora, junto ao Sena reclinada,
Jámais temeu do crocodilo assaltos;
Incauto caçador nunca em teus bosques
Pallido recuou, da serpe á vista,
Que, d'entre o matto, qual palmeira enorme,
Abre, surgindo, as matadoras fauces.
Gados soberbos em teus valles bramam,
Orna-te os cerros pâmpano afamado;
Corre teu puro azeite em rios de ouro;
Ceres te abasta os próvidos celeiros.
Junge Marte a seu carro os teus ginetes,
E Nerêo de teu raio ao longe treme.
Que monumentos de grandeza extranha!
Olha: é Bossuet, que assoma, e que troveja,
E' Descartes, que ao mundo illustra o cáhos;
E' Corneille, Pascal, Boileau, Racine;
Este das leis oraculos decifra,
Outro da Natureza expõe milagres;

E tu, tambem, que os titulos sagrados
Restituiste ao mundo em letras de ouro.
Eis, eis Martel, que na remota edade
A furia rebateu do mouro infesto!
Carlos, que, de reis cento amparo, ou jugo,
Viu a terra, a tremer, calar-se ante elle;
Os Bayards, os Guesclins, da guerra numes,
E cá mais perto Catinat, Turenna.
Oh pae da Natureza! Oh grande! Oh justo!
Este imperio protege, onde ordem nova
Com teu favor divino, á sombra tua,
O templo social refórça, estêa.
Manda que a paz celeste, e que as virtudes
Em luminoso grupo aqui descendam,
E a amisade, esse bem, por ti creado,
Para se consolar, e ornar-se o mundo.
Dos magistrados esclarece a mente,
A' ventura geral seus passos guia;
De novos Linos as vigilias honra,
Maravilhas de um Deus confia ao sabio;
Amavel pejo na donzella influe,
No rosto a graça, e candidez lhe apura;
Fórme, unida ao consorte a casta esposa,
De seus filhinhos seu primeiro enfeite;
Eterniza das leis o amor sagrado,
D'ellas escudo, consistencia d'ellas,
E o sol, reflexo teu, jámais aviste
Grandeza, que deslumbre a patria minha.
Entremos outra vez nos altos bosques;
Debaixo de ar accezo o chão se gréta.
Sós as florestas nos off'recem risos,
Sós nos off'recem a frescura, e graças.
Ao pé da estancadeira, ao pé da esteva
O abrótano levanta azues espigas,
Eis junto ao pinho a teucria resinosa;
O trovisco a familia aqui desparze,
Ali brilha o botão do cravo agreste;
Rubro medronho as hervas embalsama.
E' de fausta cidade a selva emblema,
Cada especie concorre ao bem de todas.
O forte ajuda o fraco; este atavia
Em anno, e anno o bemfeitor co'as flôres;

Como guarda fiel, o agudo espinho
Pósta-se aqui, e ali, rechaça os gados
Com seus mordazes bicos; e apadrinha
As arvores nascentes. Mil renovos,
Moço, e fertil enxame, além presentam
Dos tenros fructos a colheita facil.
Girem mais alguns sóes; verás aos bosques
Ir de uma, e d'outra aldêa a destro povo,
O pastor despegar do leve ramo
A noz, que esmaga, e que á pastora off'rece.
Alçam em tanto ao céo carvalhos, olmos,
O bordo, o freixo, as arrogantes cópas:
Dos raios o furor provaram muitos,
Os outros, alargando annosas sombras,
Glorioso reinado illesos findam,
E attestam protecção de amigos deuses.
Longe dos seus rivaes, lá sobre os troncos
O corvo, em solidão, vae aninhar-se.
Mas numerar quem póde os varios entes,
Que erram nas folhas, e que o lenho inclue?
Desde o hypo, que lhe jaz aos pés lançado,
Té ao ramo entre as nuvens escondido,
Vivem átomos mil em cada fenda;
Um povo em cada nó se cria, e ferve.
Nasceram co'a manhã, terão á noute
Da ephemérica vida extincto o prazo.
As mesmas selvas para nós derramam
O fluido vital, alma do mundo:
Prestantes, vigorosas fibras suas
O mais profundo chão tambem penetram;
Sorvem a agua invisivel, e em vapores
Sãos, fecundantes, do escondrijo a elevam;
Dão vitreo cabedal do monte ás nymphas,
Que refrigere, que humedeça os campos.
Mostrae-me, oh rios, descobri-me, oh lagos,
Vossos bellos thesouros verdejantes.
Quem vos tocára as humidas madeixas,
Do timido germano usado abrigo!
Quem vira as plantas, que alentaes no seio!
Quem o jardim das escamosas turbas!
Paremos juncto á florida collina,
Donde o Marna se vê regando os prados.

Lá salgueiros sem conto ao rio inclinam,
Ou endereçam para o pólo a rama.
Insecto singular nas folhas mora,
E exhala sobre a margem róseo cheiro.
Os golphões sobre as ondas aplanadas
Formam d'aquem, d'além, tapiz soberbo;
O purpureo litronio, o morto cardo,
Dão lindo enfeite á solitaria margem;
No proximo espinheiro as campainhas
Entrelaçando a flôr, que a neve abate,
Cobrindo de festões seus intervallos,
Das graças vegetaes o nó parecem.
  Ás vezes me extravio, e desde a aurora,
Distante do logar, vagueio incerto.
Eis entre serras me apparece um lago,
De que este, e aquelle extremo as nevoas toldam.
Mas tanto que as penetra o sol fervente,
Dos cumes atravez as vejo alçar-se;
A agua logo reluz, e a sombra ao longo
Das vastas selvas, qual espectro, foge.
Em todo o seu primor ólho o thesouro,
Que ao sitio deram circumstantes numes.
Rochas amontoadas juncto ás ondas
Mostram-me arbustos entre as longas fendas;
Por baixo está brilhando o verde musgo,
E a seda eguala, tão suave ao tacto.
No lago o crespo abrolho, entre aguas duas,
Estende a fluctuante, a hirta casca.
Se de Eolo algum filho, ali cruzando,
De erguer as ondas folga, rolam fructos,
Pelas vagas, e o vento arrebatados,
E vem perto de mim caír na margem.
  Atys assim das arvores á sombra
Ia estudar-te as leis, oh Natureza.
Tempo viçoso, que se perde, e chora,
Lucrava, ornando no retiro a mente.
Só vinte primaveras tinha o moço,
E do contorno as plantas já sabia.
Nem cerro esconso, nem trementes lagos
A' sofrega pesquiza lh'as vedaram;
Attento as indagava; em seus costumes,
Seguindo-lhe os progressos, se instruia,

E quando a viração lhes abre o seio,
Ia colhel-as no virente asylo;
Em dobrado papel a flôr lançava,
Mantendo-lhe d'est'arte a côr, e a fórma.
Eis seu prazer. Lucila, os seus amores,
D'este mesmo prazer participava.
Das filhas do alto Olympo as graças tinha,
Tinha a bondade, mais celeste ainda.
Lá nos valles de Emilio os dous moravam;
Sabia-se este amor: sua alma ingenua
Occultar não podia ardor tão puro,
E a tão puras delicias não bastava.
Danças, e jogos annuaes na aldêa
De Lucila o natal annunciavam:
Realçando o festejo, emfim se ajusta
Ir celebral-o no interior de um bosque.
É, para dispôr tudo, eleito o amante:
Parte, e com que fervor! Quem ama o julgue.
Oh! Que projectos a paixão lhe inspira!
Oh quanto diminue, augmenta, e muda!
Deviam-se ajuntar n'um fresco sitio,
Onde entre sombra, e luz fallece o dia.
Onde Zephyro assiste, as plantas folgam,
Brilha o sol no zenith, ou no horisonte.
As arvores emtorno se arredondam,
Une-as prisão de amor, prisão de flôres.
Fórma thronos de relva a mão do amante;
Aqui da linda moça imprime o nome;
Versos do coração, mimosos versos,
No tronco de uma faia, além commovem.
A obra se ultimou conforme ao gosto:
Atys gosa o porvir, já vê na mente
Pela estancia de Flora entrar Lucila;
Vê pudico rubor tingir-lhe a face
Ante o campestre, não previsto adorno,
Onde as artes de amor Amor conhece.
Emtanto do hemispherio o sol fugira;
Enluta-se a floresta, o som do raio,
Que urrava ha muito nas remotas serras,
Em pezadas carrancas se aproxima.
«Adeus, ditoso bosque, asylo amado;
Em teu seio ámanhã terás Lucila.

Amor, por lhe aprazer, de ti desvie
Os bravos furacões devastadores;
E nada triste aqui lhe afflija os olhos.»
Assim fallava o misero, eis que o raio,
Da nuvem rebentando, o colhe, o mata.
  Renasce o dia destinado a prantos,
Sem que assalte os ouvidos nova infausta.
Risonhas aldeãs cem teigas enchem
De brandos lacticinios saborosos,
E da purpurea ginja, e dons de Céres.
Solta madeixa lhe engrinaldam rosas,
E em triumpho Lucila ao templo guiam
De verdura, e de amor... Mal sabe a triste
A que horrendo espectaculo a conduzem!
Chegam, cantando, ao bosque. Entra Lucila;
Entra, e vê no pavor de áridas sombras
Inanimado, em pé, sem côr o amante,
Sustendo-se n'um tronco, extincto quasi.
«E' elle! E' elle! Oh céos!» exclama, e vôa
Com face côr da morte ao malfadado;
Acodem-lhe, e, carpindo, as companheiras
Desejam mitigar-lhe as ancias mudas;
Seu rosto sem vigor ao seio encostam,
E a levam fria, e semimorta aos lares.
  Oito luas entregue a viram sempre
A' desesperação, sempre á saudade.
Cerrado ao mais, té surdo á natureza,
Seu coração mantinha o golpe occulto.
Plantas, que tanto amou, não resistiram
Ao duro inverno: pereceram todas.
Como as flôres tambem murchando a triste,
No sepulchro immatura ía abysmar-se.
Eis menino gentil, que nos suspiros
Explica o mal da mãe prostrada, enferma,
Hervas implora, cujo amargo a livre
Da pertinaz doença raladora.
Lucila recordou que aos infelices
Atys o coração jámais fechára,
E, o pezo das angustias arrastando,
Aos campos, mesmo assim, dirige o passo.
  Era o tempo em que o sol das ondas surge;
E com puniceo raio as serras córa.

Acordando co'a luz, se erguia a planta,
De orvalhos, de boninas esmaltada;
Aroma salutar vagava os ares;
Saíam d'entre o bosque as avesinhas;
Quaes pedem pelo campo á Natureza
Dos implumes penhores o alimento,
Quaes vão de ramo em ramo, e lá gorgeiam
Os versos naturaes, que Amor lhe ensina.
Lucila os olha, os ouve, e chora, e geme.
Volve em si, colhe a salva, e colhe a arruda,
Vae preparal-as, e em tres dias nota
Que o mal, sem força já, desapparece.
Folgou, como Atys, de girar nos campos,
E, adorando-lhe as cinzas, foi, como elle,
Esperança, e guarida aos desditosos.
   Vinde aos campos, oh vós, que as magoas finam,
E os filhos de Chiron aos campos venham.
Piedosa a mão de um Deus a nossos males,
Contém nos vegetaes o seu remedio.
Tres elementos os compõem mórmente:
O pae do acido é um, pae d'agua é outro,
E emfim negro carvão. Com taes principios
Roupas de flôres o universo envolvem.
Segundo os climas variando especies,
Nos medem precisões pelos haveres.
   Quando a tosse importuna em crebro esforço
Ao velho anciado a machina fatiga,
Molle violeta, em placido xarope,
Humedece, allivia o peito ardente;
A raiz de açucena extingue o fogo
De acceza chaga. Machaon em Phrygia
Nos feridos heróes dictamo espreme:
Já pára o sangue, e obediente aos dedos
O ferro larga a preza, e cáe do golpe.
   Por extremo a papoula aos grandes presta.
Do sabio frequentando a estancia humilde,
O somno foge aos nitidos palacios,
Onde a angustia se volve em seda, em ouro.
Que não póde a riqueza! Eis planta nova
Usurpa os sulcos, para o rico estilla
Um leite soporifero, que os mimos
Do sereno Morpheu mil vezes suppre.

Onde Athenas luziu, e onde era Esparta,
Nos terrenos phebêos Argos, Mycenas,
Rosa fragrante a candidez ostenta,
E entre as grandes ruinas lá se eleva.
Seu oleo, que as rainhas prézam tanto,
Seu oleo, resguardado em frascos de ouro,
Vence o nectar, que outr'hora aquelles campos
Dos numes aos festins subministraram.
Mil vezes doce antidoto nos bosques
Aos venenos de amor se tem buscado.
De hervas amigas se julgou que o sumo
A ternos corações a paz trazia,
Os odios, os desdens amaciava,
E do errante amador continha os vôos.
Esperança fallaz! Chiméra insana!
Circe, a filha do Sol, que transtornava
As leis da Natureza a seu capricho,
De attonitos mortaes trocando a fórma;
E aquella, que a Jason, depois ingrato,
O drago adormentou, feroz, e horrendo,
Co'a magica potencia (ah!) não poderam
Deter n'um coração fugaz ternura.
Bens não busquemos, que não ha nas plantas.
Aquelles bastem, que ante os pés nos brotam.
Numeral-os quem póde? O musgo humilde
Dá calor aos Lapões, e aos Rennas pasto;
Abriga os ovos, que a avesinha aquece,
D'elle o esquilo veloz compõe teu berço,
Ao musgo côres mil se devem novas,
E até faiscas de innocente fogo.
Na mádida espessura, annunciando
Subterraneos crystaes, não mente o musgo.
Lá no monte, no outeiro as debeis hervas
Reparam-lhe as ruinas, lá suspendem
Pulverulentas nuvens, e as arêas,
E os mil fragmentos, que assanhado Bóreas
Alça, varrendo os resequidos campos,
E em remoinho arroja em torno ás serras.
No concavo das rochas, e em seus flancos,
Dos ventos a pezar, sustêm-se restos,
Que innumeraveis germes apascentam.
Corre gentil verdor por toda a parte,

E a floresta, os vapores attraindo,
Faz dos cabeços borbulhar correntes.
Dos vegetaes a graça, o gosto d'elles
Servido sempre tem de molde ás artes;
Viu-se, imitando-os, o pincel mimoso
As côres variar n'um mesmo quadro.
Do vosso, oh campos, atilado esmalte
As roupas divinaes bordou Minerva.
Dextra sabida no macio adorno
Ergue o jasmim, desabotoa a rosa.
Entalha-os o cinzel té sobre as c'roa ,
E columnas o acantho aformosêa.
Nas flôres, ah! que amavel monumento
Tem achado altos dons, altas virtudes!
Que erguidos nomes sorveria o Lethes,
Se as plantas seu louvor não consagrassem?
Absorvem-se os thesouros, vão-se as forças;
O que o homem construe abate a Sorte,
Té na fronte dos reis imprime ultrajes,
Os palacios derruba, e prostra os bronzes;
Mais estavel que o marmore, e que o ferro,
Nutre seu nome a planta, e doma os Fados;
E' vivente inscripção, que se renova
Em cada primavera, em cada inverno.
Mas de sempre viver qual foi tégora
Mais digno do que o teu, Linné, qual nome?
Vieste, e veiu a ordem. Luz brilhante
Dourou rapidamente a Natureza;
Dos varios mineraes o leito escuro,
Dos ares o agil filho, o filho d'agua,
A linhagem de Abril: tudo notaste,
E, tudo conhecendo, ensinas tudo.

CANTO III

Quando medindo pela noute o dia,
Nos céos a Libra assoma, o fresco Outono
Tóma, de uvas, e pampanos c'roado,
O sceptro dos vergeis da mão do Estio:

Brincões prazeres, abundancia, risos
Pregoam a estação formosa, e leda.
Povo, a que alegre o Marna os campos banha,
E vós da Costa-de-ouro habitadores,
Os toneis apertae ao som do malho;
Em seu convexo bojo os arcos se unam.
Vossos thesouros nas adegas surgem,
E a rubente vindima escuma, ferve.
  Eu, que á sombra dos bosques vou no rasto
Do bom Vertumno, e campesinos deuses,
Em não remota paz esperançado,
Para cantal-os encordôo a lyra.
Junto ás que o prado enfeitam, flores novas,
Sementes madurar-se eu vi risonho.
Umas vôam sem risco, e lá debaixo
Ficam das hervas, e a seu tempo brotam:
Arbustos sem cultura assim renascem,
E Cybele amplifica o verde ornato:
Outras, se em dirigil-as não cuidamos,
Cáem, morrem. Taes os grãos, que esquece o rico,
Se o pobre os não colhesse, em poucos dias
Corruptos jazeriam sobre a terra.
Maternamente Natureza rege
As varias plantas, que espontanea cria.
E' do homem ao suor propicia menos.
Se descançar o arado, em breve os trigos
Deixarão de reinar nos uteis sulcos.
O ponteagudo cardo ali revive,
Recupera a bardana o senhorio,
E os engos das planicies tomam posse.
  Caminhe-se ainda mais á Natureza:
Erga-se o véo, que seus mysterios cóbre.
Vejamos, pois, com que saber, com que arte
A semente nas flores afeiçôa.
Alta mão, que extrahiu de somno antigo
Germes, na antiga noute semimortos,
E que a fórma lhes deu, e a leis constantes
Tudo emfim sotopoz, o Deus, quiz logo
A terra povoar, nascida apenas.
Disse, e o fulvo leão rugiu nos ermos,
E ao sol, ao raio as aguias se afoutaram;
O homem alçou depois a face augusta;

Mas inda os valles nus, e nus os montes,
Não presentavam mais que um lodo esteril.
Á voz omnipotente, adorno immenso
Envolve a superficie á Natureza;
Deus manda á terra que ministre sempre
A seus habitadores fructos varios,
E que, em reproduzir-se a planta exacta,
Feche em seus mimos as sementes suas.
Assim lyrio fastoso, e relva humilde
Orgãos pasmosos co'a existencia houveram.
Lá no centro da flor subtis columnas
Vibram da summidade um pó fecundo;
Taes átomos no ovario se desparzem,
Por occultos canaes ao fundo chegam,
Levam de cavidade em cavidade
Á semente o calor, o alento, a vida.
Murcha-se desde então, morre a corolla,
E é dado aos olhos vêr semente, ou fructo.
Estas c'roadas plantas todavia
Nos mesmos sitios existir não podem:
Uma deve habitar sedentos cumes,
Outra de um lago as ensopadas margens.
Nos varios sitios a semente é vária;
Aquella, que no monte os sóes maduram,
Rival das aves, como as aves gósta
Não pouco de adejar n'um cerro, e n'outro:
Moveis pennachos tem para elevar-se,
Plumoso martinete, ou azas leves.
Tal, prenhe de ar subtil, globo engenhoso
Com graça balacêa, e sóbe ao pólo.
Exercitos domína em vôo altivo,
Gira por cima de assustadas torres.
Desmancha os planos de inimigo arteiro,
Segue os seus movimentos, vê seus passos;
Guia o valor francez, e a dubia palma
Nos campos de Fleurus por elle arreiga.
Flores, que em margens prende a Natureza,
Tem bateis que a semente lhe transportem,
Véo longo ás virações uma presenta,
E dos lagos discorre o mudo espaço:
Do remo outra se ajuda, e voga, e segue
Do rio os torcicólos, no Oceano

Estas fluctuam vegetaes esquadras,
Vingam, sem guia, immensos intervallos,
Enriquecem, passando, estereis praias,
Vão ter ao fim do mundo, e tomam terra.
O mar não temas que as penetre, e vibre
Golpe mortal aos clausurados germes;
Cozeu arte divina as taboas todas
Dos virentes baixeis, e a Natureza
Cem vezes, por tolher o ingresso ás aguas,
De cera pegajosa ungil-os soube.
Assim da cerieira os fructos nadam,
Dos dons d'abelha supplemento amavel;
E assim mil vegetaes, que vê nas ondas
Correr o bemfadado americano.
  Sabios filhos de Penn, em paz dourada
Favores alongae de pingue terra,
Nas verdes margens das correntes vossas;
Nos montes, que os limites vos abraçam,
Fructos colhei, que sem ser vistos cáem,
E que roga, talvez, nossa exigencia.
Já vossos esteliferos asteres
Orlam nossos jardins; dos cedros vossos
Á sombra vossas leis cá meditamos,
E de lá tantas arvores trazemos,
Que, abrigado o francez da copa extranha,
Quasi não sabe que hemispherio habita.
  Mas por entre estes hospedes viçosos
Anno vindouro meus trabalhos toquem.
Os bulbos, que na estufa repousavam,
Tornar ás hortas, expertando, anhelam.
D'esta vontade interprete aos teus olhos,
As folhas alongando, eis enverdecem.
Não se espere a invernada. Assim que os tordos
Attentas nymphas na floresta encantem,
Toma luzente ferro, e desde a aurora
Prepara ás flôres subterraneo berço;
Lá doceis ao cordel, dispõe por classes
Curvo narciso, e tulipa orgulhosa,
E o junquilho fragrante, e flôr suave,
Que do moço Hyacintho a morte affirma.
D'ellas outr'ora o bátavo attraído,
De theatro em theatro ía admiral-as;

Dando por simples flôr punhados de ouro,
D'aquella fragil posse alardeava.
Taes, não longe do Euxino, e contra o Phases,
O Cáucaso, em tropel, eunucos cercam;
Regatêam com ouro a formosura,
Bem, que perde o valor quando é comprado.
Mimosa escrava, destinada aos gostos
Do sultão, que não viu (ai!) suspirando,
Suspirando vãmente, a patria deixa,
Que a ver não tornará, por mais que chore.
Do mérito modesto emblema grato,
A hortaliça tambem carêa os olhos.
Dos bens, que ella redobra, e que varía,
O contente caseiro ao pezo verga.
Cuidando a terra em premiar-lhe as lidas,
Lhe entrega fructos mil por mil sementes;
E a arvore ás vezes em seus dons gostosos
Da sua primavera eguala as flôres.
De um vão melindre ha pouco o vate escravo,
Nas hortas, nos pomares tropeçava;
Só vinha no estudado circumloquio:
O trepador feijão, pegado ao ramo,
A dourada cenoura, a ruiva selga,
Gostos peitando, ouvidos offendiam.
Tal delirio voôu, e a crespa couve,
Alarde de Milão, redonda e bella,
Já ousa apparecer, sem desluzil-os,
Nos sons cadentes da campestre Musa.
Succo havendo melhor por arte minha,
Talvez mais bello te alvejára o aipo,
Mais bello fôra o cerefolho, a azeda,
A salsa, verdejante ao pé das aguas;
E, lá nos sóes de inverno, a tenra alface,
De um muro ao longo os ares insultando,
Iria na florente primavera
Seu tributo pagar, e ornar-te a meza;
Mas não tento em meus versos dizer tudo:
É de sobejo que entre dons tão varios
D'aprazivel pintura encontre objecto.
Discorro aqui, e ali, sou como a abelha.
Ora entre cravos, e jasmins, e rosas
A pompa dos jardins cantar me agrada;

Ora nativas graças preferindo,
Fólgo em veredas de copados bosques.
  Retiros demandemos, que a arte ignora,
Guiados por Bulliard, ali se busquem
Aquelles vegetaes sem flôr, sem rama,
Estirpe do rocio, ou da procella,
Fugazes rebentões, que n'um só dia
Não raras vezes nascem, crescem, morrem.
Com que insignes feições os assignal-a
A mão da Natureza entre a verdura!
Que mingoa é n'elles carecer de flores,
Se das flôres tem côr, perfume, e graça?
Dos cerros no pendor sente-se a rosa.
Désces ás margens de sereno arroio?
Tens na cortiça de humido salgueiro
O lustre do marfim, do anís o cheiro.
Cobertos de herva os cogumelos brotam,
E ergue o agarico pavilhões ufanos.
  Querido de Lyêo, e odioso a Ceres,
Nos alqueives tambem florece o feto.
D'elle, abaixo da folha, eu te apontára
Presa semente em amorosas prégas:
Porém tremendo estrondo atrôa os ares,
E as ondas tumultúa o Sul revolto.
Ronca o pélago ao longe, as crespas vagas
Nas escumosas praias esbravejam.
Vamos: agora o turgido Oceano
Cóspe os haveres seus ás margens vastas.
Quem pelo equoreo bojo entrar podéra,
Seus profundos milagres quem tocára,
Se das vedadas, invisiveis grutas
A mão do remoinho os não roubasse?
Vê compridos listões sobre as arêas,
Vê relva, que as Nereidas já trilharam,
Vê porção d'esses bosques, onde o peixe
De monstro devorante illude a fome.
És mãe de cada especie, oh Natureza,
Nenhuma se anniquilla: o fraco evita,
Escudado de ardís, com mil rodeios,
Encontro desigual, exito infausto.
D'estas plantas maritimas gran parte
Subsiste sem raiz, sem luz vegeta;

Outras, do fundo erguendo-se, fluctuam
Dos ventos a sabor na tona d'agua:
Tres pinhos, cuja fronte as nuvens fende,
A incognita grandeza não lhe egualam.
O mar deixêmos. No oriente se abre
Espectaculo novo. Oh Phantasia,
Fada ligeira, audaz! Desmanda os vôos,
Este hemispherio corre. Encara, observa
Cidades da Germania, e seus costumes;
Do Sármata, ao passar, prantêa os fados;
Transpõe o Tánais, formidavel muro,
Mas que os Hunos horrificos venceram,
Quando tyranno atroz, d'um Deus flagello,
Veiu esmagar de Europa os tristes filhos.
Vê sobre as margens que fecunda o Volga,
Recendentes melões sorver-lhe as aguas.
Reconhece em Tangú potentes hervas,
Que de sôfrega morte a fouce embotam;
Prosegue, e, costeando a longa China,
No proximo terreno abate as azas.
A senha deu-se. Com pendões diversos
Mortaes dez vezes mil eis trepam montes.
Não é para exparzir com mão cruenta
De logar em logar o horror da guerra.
Tambem não palpiteis, orphãos dos bosques:
Não ha de Ecco aprender gemidos vossos.
Co'a linda próle, co'as esposas lindas
Podeis livres errar nos vossos montes.
Este exercito novo a paz cultiva,
Uma planta, não mais, nas selvas busca
Em borda de profunda ribanceira,
Ao pé de rochas, que ameaçam queda,
Junto a cavernas, em fragosas brenhas,
E' lá que aos olhos o ginsão se offerta;
Odêa a luz: a flor só abre, e pouco,
Se a patrocina, e cobre arvore espessa.
Do principio do outomno ao fim do inverno,
Nos agros climas a incansavel turba
Desencanta os thesouros, filhos do ermo,
E entre os Favonios vem, pezada, ovante.
Seu atavio as arvores mudaram.
Parando na carreira o vago succo,

Da purpura mais viva as folhas córa;
E de um ouro brilhante esmalta os bosques,
Crê-se, no alto das serras vendo o bórdo,
Que de raios o doura um sol fulgente.
Este esplendor, comtudo, e rico adorno,
Oh Primavera, teu verdor não valem:
Genio, dado á tristeza, observa n'elles
Não tarda ausencia de amorosos dias.
Vae tu onde vapôres, serpeando,
O passo das correntes arremedam.
Lá o anno, declinante, inda tem flores,
Mas os golpes do frio a côr lhe empanam.
Sóbe á collina, onde tardias plantas
Curvam, tremendo, as pávidas umbellas;
A enlutada saudade ali se off'rece:
Eis a misero amante a flor mais grata.
Rochedos, solidões, como elle, estima,
A's tormentas, como elle, exposta vive.
Ah! se um ferrenho arbitrio, amada Elisa,
Se teu rigido páe nos dividisse,
Se onde agora a gemente ave das trevas
Solitaria, sem luz, diffunde agouros,
As tranças te encobrisse o véo sagrado;
Se voz terrivel te arrancasse um voto...
Tremo, e dos olhos me escorrega o pranto.
Não: meus males, meus ais levando ás fragas,
Não me ouvira ninguem co'a historia d'elles
Os penedos cansar, cansar os eccos:
Fora meu sangue n'esse negro dia
Tingir dos muros teus a férrea porta.
Tu vives, bella, e para mim tu vives!
Da mais sancta união delicias gostas.
Tu amas, como eu amo, a paz dos campos,
Anda sempre comigo a imagem tua.
Se entre os objectos em que ponho a vista
Crédores de aprazer-te alguns contemplo,
Já corro a dar-t'os, e as bellezas d'elles
Com ligeiro pincel n'alma te imprimo.
 Não vês a chusma dos aereos povos,
Já promptos a fugir de nossas plagas?
São Pomona, e Vertumno os que lhe regram
Ausencia, que te espanta. Assim que Phebo

Por mão das estações, sobre os caminhos
Lhe apercebeu festins, se afastam logo
Das ribas africanas, e endereçam
Rapidamente para o norte o vôo.
Mas depois de exhaurir, de clima em clima,
Dispostos armazens da Natureza,
Chamam-se mutuamente, unem-se as tribus,
Vão-se em amiga tarde, e volvem juntas
Ao equador, onde mais ferteis campos
Novas messes luzir, vingar já viram.
Inda com aza timida, os filhinhos
Não sabem a que parte as mães os guiam;
Mas nos frios do Outomno, e tez extranha
Com que elle matizou verdura, e flores,
Desconhecendo já propicio bosque,
Onde por entre os Zephyros brincavam,
Suspirando em segredo um ar mais doce,
Seu berço desamparam sem queixume.
  Tanto que os vê partir, cuida Pomona
Em saciar do agricola esperanças.
Já do ramo abanado os fructos chovem,
Já surge no lagar montão vermelho,
As cubas, os toneis e a mó pezada,
Que cheirosa colheita em giro opprime.
  Porque, o patrio caracter esquecendo,
O do nectar de Aí fautor brilhante,
Co'a satyra manchou liquor celeste,
Que tão mal conhecia! Exalte, embora,
Seus cachos bellos, e os mimosos travos,
Que ao olfato annuncia um brando fumo;
Mas, filho da maçã, tu foste outr'hora
Quem o esforço avivou do audaz normando,
Cujo braço indomavel a seu jugo
Fez curvar Albion cerviz indocil.
Accezo no teu fogo o páe da Scena,
Melpómene da Grecia á Gallia trouxe,
Roma resuscitou, e ergueu da morte
Tão grandes seus heróes como elles foram.
Nas encantadas mezas scintillando,
Unes ao aureo lustre argentea espuma;
A Febre, que nos vinhos mais se inflamma,
Vê-te a face divina, e cede a preza.

A mãe, que te produz, nem sempre occupa
Em roda ao fragil tronco as mãos cultoras:
Ella é bastante a si, seus ramos sabem
Dar mil fructos, e mil, sem desvelar-nos.
E' a amiga de Céres: d'ella á sombra
As chuvas, os tufões despréza o trigo,
E sobre um campo só dobradas messes
O alimento nos dão junto á bebida.
Salve, planta louçã, que a Neustria enramas!
Liquores teus, da minha patria nectar,
Se de emulo desdouro os hei vingado,
Minha empreza com gloria ao fim dirijam.
  De reliquias das folhas arrancadas
Já diviso alastrado o chão dos bosques.
Do seio dos paues sae a humidade:
E rebanhando as nevoas, os vapores,
Pelos campos estende immensa nuvem
Do sol consolador a imagem véla.
Chorando a terra em vão, lhe implora os lumes
Para a tarda semente, e fructo ignavo.
Não madurecem: podridão maligna
Com seu bafo lethal tudo inficiona.
Até nos ramos, de que pende o fructo,
O enxovalha, o destroe Celeno immunda,
Ou, soprando a semente estanciada,
A corrompe inda em leite, e molle, e em meio.
  Natureza este mal sacode ás vezes:
Abrilhantados céos, calor macio,
Ar puro, que os Favonios embalancem,
Valem á flor, o imperio lhe dilatam,
E nos vermelhos campos nos figuram
Da leve primavera o riso, o esmalte.
  Tambem não temos visto acceza a terra,
Se no Outomno fallece orvalho, e chuva?
Vapores côr da noute, o céo toldavam,
Quasi apagado o sol, pintava aos olhos
Orbe sanguineo, carrancuda imagem.
Escumava na arêa o pégo envolto,
Crebro trovão bramia, e por mais susto,
Por mais horror, em negrejando as sombras,
O terrivel cometa, o meteoro,
Agitavam no pólo as igneas caudas.

N'isto Iberia temeu, temeu Germania
De inevitavel mal o escuro agouro:
Eis que do estrago teu na voz da Fama,
Oh Calabria infeliz, o annuncio veiu!
  Nas tórridas cavernas o Vesuvio
Entra a ferver, com horridos bramidos.
Ergue torres de fumo, as lavas sólta,
Que no troante bojo incendiára.
Rompem, zunindo, e dos trementes cumes
Em columnas de fogo eis se arremessam.
Rochas fundidas, subterraneos raios
Cruzam-se no ar, e as nuvens avermelham;
Em feia alluvião betume, enxofre
Se ennovelam no monte, o sulcam todo,
Correm aos valles concavos, e ant'olham
Dos rios infernaes a horrenda imagem.
  Pelo idoso arvoredo o incendio lavra.
Fugindo os brutos por ignotas sendas,
Recuam de uma, de outra; em toda a parte
Os acossa, ou rebate a morte em chammas.
  Longe das lavas, e abrazados tectos
Os habitantes pallidos vagueam:
Sustendo o esposo a languida consorte,
Do velho curvo o tropego meneio,
A mãe, que ao triste fim roubar presume
Seu tenro, e só penhor, que tem nos braços:
Tudo é lugubre, é vão. Sanhudas vagas
Desolados confins transpõem, bramando;
Tremeu nos alicerces o Apenino;
Fumegantes abysmos abre a terra,
Muralhas, torreões alue, abate,
E nas rotas entranhas os sepulta.
  Talvez enternecido ache o vindouro
Debaixo de ruinas espantosas
Templos, cidades, porticos, palacios,
Das artes nossas monumento honroso.
Assim aos muros, que Hercules erguera,
Por desventura egual outr'hora absortos,
Vamos hoje admirar soberbo estrago,
Cavar da antiguidade as doctas minas.
  Que será d'esses tristes, que escaparam
Por descuido da sorte, ao caso infando?

De cinzas, e de pedras ignea chuva
Cobre todo o paiz de fogo, e fumo.
O afflicto lavrador n'aldêa acceza
Viu devorar-lhe os pães a labareda.
Inda no esteril campo em vão procura
Os bois, socios fieis de seus trabalhos;
Nunca mais os verá com docil collo
Por calcinado chão levar o arado:
Regresso já não tem, nem a esperança:
Ai! com que ha de alentar a esposa, os filhos?
Sacudir a azinheira irá nas selvas?
Como, se tudo as furias golpearam?
Té nas raizes os carvalhos seccos,
A ruina horrendissima propagam.
Em meio dos sepulchros, fogos, lavas,
Surge a Fome, e, arrastando as rotas vestes,
Gira cidades, atravessa aldêas.
Primeiro exerce a raiva em tecto humilde,
Por marmoreos degráos depois subindo,
Mette em lares dourados a indigencia.
Vós, cenhosas Eumenides, emtanto
Sopraes d'aqui, d'ali mortal peçonha.
O mal se multiplica, e são do ataque
Longas suffocações signal medonho.
Halito ardente, na segunda aurora,
Dos queimados pulmões a custo escapa.
Range co'a tosse a machina abatida,
O humor não quer saír, impugna esforços:
Tumultuosa flamma o rosto accende:
Mal o giro do sangue os pulsos mostram,
O véo mais transparente é ferreo pezo;
Aguda ponta o cerebro traspassa.
Sóme-se a voz, gravame insupportavel
Esmaga o coração. Depois da noute,
Da triste noute, que nas ancias cresce,
Enferruja-se a lingua, a tez desbota.
Attenta mudo Hypocrates na face
O presagio fatal do ponto extremo.
A esperança voôu. O enfermo ancioso
Já nem conhece a voz da esposa em prantos.
Abrazado co'a febre, e delirante,
Se crê na solidão de ardente serra,

Suspenso em negro abysmo, e se arripia,
C'os olhos a medir a altura immensa:
O cimo do vulcão vê despenhar-se,
E subito á voragem vae com elle.
Tambem se lhe levanta o chão, que piza:
Treme, abre-se, e ao abrir vomita o raio.
Succede á commoção mortal espasmo,
Gelado pára o sangue, e os debeis olhos
Para sempre abotôa a mão da Morte,
Antes de rematar-se o quarto dia.
  Céos! Quem conhecerá tão ferteis campos!
Faustas cidades, prósperas aldêas,
Casaes, cingidos de florentes bosques,
O absorto passageiro embellezavam.
Duas vezes no outeiro as ovelhinhas
Eram mães, na planicie vezes duas
Vingava a messe: ali manná corria,
E o cultor com seus fructos não podia.
Os filhos da Abundancia — Amor, e Gosto —
Regiam cantos, animavam danças.
Só versos pastorís Ecco sabia;
Vinham d'entre o penedo e a vide, o cacho,
Os jasmins em abobadas, e os louros
Co'as sombras os caminhos perfumavam:
Era um amplo jardim, onde mil fontes
Vertiam fresquidão por toda a parte.
Que inopinado horror! Que scenas tristes!
Onde sulphureas, férvidas arêas,
Os flagellos do céo, do inferno as chammas,
Tornam vasto sepulchro estes elysios.

CANTO IV

  Vestindo nuvens o rugoso Inverno,
A devastar começa os turvos ares;
Desfaz de tres irmãs lavor prestante.
E, rugindo, amontôa o gelo, a neve.
Páram cantos: Amor lhe esquiva os sôpros.
Aos sons do rouxinol, aos sons da flauta

Succede a furia de escumosas cheias,
E o rebombo dos Aquilos potentes.
Sustém meu vôo, oh Musa, entre as procellas;
Não mais nos hão de ornar jasmins, e rosas.
Jaz deserto o jardim, jaz murcho o bosque;
Pelos campos Eólo esparze as folhas.
Ah! Tu me ensina, que razão pasmosa
Esvaece o matiz da Natureza,
A déspe, e n'alta machina agrilhôa
Espiritos, que as mólas lhe regiam.
De dádivas do céo nascendo rica,
Da vida inclue a terra os germes todos.
N'ella os succos estão, que ao pólo a coma
De teus cedros, oh Libano, agigantam,
E n'ella as seibas, a que as varzeas devem
Lourejante seara, e verde relva.
Mas estes germes, sem vigor dispersos,
Pedem vivo calor para brotarem.
O deus das estações, da terra esposo,
A necessaria flamma lhe insinua;
O universo applaudiu dos dous o laço,
De amor, e de alegria estremecendo,
Quando, espraiado o sol, vestiu de luzes,
E de gloria celeste a leda noiva.
Cada vez que, a seu carro avisinhada,
Beber-lhe os raios amorosos póde,
De opulento verdor se aformosêa,
E a fecundante força espalha em tudo.
Mas quando a lei fatal de férrea Sorte
D'este centro divino a põe distante,
Robustez, formosura a desamparam,
Murcha-lhe a c'rôa, amarellece a fronte:
Do norte os filhos, a que o sol triumphante
Co'a presença radiosa impoz silencio,
Desmandam-se em tufões, de nuvens cingem,
Carregam de regêlo a terra anciosa,
E, como em sepultura, escondem n'ella
Plantas, que em tempo mais feliz a ornavam.
Longe dos falsos bens, que enjeita o sabio,
Tu, ditoso cultor de parca herança,
C'os vimes dobradiços vem depressa
O arbusto, que vacilla, atar aos muros.

Proveitoso rigor de curvo ferro
Tálhe ramo importuno, ou ramo estéril.
Césse aqui teu desvelo. Em quanto á roda
Bravios furacões tempestearem,
Tranquillo, junto ao lar, campestre, escuso,
Do Pórtico ás lições darás ouvidos;
Canto repetirás dos genios grandes,
Associando ao seu talvez teu estro.
Oh vós, de Phebo alumnos! Inspirae-me
Nas ermas noutes, e guiae meus vôos;
Azas, azas de fogo a vós me elevem,
Longe da morte avara, e tu Silencio,
Amigo das sublimes phantasias,
Rumor insano, e vão de mim remove,
E enfadosos semblante , e oucas phrases,
Que a sancta embriaguez nos interrompem,
Vigia os lares meus; só entre n'elles
O puro amigo, o coração lavado,
Que sonda as altas leis da Natureza,
E ás vezes, arrancando-me ao retiro,
Me ensina a deslindar bellezas tantas
Sumidas em ruinas apparentes.
  Se risonho te é Pluto, a rica planta,
Que do hespério jardim roubou Alcides,
Longe do norte, em pórtico fastoso,
Ser-te-ha corte magnifica, de inverno.
Entre os outros metaes qual brilha o ouro,
Tal brilha a laranjeira entre os arbustos.
Só, em cada estação, só ella off'rece
Fructo verde, e maduro, a flor, e a folha.
Nem o ambar, que nas ondas se acrysóla,
Nem o myrto, que Amor de Paphos trouxe,
Nem da rosea manhã suave alento,
Chegam da planta de Héspero aos aromas.
Vê (sem nunca alterar-se) os paes e os filhos
Branquejar, succumbir da edade ao peso;
E tal (que inda hoje admira em si Versailles)
Viu de reis doze os funeraes soberbos.
  Não longe do logar, que lhes destinam,
Nos transparentes muros vitreo templo
Aos olhos congregados apresente
Do Indio, e do Niger as colonias verdes.

Nascendo bafejada de ar mais grato,
Precisam entre nós de ti, Vulcano,
Morreriam sem ti. Seu domicilio
Aqueçam dia e noute accezos vasos;
Em roda se lhe estendam longos tubos,
E sempre egual calor na estancia dure.
Assim, té quando as terras ermas, frias
De alcatifas de gelo estão cobertas,
Brindam-te arbustos mil n'um curto espaço
O aroma, o brilho da estação fagueira.
Da Natureza, e Arte eis o palacio;
A esculptura t'o adorne, ousa invocal-a.
Asia em roupas talares nos alegra,
Co'a perola, e rubi, que a fronte lhe orlam,
Ao pé da bananeira umbrosa, e sua.
Africa azevichada, um tanto agreste,
Risonha, quasi nua, orne a paragem,
Onde lhe has posto innumeras vergonteas.
Mas verdura, mórmente, o sitio abaste,
Flores seu atavio, e fructos sejam:
Venham cumprir-te as leis dos fins da terra
Hervas de Paraguai, chinezas folhas,
O c'roado ananaz, beijoim de Lybia,
O cravo, a quina, o balsamo de Arabia,
E arvore, cujo succo inestimavel
Mitiga os numes, perfumando as aras.
A este povo extranho a vide unida,
Pelos muros serpeja, envolta em cachos.
O encarnado morango a mãe recama;
No rigor invernal se tinge a rosa:
Emtanto, sem cessar, gotêa, e néva.
Contraria multidão, que instigam fomes,
Entrar procura na cheirosa estancia.
Pelos muros lhe sóbe, ou lhe anda em torno,
Põe-se ao pé d'onde os fructos purpurêam,
E c'os olhos devora o tronco ausente.
Mas nas margens do Obi, lá onde acaba,
São baldado soccorro estufa, e lumes.
Arvore ali não cresce, ou quando cresça
(Máo grado a Bóreas) bétula, salgueiro,
Apenas seus humildes, molles troncos
De nossos juncos a grandeza egualam.

Seis mezes soffre o Sol que reinem sombras,
Seis mezes turvo dia ali vislumbra.
Ha sempre agudo vento, e gelo agudo,
Que debaixo dos pés firme resôa;
E o mudo povo, na prisão coalhada,
Não tem para revolver-se espaço livre.
A neve em turbilhões, que rola o vento,
Se eleva sem medida, atulha os valles.
O alce, de lignea fonte, indo á carreira,
Cáe de repente, e encrava-se no abysmo:
Lucte o misero em vão, que o duro Inverno
No alvejante sepulchro o enterra vivo.
Crespa de escarchas, sacudindo a testa,
O urso brama, e, cedendo ás tempestades,
Busca por entre neves, passo a passo,
Gruta cavada pelas mãos do tempo;
N'ella se entranha, e solitario, occulto,
Emquanto o inverno dura, está sem pasto.
Subâmos essas penhas, de ermos cumes,
Que, arremettendo ao pólo, o mundo cingem,
Teus olhos solta pelo mar terrivel,
Que, espumoso a teus pés, trovões simelha;
Lá onde a confusão, do cáhos filha,
O imperio exerce, atormentando as ondas.
Escolhos de alta neve aqui deslumbram;
Além montes de gelo escalam nuvens.
Ruge a borrasca, a topetar com elles,
E em pedaços no abysmo ao longe os lança.
Má sorte a do baixel, que então se afoute
A'quella matadora, horrivel plaga!
Ora a corrente em rochas o arremessa,
E co'as vagas a morte o bojo lhe entra;
Ora, qual ferro, a superficie immovel,
Forja ao lenho infeliz grilhões de gelo.
Da praia ao longo, os monstros dos desertos,
Os ares com bramidos amedrontam:
Das sombras atravez o vento, os eccos
Levam tão negros sons ao triste nauta,
E acabam de abatel-o, antecipando
No murcho coração o horror da morte;
A tudo o que lhe é caro a alma lhe vôa.
Taes p'rigos vezes tres domou teu genio,

Cook! Longe de Albion, da Paz co'a planta
Demandando outros climas, outras gentes,
Do sul ao norte dividindo as ondas,
Correste o mundo, o mundo accrescentaste!
Primeiro que ninguem no audaz teu vôo
Do meiodia rodeaste o pólo,
Montões seguiste de espantosos gelos,
Por entre as fendas formidaveis foste,
Com firme coração, no ferreo throno
O Inverno mais sanhudo interrogaste.
Lá vivente nenhum teus olhos toca,
Maciça immensidade, horror é tudo.
Ave romper não ousa aquelles ares:
Só nos confins dos hórridos desertos,
Só lugubres petreis, entre as procellas
O clamor desabrido ás vezes soltam.
Mas que plagas a paz não formosêa!
Em ilha, onde os invernos se encruecem,
Um povo de animaes off'rece ainda
A bonançosa imagem da ventura.
Verdes leivas subtis, que ás margens crescem,
Os leões de Amphitrite ali convidam;
Moram na costa; e no interior da ilha
De ursos marinhos multidão repousa,
Em quanto os pingoins, de aza pendente,
Na arêa movediça os ninhos cavam.
Buscam-se mutuamente, ou se desviam
Todos sem medo, sem malicia todos.
Dir-se ia que, os temores desterrando,
Um tractado a colonia fraterniza.
Té dos ares o rei, depondo a sanha,
A' lei commum seu animo conforma:
Pousa em rochas, e em torno as aves brincam,
Sem temer-lhe o relampago dos olhos.
Ah! N'um prospero clima, entre abundancias
O homem guerra immortal declara ao homem!
Rouba insania de Marte o campo a Céres,
Sanguento, ferreo globo os sulcos traça.
Tormentas a tormentas aggregando,
O homem leva comsigo ao mar mil mortes;
Do raio em suas mãos a furia passa,
Fogo conservador, mimo dos deuses,

Icaro novo, emfim, lá d'entre as nuvens
Aos combates preside, estragos dicta.
Cidades a Ambição além devora,
Cá o Interesse, afeito a vis cruezas;
Cem formas, gestos, vozes tóma o crime;
A Discordia triumpha, e sobre montes
De irmãos, a que os irmãos despedaçáram,
Ri dos que vivem, ri dos que morrêram.
Da desventura assim a especie humana
(Cheias por ella mesma) exhaure as taças.
Do globo mais de um terço em tanto é cinza,
E de aureas messes a belleza ignora:
Nenhum campo vê bois levando á granja
Quantas espigas ministrar lhe é dado.
Povo nenhum conhece os dons de preço,
Que Jove semeou por entre as selvas.
Fôra melhor, mais sabios, mais humanos,
O habitante imitar de incultas costas,
D'onde os olhos ao mar vêm superiores
Novo hemispherio dilatar sem ermos!
Lê pela Natureza, estuda alegre
Os caros vegetaes da patria sua,
E manda aos netos seus, de edade a edade,
Seu nome, seu caracter, e attributos.
Cruentos europeus, das impias guerras
O tragico delirio emfim se abjure.
Se a paz ao coração vos é pezada,
Altercae sobre os bens, prazer, ventura:
Politicos debates estes sejam.
Antigos elementos decompondo,
A chimica p'ra vós soprou fornilhos,
E revelar-vos quer prodigios novos:
Para vós a poesia, a doce maga,
O Permesso abrangeu de myrto, e louro;
As Musas, com fervor de saciar-vos,
Sempre a nobres prazeres vos convidam.
Da phantasia aos olhos quanto offertam
Harmonia dos céos, e magestade!
Quem, quem figura os extasis sublimes
De alma, que, longe dos terrestres corpos,
Segue na immensa esphera as igneas massas,
Distancias lhe calcúla, e mede os vultos,

Mutua attracção no móto lhes contempla,
Acha, com Herschel, não sabidos astros,
E farta, e cega emfim de gloria tanta,
Vae repousar n'um Deus o pensamento!
Se, frio em mim sobejamente o sangue,
Me não deixa emprehender o ethereo vôo,
Correntes seguirei, junto aos penedos
Do occulto rouxinol ouvindo os versos.
Murmurantes florestas, magas sombras,
Meus amores sereis, e objecto á Musa.
Apoz noutes de ferro, enregeladas
Mádidos Sues os campos embrandecem.
Esse uniforme alvor, que tapa os cerros,
Desata-se por grãos, em rios corre,
E as aguas da ribeira embaraçadas
A desfeita prisão, mugindo, rómpem.
Mas o Inverno inda é rei, e escravo o bosque;
Choras tua nudez, carvalho altivo;
Por entre a confusão se vê, comtudo,
A espaços a verdura estar luzindo.
  Salve, côr linda, inestimavel sombra!
No luto immenso recreaes meus olhos;
Quaes os prazeres, que a velhice afagam,
Douraes o horror do tenebroso Inverno.
Meu animo espertae, inda medroso
Das estradas por onde o passo arrisco,
Dos gelos boreaes, motim das ondas,
E do pezado, horrendo, austral negrume.
  Que lei, que agente ás arvores conserva,
A despeito do Inverno, o vital succo?
Ao falto humano siso a Natureza
Em véo sombrio estes mysterios furta.
Gosêmos, basta. Mil arbustos novos,
Rivaes tão gratos nos jardins de inverno,
Co'a bella fórma, co'a imprevista graça
Disputam entre si qual mais encanta.
Todavia (dil-o-hei?) prefiro a elles
A hera de cem braços, quer circumde
Co'a verdura tenaz carvalho edoso,
Quer sobre muro, que sustente apenas,
Nos ares alongando a curva rama,
Fórme, n'um globo espesso, abrigo ás aves.

Ali, ao pôr do dia, o tordo, o melro
Vão convocando a pávida familia,
Correm, gorgeiam, depenicam fructos,
E assimelham do Outomno os pretos bagos.
Quão doce é ao sair de chão lodoso
Vagar collinas, onde quebra o vento,
Do pinho em torno, que resôa ao longe!
A' sombra lá de abobadas possantes,
Entre o tojo florido, um doce canto
Os sons da Primavera offrece ás vezes.
A lóxia ali verás prender aos ramos,
E c'o bico encruzado armar seu berço.
Recem forrados os filhinhos brandos,
Ás sombras maternaes darão já graça,
E das aves o resto, apenas junto,
Inda seus ninhos não terá findado.
O Inverno assim se adorna, e desenruga;
Mas se a terra escacêa estes favores,
Quantos em teus jardins arbustos verdes
Retêm das aves o inquieto enxame!
Cuida, pois, em juntar aos tristes carpes
O picante azevinho, o zimbro agudo;
Té a humilde giesta, adorno aos montes,
Campestres quadros a compôr te ajuda,
Ella mesma, estreitando o frio a terra,
Colheita é da perdiz, lhe acóde, e a nutre.
O álamo, d'agua amigo, as aveleiras,
E as bétulas, de Amor têm outras graças.
Tanto que Bóreas entornando as neves,
O verdor lhes destróe da instavel coma,
Abre a flor, e pendendo em ramalhetes,
Móve os botões á discrição do vento.
Mas tu, filho do Inverno, espesso musgo,
Presenta-te aos pinceis da Musa minha.
De Aquario á urna exposto, entre às geadas,
Quando as mais flores morrem, tu renasces,
E então com tua fresca, egual verdura
Parece remoçar-se a Natureza.
Era em sondar os teus gentis mysterios
Que de Emilio o pintor, encanecendo,
Devia n'um sereno, e doce estudo
Levar a solidão do inverno extremo.

Agora a fontinal o embellezara,
E algum dia talvez nos ensinasse
Com que arcano feliz tão debil folha
Da flamma grassadora estragos véda:
Ora do lycopodio os ramos vira,
Redes no bosque innumeras tecendo,
Da fronte, em ar de clava, um pó saltando,
Que brilha, que troveja, egual ao raio.
Minimas tribus, povo imperceptivel,
Disperso em toda a parte, lhe mostrára
Espectaculo aos genios tão pasmoso
Como, oh Virginia, teus aéreos pinhos,
Ou cedro, que depois de mil invernos
C'roa o Libano, o pae, co'as verdes sombras.
Soube que a Natureza inclue ás vezes
Toda a sua grandeza em curto espaço;
Mas a innocentes fins obstou-lhe a Sorte.
No benigno logar, onde em remanso
Do universo, e da gloria ia esquecer-se
Piedoso monumento as cinzas lhe honre.
Seja a simplicidade a que o construa:
Elle, deusa modesta, elle te amava,
Tu só tens jus de visinhar-lhe os manes.
Das arvores da morte longe a sombra:
Selva queremos graciosa, e fresca,
Que do amigo dos deuses cubra o somno.
A madre-silva, grata ás almas ternas,
Já brandamente o mausoléo lhe abraça,
Em quanto o lauro, dos engenhos c'roa,
Ergue a luzida, magestosa rama.
De chôpos lá se alongue um bosque ameno.
Filhos dos ares, habitae-lhe a sombra;
Delicias do philosopho, avesinhas,
Esta selva tambem vos deva encantos:
Longe de olhos profanos, hão de os vossos
Brincos, prazeres alegrar seus manes.
Se o Fado, transcendendo-me a vontade,
Me houvera permittido amplas searas,
Espaçoso arvoredo, e pingues pastos,
Em meus ledos jardins erguêra estatuas
D'aquelles, que privando co'as deidades,
Cantaram docemente a Natureza.

Hesiodo, e Rosset, ambos teriam
Pela mão de Cybéle eterna palma.
Qual olmo, que a nivel de si vê quasi
Outro brilhar, subir, seu digno fructo,
Assim o gran pastor da antiga Mantua
A seu lado haveria o seu Delille.
Theocrito, e Gessner co'a molle avena
Inda ao campestre baile os sons dariam;
Fôra o bom Lafontaine olhar mil vezes;
E á Musa tua, alto cantor dos mezes,
Credora de outros tempos, de outros fados,
Lamêda de cyprestes consagrára.
Crer-se-ía que Masson, e que Marnesia
Minha fresca paisagem desenhavam.
Vaniere a meus vergeis sorrisos déra,
C'roar-se-ía Rapin das flores minhas:
Entre bosque prophetico, e torrentes,
Tompson creara os canticos sublimes;
Bernis em laço amante unira as quadras,
E Saint-Lambert, sobre tapiz viçoso,
Com a philosophia inspiradora
Nobre aos grandes o arado apresentára.
　Feliz quem logra tão brilhante quadro,
Mais feliz quem sem fasto habita os campos,
E, pago das vigilias d'este sabio,
Nas vivas obras suas os medita!
Não lhe vôa o desejo alem do valle,
Onde, nascente o sol, seus lares doura,
Do jardim, que de monte aguas animam,
Nem do sombrio, e proximo arvoredo.
Que pediria da cidade ao luxo?
Das primaveras viu a belleza, e pompa;
Viu aos celeiros favoravel Céres,
E com ditoso pé calcou vindimas.
　Tem no inverno outros gostos. Furta ao gelos
Os frageis attractivos das boninas,
Orna seu lar, de sombras se rodêa;
Attenta na campestre economia,
Doces cuidados, miudezas doces,
Se amor, e apreço dous esposos ligam.
Com que olhos vê grandezas momentaneas,
E vãos prazeres e reaes desgraças!

Nas ondas do universo tormentoso
Dos mortaes as reliquias observando,
Folga de haver n'este commum naufragio
Fiado o seu destino ás mansas praias.
Para dourar seu ocio, vindo a noute,
Por Tournefort guiado, no aposento
Corre as ilhas da Grecia: apórta em Samos,
D'alta sabedoria antigo berço;
Olha de Minos o afamado imperio,
Do Cynthio os cumes, as florestas de Ida;
Recrear-se co'as plantas de que Homero
Celébra nos seus cantos a virtude,
E á terra os mesmos numes arrancaram,
Para os heróes com ellas guarnecerem.
Aprazivel philosopho, e conviva,
Une os visinhos seus á sóbria mesa;
Voluntario tambem lhes cede ao gosto,
E d'elles no casal com elles fólga.
De ferteis plantas, que seus hortos guarda,
Gosta de lhes levar o espolio tenro.
Agrada-lhes alguma? O novo dia
Vê-a entrar nos jardins de seus amigos,
Satyra, inveja, pestes das cidades,
Entre elles o ar saudavel não corrompem;
Um falla de patheticas delicias,
Mimo das estações aos camponezes,
Outro das glorias, dos triumphos nossos,
E brinda-se de Italia aos vencedores.
Córando a vozes taes Lilia, se lembra
Do imberbe amante, que os heróes seguira,
Mas que em ditosa paz ser-lhe-ha tornado.
Quer esconder as sensações, que a turbam;
A mão a estende, e removendo o assumpto
D'est'arte lhe soccorre o doce enleio.
A affouteza renasce, a virgem bella
Em segredo palpita, e dissimula.
A estes dias de ouro, e riso, e graça
Opponde vossos dias carrancudos,
Vós, a quem a ambição com turva chamma
Anceâ desde aurora, e mirra em sombras;
Que, sempre instados de rivaes zelosos
As frechas lhes cravaes, que vos cravaram,

E, mesmo supplantando a turba adversa,
Vedes voar Fortuna, indo empolgal-a.
A Ventura buscaes? Nos valles mora,
Com a fouce na mão seus trigos céga.
A Ventura buscaes? No prado hervoso
Livres meditações alegre volve;
Ou do salgueiro á sombra, e junto ao rio
Dórme, cercada de fagueiros sonhos.
Longe assim das facções, das armas longe,
Os campos, os jardins eu celebrava;
Da patria minha aos males mudo ás vezes
Das mãos sentia deslisar-se a lyra,
Mas qual ave, cantôra apoz tormentos,
Contentes, novos sons ás margens dava.
Oh tu, meiga Debien, tu que em meus versos
Nomeio Elisa! O carinhoso amante
Deixa co'a sua unir tua memoria,
E dividir comtigo escassa gloria.

NOMENCLATURA LINNEANA

DAS

PLANTAS MENCIONADAS N'ESTE POEMA

Canto I

Cicuta, *Cicuta virosa, phellandrium aquaticum.* — Acham-se estas plantas nas lagôas, e covas aquaticas: crescem varias nas ribeiras.

Nardo, *Nardus indica.* — Na India.

Hortelã d'agua, *vulgo* Mentrasto, *Mentha aquatica.* — Junto de aguas.

Agrião, *Cardamine pratensis.* — Pastos humidos.

Trevo, *Trifolio pratense.* — Prados, logares hervosos.

Pinheiro, *Pinus sylvestris, cembra.* — Bosques do norte d'Europa, os Alpes, etc.

Til, *Tilia europœa.* — Bosques.

Castanheiro da India, *Æsculus hippocastanum.* — India e Asia septentrional, d'onde veiu á Europa quasi em 1576.

Junco, *Juncos effusus.* — Lagôas, junto a estradas um tanto humidas.

Vide, *Vitis vinifera.* — Climas temperados de todo o mundo.

Ortiga, *Urtica dioica.* — Hortas, ao pé de balsas.

Æthusa ou Cicuta pequena, *Æthusa cynapium.* — Jardins e logares cultivados.

Mercurial, *Mercurialis annua.* — O mesmo.

Marroio, *Stachys annua.* — Jardins e campos.

Grama, *Triticum repens.* — Campos, espinhaes, hortas.

Primavera, flôr, *Primula veris.* — Junto á borda dos prados.

Narciso, *Narcissus poeticus, pseudonarcisus.* — Prados e bosques. Duas especies de lyrios.

Violeta, *Viola odorata.* — Junto aos mattos, logares sombrios.

Ofris, ou Abelhinha, *Ofris insectifera myoides.* — Pastos montuosos.

Pereira, *Pyrus communis* — Nas quintas. Conhecem-se 72 castas, havidas pela cultura.

Solda real, *Sanicula europœa.* — Bosques, e ao longo dos espinhaes.

Centaurea, *Gentiana centaurea.* Pastos seccos e veredas de bosques.
Carvalho. *Quercus, robur, ægilops.*—Nos bosques.
Çarça, *Rubus fruticosus.*— Logares abrigados, campos incultos.
Salgueiro, *Salix alba, purpurea, viminalis,* etc.—Sitios humidos.
Vallisneria, *Vallisneria spiralis.*—No Rhódano e em alguns lagos de l'Orne.
Poa vivipara, *Poa alpina vivipara.*—Montes de Laponia.
Boas noutes, *Mirabilis jalapa* —No Mexico.
Palmeira de tamaras, *Phœnix dactylifera.*—Africa, India.

Canto II

Trigo, *Triticum hybernum, æstivum.*—Oriundo da Asia.
Incenso, *An juniperus lycia ?*—Na Arabia.
Rosa, *Rosa maxima,* etc.—Hollanda, jardins.
Cravo, *Dianthus caryophillus.* — Baldios das provincias meridionaes, jardins.
Damasqueiro, *Prunus armeniaca*—Vindo da Armenia.
Cerejeira, *Prunus cerasus.*— Oriunda do Ponto.
Ceiba ou Mangue, *Bombax ceiba.*—Africa, India.
Moka ou Caffé, *Coffea arabica.*—Arabia, Antilhas, etc.
Quina, *Cinchona officinalis.*—Peru.
Baunilha, *Epidendrum vanilla.*—Mexico, etc.
Cravo, *(arvore), caryophillus aromaticus.*—Amboino, Molucas.
Noz de Bandá, ou muscada, *Myristica officinalis.* — Bandá, Molucas.
Sensitiva, *Mimosa pudica.*—Brazil.
Dionéa, ou Apanha moscas, *Dionæa muscipula.* - Mexico.
Jasmim, *Nyctantes sambac.* - India.
Amaryllis *(especie de açucena), Amaryllis formosissima.*—America meridional e conhecida na Europa em 1593.
Agathis, *Æschinomene grandiflora.*—India.
Congorça rosea, *Vinca rosea.*—Madagascar, Java.
Tamarindo, *Tamarindus indica.*—Na India, etc.
Nopal, *Cactus tuna.*—Mexico e climas quentes da America.
Romãn, *Punica granatum.* - Mauritania, Hespanha, etc.
Myrto, ou Murta, *Myrtus communis.* — Europa austral, Asia, Africa.
Palmeira, *Chamærops excelsa.*—India, Africa.
Coco, *Cocus nucifera.*—Margens Indianas.
Ananaz, *Bromelia ananás.*—Nova Hespanha, Surinam.
Laranjeira, *Citrus aurantium.*—Oriunda da India.
Estancadeira, *Statice armeria.*—Bosques, cerros, e terras seccas.
Esteva, *Cistus helianthemum.*—Idem.
Abrótano macho, *Veronica spicata.*—Idem.

Pinheiro, *Pinus sylvestris.*—Bosques montuosos.
Teucria, *Teucrium chamœpithis.* — Bosques, logares seccos e areosos.
Trovisco, *Euphorbi sylvatica.*—Florestas.
Cravo (flôr), *Dianthus prolifer, tarthusianorum.*—Selvas, logares incultos.
Medronheiro, *Fragraria vesca.*—Idem.
Çarça, *Rubus fruticosus cœsius.*—Idem.
Aveleira, *Corylus avellana.*—Bosques.
Carvalho, *Quercus robur.*—Idem.
Olmo, *Ulmus campestris.*—Idem.
Freixo, *Fraxinus excelsior.*—Idem.
Bordo, *Acer pseudoplatanus*, etc.—Idem.
Hypno *(especie de musgo), Hypnum serpens*, etc. — Bosques, pés de arvores.
Salgueiro, *Salix caprœa*, etc.—Logares humidos.
Golphão, *Nymphœa alba.*—Ribeiras, lagos.
Cardo-morto, *Senecio paludosus.*—Margens.
Litronio, *Lytrum salicaria.*—Idem.
Campainha, *Convolvulus sepium.*—Ao longo das sebes ou balsas.
Tribulo aquatico, *Trapa natans.*—Lagos lodosos.
Trevo, *Trifolium repens, filiforme*, etc.- Leivas.
Tomilho, *Thimus serpillum.*—Mattos, logares seccos.
Faia, *Fagus sylvatica.*—Bosques.
Salva, *Salvia selarea* —Borda dos prados.
Arruda, *Ruta graveolens.*—Logares estereis.
Violeta, *Violá odora.*—Estremas de bosques, etc.
Lyrio, *açucena, lilium candidum*—Originario da Syria.
Dictamo, *Origanum dictamnus.*—Creta, o monte Ida.
Dormideira, *Papaver somniferum.*—Asia, Africa, jardins.
Rosa muscada, *Rosa moschata.*—Moréa, Archipelago, costas de Barbaria.
Jasmim, *Jasminum officinale.* —Oriundo da India.
Acantho ou herva giganta, *Acanthus mollis.*—Grecia, Italia, Sicilia.

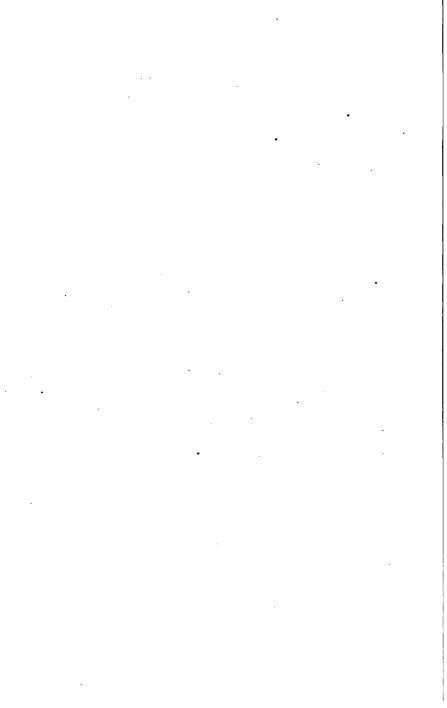
Canto III

Cardo, *Carduus crispus*, etc. — Em campos incultos, ao pé das estradas.
Bardana, *Arctium lappa.*— Idem.
Engos, *Sabugo, sambucus ebulus.*—Idem.
Cerieira, *Myrica cerifera.*—Provincia da America septentrional.
Aster, *Aster grandiflorus*, etc.—Idem.
Tulipeiro. *Liriodendron, tulipifera.*—Idem.
Narciso, *Narcissus tazetta.*—Oriundo dos districtos meridionaes.

Junquilho, *Narcissus junquilla.*—Oriundo do Oriente e partes da Hespanha.
Tulipa, *Tulipa gesneri.*—Vinda da Capadocia á Europa em 1559.
Jacintho, *Hyacinthus orientalis.*—Oriundo da Asia e Africa.
Feijão, *Phaseolus vulgaris.*—Oriundo da India.
Cenoura, *Daucus carotta.*—Nos prados, á borda dos campos.
Acelga, *Beta vulgaris, v. rubra.*—Talvez proviuda da acelga maritima estrangeira.
Couve, *Brassica oleracea, v. capitata.*—A especie primordial nos logares maritimos da Inglaterra.
Aipo, *Apium graveolens, v. dulce.*—Nas terras encharcadas, junto a rios.
Azeda, *Rumex acetosa.*—Prados e pastagens.
Cerefolho, *Scandix cerefolium.*—Campos da Europa meridional.
Salsa, *Apium petroselinum.*—Oriunda da Sardenha.
Alface, *Lactuca sativa.*—Europa meridional.
Agarico comestivel, *Agaricus edulis.*—Cerros, leivas.
Cogumelo branco, *Agaricus albellus autumnalis.*—Campos e pastos seccos.
Feto, *Pteris aquilina.*—Bosques, sitios estereis.
Melão, *Cucumis melo.*—Vindo do Oriente.
Rhuibarbo, *Rheum undulatum,* etc.—Tartaria.
Ginsão, *Panax quinquefolium.*—China, Canadá.
Bordo, *Acer pseudoplatanus.*—Bosques, montes.
Saudade, *Scabiosa succisa.*—Collinas seccas, etc.
Maceira, *Pyrus malus.*—Originaria de Neustria, onde a cultura tem adquirido mais de duzentas castas.
Azinheira, *Quercus ilex.*—Europa meridional.
Arvore de manná, *Fraxinus Ornus.*—Calabria, Sicilia.
Loureiro, *Laurus nobilis.*—Grecia, Italia.
Jasmim, *Jasminum fruticans.*—Italia, Europa meridional, etc.

Canto IV

Cedro, *Pinus cedrus.*—Libano, Monte-Tauro, Siberia.
Vime, *Salix vitellina.*—Terrenos humidos.
Laranjeira, *Citrus aurantium.*—Oriunda da India.
Myrto, ou murta, *Myrtus angustifolia.*—Europa meridional, Asia, Africa.
Bananeira, *Musa paradisiaca.*—India, etc.
Chá, *Thea bohea viridis.*—China e Japão.
Balsamo, *Amyris opobalsamum, giliadensis.*—Arabia.
Salgueiro, *Salix herbacea, lapponum.*—Laponia, zona glacial arctica.
Betula *(casta de alamo), Betula nana.*—Idem.
Hera, *Hedera helix.*—Nas arvores da Europa.

Pinheiro, *Pinus abies, picea*, etc.—Montes, selvas do Norte.
Tojo, *Ulex europœus*.—Charnecas, sitios incultos.
Carpe, *Carpinus betulus*.—Florestas.
Zimbro, *Juniperus communis*.—Bosques areosos, collinas sêccas.
Gilbarbeira, *Rurcus aculeatus*.—Bosques espinhaes.
Giesta, *Spartium scoparium*.—Campos, outeiros areentos.
Aveleira, *Corylus avellana*.—Bosques.
Alamo, *Betula alnus*.—Logares humidos.
Fontinal, *Fontinalis antipyretica*.—Lagos, covas aquaticas.
Lycopodio, *Lycopodium clavatum*.—Bosques, logares montuosos, abrigados.
Pinho de Virginia, *Pinus canadensis*.—America septentrional.
Cypreste, *Cupressus sempervirens*.—Oriundo de Creta.
Madre-silva, *Lonicera sempervirens*.—Oriunda do Mexico e Virginia.
Chopo, *Populus nigra, alba*.—Bosques e logares humidos.
Olmo, *Ulmus campestris*.—Selvas.

NOMENCLATURA

DOS

Animaes, Aves, Amphibios, Peixes, Insectos

Canto I

Abelha, *Apis mellifera.*
Ovelha, *Ovis, aries.*
Salmão, *Salmo, salar.*
Boi, *Bos, taurus.*
Cabra, *Capra, hircus.*
Cavallo, *Equus, caballus.*
Cuco, *Cuculus canorus.*
Andorinha, *Hirundo, rustica, urbica.*
Pisco, *Loxia pyrrula.*
Milheira, *Fringilla cœlebs.*
Verdilhão, *Loxia chloris.*
Melharuco, *Parus major,* etc.
Tutinegra, *Motacilla philomela,* etc.
Rato do campo, *Mus terrestris.*
Toupeira, *Talpa europœa.*
Corvo, *Corbus corax,* etc.
Pardal, *Fringilla domestica.*

Canto II

Cochenilha, *Coccus cacti.*
Bengalinha, *Fringilla amadava.*
Papagaio, *Psittacus versicolor,* etc.
Arara, *Psittacus macao,* etc.
Tartaruga, *Testudo caretta,* etc.
Crocodilo, *Lacerta crocodilus.*
Germano (ave , *Anas querquedula,* etc.
Capricornio, *Cerambix moschatus.*
Rhenna, *Cervus tarandus.*
Esquilo, *Sciurus vulgaris.*

Canto III

Leão, *Felis Leo*, etc.
Aguia, *Falco chrysætos*, etc.
Tordo, *Turdus musicus*, etc.
Ave das trevas, *Strix bubo*, etc.
Touro, *Bos, taurus*, etc.

Canto IV

Rouxinol, *Motacilla luscinia.*
Alce, *Cervus alce.*
Urso, *Urso arctos.*
Petrel, *Procellaria antarctica.*
Leão marinho, *Phoca jubata.*
Urso marinho, *Phoca ursina.*
Pingoim, *Alca torda.*
Melro, *Turdus merula.*
Loxia, *Loxia curvirostra.*
Perdiz, *Tertrao perdrix.*

A AGRICULTURA

POEMA

DE

MR. DE ROSSET

TRADUSIDO EM VERSO PORTUGUEZ

Hic labor, hinc laudem fortes sperate coloni.

VIRGIL. Georg. Lib. III.

Este é todo o trabalho, amplos louvores
D'elle aguardae, robustos lavradores.

(Trad. de Palo Moniz).

CANTO I

Das searas

Canto os trabalhos, que regula o tempo,
Co'as varias estações modificado;
Arte, que a terra obriga a dar colheitas,
A que ás vinhas, ás arvores, aos prados
Dobra a fecundidade, e nos submette
Tão uteis animaes: para que exalte
(Bem real) a cultura, e seus preceitos,
Criam forças em mim Luiz, e a patria.
Deidades surdas, insensiveis numes,
Nada colhe de vós meu sério canto:
Astros, que os annos signalaes, e as quadras,
O deus, que vos conduz, nos dá seus mimos;
Sem Céres a seara amarellece,
Negrejam sem Lyêo na vide as uvas;
De Pan, e Apollo os fabulosos gados
Harmonia immortal jámais ouviram;
A oliveira não deve ás leis de Pallas

Artes que a nutrem, artes que a cultivam;
Neptuno é sonho, e do tridente ao golpe
Da terra não surgiu o audaz ginete.
Oh Deus, principio, e fim da natureza!
Aponta aos passos meus segura estrada,
Firma, reforça minha voz tremente:
A fallar de teus dons tu é que ensinas.
Lá quando a terra, pela voz do Immenso
Chamada ao ser, se povoôu de plantas,
De animaes; o homem livre, o homem submisso
Ás leis do Creador, foi rei do mundo,
Que só para seu bem se ergueu do nada:
Quadra das virações, e dos suspiros,
Tu com sorriso eterno, eterno esmalte
Por toda a natureza então reinavas:
Saíam sem cultura a flôr, e o fructo;
Gostava o racional no céo terrestre
Bens tão puros como elle: era o trabalho
Incapaz de fadiga, era o repouso
Vedado ao tedio: por ingrato orgulho
Súbito enxovalhada a natureza
Despe as mimosas, primitivas graças,
E, surda aos votos do senhor, que a rege,
Aos votos do homem réo, se muda a terra
N'um ermo pavoroso... (ai!) Já não lança
Senão cardo importuno, herva ociosa!
Porém quando, ao trabalho atado o homem
Pela herança fatal devida ao crime,
Do crime a confissão na terra grava
Com suas proprias mãos, fertil de novo
Ella em dobro, em tresdobro, ao homem paga
Lidas, cuidados, que a cultura exige:
De criminosos paes infausta prole,
De celeste eminencia derribado,
Inda grandezas tem, que ufano admiro!
A terra, seu degredo, é seu imperio;
Declaram-se por elle os elementos;
Presta-lhe o ar co'a frescura, o sol co'a chamma;
Orvalho, e neve os campos lhe fecundam;
Descem dos montes a buscal-o os rios;
Aos usos seus, ás suas leis sujeitos,
N'elle acatam seu rei, tremendo, os brutos;

É centro, é harmonia do universo;
Sem elle não tem ordem, tem por elle
Ordem tudo entre si: alma, instrumento,
E mediador de inanimados corpos,
O seu tributo ao céo, e o d'elles manda.
  Mortaes, o vosso ardor o ardor me avive;
Conhecei vosso imperio, e governae-o:
Oxalá que, regrando-vos as lidas,
Possam communicar meus uteis versos
Sempre a fertilidade aos campos vossos,
Aos vossos corações sempre a virtude.
  Cultor, searas abundantes queres?
Entende o genio dos terrenos varios:
Cada qual tem o seu: nasce, loureja,
Prospéra o trigo aqui, e ali perece;
Onde elle se definha as vides folgam;
Pedregoso areal, sulphureo campo,
E de facil collina a pobre encosta
Bastam para formar humidos cachos,
E bosques de oliveiras. Vês do cume
Dos empinados montes, vês nos valles
Essas mádidas terras, que um regato
Na fugida veloz anima, ensopa?
Ali relva infallivel céva os gados:
Ao barro, ao tufo, aos matagaes, e etrêas
Pede a arte em vão colheitas; lá sem força,
Lá carecente o chão tolera apenas
Os fetos, os codeços, as giestas:
Forte, opimo logar; nas quadras todas
De flôres, e verdura ataviado,
Por mãos da Naturéza infatigavel;
E em que uma, em que outra leiva, annunciando
Succos, que a alentam, na indagante dextra
Se amassam facilmente; esse responde
Ao constante fervor de sabia industria:
Em Normandia, em Flandres estes campos,
De fecunda lavoura exercitados,
Semêam-se cad'anno, em todos luzem.
  Tal porém não será delgada terra:
Depois que as messes uma vez te ha dado,
Ocio cançada quer, tem jus ao ocio,
E as forças lhe renascem do repouso;

A terra se exhauriu para abastar-te,
Para mais te abastar descance a terra.
Os delicados grãos, que vás soltando
Entre leves torrões na primavera
Sem custo brotam, crescerão sem custo;
Porém do trigo, e do centeio a planta
Pede forçosa um chão lodoso, e pingue;
O tenue, grato arrôz, avantajado
Pelo othomano a seus manjares todos;
Que Arabia, e Persia com razão cultivam,
Que embranquece ao chinez os ferteis campos,
Quer humidos terrenos, gosta de aguas:
* Em qualquer terra o trigo sarraceno
* Eleva os negros grãos na densa espiga:
Para ornar de seu ouro o páe, que o géra,
O cacho, que o sustem, quer terras fortes
O indiano maíz: porém, primeiro
Que o ferro agricultor lhe aprompte os sulcos,
Conheçam-se estações, o clima, os ventos;
No semblante dos céos colhe a sciencia,
Que regula do agricola os trabalhos,
E aponta idoneo tempo á semeadura.
Quaes no moto celeste olhos attentos,
Para do lenho audaz guiar o impulso,
A elevação das Pleiades observam,
E os dous Carros, e as Hyadas chorosas,
E o funesto Orion;—taes, para darem
Principio a seu trabalho, os lavradores
Andem co'a vista nos ethereos fachos:
Foi seguindo-lhe as leis que, firme em breve,
A cultura encetou a astronomia:
Os rudes, os primeiros habitantes
Dos campos de Babel, esses outr'hora
Agricolas, pastores, porque a terra
Lhes fosse mais propicia, mais fecunda,
Do mundo aos pólos a attenção volveram:
Deu leis ás estações o Auctor das luzes,
O imperio renovou nos doze lares;
De seu giro annual eis traçam linhas,
O chefe das ovelhas o é dos signos;
O Touro logo, e depois d'elle os Gemeos
O nascimento aprazam dos rebanhos;

Nos tropicos o Cancro, e Capricornio
Fixam solsticios do verão, e inverno;
Dias, e noutes a Balança eguala;
Das ceifas o signal compete á Virgem;
O céo tórna-se um livro, a terra absorta
Olha em letras de fogo a historia do anno.
  Experiencia observou de dia em dia
O nascimento, e giro aos varios astros:
Cada qual tem poder, presagios, nome;
Uns tempestade, e vento, e chuva indicam,
Outros são para nós os precursores
De molles virações, e amenos dias.
  Quanto aos humanos a apparencia illude!
Signaes das estações se lhe ant'olharam
Origem d'ellas . . oh! Poder do engano!
Homem, não mais do que uma escolha inutil
O teu arbitrio tem; e em teu arbitrio
Os astros exercitam summo imperio,
A que a inerme razão se oppõe debalde,
Em vão quer destruir: de teus destinos
A despotica estrella o bem regula,
E o mal, e a morte, e a vida: Oh! venturoso,
Oh! vezes cento affortunado aquelle
De que a Balança o nascimento acclare!
Ai! Menino infeliz! teus fados chóro
So o negro Escorpião viu tua aurora!
Desapparece a Lua, o Sol no eclipse...
Este horror, que desastre ao mundo agoura!
Estremecei, nações, em pranto, em luto;
Aos vencidos fugi, oh vencedores;
E tu, povo, socéga: ante os cometas
Devem, devem tremer só reis. só grandes:
Assim nossa razão foi de erro em erro
Por artes da impostora astrologia.
  O agricultor grosseiro a bem dos fructos
Implorou das estrellas a influencia;
Uma lh'os fez medrar com dôce lume,
Gemeu arripiado á face de outra:
Tu, que reges de noute o eburneo carro,
Da campestre ignorancia aos olhos deusa,
Por ella a gráo supremo erguida foste;
Animaes alteravas, plantas, fructos;

Eras té dos metaes consumidora,
Edificios, oh Lua, até roías;
Teu passo desigual encaminhava
Ora para a cultura amigos dias,
Ora dias fataes para a cultura:
Qual dos homens então, qual se afoutára
A revolver infructuosos campos?
O cantor Mantuano aos lavradores
De chimericas leis fez lei sagrada,
E aos pavidos mortaes ainda ha pouco
Este longevo engano as mãos prendia:
O erro emfim se desfaz pela verdade,
A preoccupação pela experiencia;
Unicamente o sol co'a luz fecunda
Reforça a Natureza, extráe seus mimos.
Quando do Escorpião na estancia entrando
Raios despede com menor violencia,
Dêm teus bois, oh cultor, começo á lavra;
Instados do aguilhão, do jugo oppressos
Em tardo movimento eguaes caminhem:
Cardos, hervas arranque o liso arado;
Abre, volve teu campo, e rege a terra:
N'ella agitados de repente os succos
Do sol maduros, humidos co'a chuva,
O germe da abundancia desenvolvem:
Finde no outomno o teu suor primeiro.
Quando o inverno entristece a natureza
Não se armem tuas mãos de um ferro inutil;
Fatigáras a terra em vãos esforços,
Que impenetravel é na quadra fria:
O obliquo resplendor do sol, que foge,
Caíra sem virtude em regos novos,
E Bóreas duro, os inimigos gêlos
No seio maternal destruiriam
Dos succos a substancia adormecida:
Mas logo que mais puro o dia assome,
Rompendo este lethargo, annunciando
Que a ociosa Natureza emfim desperta,
Reconduze teus bois; a que obedeça
Ao gume, que a revolve, a terra obriguem;
E, certo o lavrador de seus proveitos,
C'os olhos, e co'a mão dirija os sulcos.

Já no ethereo Carneiro o Sol tocando
Lhe desvanece a luz: ao grato annuncio
O risonho aldeão nos patrios campos
Lança os grãos de que é mãe a primavera:
Se os desdenha, se os cede a obscuros entes
O molle cidadão soberbo, e louco,
Tu não lhe adoptes um desprezo insano,
Que n'elles vezes mil provêm do orgulho.
Terás varrido da memoria acaso
Anno funesto em que, alterado o clima,
Geadas sôltas do intractavel norte,
Até no sul da França branquejaram?
Murcham-se as plantas, a raiz definha
Na enregelada terra: espera o povo
Que floreçam de Zephyro ao regresso
Os germes outra vez; Zephyro inerte
Seus males, seus estragos patentea:
Joio em logar de trigo os campos veste,
Que off'recem aos mortaes apavorados
Perdidas terras, carestia, e morte;
No horror da fome se alentou a industria:
Novos dispersos grãos promettem vida:
A esperança renasce, e pouco a pouco
Se esvaece o terror: mas a esperança
Que presta contra ti, necessidade?
Eis Luiz de seu povo afasta os damnos;
Só para ser seu pae, seu rei se chama:
Do trigo oriental baixeis se pejam,
Em que a sabor do vento ondêa o lyrio,
E como que das aguas surgem messes!
C'os dons do farto Egypto assim Augusto
Italia aviventou, nutriu Sicilia.
Emquanto aos campos teus a quadra nova
Colheitas preparar dos grãos primeiros,
A terra folgue destinada aos trigos,
Ardores do verão respire em ocio,
E a frescura tambem da primavera;
Se abres a terra então, calor funesto
Dos semimortos saes devora o resto:
Mas, quando o astro diurno em eguaes tempos
Do somno, e do trabalho as horas parte,
Outro sulco anteceda a semeadura,

Das substancias da terra anime a força;
Se cumpre, sem tardar teus touros junge,
E cruza os sulcos teus por novos sulcos.
Dos campos a cultura é sem proveito
Se de possante adubo os não reforças,
Reproduzindo evaporados succos,
E os que ávidas espigas devoraram;
D'estes auxilios genero, e medida
Das terras tuas a exigencia regre,
Regre-os a condição: se é penetrado
De alimento robusto em demazia,
O chão co'a força extrema os pães suffoca;
E, sustento infeliz de vã folhagem,
Dá palha mentirosa em vez de trigo.
De restos os mais vis, e estrume é feito
Que em teu campo introduz, esparge vida:
A palha em que animaes diversos pousam
E' dos estrumes a melhor materia;
Para os multiplicar une aos primeiros
Cinza dos lares, e o silvestre espolio;
Estes pingues montões se ligam todos,
E aos ardores phebéos amadurecem:
De próvido cuidado assim mantidos
Alternam pelo campo os seus tributos.
Se exhaurida no seio a Natureza
Entra a degenerar, e quer que estrumes
Mais fortes, mais fecundos a restaurem;
O margo, de que usaram n'outras eras
Nossos priscos avós, á tua escolha
Assim como a castina, e cal se off'recem:
Se a prudencia os prestar, com taes soccorros
Póde altamente remoçar-se a terra;
Com taes lições o agricultor vê cedo
Atulhado o celeiro aos pães negar-se.
Alchimista incansavel, que presumes
De arêas, de metaes colher teu ouro,
Attenta o lavrador: quanto é mais certa,
Quanto mais a arte sua é milagrosa!
Puro effeito elle extráe de um mixto impuro;
Por elle transformado, ennobrecido
O desprezivel lodo a vida estôa.
Creu-se por isto que um romano outr'hora

Os magicos mysterios exercia:
Modica herança, aos seus trabalhos docil,
Com rica novidade os premiava,
Em quanto desleixados lavradores,
Visinhos seus, e da indigencia oppressos,
Sem colher, semeavam: dizem, clamam,
Que a seus campos chamou dos campos d'elles
Por arte horrivel encantadas messes:
Citam-no; elle apparece, e mostra a um tempo
Os duros enxadões, os bois, o arado;
Presenta a filha, que enrijou lidando:
«Romanos, eis o mago, eis a magia
(Elle diz), e inda auxilio me prestaram
Outros encantos, que mostrar não posso:
Minhas vigilias são, são meus suóres.»
Falla; é com voz unanime absolvido:
Onde buscavam crime encontram gloria.
Tentou multiplicar industria os fructos
Por novas experiencias de anno em anno:
Divide o curvo arado a terra em folhas;
Uma de aureas espigas se enriquece.
Outra fica vazia; o sementeiro
Ha de espalhar, cobrir-lhe o grão nos sulcos:
A que se deixa ociosa, em pó tornada,
A herva parasita acolhe menos;
Lá corre o trigo proximo, e se entende
Com maior liberdade e busca ao longe,
E encontra um facil nutrimento; os muros
Espaça aos apertados teus celeiros;
Filhos do mesmo grão dous mil maduram!
Quem é que entre os mortaes se atreveria
A encher seu coração de uma esperança,
Que a Natureza em nós concebe a custo?
Adopta, lavrador, próvida industria
Que um quarto de terreno em prados troca,
Revezando-os por todo, e dá d'est'arte
(Unindo novos dons a dons de Ceres)
Campos aos gados, á lavoura estrumes.
Se n'um comprido espaço a herança tua
Propicios herva e grão dividem sempre;
E se profundos fossos, grandes muros
Em recintos diversos a repartem;

Se precisa mixtão de adubo, e terra,
Unida ás tuas, as corrige, as muda;
Nos annos todos, ferteis, vigorosas
Te dão searas, te alimentam gados.
Arte annosa, e divina, ah! Tu, tu foste
Nos tempos de ouro, nos primeiros dias
Sublime emprego dos heroes, dos sabios!
Ao latino cultor Catão deu normas;
Ao cultor oriental seus reis as deram!
Quando a virtude residia em Roma,
E pobre, e magestosa a sobriedade
Inda sentia horror ás pompas d'Asia,
Os feixes alliavam-se aos arados,
E cem vezes o povo achou lavrando
Aquelles, que subira a dictadores!
Da plaga boreal guerreiros torvos
As necessarias artes desdenharam;
Quizeram para si boçaes, e altivos
A frecha, o dardo, o alfange, arroteando
Seus campos cada qual por mão dos servos;
Appareceram taes os nossos Francos;
Rompe a verdade em fim por entre as sombras
Dos arredados seculos; seu facho
Acclara e reconduz sciencias, artes;
Mas o lavor dos campos na ignorancia,
Na funesta ignorancia veiu envolto
Por instincto servil aos tempos nossos:
Arte a mais util se avalia em menos.
O idioma francez (cuja harmonia
Captiva em brandos sons Europa inteira,
Filho do sentimento, e nobre, e simples,
De que um timido gosto em demazia
Os direitos coarctou) nasceu, formou-se
Da moral nossa, e seus vestigios segue:
As graças, as paixões, as guerras canta;
Mas não se imaginou que os sons prestantes
A' fadiga rural cingir podésse.
Em quanto por vingal-o eu vélo, eu súo,
Da agricultura protectores nascem;
Proficuos cidadãos com docta pluma
Da cega prevenção triumphes logram,
O preço intimam da pericia agreste,

Apontam suas leis, e dão leis novas,
Que mais formosas safras nos promettem.
Em meus versos, cultor, podia expor-te
Altos conselhos seus, altos arcanos;
Mas da exp'riencia approvações espera;
Arbitra do successo, é lei do sabio;
E o que attrae tanto o mundo, a novidade,
Só recebe valor das mãos do tempo.
Quando no fogo estivo as terras ardem,
E os Zephyros, e as aguas as temperam,
E o campo destinado ás sementeiras
Revolto está por teus finaes trabalhos,
A escolha da semente é que te resta;
Escolha, que avultar-te as ceifas póde:
Toma dos teus o melhor trigo, ou busca
Nos visinhos terrenos trigos novos,
Traze a teus sulcos esta raça estranha:
O grão, se o mesmo é sempre, bastardêa;
Succos, que amava, exhaustos, e perdidos
As languidas espigas mais não tocam.
Ha lavradores próvidos, que ajuntam
A agua com cinza, e nitro, e com cal-viva,
E o grão preparam n'elles, e exp'rimentam;
Com isto os campos teus não poucas vezes
Se c'rôam de melhor, mais basta messe:
Tu depõe a semente em brandos tempos;
Ou seja quando o Sol preside á Libra,
Ou quando elle, deixando-a, encurta o giro:
Mormente os dias dos agudos gelos
Cumpre não esperar; produz o trigo
Semeado mui cedo herva ociosa,
Mas tardia semente os frios matam.
Tanto que a recebeu no seio a terra,
O germe impaciente ao grão se escapa,
E de longa cultura em breve o premio
Será verdor gentil ornar-te alqueives:
Mas quando em Capricornio o Sol detido
Só pallido clarão nos céos diffunde,
A terra é sem vigor, e a raiz tenra
Não póde penetrar, subir, nutrir-se:
N'este asylo feliz dormindo os germes
O sôpro evitam do inimigo inverno.

Mal que volve a andorinha aos climas nossos
Nuncia leal da rosea primavera,
Se a herva das searas te apresenta
Vãos atavios, luxo ambicioso,
Teme nas messes abundancia esteril,
E ao cordeirinho entrega inutil pompa.
De Favonio seus dons a terra fia,
Brotar com elles vejo a relva, o cardo;
Ah! Se infesta raiz não lhes arrancas,
Tenro inda o fructo, inda leitoso abafam:
Dá-lhe seguro abrigo em seus casulos
A espiga vacillante: eis annuncia
Madura edade nas madeixas louras;
Muro, que forma, lhe resguarda a fronte
Contra a feroz procella, e contra as aves.
Inda vemos sorrir-se a primavera
Quando o voluvel Zephyro amoroso
Vôa ás espigas, e com ellas brinca;
Afagadas da pluma, ao sôpro doceis
No mobil troncosinho ondeam presas:
Vejo apertar se, abrir-se a densa turba,
Lá se curvou, se ergueu, correr parece:
Dos ventos a sabor, ludibrio d'elles,
Assim rólam no pego as leves ondas.
Mas, precedente a luz, que nevoa triste
Cobrindo a espiga vae de um nitro infenso?
Se o vento lhes não dá bafejo amigo
Sobre ellas agro influxo, olhos funestos
Lança Phebo ao romper; eis que repassa
Os deploraveis grãos peçonha horrenda,
Peste, que os ennegrece, e que os devora:
Desdobrem dous de vós, oh lavradores,
Corda, que em vossas mãos discorra os campos
Com rapidez extrema; o trigo agite,
Supra seu movimento as auras mudas,
Antes que o fira o sol co'as igneas settas.
Flagello inda peor me opprime a vista,
Seu veneno é mortal, e a causa ignota;
Alterada folhage, espiga infecta
Grãos me presentam, que nascendo abortam;
Ali, torrida, e sêcca é pó a espiga;
O fogo matador lambeu-a acaso?

Sem de flôres vestir-se, além já feita,
Com fallaz apparencia ornando os males,
A forma inda mantém, lenta carcôma
Pouco a pouco as substancias lhe anniquila;
Esta poeira torpe, aos grãos voando,
Embeber n'elles seu veneno fôra,
E os campos de átra côr te cobriria;
Desterrar-lhes tal peste a que arte é dado?
Tendo por mestra a Natureza, um sabio
Que em nossos dias, que entre nós florece,
Viu a origem do mal, e a cura indica;
Em agua, em cal, em cinza, em saes dispostos
Para alterado grão remedio ha prompto:
Luiz sobre este invento emprega os olhos;
Co'a mão real, que imita a mão suprema,
Alta experiencia em Trianon confirma,
E os paternos, magnanimos cuidados
Do monarcha immortal com ella instruem
Quantos cultores seu imperio lavram:
Das artes, e da França esteio, e gloria
Luiz é cidadão, e heróe a um tempo;
Dos sabios é modelo, é páe da patria;
Ás eras todas voará seu nome,
Sua beneficencia ás eras todas.
Mas se do Rei dos reis furor terrivel
Sobre teus louros pães seus golpes vibra,
É toda a industria vã, e a teus pavores
Não resta mais que as preces, mais que o pranto:
Sóbe um vapor, se alonga, e se condensa;
Foge o sol, o ar sibila, os céos negrejam;
De nuvem pavorosa em bojo espesso
Procellas amontôa a mão do Eterno,
E sobre nossas frontes as suspende:
Elle assoma: o relampago o precede;
Seu formidavel throno occupa o centro
Do pólo, que fraquêa ao pezo enorme;
Phalange de Aquilões lhe ruge em roda;
Furias, mortes aos pés, a flamma o c'rôa;
O raio abrazador na mão lhe ferve,
Salta, bate, derruba, instrue os homens!
Olha rotas por elle as arduas torres,
Bosques em cinzas, rochas derrocadas!

Jaz a terra em silencio! O medo ancioso
Murcha, enregela o coração dos póvos:
Despiedado granizo alveja, pula,
As espigas saltêa, abate-as, quebra-as;
Todos os furacões desenfreados
Os trigos d'entre os sulcos desarraigam
No remoínho envoltos; as torrentes
Arrojam-se das serras bravejando;
Rios, já sem barreira, inundam valles:
Está submerso o campo, a messe é morta!...
Suor de um anno, destruiu-te um dia!
  Se as leis da natureza o céo não tolhe,
Contra estes damnos a arte ás vezes presta:
D'entre os diversos corpos o homem soube
Extraír, vêr, tocar ha pouco a flamma
Motora do universo: ella, sumida
Lá na materia, e rápida saltando,
Rápida mais que o som, se off'rece á vista
Só quando sáe de um corpo, e, similhante
Do relampago á luz, sobre outro vôa
Atravessando os ares: este fogo,
Se industria o conduzir, metaes penetra,
Derrete-os, vitrifica-os; ferrea agulha
O attráe, e accende electrico elemento,
Phosphoro girador, frouxel brilhante;
Tal outr'hora se viu lume assombroso
Dos romanos cobrir, dourar as armas;
Tal, e o mesmo, dos nautas ante os olhos
Rutila o fogo, que lhes é tão caro:
Fogo, que no pavor das tempestades
Ao mastro electrisado as nuvens mandam,
E brinca, e se revolve, e obteve o nome
De Helena, Cástor, Pollux: a faisca
Electrica, e fuzil das nuvens solto
Como um mesmo elemento appareceram,
E emfim aos olhos a experiencia o prova:
Se pezada tormenta os céos carrega,
Vara de ferro levantada, e presa
Por arte sobre o monte, ou torre, ou tecto,
Do raio, occulto em proximo negrume,
Rouba a materia, e subito a transmitte
Ao fiel conductor, que sem violencia

A apontado logar a infesta chamma
Em silencio conduz: assim removes
De fructos, campos, ou cidade os raios,
E o mal, que ameaçava as frontes nossas
Leva o p'rigo, o terror para outros ares.
Tambem com arte audaz, imperiosa
Esse ardente phenomeno terrivel
Pelo fluido electrico se forma,
E os olhos na evidencia absortos ficam:
Do globo na cadêa um vidro exposto
A luz attráe, e electrisado brilha;
Já não é mais que um céo, faiscas todo;
Rompe, salta o relampago; os ouvidos,
Exhalando-se o fogo assusta, fére
Com repentino, amiudado estrondo,
E de sulphureo cheiro empasta os ares;
Penetrado o crystal dos igneos tiros,
Sem que elles o traspassem, todo se enche
De vestigios errantes: com est'arte
Um feliz Salmonêo reluz, triumpha,
Faz que a terra assombrada escute o raio;
E, Prometheo sem crime, aos céos o rouba,
E em nossas mãos depõe o ethereo fogo.
Mais felizes comtudo os habitantes
Das margens, que fecunda alegre o Nilo!
Não se ouve lá tropel, motim dos Euros
Turbar aos ares seu murmurio dôce;
Em aguas o vapor não se resolve,
Nem do seio os coriscos lhe rebentam:
Lá sempre um puro sol derrama os dias;
O céo calmo, e risonho, e transparente
Lá de saphira, e de ouro as côres véste:
De seis luas no espaço ao grato clima
Dos montes de Ethiopia descem chuvas;
Reforçado com ellas sóbe o Nilo,
Aguas desmanda pelo egypcio campo,
Que seus thesouros só do rio espera:
Quando ás portas do tropico é detido
Phebo por Cancro, longo mar se ant'olham
As campinas do Egypto; é ar, é ondas
Tudo quanto apparece ao longe, ao perto:
Cidades se abandonam, formam-se outras

De unidas barcas, onde o riso, as danças,
Festins, e jogos, e harmonia offertam
Espectaculos mil por toda a parte:
O Nilo a seus canaes emfim recúa;
Fecundadas por elle, e sem que exijam
Os desvelos, que aponto em meus preceitos,
Sem custo, ou adubío as messes brotam;
De relva, e flôres no verdor, no esmalte
O Egypto representa um prado immenso:
Quando reina entre nós o brusco Inverno,
Cuja grenha erriçada os gelos c'rôam,
Vós, Zephyros, brincaes na egypcia plaga;
E, quando a relva aqui revive apenas,
Ao ferro ali succumbe a flava espiga.
  Oh vós com quem não tanto é de seus mimos
Pródigo o céo, vivissimos ardores
Esperae do Leão: quando elle impera
As messes brilham como o sol, que as doura;
A espiga encurva a testa, e d'entre silvas
Rouquejando a cigarra invoca a ceifa:
Já pacifico exercito se avança,
Toma a fouce na mão, e os trigos séga;
Derramados sem ordem ficam, jazem
Por aqui, por ali; depois em feixes
Em ligados montões amarellejam.
  De miseros que chusma (oh céos!) é esta?
Colhe laboriosa a passo lento
A espiga, que escapára aos segadores:
Ah! não lhe arrebateis, deixae-lhe, avaros,
Tão ténue parte de tão vasta herança;
Dos dias seus esse alimento escasso
Perdido foi por vós, e que vos presta?
Deve-se ao pobre o que sobeja ao rico . .
Resto (ai!) unico resto do aureo tempo
Que os homens via irmãos, sem dono a terra;
Aureo tempo em que tudo era de todos!
Deixae que um monumento ao menos dure
Do sagrado poder, que a seu monarcha
A Natureza deu, as leis tiraram.
  Entretanto na herdade amontoadas
Róçam-te os tectos as pavêas tuas,
Emtorno aos muros; tens no meio a eira,

E instrumento, que açouta os louros fructos,
Fórça a depôr seus grãos avara espiga;
Volteando com arte outro mil vezes
Cáe, e recáe nas ordenadas messes,
Ao repetido embate o chão resôa,
Co'a palha misturado o trigo vôa.
Nos climas onde o sol não se annuncia,
Onde mui raro tempestêa o vento,
Dispõe firme terreno á eira tua,
Que herva, ou formiga penetrar não possam,
E que, as planicies dominando em roda,
Ganhe o bafo subtil de aragem mansa:
Lá teus almos depositos se levam,
Lá da celeste abobada se fiam,
E arte de segador com taes auspicios
Ergue as brilhantes, as barbadas torres,
Que tem debaixo dos dourados tectos
Em aperto, em resguardo os teus thesouros.
Depois na eira, em circulo ordenadas,
Vós, pavêas, soffreis a planta equina:
Ao pezo de seus crebros, duros passos
As amarellas hastes arrebentam,
E escapa inteiro grão da rota espiga;
O crivo, meneado em mão ligeira
Do estranho, leve pó separa o trigo;
A palha vôa, foge, e o grão já puro
Altamente os celleiros te abastece.
O tempo da abundancia é de alegria,
O homem possue a principal riqueza:
Como, extincta a procella, os nautas gosam
Doce repouso na enseada amiga,
Taes quietos na eira os lavradores
Vêm dos trabalhos seus o fim, e o premio;
Tudo pinta o prazer, são risos tudo;
Parece que Hymenêo de dia em dia
N'esta aldêa, e n'aquella accende os fachos:
Eis aqui, eis ali campestres jogos,
Festins, canções d'alto arvoredo á sombra;
O gado, o fuso á pastorinha esquecem,
Aparta-se o pastor de seus rebanhos,
De seus campos o agricola se aparta;
Meninos em tropel com ancia os seguem,

E atravessam, pulando, agrestes danças;
Sobre a palha novinha os ouço, os vejo,
Matizando os prazeres da innocencia,
Na lucta, na carreira exercitar-se,
Vejo-os caír, erguer-se, e rir da queda:
Mais longe amantes, que a ternura inflamma,
Sentados sobre o colmo apprestam laços
* Encanto da existencia, origem d'ella,
* Taes que se a eterno ardor m'os não vedára
* Muro erguido entre nós por mão do Fado,
* Se prisão tua, e de um mortal não fossem,
* Comtigo, Analia, me fariam nume.
Felizes aldeãos! Sua alma ingenua
Da profana cidade ignora os vicios;
De voluvel paixão caprichos firmam,
E em corações, que nem desprende a morte,
Se une Hymenêo a Amor, pureza ao gosto.
Tu celleiros propicios cauto escolhe,
Ao frio, á calma impenetraveis sejam;
Francos aos Nortes, satisfeitos d'elles,
Teu louro cabedal dos Sues preservem;
Desvelados teus olhos o examinem,
E com robustas mãos se espalhe, e mova:
Teme a quente estação; n'ella apparece
O gorgulho cruel; esse inimigo,
Contagioso insecto os grãos traspassa,
Os come, ou inficiona: inda o não sabes,
E o numero fatal de seus enxames
Já dos trigos ao numero equivale;
Não destruindo a raça matadora
Fica o roído grão poeira todo:
Do vinho o cheiro activo, e plantas, flores,
O álbo importuno, que ao colono é grato,
O óleo tambem que de um rochedo emana;
São dons da Natureza uteis venenos.
Caterva de formigas sáe das covas,
Investe as eiras, o celeiro investe;
Longo exercito marcha em campo estreito
No transporte do espolio ferve a turba:
Esta o pezado grão conduz na boca,
E aquella maior furto a rastos leva;
Regem outras o passo, á obra incitam:

Suas próvidas leis convém que imites,
O exemplo d'ellas teu desleixo emende;
Mas cerra os armazens á negra chusma,
E atulha os subterraneos onde habitam:
Ha para as destruir mais facil meio;
Entorna-lhe no asylo agua fervente,
Colhe as formigas na inundada estancia,
E em igneas ondas o inimigo affoga.
Porque os thesouros de teus campos durem,
Arte simples, e nova dá leis certas:
Na joeira se alimpe, e da humidade
Isempto para sempre o trigo seja;
Uma estufa prepara, onde ar, que a enche,
Se abraze em fogo occulto, e creste, e mate
O insecto devorante, o germe ignoto;
Esta, que Duhamel ha dado á França,
Arte proficua te defende os trigos;
Este asylo não soffre o bicho, as aves,
Mas quer ventilador, que o ar lhe innóve,
Ou um moinho o agite, e ao grão já quente
Allivio salutar nas azas mande,
Os dous flexiveis folles á porfia
Aspirem sempre o ar, que o grão refresque:
Ar segue o ar que o foge, aperta, e entra,
E se insinúa, e sáe rapidamente;
D'est'arte o trigo teu refrigerado
De todo o mixto impuro está liberto.
Meio mais facil, da experiencia filho,
Grãos, e semente ao lavrador conserva:
Quando da ardente abóbada, que os cóze,
Já prestes a nutrir-te os pães se tiram,
Se ali, d'onde elles sáem, se ali o amédas
Necessario calor o trigo encontra,
E forte apoz dous dias secco, e puro
O verás salvo do inimigo insecto.
Sáe a colheita emfim de teus celleiros,
Leva a mil partes abundancia, vida,
E, por diversas plagas circulando,
Ella anima, repara, escora o mundo:
De pródigos verões ceifa ditosa
Soccorros affiance a estereis annos;
Debaixo da cal-viva agasalhado,

E em funda cavidade incluso o trigo
De Invernos cento, ou mais não teme affrontas.
Mas vós, que d'estes bens, ó camponezes,
Não podeis nos casaes erguer montanhas,
Ah! que fareis, se a carestia horrenda
Semear amargura em vossos lares
N'esses tempos fataes? Que é do regresso?
A opulencia obterá do ferteis climas
O que infecundas terras vos negarem,
E não descobrireis n'um campo ingrato
Mais que a fome voraz, e logo a morte:
Oh vós, a que a abundancia o luxo apura,
Indigencia adoçae de mil, que gemem;
E' titulo a penuria, um jus sagrado
Tem á vossa piedade, e é uma, é uma
Das nossas precisões fazer ditosos:
Cidades imitae, que oppõem á fome
Deposito commum, zelados trigos;
N'esses ricos montões se alenta o pobre:
Eis os campos que tem quem não tem campos.
Lá das margens do Escaut que gritos sôam!
Povos cultores das flamengas terras,
Vingava o trigo vosso; a nova quadra
Ampla colheita promettia aos votos:
De repente a discordia o medo esperta;
A paz ao som das armas treme, e vôa;
Respira tudo raiva, e guerra, e morte,
Dos ávidos soldados tudo é preza:
Nas tristes margens atterrado o rio
Vê consternadas mães fugir ante elles;
Os convulsos, attonitos pastores
Incitam para as proximas aldêas
Do timido rebanho os lentos passos;
Aos olhos do colono o ferro brilha,
Desampara gemendo os bois, o arado,
E a vista com saudade aos campos volve;
Campos, que não lavrou para inimigos!
O bronze atrôa os céos, baquêam muros,
Defensores não ha; morreram, morrem:
As torres crê Tournai remir do estrago:
Onde, oh germanos, bátavos, inglezes,
Onde ides? Que produz o auxilio vosso?

Vingar-vos Cumberland debalde empreende:
Luiz vôa ao perigo, a gloria o chama:
Vêde de Fontenoi, vêde nos campos
Destemidos, magnanimos guerreiros
Que, olhando-os, elle inflamma, e guia aos louros:
Reluz prudencia do meu rei ao lado,
Reluz grandeza heroica, e brio ufano;
Nas phalanges adversas bramam, lavram
Esperança fallaz, e presumpçosa,
Temeridade insana, insano orgulho:
Entre elles, e entre nós audaz braveza
De fileira em fileira esparge a morte;
Mas o Thréicio numen carrancudo
D'esta scena de horror córta o progresso,
E só furores vãos deixa aos vencidos.
Os passos de Luiz segue a victoria;
O heróe triumphante a humanidade escuta,
Lamenta o sangue, que os trophéos lhe importam,
E, porque outorgue a paz, só quiz a palma.
  Delicias do teu povo, oh rei sublime!
A tão recto desejo os céos annuem:
Já, já vão renovando os lavradores
Seus puros passatempos; e, a teu nome
Co'a voz do coração mil vivas dando,
Dirão a nossos netos: «Messes, festas
Devemos a Luiz; não préza menos
Venturas nossas que proezas suas.»

CANTO II

Das vinhas

  Já celebrei cultura, e dons de Céres:
Acode, vinhateiro, ás vozes minhas;
Teus outeiros dispõe, sazône o cacho,
Nas adegas depois se envase o nectar.
  Eu vou cantar beneficencias tuas:
Meu estro altêa, oh Deus, que preservaste
Do naufragio do mundo um ente pio,

Gran patriarcha das edades duas,
Que, da vinha cultor, seus usos soube.
  O homem, subido da maldade ao cume,
O raio vagaroso assoberbava;
E disposto á vingança emfim o Eterno
Já ía exterminar perjura estirpe:
Um justo o suspendeu; — Noé sómente,
Só em todo o universo, obteve a gloria
De que os céos d'entre os impios o estremassem!
Assim que a lignea estancia elle findára,
A terra com seus povos foi proscripta;
Ferrenho o pólo, o pólo inexoravel
Ante os olhos attonitos derrama
Torrentes até'li nos ares presas;
Sôlto o Oceano da barreira immovel,
Onde a mão do seu Deus lhe estreita as furias,
Sáe, corre, ferve, brama, inunda a terra;
Tudo morre entre as ondas, tudo morre:
A arca só do universo é a esperança.
  N'isto o senhor, e o páe da Natureza,
Por sua rectidão desaggravado,
A cholera mitiga, acena aos ventos,
Que, os céos acrysolando, a terra enxugam:
Pouco a pouco resurgem penhas, serras;
O remidor baixel no Armenio monte
Encalha finalmente; as ondas fogem
Por aqui, por ali a estrada abrindo,
E como que as montanhas nascem d'ellas;
Entra mugindo o mar no leito enorme,
E volve etherea lympha ao seio ethereo.
  Mas do salvo mortal qual é o espanto!
Que lugubres mudanças pavorosas
Vê no seu domicilio! Eis alterada,
Eis d'agua a terra aberta em fundas bôcas
Os matizes perdeu, perdeu o esmalte,
É confuso montão de lodo, e rochas;
Já nas rotas, miserrimas entranhas
Os succos lhe não correm: fero ainda
De nuvens todo o ar se entenebrece:
O homem treme, e recêa outros naufragios.
  Mortal, não descorçôes; Deus promette
Que nunca a terra ingrata os mares sorvam:

Attenta no arco, de alliança abono,
Que d'hora ávante a divinal clemencia
Entre si, e entre nós de todo firma.
Eterna mão por beneficios novos
A terra formosêa, onde gravára
Do seu vasto furor signaes tremendos;
Um Deus se digna de ensinar aos homens
Arte ditosa, que em liquor celeste
Muda espremidos, saborosos cachos:
Este nectar possante innova as forças
Do mortal quebrantado; os risos gera,
E co'a fecunda, cordeal virtude
O mundo consolou do equóreo estrago.
  Juntas cêpas Noé dispôz em ordem,
Armado do podão talhou sarmentos;
Ao pezo de seus pés purpureados
O cacho rebentou, e ante seus olhos
Correu, pondo-lhe espanto, o vinho em ondas.
  Armenia te gostou, nectareo succo;
A Grecia com fervor te quiz no seio;
De colonia, e colonia em mãos a vinha
Passou dos orientaes ao campo Ausonio;
O Ebro vestiu com ella as praias suas,
E para haver seus dons o gallo antigo
Rochedos commetteu, transpoz montanhas:
Cedo o Erídano o viu co'as mãos ovantes
Roubar-lhe o sumo dos vinósos bagos:
Antes de submetter-se ás leis de Roma
O Arecómico volco em nossos climas,
Já do Rhodano a vinha ornava as margens:
D'entre seus lagos Maguelone admira
Ladeiras, que de pâmpanos se adornam:
Submisso ao jugo do adoravel Probo
Desdenha os fructos da azinheira o celta,
Os bosques arrancando, acolhe as vides;
E com seus vinhos egualmente o belga
As frias aguas tinge ao Vessa, ao Rheno.
  Tocando a rica planta o chão germano
Seus verdes braços á Panonia estende;
Mas, porque aos tenros, melindrosos filhos
Recêa os golpes da geada infesta,
Climas foge onde a Ursa, o Carro assomam,

E da fogosa ecliptica os ardores
Sobre arêa africana escádeas torram.
Entre estas flammas, e os gelados pólos
Á sombra de um céo brando existem plagas
Onde os Favonios amaciam Bóreas,
Onde chuveiros o calor temperam,
E na carreira obliqua o sol constante
Abre para os mortaes, lhes assegura
Fructos formosos, e formosos dias;
Eis o terreno ás cêpas deleitoso:
Lá surge a parra, madurece o cacho:
Mas ha paragens ali mesmo ingratas,
A que repugna sem virtude a cêpa,
E a que nunca se afaz. Parca, ou esteril
É sobre chão barrento; é forte em pingue,
Mas tristemente fertil: esconder-lhe
Cumpre no abrigo de amoravel clima
Septentrional carranca, e ventos bravos.
Ama o escasso pendor de um bello outeiro,
Onde a terra sulphurea, leve, unida
Em chão fragoso co'a volante arêa,
Recebe toda a luz do sol mais vivo.
Ali (mercê dos reflectidos lumes)
De optimos fructos se enriquece a vinha;
Seixos, por lavra e lavra ali já gastos,
Cospem chamma efficaz, que aos troncos salta:
Assim vemos a pedra onde elle, occulto,
Do frio, duro seio é arrancado;
O aço prompto a golpêa, sáe do embate
Ignea scentelha, e pula, e brilha, e morre.
De altissimos outeiros no recosto,
Onde a cêpa firmar-se apenas póde,
Fervente alluvião, que vem dos montes,
Valles com teus plantios alastrára,
Se duplicados, vigorosos muros
Da procella ao furor não fossem diques;
Est'arte o atavio é dos fecundos
Serros, que o Tarn, e o Rhodano humedecem:
Lá diligentes mãos vi dia, e dia
Trazer dos valles os torrões lodosos,
Cubrir das rochas a nudez agreste,
Communicar-lhes vida, e fecundal-as:

Emendando a madrasta Natureza,
Assim, oh arte, amphitheatro fórmas
De flôres, fructos, e arvores, que erguido
Em ledas gradações aos montes sobe,
Onde as messes, e as cêpas nascem, pendem.
  Caváste os regos: á experiencia toca
Escolha dos plantios, e distancia:
De arraigados pimpolhos, que verdejem
Com primaveras tres, servir-te pódes;
D'esses alumnos teus, que no viveiro
Primicias de raizes te offertaram:
Mas isto, assás custoso, assás inutil,
De experto vinhateiro é rejeitado;
Imita-o, corta essas estacas faceis
Que houveras escolhido em troncos ferteis;
Arrancados á mãe renovos tenros,
Enfeixados, captivos n'agua, ou terra,
Gráos esperando a que os destine a sorte,
Logrem frescura, e sem raizes vivam.
  Lá quando o turvo Aquario em nossos climas
Faz que reinem com elle a neve, os gelos,
Conduze tenues hastes; a esquadria
Em angular feição divida a terra:
Quer vigoroso chão que mais se apertem,
Que se desunam mais quer uma encosta;
Dê-se extensão maior aos seus carreiros,
Se provar devem da charrua o ferro.
  Que mão destra, os plantios concordando,
Misturar saberá generos varios?
Bebida singular compôr desejas?
Faze liga gentil de uvas diversas:
Esta, que abunda de calor, de força,
Dá corpo aos vinhos, lhes carrega as côres;
Aquella, de sabor mais aprazivel,
De condição mais branda, off'rece aos labios
Liquor delicioso, e vivo, e leve;
Cacho de superficie alambreada
Vinho annuncia espirituoso, ardente,
Mas que em breve se altera: alguem que saiba
As misturas, e os numeros contar-lhes,
As ondas contará, que sobre as praias,
Ou contra as arduas penhas vem romper-se.

Segue-lhe usos, e leis em todo o sitio;
Regra austera, excepções porém soffrendo;
Segura nos seus votos, a experiencia
Do consummado vinhateiro é guia:
Morrendo algum renovo, abaixa, enterra
De cêpa um mergulhão com que visinhe;
Successora do irmão, do sitio herdeira,
Mãe seja ali de descendencia nova.
Facil, prompto em subir, não poucas vezes
Dobra a prazer dos ares o sarmento,
E a custo se mantem; d'elle apiedada,
Soccorre a natureza o debil ramo,
Com turtuosas mãos o corpo lhe arma:
Eis o pâmpano alonga os verdes braços,
Ajudador visinho em torno busca,
E se ampara com elle; é necessario
Prever-lhe as precisões. Alta na Hetruria
Casa-se a vinha ao olmo inda creança:
Desde o seu nascimento ambos unidos,
Um por outro abraçados, vivem, crescem
Os ramos amorosos, e não tarde
A arvora off'rece aos olhos admirados
De uvas, e parras orgulhosa a fronte.
É proficuo tanchão bastante apoio
Ao sarmento, entre nós menos altivo:
Da ufana Iberia nos ardentes combros,
Nos que a margem do Rhodano acompanham,
Jámais soccorro alheio elles imploram;
Força propria os sustem, sem risco sobem,
Não temem furias de contrarios ventos,
E os ramos seus com desafogo estendem.
Honra de teus vergeis, a vinha ás vezes
Ouro alardêa, e purpura dos cachos;
Por formosa latada eleva os fructos,
Trepa, e roça no cume encaniçado;
Ou, curvando inda tenra a docil rama,
Os parreiraes de pavilhões te c'rôa.
Quando o murcho sarmento as galas despe,
Vae podar, bem que ainda não voltasse
Do cultivo a sazão; se acaso imitas
Ordinario vagar aos vinhateiros,
Se do geral costume és cego escravo,

Té que os primeiros Zephyros suspirem
Mando não ousas ter nas vinhas tuas:
Em vindo a primavera acorda o succo,
Anda de vêa em vêa, anima os ramos;
E, encontrando a ferida aberta, e fresca,
Em lagrimas demais elle se escôa,
Evapora-se emfim; porém o inverno
No podado sarmento aperta, e cura
Quantos canaes lhe lacerára o ferro;
Modera os prantos seus, assim captivo
O succo se mantem, que augmenta os fructos.
Ás lavras finalmente a primavera
Solto exercicio dá: nas mãos nervosas
Tomam ferreo instrumento os vinhateiros;
Aos golpes os torrões lá se amollecem,
Róçam-se as pedras, se atavia o campo;
E, de saibro visinho as cepas livres,
Do sol aos raios a raiz devassam.
Tens as collinas destinado á lavra?
O mestiço animal, e os bois conduze;
Entre fileiras de arredados troncos
A indomita cerviz lhe afaze ao jugo:
Assim que a primavera adoça o clima
Abre os olhos a vinha, e choros vérte;
Recolhe attento as valiosas gotas;
Na vista, que a despiu, renovam graça,
Com ellas volve á face a têz de rosas,
E a pedra, intensa dôr, bebendo-as, vae-se.
Teme porém que Zephyro a seduza,
E fervorosa, e de chorar cançada,
Desdobre a vinha não prudentes flores;
Muda Favonio, primavera engana:
Da plaga nossa rechaçado ás Ursas,
Oh! quantas vezes o medonho inverno
Tórce a negra carranca, e retrocede!
Por entre virações entorna gelos,
Rouba á terra os thesouros, e devora
Gratas promessas dos raminhos tenros.
Se da saraiva impetuoso embate
Rompe do germe os rebentões primeiros,
Sê tambem, sê cruel para salva-los;
Decepa logo, logo, as novas folhas,

O sarmento verás tornar-se á vida;
Mas os renovos seus menos valentes
Provam-lhe o esforço, e juntamente a damno.
Se até na cepa volteando o succo.
Improprios frios os sarmentos crestam,
Cumpre que a esteril fronte lhe cercêes,
Cumpre que lhe abras os gelados corpos,
E que outro fertil ramo ali situes:
O tronco o adopta, e mais feliz, mais farto
Dá novos fructos, numerosa próle.
C'roam-se em tanto os pâmpanos de flôres,
E recolhem do sol calor propicio;
Mas, se o planeta por mais ampla estrada
Sobe ao cume da abobada celeste,
Porque aos raios phebêos a vinha esquive
O canto vinhateiro ampara as cêpas;
Com a enxada nas mãos abre o terreno,
A perfida raiz destróe das hervas,
Em visinhança ao tronco estacas planta,
Que os braços lhe mantem quando se alonga;
Rege os pimpolhos, que no extremo abundam,
Um ramo se condemna, outro se escolhe.
Prende a altivez de ambiciosa folha,
E, se lhe empece, um botãosinho arranca:
Mais fecundo perdendo ávidos filhos,
Só ramos uteis fortalece o tronco.
Formam-se os cachos, e o calor bem cêdo
Ha de pintar-lhes duvidosas côres:
Quando, cubrindo-os a folhagem densa,
Oppõe á luz diurna um véo sombrio,
Tornem-lhe a luz, e mais vermelho o fructo
Vê-se que ao sol de purpura se tinge:
Em vicejando sem arrimo as cepas,
Basta entrançar-lhes a madeixa longa.
Jámais das vinhas te enfastie o amanho,
Ellas soccorros teus assiduos querem:
Já forte, e nova terra estão rogando,
Já nutrimento de abundoso estrume;
Herva destróes em vão, e em vão repulsas,
Ella se reproduz; teima em tiral-a:
A nojosa lagarta, occulta aos olhos,
Prole depõe no pâmpano recente,

Se esconde, envolve, e da folhage infecta
No curvo seio em segurança vive.
Pernicioso insecto eis são da terra,
E, roendo a raiz, faz guerra ao fructo:
Dos caracóes o rojador enxame
Com a escuma tenaz corrompe as uvas;
Contra tanto inimigo armar-te deves,
E os damnos com desvelo acautelar-lhe:
Ergue uma balsa, os herriçados muros
D'ali rebanhos com o espinho arrojem;
Da cabra mais que tudo o infenso dente
Para a cepa, que fére, é peçonhento:
De trabalhos um circulo te abrange:
O anno aponta, volta, e retrocede.
A quadra mais feliz, mais opulenta,
O outomno, a teus desejos apparece:
Cala-se, e dorme o vento, o sol no giro
Distribue egualmente a noute, e o dia;
De importunos ardores livre a terra
Espira os molles Zephyros; a planta,
Toda pomposa dos seus dons mais bellos,
Já para nos brindar inclina os ramos;
De fructos mil c'roada a Natureza
Nos convida ao festim, que lhe orna a meza;
O cacho aos olhos sasonado offerta,
E envolto em superficie azul, ou roxa.
Dado o signal, enceta-se a vindima;
Enxame camponez caminha á pressa,
Dirige-os o prazer; co'as mãos activas,
Da cantilena ao som, cercêam cachos;
Porem fructos com eiva, ou abortivos
Do thesouro commum são refugados;
Deixa esses bagos, alimento de aves,
Não te manche os toneis seu podre sumo:
Aos cachos apanhados n'um só dia
Não dás um só destino; estes se elegem
Entre mil para a meza, e se mergulham
N'agua fervente de que surgem brandos;
O sol murchou-lhe a flor da mocidade,
E rugas a velhice antecederam;
Aquelles, cujo preço é venerado
Da quadra fria, engelham-se nos tectos,

Pendentes envelhecem manso e manso.
Acolheu-se a teus muros a vindima,
Folhas enjeitas, e a despida esgalha;
Sobre taboas depois, com arte unidas,
Nús, vigorosos pés espremem cachos:
O sumo em grossas ondas vae manando;
Preso nas pipas, nos toneis captivo
Fuma, ruge o liquor, e sobe, e ferve;
E co'a pelle, que tinge, misturado
Toma o lustre, o calor de um vivo fogo.
Cinco vezes a noute os véos desdobra,
Cinco vezes o sol desfaz as trevas,
E go'a a gota nos crystaes filtrado,
Qual brilhante rubí, cáe puro o vinho;
Convém que sáia então da cuba, e seja
Das fezes desviado: os ligneos muros
Dos vasos, que encha, o carcere lhe apertem.
Era em Grecia, em Ausonia um tosco barro
Estancia fragil dos ferventes mostos:
Ou no seio de um ôdre amotinados
Não poucas vezes a prisão rompiam:
Teu povo, oh mãe, oh Gallia industriosa,
Soube em curva madeira obstar-lhe ás furias,
Taboas juntando, circumdadas de arcos,
De invencivel cadêa os oppimiam.
Quando fallece o vinho á cuba exhausta
Toma dos bagos o fumante espolio:
Eil-os já, no lagar accumulados,
Ao pezo gemem de abatidos fusos;
Sáem da uva esmagada os sumos logo,
E regatos de vinho a terra inundam;
Tropel vindimador ao vel-os folga,
Tomam cópos nas mãos, dão grandes sorvos;
E, se outra vez na cuba introduzirem
Estas já fézes languidas, cançadas,
E as afogarem n'agua, em breve a córam:
Apparencia de vinho engana os olhos,
Succo de expressos bagos a presumem,
Mas do falso liquor o travo insulso
Mostra a franqueza da mistura impropria.
Eia, engenhoso amante de aureo vinho,
Queres que, rindo aos olhos, saiba ao nectar?

Nunca dos cachos te allicie o alambre,
Dão liquor fraco, amarelleja em breve;
Nasce vivo liquor das uvas negras,
E experto, e scintillante as quadras vence:
Arte se deve de Champanha aos povos
Que um corpo aos vinhos dá firme, e duravel;
Est'arte presta só. Depois da aurora
Aos lumes de um sol puro escolhe, apanha
Uvas tintas de azul, e inda orvalhosas;
Estende-as mollemente, e vae d'espaço
Lançal-as n'esse dia em teus lagares,
Sintam do fuso os golpes; ser costumam
Primeiros prantos seus dons mais dôces;
Humor, que se lhe extráe do seio á força,
De um pallido rubí tem côr incerta,
Lá nas adegas que ruido sôa!
Que ondas são estas. que em toneis escumam!
Deixa livre abertura ao mosto accezo,
E sem custo entre o ar, sáia, e murmure:
D'est'arte, quando tubos aprisionam
Ondas, que vão caír n'um tanque vasto,
Recêas que do vento o bafo incluso,
E, agua, espertada na prisão por elle,
Unindo-se, os canaes arrombem todos,
E abres então respiradouros livres:
No carcere egualmente o vinho ruge,
Levanta borbulhões, e crê que o rompe;
Escumando se apura; ajuda-lhe o erro,
Nutre-lhe a furia, porque amanse o fogo;
Ardores juvenis tempéra a edade;
Repousam finalmente, e se amaciam.
Então dos lares teus os subterraneos
Emtorno aos muros os toneis acolham:
Resguardar-te as adegas deve a terra;
Se os éccos do trovão teu vinho assustam,
Move-se, ferve, turba-se, descóra:
O aceio impere na tranquilla estancia,
E a todo o cheiro inaccessivel seja:
Longe ess'arte impostora, essa que os nossos
Puros bens viciando, ao vinho ajunta
Agradaveis peçonhas; sobre a escoria
Quando mui longo esquecimento o deixe

Que elle se allie co'a inimiga temam;
Do lodo corruptor largue a morada,
Remoto d'elle, e preservado exista.
Queres que os vinhos á clareza, ao pico
Aggreguem seus rubís, ou viva espuma?
Do seio dos toneis convém que os tires
No tempo em que renasce a Natureza.
Seiba, que a mocidade á vide acorda,
Opéra no liquor, e anima-o sempre:
Depois da primavera amadurece
Aos vinhos o vigor, elles alcançam
Do socego, e da edade um preço novo.
Se a despeito porém de teus desvelos
Se evapóra o liquor empobrecido,
Ou finalmente azéda, o vicio d'elle
Certas virtudes tem; seu gosto, e cheiro
Insípido manjar corrige, aduba;
Contra cem males, cujo ardor curtimos,
Triste mortal nas afflicções o implora;
Dos venenos da peste a furia extingue,
E o fogo precursor da raiva horrenda:
Áquelles, cujo braço a patria escuda,
Abona vezes cento a força, e vida;
Saxe aos francezes, aos romanos Cesar
Seu uso impondo, seus effeitos viram.
Oh! Quanto, e quanto é devedora ao vinho
Arte assombrosa, que o divide, e apura
Por meio de um fornilho! Em igneas azas
O espirito se eleva, e resfriado
Tardia, frouxamente se distilla:
Taes os lumes phebêos, ou terrea chamma
Vapores erguem dos trovões ao clima;
Os corpos no calor se lhe dilatam,
O frio lh'os aperta, lh'os condensa,
E descem, precipitam-se dos ares:
A aguardente no lar se faz d'est'arte;
Se por novo trabalho a rectificam,
O espirito do vinho eis despe a fleugma;
E livre sóbe, e cáe purificado.
Povo de Montpellier, a industria vossa
Do vinho usa formar util ferrugem,
Util, mas arriscada. Ali no fundo

De escura adega mergulhaes os cachos
Em urnas, onde o vinho se lhe embebe:
Batido cobre de estendidas folhas
No cacho longo tempo está confuso;
O vinho ali se azéda, ali fermenta,
E o exhalado espirito derrama
Verde vapor na ferruginea massa.
Bátavo, subsistir com taes venenos
Vês os teus diques, e as cidades tuas;
Seguros dentro d'agua os alicerces
D'insecto estranho tal peçonha os livra:
Tu, cuja mão copía a Natureza,
Tu, cujo audaz pincel dá vida aos quadros,
Enche-o d'este util pó; com elle exprime
Louçã verdura, que ameniza os serros.
Quando o vinho nas fézes, novo ainda,
Vae fermentando, seu fervor se apura
Dos mais grosseiros sáes; endurecido
O sarro nos toneis, d'ali tirado
Se aprompta para mil necessidades.
Não sei de clima, que dispute á França
Dos seus famosos serros a excellencia:
L'Hermitage, e Cahors aos gostos nossos
Dão generosos, dão maduros vinhos,
Vinhos fartos de espirito, e constantes.
Madureza co'a força emparelhando,
Os de Occitania, e Rhodano assignalam;
Lóte os experta mão com outros vinhos,
E affoutos vão luzir dos reis nas mezas.
Liquores que, oh Vienna, aromatizas
Quão gratos me seriam, se a mal-firme
Razão minha o vapor lhes não temesse!
Nas aguas seus thesouros estendendo,
Vê Garôna o solicito britanno
Que os perturbados vinhos lhe carrega
Nos seus lenhos innumeros; os vinhos,
Que sobre as aguas em passagem longa
Austera condição despir costumam.
Deleitoso Borgonha, a ti se inclinem
Tão claros nomes, e o seu rei venérem:
Une-se alegre bando á face tua,
Bebe prazer, saúde a largos sôrvos:

Rival digno de ti, tambem Champanha
Risos, jogos conduz, e Amor, e as Graças;
Do vivo seu liquor a espuma bella,
Fendendo o ar, que a aperta, sobe, e pula;
Na luz vence o crystal, no gosto é nectar:
Emulos immortaes, ambos contentes
Da vossa fama, sem victoria obterdes,
Contendei-a entre vós, armae sequazes;
As guerras suas são risonhos brincos,
Mimos, e amores a peleja expertam.
Ha dourado liquor, brilhante vinho
Que parece os prazeres o aprestaram;
Seu calor salutar, depois de ledo
Opíparo festim, fomenta, aquece
De já cançado estomago a tibieza:
* Nos campos, que de Tubal honra o nome,
* Nectáreo moscatel, assim prospéras.
Reconheço os teus dons, e teus perfumes
Amo, oh suave humor, que a custo entornam
Bagos de Frontignan! O precioso
Tokay, teu digno contendor, te eguala,
Se acaso não te excede. Ouro, escondido
Entre o terreno onde seus cachos surgem,
D'elles no seio co'a substancia casa:
Inferiores a ti, no gráo segundo
Repartem nossa escolha os outros vinhos;
Canarias, Alicante, e Syracusa,
Chiras, e Pacaret, Málaga, Iberia
O gosto acariciam: Grecia exalta
Inda de Lesbos os vinosos cumes,
E o nectar vosso, oh Tenedos, oh Chio.
Sobre ardente brazeiro a Creta em Gnossia
Condensa pouco a pouco as malvasias:
D'internas brazas o Vesuvio accezo
Vê junto a seus vulcões, ás lavas suas
Dos cachos emanar liquor fragrante.
Ao promontorio, cujo pé carrega
No Oceano feroz, * onde alta Musa
* (Das Camenas do Tejo honra, e saudade)
* Gigante, em olhos negro, e negro em boca,
* De tormentas c'roou, cingiu de agouros;
* Lá quando, sobranceiro á Natureza,

* Talhando a pégo immenso as virgens ondas,
* Esperanças colheu por entre horrores
* O occidental Jason, ao promontorio,
Cujo nome os baixeis acoroçôa,
De nossos campos trasladadas cepas
Dão vinhos, cujo succo avelludado
Toma, africanos céos, á sombra vossa
Aroma encantador, qual não gosára
Proximo ás fontes d'onde corre o Sena.
Bem que vinhos de nome a Hetruria affamem,
Degenerado tem na Hesperia toda:
Esses, que sobre as azas d'aureos versos
* (Versos que íam privar co'a eternidade)
O cysne de Venusa aos céos erguia;
Alba, e Cales, e Massico, e Falerno,
Fracos, doces de mais, desenxabidos,
Ha longos tempos seu louvor perderam:
* No espirito, e sabor diversos d'estes
* Em altos vinhos se abalisa o Douro.
Herdeiros dos romanos, os francezes,
As artes amimando, a guerra exercem;
De quem subjuga o mundo o vinho é premio.
Tu, que déste canções ao terno Horacio,
Corre, mago liquor, teus dons se acclamem;
Com elles nossos males tu guareces,
Escóras a fraqueza, e restitues
O juvenil fervor ao velho inerte;
És alma dos festins; quando os não honras
Se tórna sem-sabor manjar mimoso:
Substancias, que provém do trigo, e fructos;
As perfumadas, as chinezas folhas;
Dos grãos de Yemen a singular bebida;
O cacáo negrejante, alimentoso,
Taciturnos liquores, — nada usurpam
Á tranquilla razão na mente immovel:
Tu só, nectar divino, é que insinúas
Nas almas todas esperança, e gosto.
Da sociedade medianeiro amavel,
Os que odio desuniu, reconcilias;
Dás-lhe sereno olhar, benigna face,
E união cordeal de ti renasce.
Cego nos cultos seus, o tempo antigo

Fez das vindimas tutelar deidade
O filho de Seméle; á sacra fronte
De eterna primavera uniu-lhe as graças:
Em carro, a que ligou panthéras, lynces,
Aos credulos thebanos Baccho ensina
Seus ritos, seus mysterios vãos, fallazes;
De uvas, e de hera engrinaldado assoma,
Pâmpano sempre verde o thyrso lhe orna:
As socias, pelo mosto avermelhadas,
No monte Cytheron orgias celebram:
Faunos lhe estão d'aqui, d'alli Sylvanos;
Silêno ou cambalêa, ou vae-lhe em braços.
  Da turba os phrenesís irrita Brómio;
Eis Lycurgo, Penthêo despedaçados,
* A mãe (ah! já não mãe!) lacéra o filho:
Aos vicios consagrado o culto infando,
E ás virtudes fatal, do sabio é odio:
No ardente fanatismo o povo accezo
De ramos allegoricos se cóbre,
Pelles de tigre véste, e sobe aos montes
Ismaro, ou Pélio; rapido os vagüêa;
Religião, piedade o torna insano:
Ménades em torrente o campo inundam,
Ferem o éneo instrumento, uivam nas serras;
E a donda embriaguez, gerando excessos,
Muda-lhe o culto em crime, o zelo em furia.
  Das festas de Lyêo bando atrevido
Cedo em Athenas a tragedia fórma.
Éschylo a cria, Sóphocles a eleva,
E em seus versos de fogo a adora o mundo:
Est'arte, que, pathetica, terrivel,
Grande, sublime, audaz, maior que todas,
Galardôa a virtude, aterra o crime,
De brutaes espectaculos nascida,
Filha da Insania, em Grecia ennobreceu-se,
Em Roma descaíu, puliu-se em França.
  Rival dos gregos, e das orgias suas,
D'elles as saturnaes colheste, oh Roma:
A par de seu senhor sentado o servo
Egualdade exprimiu dos tempos de ouro;
Licença, embriaguez por toda a parte
Seculos de innocencia ousaram crer-se:

O carnaval emfim d'este proscripto
Tumultuario culto exclue o pejo,
Mas o espirito seu tem conservado.
Politica firmando até nos gostos
Sagrou-lhe sobre o mar Veneza um templo:
Dos tribunaes ás venerandas portas,
Sorrindo-se, apparece a Liberdade,
E rigor, subjeição d'alli remove;
O instante, que seus jogos annuncia,
Da cidade atinada o siso varre;
Bellezas mil e mil, que lá no centro
Dos tristes lares seus, entre altos muros,
Dias arrastam como a noute escuros,
Curvas ás ferreas leis de seus tyrannos,
Victimas do ciume, e sempre em medos,
Subito passam da amargura ao riso,
Do extremo jugo á liberdade extrema:
Então não tem poder, nem jus o esposo;
Então lei respeitavel crê Veneza
Vestir-se o rosto de emprestada face;
Ella ao mysterio dá seguro asylo,
Um mortal mascarado é quasi um nume.
Que impostores de espheras se rodêam,
De caracteres vãos, compassos, vidros!
Que insensatos suppõem que arte dolosa
Allumie o porvir, n'alma lhes lêa!
Levando melhor guia os amadores
Nos olhos do seu bem vão lêr seus fados:
Est'outros á Fortuna altar levantam,
Alli depõe o avaro infames votos;
Medo, esperança, e boa ou má ventura
Cem palpitantes corações esforçam.
Tremendo aos golpes do erradio Acaso,
Da Sorte, que ora dá, que outr'hora usurpa
Thesouros, por cegueira á Sorte entregues,
Todos, té quando seu favor lhe acode,
Todos (caterva iniqua!) sentem menos
Do lucro a posse que o terror da perda.
A scena prazenteira os jogos abre;
Surgindo lume, e lume os ares crestam;
Aos lucidos festejos sobre as aguas
Succede a melodia, apoz seus passos

A dança faz voar gentil enredo;
As margèns do canal, palacios, praças
Tudo ri, tudo brilha, assombra, encanta:
E os Gostos, as Delicias, vencedores
Da Razão grave, e da Moral severa.
Por entre seus trophéos alli recordam
Artes, feitiços, illusões das Fadas,
Té ao dia em que as leis de novo imponham
Jugo aos transportes, aos delirios termo.

CANTO III

Das arvores

Bosques, jardins, vergeis, mostrae-me o seio;
Eu canto os vossos dons, e abrigos vossos:
Dado ao transporte, que influíra outr'hora
O vate Mantuano, o velho de Ascra,
Soù dos francezes o primeiro, que abre
Incognitos caminhos no Parnaso.
Tu, que para exaltar plantas, e bosques
O mais sabio dos reis, Deus, inspiraste,
Lhe ergueste o genio, os sons lhe dirigiste,
Anima-me a cantar-te as maravilhas.
Cavernas, arvoredos, gratas sombras
Com dôce embriaguez minh'alma inundam;
Brando a meu verso applaude-me o carvalho,
A fronte inclina, os ramos lhe susurram,
E os éccos d'entre as penhas, d'entre as selvas
Duplicam seu murmurio, e mo respondem.
A Grecia presumiu, sonhou que os deuses
Povoavam jardins, montanhas, bosques;
Que Pan, Delia, Priápo alli se viam
E morava uma Nympha em cada tronco:
De Dódona os milagres admirando,
Consultavam prophetico arvoredo:
Sobre carvalho, aos povos adoravel,
Iam colher o agárico sagrado
Féros ministros, druydas cruentos;

Ante o culto plebeu se expunha em áras
Penhor ficticio do celeste amparo.
Cumpre á Verdade, oh bosques venerandos,
Vosso prestimo, e mimos pôr patentes:
Os primeiros avós nos abrigastes,
As vossas grutas os seus lares foram,
Cidades suas os recintos vossos:
Quando errantes mortaes por leis se uniram.
E ergueram muros, e elevaram tectos,
Em tectos converteram-se arvoredos.
E cubriram com regra os edificios:
O cedro se accendeu, na umbrosa estancia
O dia resurgiu por entre a noute;
O penetrante ardor de accezos troncos
Amacía do inverno os agros gelos:
O pinho sáe dos montes, desce ás aguas,
E curvam-se em baixeis as moveis selvas;
O Oceano, que divide ao mundo as plagas,
O laço é mesmo que reune as terras;
O homem vae promptamente aos climas todos;
Fica todo o universo uma cidade.
Amplas florestas, alterosos troncos,
Mortal, ao teu suor não se reservam:
Dos arbustos cuidado o céo te incumbe,
Plantas, bem como tu, frageis, caducas;
Pódes co'a mão chegar-lhe ás dóceis testas,
E colher nos jardins em seus raminhos
O tributo das flôres, e o dos fructos;
Os bosques são jardins do Deus do mundo,
Elle só, que os plantou, é que os cultiva:
Sobre as azas do vento o grão fugindo,
Vôa, em mil partes cáe por ordem sua;
Deus lhe tira do seio altivos corpos,
Firma-lhe os pés, e sempre lhe remoça
As frontes immortaes de novas folhas:
A floresta de Hercynia inda aos germanos
Troncos presenta, que os romanos viram;
O francez em seu clima reconhece
As antigas Ardennas, onde o bardo
Tingia o chão com victimas humanas.
O homem, cópia de um Deus, póde imital-o
Semear, transplantar como lhe apraza

Os dóceis troncos, as pevides leves,
Ornar, fazer fecundo esteril campo,
E, entre o util favor de sombras frescas,
Do sol desafiar todos os raios.
Tu, que olhas para lá da tua edade,
E ornar queres de um bosque a herança tua,
Quando a neve dos annos te encaneça
Colhes sempre algum fructo aos teus desejos;
Educas facilmente a mocidade
Das plantas, cubiçosas de agradar-te;
Prazer da creação vale o da posse:
Vê seu verde nascente rir, e abrir-se:
Á linda rama passarinhos voam,
E o gorgeio de amor encanta os bosques:
Deves a teus avós tuas florestas,
Teus avós para ti lá semearam,
Tu semêa tambem para teus netos.
A selva tua aos Áquilos voltada
Tenha-lhe os sôpros entre a rama presos:
Quando, crestada dos primeiros frios,
O vento a folha ás arvores arranca,
Dos campos mais visinhos uns trasladam
Renôvos tenros, de raiz mimosa,
Que rapidos crescendo, mas sem força,
Seccam de languidez em campo extranho;
Outros cingem-se ás leis da Natureza,
E a semente mais tarda, e mais segura
De sombras immortaes seus predios c'roa:
Os segundos imito, approvo aquelles;
Quizera logo que em trilhadas sendas
Os olhos discorressem fundos bosques.
O ferro em tuas mãos na sua infancia
Dos arbustos os ramos affeiçôe;
Não esperes demais; na meninice
Grangea-se o costume, e vae seu jugo
Té á velhice reforçando o pezo:
Se de humilde arvoredo te contentas
Dirige-lhe o machado apoz dous lustros:
Se por invernos trinta os troncos poupas
Assombram altas arvores teus olhos;
E, se illesa medrasse em annos cento
A rama pelos céos se roçaria.

Em pedregoso chão folga o carvalho:
Colloca junto d'elle o róbre, a faia:
A sorveira se cria em terra fertil,
E os freixos, a nogueira, o til, o bordo,
O plátano (que já co'as doctas sombras
Do sublime Platão cobriu a eschola,
E o banquete cobriu dos sete sabios)
Do terreno indiano os castanheiros,
E o olmo, que em teu seio achaste, oh Gallia:
O álamo, o chôpo, que de margens gostam,
Co'a pallida folhagem toldam rios;
E, alçando a rama, seus amphibios corpos
Tem sobre a terra o tronco, o pé nas aguas.
Em fragosas, em áridas collinas,
Das humidades longe o castanheiro
Co'a folha herriça os espinhosos fructos:
Que eram sem elle teus saibrosos sêrros,
Limousin, terra ingrata, infructuosa,
Cevennes, que elle afaga, e só prospéra!
Seus fructos são teus pães; o amago d'elles
Se enruga, e se endurece em fogo brando;
Da pelle escura, e sêcca o murcho corpo
Sem custo se desveste a crébros golpes,
E em durador sustento assim se muda:
Seu lenho orna, mantém, cóbre edificios;
Talhado ainda em moço á mão, que o dobra
Os arcos dá, com que depois o ligam.
Tu nos montes expõe o alvar pinheiro,
Mostra o cedro, o cypreste, o pinho manso:
De Boreas irritado affrontam raivas,
E o vento sôpros vãos nas folhas perde;
Dos vastos corpos seus liquor viscoso
Faz que os invernos sua sombra dóme:
Porém do proprio succo a força temem,
Promptos sempre a entregal-o, a casca rompem;
Se os ganhares por mão, d'entre seus vasos
Verás vir dimanando o sumo em rios:
Mansos pinheiros, e pinheiros bravos
Uns o pêz, a resina outros derramam:
Sua terebentina ostenta Chio,
E Judá com seus balsamos é rico,
E Tolu, Canadá, Perú, e a Meca:

Dos freixos de Calabria o pranto admira:
Myrrha off'rece aos sabéos humor, que encanta,
E colhe a religião n'aquelles campos
O incenso, cujo aroma os céos estimam.
   Dão-nos as plantas para os usos nossos
Raizes, fructos, a semente, e a folha:
Nectar cheiroso, de calor suave,
Que accende o genio, o coração reanima,
Perfuma com seus grãos Medina, e Meca;
Ricas folhas na China o chá desdobra;
Nos campos do Indostan cacáo vegeta,
Do algodoeiro o fructo, e noz do côco:
Taes plantas, cujo succo apraz, e experta,
Aos thesouros da abelha o preço abatem.
   Gabou seus bosques longamente a Grecia,
Que os altos vates seus cantaram tanto:
Não me deslumbro, não, co'a gloria sua:
Erymantho jámais, jámais Cyllene,
Nem Dódona tambem, nem tu, Neméa,
A' prole humana bemfazejos fostes;
França, oh patria, a teus bosques cedem elles;
E nunca vossos troncos orgulhosos
Egualaram, e as sendas, e as latadas
Das abobadas vossas, oh Compiegne;
Creci, Dreux, Orleans, Couci, e Ardennas,
Chantilli, Cerilli, vistosas selvas,
E tu Fontainebleau, do Elysio imagem.
   A Gallia, quasi inculta, entre seus bosques
Da sua adoração contra os objectos
O ferro a manear não se atrevia:
Se os campos em nutril-os eram parcos,
Demandavam seus povos outros climas,
Ao gran numero idoneos; antepunham
Troncos a homens uteis: — as cidades
Ermas deixavam por manterem bosques;
D'est'arte a novas leis o Pó submisso,
Os gallos succeder viu a seus povos;
D'elles gemeu ao pezo Italia curva,
E foi Roma em seus muros sepultada;
Aos campos de Gallacia deram nome;
Por Apollo tremeu, ao vel-os, Delphos.
   Veiu a Verdade emfim, varreu chimeras;

A arvore foi só arvore, e não teve
Mais victimas: os bosques, deshonrados
Pelos bardos impuros, se fizeram
Asylo d'esses homens veneraveis,
Que, voluntariamente desterrados
Do orbe profano, povoaram bosques
Dados por nossos paes: no manto envoltos
Dos Bentos, dos Bernardos, dos Norbertos
Um povo industrioso arou desertos.
Os carvalhos attonitos caíram
A golpe, e golpe; os campos, que assombravam,
Douraram-se de espigas: (ai!) e os fructos
De seus uteis suores nos moveram
Mais inveja, que amor suas virtudes!
Por toda a parte baquearam selvas,
Os campos, as cidades estenderam:
Incautos, que fazeis! Deixae aos netos
Thesouros das edades venerados
A bem d'elles: a França já não mostra
Senão precisos bosques; e os veremos
De temerarias mãos cair debaixo?
Não, por leis assisadas, leis prudentes
As arvores seguras já não temem
Do lizo ferro os immaturos golpes;
Elevam-se em tranquilla adolescencia,
E em velhas só lhe roubam vida inutil;
Ellas crescem, alongam-se, e as estradas
Offertam dos jardins frescura, e sombra.
Arbustos ha, e humildes bosquesinhos
Que das selvas não tem fastosas sombras;
Respeitoso o lapão d'est'arte admira
A franceza estatura magestosa;
Taes nos diversos climas se formaram
A estirpe dos pygmeus, e dos gigantes:
Tem menos altivez, mas tem mais graça
Estes bosques, se menos admiraveis,
Comtudo para mim mais agradaveis.
Lá, vindos aos jardins por mão das artes,
Nascem familias de gentis arbustos:
O alfeneiro, a roseira, a madre-silva,
E aveleira, e loureiro, e teixo, e myrtho,
E outros mil, cujas frontes subjugadas

Gratos Protheos pelo artificio tornas:
Seu lenho aos parreiraes um subjeitando,
Para os muros vestir, aos tectos sobe:
Outro a rama pomposa ao longe estende,
E os passeios divide em vivo muro;
Ou labyrintho incognito fabríca,
E ao desgarrado pé faz dôce engano:
Outros, dóceis á mão, que os encaminha,
Já são vasos, pyramides, estrellas;
O azevinho, o alaterno prateado
(E não só estes) a belleza ajudam
Dos arbustos floridos: sabiamente
Arte as fórmas, e adornos lhe varía
Em portas, berços, tectos de verdura.
Arvores destinadas a nutrir-nos
Pezam com fructos mil, que ás mãos nos cedem,
Para offertar seus dons a testa inclinam;
Prestes os troncos sempre a contentar-nos
Sobem rapidamente, e desde a infancia
De preciosos dons seus ramos c'rôam;
Em tanto que do matto inferteis plantas
Mal dão depois de um seculo uteis bosques:
Do céo, que te ama, reconhece os mimos,
E aprende o que estes bens aperfeiçôa.
Oh dos jardins oraculo infallivel
Docto La Quintiniè! Á Musa ensina
Que arte potente, que propicio genio
Tem submissa a teu mando a Natureza;
Aos campos mais ingratos leva ramos,
Que elles não conheciam; e, innovando-os
Té nas entranhas suas, lá com fructos
Do mundo inteiro enriqueceu Versailles!
Como que a terra se mudou ao ver-te!
Tu seus diversos vicios emendaste:
A que mui rija foi, leve, ou fragosa
Viu em si confundir-se extranha terra;
Dos defeitos oppostos, e vencidos
Mutuamente, união bem combinada
Virtude se tornou; cavar mandáste
Os rebeldes torrões até ao seio,
E por novos torrões eil-os fecundos.
Quizeste que os jardins, do vento illesos,

Provassem do zenith o vivo lume;
A essencia de mil arvores soubeste,
Que aspecto lhes convém, que leis as pulem:
Assim varios terrenos, climas varios
Do mundo transportaste aos jardins nossos;
Extranhas plantações no chão da França,
Renascendo a seu grado, e vegetando,
Pareciam surgir no chão da patria.
De transparente céo favorecidos,
Os campos da Chaldéa o berço foram
Dos mais buscados, saborosos fructos;
A primeira semente a Grecia trouxe,
E do trophéo suave ornou viveiros;
— Roma a venceu, e dos vencidos povos
— Ignotas plantas admirou a Italia:
O pêcego, da Persia á Europa vindo,
De seus varios destinos inda pasma;
Salutar para nós, seu mago succo
Nos é delicia, aos persas é veneno:
O damasco odorifero do Armenia,
E a molle syria ameixa são colonias:
Foi Lucullo o primeiro entre os romanos
Que, d'elles ignorados, co'a mão propria
Os fructos cultivou de Cerasonte:
A pereira, nascida em ti, oh Gallia,
E as maceiras, em Neustria tão fecundas,
Apostam no sabor, no succo apostam
Com estes bellos, peregrinos fructos;
Não são, como elles, transitorios, brandos,
O asylo, que os contém, domando invernos,
Dos fructos, que perdeu, compensa a terra.
Cova profunda em seu espaço admitta
Tenro plantio que escolheste, e arraigas:
Une aos auxilios da cultura, o forte
Crasso alimento de poupado estrume.
Taes lidas serão vãs, se teus desvelos
Não saciam das arvores a sede:
Feliz se em teus jardins ha vivas fontes,
Se de algum rio tens quinhão nas ondas;
Sendo esquivo a teus predios, tu procura,
Abrindo fundos póços, agua n'elles;
De tanques, onde o marmore a contenha,

Roda girante sobre o chão a eleve.
Co'a esquadria na mão outros te ensinem
A formar de um jardim com arte os quadros:
Talvez cantem que próvidos trabalhos
Florescer por seu turno as hervas fazem,
E as raizes, e os fructos delicados,
Remedio aos males, dos festins apuro:
Eu, inda temeroso, eu me contento
Nas proximas lamêdas em mostrar-te
As congregadas plantas; o que valem
Folhas, e fructos seus, sempre colhidos,
Regenerados sempre: a fim de achares
Por teu suor as arvores mais ferteis,
Lições proficuas te darão meus versos.
Em torno aos quadros teus algumas plantas
Nos jardins ficarão rasteiras sempre:
Taes como a sarça, espessam-se-lhe os ramos,
E, talhando-os em vaso os arredonda;
Outras, mais duro tracto inda soffrendo,
Feitas latadas entapizem muros,
Os ramos seus dobrados, e subjeitos
Em lignea grade, co'a prisão formosos,
Amam seu captiveiro: assim, aos dotes
Da simples gentileza, amavel nympha
Une emprestado lustre, e as bellas tranças
* Nos elegantes nós de branda seda
* Prende co'as alvas mãos, inda mais brandas;
Soltas madeixas apraziam menos,
O laço lhes apura o dôce chiste.
Ama o sol estas arvores valídas,
Nutrir lhe agrada teus alumnos caros,
Ao artificio teu seu lume é dócil,
E os muros o reflectem duplicado;
Sasonados assim por elle os fructos,
As côres accendendo, o succo adoçam.
Feição tomando ás vezes da latada,
E' rico adorno a laranjeira aos muros;
De um vaso habita o seio inda mais vezes,
Dos quadros de um jardim orna o desenho:
De graças que mistura off'rece aos olhos!
De aromas os passeios te embalsama,
Com flores sempre alveja, e lhe alça o preço

Viva esmeralda de nascentes fructos,
Outro vivaz de fructos sasonados;
Voam seculos tres, e a flor é nova,
O tempo lhe venéra a formosura;
Mas as geadas teme á dôce planta;
Arma lhe um tecto, que do inverno a escude,
E se lhe ant'olhe a primavera ausente:
Em mais amigos, fervorosos climas,
Sem cuidado exigir, floresce livre,
E livre a laranjeira aos ares sobe,
Quasi egualando em magestade as selvas:
Taes foram teus jardins, ditosa Hesperia,
Taes d'Hyéra os bosques são, taes os d'Hetruria,
Tu, que regulas da latada os ramos,
Forma-os n'um anno, e n'outro, e desvelado
Sê das leis ao rigor sempre aferrado;
Damno a grato defeito é a indulgencia:
Co'a foucinha na mão proscreve a um tempo
Ramo sem olhos, e goloso, ou secco;
Às tuas leis o succo obediente
D'arvore por egual caminha ás veas;
Se de folhagens vãs fastosa, ornada,
E ricamente pobre estéril fica,
Tira-lhe o vicio ao tronco, util fraqueza
Lhe muda em fructos a opulencia inutil.
Homem, lerás nas arvores teu fado:
Ao vel-as desmedrar, ao vel-as murchas
Has de carpir-lhe a morte; amplos viveiros
Perto de teus jardins lhes assegurem
N'um futuro benigno herdeiras plantas;
As arvores, dos fructos renascendo,
Parecem reviver, vivas ainda;
Em breve, de seus paes doce esperança,
Haste mimosa lhe succede, occupa
O sitio d'elles, e prospéra, e cresce:
Assim junto ás muralhas, onde os nossos
Altivos, generosos veteranos
Ultrajados do ferro, ou curvos de annos,
Depois de mil façanhas, em repouso
Tem do heroismo as cicatrizes nobres,
Novo asylo erigiu Luiz ha pouco,
Fausto viveiro, honroso, alto principio

Onde de antigo tronco ingente, e murcho
Crescem renóvos, em que a patria espera.
De um tronco virtuoso indigna prole
Bastardêa, e dá sempre amargos fructos;
O garfo, sua essencia renovando,
Muda em succo aprazivel succo ingrato:
Um de arvore tronchâda o tronco fende,
Raminho mais feliz lhe induz no seio;
As cortiças casando, os golpes cerra,
E da chuva, e do vento injurias tolhe;
A' maneira d'escudo outros costumam
De um'arvore tirar pingue de fructos,
A casca com seus nós; a agreste planta
Util ferida sente, onde se embebe
O enxerto, que lhe muda a natureza:
Pela casca de um ramo outro é coberto,
Em figura de rôlo ás vezes solta:
No meio de raiz mui vigorosa
A enxertar ensinastes, oh germanos,
Pimpolhos, que a cultura lhe desuna.
Legislador, e rei de teus pomares
A teus subitos maus dás bons costumes;
Familias entre si com regra enlaças,
Arvores outras arvores perfilham;
Seu nascimento illustrâm, e exaltadas
Por novos, gratos vinculos, admiram
Em si fructos não seus, folhas não suas:
Por est'arte se allia o pecegueiro
Co'a planta mãe da amendoa, e por est'arte
Gambôa junto á pera amarellece:
O salgueiro flexivel tem no tronco
Os ramos da maceira, e se transforma
Em doce ameixieira o freixo absorto;
Não de outra sorte vemos que adoptado
Pelo espinheiro alvar é a azeróla.
Mas futil não a torne o abuso d'arte:
Rei, não tyranno, as arvores submissas
Nunca violentes; seu amor consulta,
Mas seu odio respeita; a custo algumas
As substancias misturam, e, obrigadas
A' penosa união, só folha esteril
Só maus fructos produzem: nunca póde

A vide co'a oliveira associar-se;
Temo do olmo, e carvalho antipathias;
C'o loureiro a cereja mal se casa,
E a planta do limão com a amoreira:
N'um mesmo tronco estes contrarios vivos
São monstros, não prodigios; todavia
Approvo que, engenhoso, e lêdo encanto
N'um só tronco apresente arvores quatro,
E que na amendoeira a um tempo côlhas
Lisa ameixa, damasco appetitoso,
E o pomo, que o simelha em côr, e em fórma.
Annue a meu fervor, e a meus transportes,
Oh rei do mundo, oh pae da Natureza!
Os seus thesouros me franquêa, e dá-me
Para os patentear verdades tuas.
Vive a arvore, e respira imagem nossa;
Circulando em seu seio, o succo a nutre;
Avulta, fructos dá, declina e morre,
E nos seus descendentes se renova:
É a especie immortal, mortaes os corpos.
Quando os tempos creou, creou o Eterno
Todos os corpos, que apparecem n'elles:
Guardou no homem primeiro os homens todos,
De alma não, mas formados taes quaes somos:
Cada planta, cada arvore no seio
Fechou todas as arvores futuras,
Todos os fructos seus: vivo, invisivel
O gérme vê nas faxas ir findando
Seu captiveiro; então nascer figura,
Porém só crescimento é que recebe,
Nada n'elle mudou: nota o carvalho
De profunda raiz, de coma ufana,
É hoje o que na lande era algum dia;
Taes foram dentro d'elle os que ha gerado:
Porém no asylo seu dormindo o germe
Jámais d'aquelle somno expertaria,
Se os sáes, o enxofre, mádidos co'a a chuva,
Pelas flammas do sol, pelo ar movido
Á vida provocando-o, o não chamassem;
Rompe com elles a prisão, que o liga,
Abre-se em fim aos beneficios d'elles;
Já nos seus vasos alimentos correm,

Correm novos espiritos, que o nutrem,
Continuamente, e cada dia avulta;
A rojante raiz, já não captiva,
Rasgando a terra, de seus succos vive;
O tronco para o céo vergonteas lança;
O ar, que todos os corpos vivifica,
N'arvore eleva os succos que digére;
Entra-lhe o seio, e lhe enche os vasos todos,
Circúla, e sempre com eguaes esforços,
Successor de si mesmo, elle se foge,
Se attráe, fazendo que respire a planta.
 Bem como o sangue espesso que, disposto
Dentro do coração, depois filtrado
Apura seu liquor de vêa em vêa;
E tornando-se logo as ondas d'elle
Espiritos subtís, imperceptiveis,
Os raminhos do cerebro aviventam;
Tal, recebido logo em amplos vasos,
Mais estreitos os ramos encontrando
Alternativamente, e levantado
Das raizes das arvores ás frontes,
Lá, sem nunca parar, se esparge o succo;
Depois volvendo aos pés por giros novos,
Continuo circulando, innova o passo;
Por toda a parte em que a arvore o contenha
Do germe ao berço vae, e acorda o germe;
Flores bafeja com celeste aroma,
De que a abelha compõe na primavera
Dourado espolio, roubo appetecivel;
E inda mais delicado alenta os fructos,
Maga doçura aos âmagos prestando.
 Como dos mesmos succos os principios
Dão fructos, que entre si tanto desdizem?
E humor fecundo, entrado em cada planta,
Porque sempre parece o mesmo, e outro?
Depois que em seus avós se formam germes,
Tomam da estirpe sua as feições todas:
Fiel o succo ao prazo, os germes brota,
Sem lhe alterar a essencia, desenvolve
Seus corpos: quando os varios alimentos
Pelo ar levados de tropel se offrecem
Aos francos vasos seus, escolha certa

Os germes fazem de saudaveis mimos,
E os que adversos lhe são rejeitam sempre:
Assim quando infructifera no tronco
Adopta, e junta os nós de rico enxerto
Um'arvore qualquer, em nenhum d'elles
Se altera a primitiva natureza;
N'um sempre manam desabridos succos,
O segundo os enjeita, e quer, e acólhe
Só puros, só filtrados, só perfeitos.
Arte ajude, e acompanhe a Natureza
Vasta, fecunda, invariavel, certa:
Se queres pois que as fructuosas plantas
Subam sem risco, e teus vergeis povôem,
Da patria não mui longe se trasladem;
Temem plantas do sul furias do norte,
E o fogo austral ás boreaes empéce;
Mas, quando o sitio lhe convém ao gosto,
Dos mimos, e desvelos satisfeitas
Que á tenra sua infancia foram dados,
Surgem mesmo por si, regem seus fados,
E na fecundidade em breve egualam
Dos patrios fructos o primor e a graça.
Tal na Occitania, e campos de Provença
Sempre verde a oliveira ama seu berço:
D'aquelles campos Hercules á Grecia
Foi o primeiro, que levou seus ramos;
Pela mão da Victoria affeiçoados
O nome, a fama eternizar soíam
Do vencedor de Olympia: ante a oliveira
Deixa o ferro caír, foge a Discordia,
E reconhece a Paz: suppôz Athenas
Que est'arvore devia á deusa sua,
D'ella o symbolo fez da Sapiencia.
Em nebulosos, em gelados climas
Baldará teus desejos, teus suores:
Recêa os Aquilões, paiz demanda
Que os olhos do aureo Phebo acclarem sempre;
Dos serros se namora ao mar visinhos
D'onde a terra se abaixa, e desce ás ondas:
Gran tempo esperarás que a tarda rama
Se c'rôe a teu prazer de pingues fructos;
Gran tempo é fertil, e entre a folha humilde

A verde producção não soffre aggravo;
Seu util amargor lhe serve de arma,
E vingador poder no seio esconde:
Assôma um dia emfim, que lhe converte,
A bem do possessor, o amargo em doce;
A azeitona se móe, se torna em massa,
Seu liquor, espremido em graves fusos,
D'agua ao calor se escôa em abundancia,
E facilmente emfim se aparta d'ella;
Sobre-nadando sempre, e recolhido
Por mercenaria mão, por mão ligeira
Dá-te oleo puro, balsamo saudavel.
Do meio-dia as nuvens enganosas,
Dos lagos o vapor guardando, ás vezes
Em logar de espargir propicias aguas
Voraz peçonha na azeitona embebem;
Áquilo fende as arvores absortas,
Géla o succo, e de mortos cobre os campos:
De um memorando inverno, oh patria minha,
Inda não te esqueceu a horrivel furia;
Os tenros olivaes, que em ti verdejam,
Bem que affamados já, com tudo obrigam
Inda de seus avós a ter saudades.
Feliz mil vezes, célebre Occitania,
Quem póde em ti viver! O incenso, a myrrha,
E as cannas, que n'America rebentam,
Não te enriquecem os vistosos montes;
A terra de rubis não tinge as vêas
Em teu chão, nem converte aréas tuas
Em finas porcelanas o artificio;
Mas de Céres os dons em ti lourejam,
Leva teu vinho ao longe encanto, e força;
O canhamo, e pastel teu seio animam,
E opimos gados nos teus serros pascem;
Das leis á sombra as artes engenhosas
Télas de preço em fabricar se esmeram:
A teu povo és bastante, e nunca imploras
Com tributar as mãos a estranhas terras
Seus productos, os teus antes lhe off'reces;
Francos lhe tens os portos, e a bem d'ellas
Uniram teus trabalhos os dous mares;
Tua industria acabou obra sublime,

Que deteve do mundo os vencedores.
Direi que de saphira, e de ouro accezos
Sempre em teu clima os céos têm dias puros?
Que longa primavera em ti floresce,
E os Zephyros no inverno ás vezes vôam?
Que os ursos, que os leões, que os dragos feros
No teu feliz torrão jámais nasceram?
Da tua amenidade enfeitiçadas
Gregas catervas sabe-se que a Jonia
Pelas margens do Rhodano esqueceram:
Roma essa estancia amou, seu grande povo
Os vencidos ergueu ao gráo de filhos;
Os romanos, da patria embriagados,
Em ti se imaginavam n'outra Hetruria;
Eis d'onde os monumentos emanaram
Domadores do tempo, esses prodigios
Nunca das artes nossas alcançados,
Por nossas vistas admirados sempre:
Que de antigas, de esplendidas cidades,
Rios famosos, e ribeiros ferteis!
Em ti, bem como em Cusco, a terra off'rece
Thesouro dos metaes d'alta valia;
O oleo das pedras surde, e fontes fórma,
E arêas fluviaes se tingem de ouro.
Ignorada na Europa longos tempos
A amoreira, onde os Séres sem trabalho
Aureos fios colheram, préza os campos
Da Occitania, e co'a verde, e rica folha
É pasto ali de precioso insecto:
Lavradores, est'arvore obedeça
Ás vossas leis, mas os direitos vossos
Aos bichos não se estendam, que ella nutre;
A jugo mais suave a sorte os liga:
Bellezas juvenis, a vós só cumpre
Regel-os; elles subditos vos nascem,
Alegres de trocar por util jugo
A dôce liberdade: no indo clima,
Onde debaixo das nascentes sombras
Vê a amoreira em leitos de folhagem
Os bichinhos nascer, se desenvolvem
Pelo mesmo calor, que d'entre a planta
As flôres faz saír na primavera:

A quadra, preguiçosa em nossos climas,
Punge, e faze calor propicio ao germe;
Um povo, a um tempo em toda a parte exposto,
Ferve ante os olhos teus no oitavo dia;
A folha da amoreira, assim como elles
No nascimento seu, leite é disposto
A nutrir-lhes a infancia, e para tantos
Vassallos que á lei tua estão subjeitos
Uma caixa, uma folha, é patria, é mundo.
Crescem, e já familias numerosas
A teu cuidado vastas camas pedem,
Onde os transfiras ao saír do berço;
No vime entretecido, e molles cannas
Postas umas sobre outra, em bairros, classes
Politico a republica lhe ordena:
Tal Roma outr'hora viu entre seus muros
Em tribus dividido um povo immenso.
Prestar egual calor á sua estancia
É das primarias leis para regel-os:
Indicador do tempo, alli o vidro
Liquor mobil encerre antes os teus olhos
Que se abaixe, se eleve, e cuja regra
Do calor, e do frio o gráo designe;
Senhor das estações a teus contentes
Pequenos povos, do seu tecto á sombra,
Darás inalteravel primavera
E a funesta inconstancia do ar adverso
Não mais os fere co'a influencia triste;
Ditosos cidadãos de um brando clima
Vivem sem susto, e de riqueza te enchem.
Mas nos seus lares que silencio reina!
Que feitiço os detêm no leito immoveis!
Em lethargo, em jejum dous dias jazem,
E isto ás dôres da muda lhe é remedio:
Vês por gráos a lagarta erguer a custo
A languida cabeça; eis que se agita,
Eis que rompe o casulo, eis que se despe,
E em novas vestiduras fica envolta;
Cresce-lhe o corpo, as vestes lhe rutilam:
Vária nos giros seus por vezes quatro
Quatro vezes a lua entorpecer-se
Os vê, vê-os mecher, e engrandecer-se.

Mas sôfregos então de dia em dia,
Crescendo vão com rapido progresso:
Seus olhos para sempre o somno impugnam:
Outr'hora em tres comidas se fartavam,
Hoje regra não ha que prescrever-lhes;
Contentar seu desejo apenas pódes;
Cercados de manjares, que lhe offertas,
São comprido festim seus dôces dias:
Folhas seccas demais teme off'recer-lhe,
E duplica o temor se humidas forem;
Colhe-as só quando vires que nas plantas
Já bebeu Phebo as lagrimas da Aurora:
Tormentas, se podéres, acautela;
E, se as folhas banhou chuva imprevista,
Repara pelo fogo injurias d'agua,
Que a seus mais bellos dias é veneno.
Algum remedio tem quando começa
No bicho a languidez; ás vezes cede
Aos perfumes o mal, porém, se teima,
Não te quero illudir, proscreve os dias
De subditos glotões, e preguiçosos;
Tranquillos parasitas entre os socios,
Espectadores vãos d'arte prestante.
Do ocio cançados, livres de seus males
Dar começo ao trabalho os bichos querem:
Soccorre uma esperança, que te é dôce;
Nos pequeninos corpos transparentes
Reluz o ouro da seda: eis elles sobem,
Dar-lhes ramos convém, onde suspendam,
E fiem seus sepulchros: lá debaixo
Dos moventes anneis, que te apresentam,
Lhes serpêam no seio em longas dobras
Vasos dous; e, formando se inda bruta,
Inda liquida a seda, embebe, estende
Por seus bellos canaes as ondas de ouro:
Na ultima estrada este liquor se espessa,
Muda-se em fio, e sae pela fileira.
Quando a lagarta emfim conhece o prazo,
Liberalisa reservados succos;
Primeiro em longos circulos fabríca
De fios um frouxel, que a obra estêa;
Movimentos mais curtos fórma em breve,

E em breve os fios seus mais apertados
Unidos por mil voltas, mil rodeios,
Maravilhosa têa construindo,
Em ovo de ouro, ou prata se affeiçôam.
Admira taes insectos: este apenas
Entra a formar no carcere o casulo;
Aquelle, já sumido em nuvem densa,
Dos fios deixa vêr inda o complexo:
Nas mesmas redes encerrando-se outros,
Como na vida unidos estiveram
Unem-se nos sepulchros; mas se acaso
(Ai!) n'estes dias o trovão rebrama
Amedrontando a terra, os tenros entes
Estremecem de horror. e caem, morrem
Imperfeitas deixando as finas têas.
Debaixo de seus tectos entretanto
Troca extincta lagarta em negras vestes
As roupas transparentes; sem cabeça,
Sem pés, um corpo immovel, e enrugado
Como que succedeu ao corpo antigo.
Presa em seus laços, transformada em nympha,
Jaz só adormecida, ou jaz sem alma?
Por entre um véo, que trae seus attractivos,
Borboleta luzente ali vislumbra;
Mas este véo condensa-se depressa,
E a borboleta se escurece, e occulta.
Queres haver do seu trabalho o fructo?
Antes que ella, espertando, obstar-te possa,
Despoja os ramos, e calor possante
Em seus lares suffoque a debil nympha:
O fio então das têas, que amollecem,
Em agua tibia se despega, e róla;
Docil por tuas mãos é regulado,
Por ordem se desdobra, e finalmente
Em meadas se fórma, e dá-te seda.
Mas, porque novos cidadãos possuas,
Vivos na sepultura avós lhes guarda;
Da borboleta o corpo, que incluida
Na nympha está, se desenvolve em breve;
Tem solidez, firmeza, o laço rompe
Das faixas: a lagarta destruiu-se,
Seu corpo é nada; mascara sómente

Ella foi, foi brilhante vestidura,
Da borboleta viva vivo manto:
Ella, qual terna mãe, lhe preparava
Manjares, que no seio digeria,
E que sobejamente fortes lhe eram:
Ella nutriu-lhe assim a infancia debil,
Que enrijando repulsa inutil véste,
E os ricos muros do palacio rompe:
Destróe a borboleta os que ergue o bicho,
Da nobre empreza ao exito ella basta;
É ariete a fronte, e bate, e quebra;
O muro cede, estala; esforços crescem,
Apparecendo vem o alado insecto,
Abre caminho, e sae: todo assombrado
Do resplendor de suas graças novas,
O corpo admira, despregando as azas:
Porém não ousa aventurar seu vôo,
Do que foi n'outro tempo inda se lembra;
Anda, agita-se, as azas lhe estremecem,
Socia procura a que seus gostos ligue:
Das communs borboletas imitando
Desatinado ardor, como costumam,
De flor em flor não vae: consagra a vida
Ao doce objecto que elegeu, e a morte
Ha de romper sómente o nó, que os ata:
O ardor vae sempre a mais; teme um momento
Furtar-lhe seus dias, morre amando;
A terna companheira agonisante
Depõe nas tuas mãos nascente prole;
Semente delicada, ovos sem conto,
Ovos fecundos, esperança, e germe
De uma linhagem destruida: filhos
Dos quaes o nascimento á mãe é morte;
Filhos sempre a seu pae desconhecidos;
E que, sem lhes haver notado a industria,
Como elles ficarão pomposas télas..

CANTO IV

Dos prados

Adornos immortaes da terrea face,
Riqueza sem trabalho aos homens certa,
Eu canto vossos dons: assás, oh prados,
Ás fadigosas lavras dei meus versos.
Sapiencia, que do Eden discorrendo
O Elysio divinal, qual vasto rio
Dividido em canaes, fertilisavas
Teus prados, teus jardins; se a ti meus cantos
Sagrei do todo, e tuas aguas vivas
Do Permesso antepuz á lympha, aos sonhos,
A teus arroios candidos, celestes
Guia meu passo errante, e dá que eu possa
Beber tua corrente a largos sôrvos.
Tu que, cingido ás leis da Natureza,
Preferes a campestre, a doce vida
Aos ferros da Fortuna, aos vãos prazeres,
Ao luxo ostentador; tu, que só amas,
Em teus desejos curto, os bens modestos
Que não grangêa o crime, e do que a terra
Um tributo legitimo te paga;
Se faceis fecundar-te as aguas podem
O chão de que és senhor, cuida em forral-o
De valiosa relva, e com profundas
Lavouras o dispõe; nunca lhe alterem
Os seixos a egualdade; e, se releva,
Sobre o liso terreno ageita, fórma
Insensivel pendor, onde escorreguem
As aguas lentas, dóceis, livres, faceis:
De leivas, filhas de abundosos prados,
Na primavera combinando os germes
Semeia-os logo, e teus trabalhos findam;
Em sempre novas flôres taes sementes
Para ti sobre o campo hão de manter-se.
Ha generos diversos entre os prados;
Um, que mais se deseja, e tem mais preço,

Onde agua surda por caminhos certos
Corre, e serpêa, no interior da terra;
Lá, por si mesmo vigoroso, o prado
Attrae agua escondida, e vive d'ella:
Quer outro que lhe reguem sempre a face
Repartidos crystaes de limpa fonte.
Mil vezes ao cultor os campos vendem
Caro os bens que se julga haverem dado:
Sua esperança illudem; falso alqueive
De muito secca, ou de humida no extremo
A quadra accusa; os fructos eis se mirram
C'o importuno calor, e o fero Bóreas
Dilacera os jardins: ventos, e invernos
Jámais em seus phreneticos impulsos
Hão murchado o tapiz, que os prados cobre.
Só de rio inundante as soltas aguas
No consternado campo afogam mésses,
Deixa o pranto ao cultor, deixa os suspiros;
O que a elle intimida, a ti recrêa:
As aguas, em que pedras não se envolvem,
De um lodo molle ao prado auxilio trazem:
Se do Leão raivoso o ardente signo
Vae torrando a verdura, e fende a terra
Aguas então da relva estancam sedes,
Em prado e prado arrenisando as flôres.
Prospero asylo de Petrarca, e Laura,
Vauclusa, onde inda vive, inda respira
Seu estremado amor! Oh testemunha
Dos mil transportes, dos suspiros de ambos;
Tu, que tão bella foste aos dous amantes,
Tens do tempo da Grecia o grão, e a fama
Pelos thesouros, que nas aguas vértes.
Se a corrente de proximo ribeiro,
Desviada demais, tocar não póde
O prado sobranceiro, em vão rebelde
A teus desejos foge, e ao chão sedento:
Um dique as aguas prenda, obrigue as aguas
A transcender seu leito; ou muro occulto
Reforçado alicerce entre ellas tenha;
Ou constante, enterrada estacaria
Em vinculos de ferro unida seja:
O captivo regato inda parece

A custo obedecer, saudades sente
Do natural pendor, e antiga e trada;
Mas, apesar da furia, ás leis subjeito
Detem-se a teu sabor, se eleva, e corre:
Em prateados sulcos se reparte,
E ás flôres tuas homenagem rende:
Aguas partidas por est'arte, ás vezes,
Indo, empobrecem, e esgotadas morrem:
Não de outra sorte o Xúcar orgulhoso
De Valencia nos campos vê sangrar-se,
E ao mar, que ruge, e que lhe exige as aguas,
Vil feudo leva de regatos pobres.
Nos torrões onde as aguas são mesquinhas;
Por industria economica parecem
Menos raras: seu uso ali se vende;
A cada possessor egual espaço
Abre, e fecha um canal, seus curtos mimos
Revezados ali de tempo a tempo
Repartem-se com um, com outro prado.
Se agua em tempos diversos cobre, e deixa
A terra tua, os fructos seus varíam
Nas quadras todas: um torrão pasmoso
Lá no hungaro terreno se transforma
Em campo lavradío, em tanque, em prado:
De uma serra visinha em roda se ergue
Longa, pezada nuvem, que vomita
Do bojo de átra côr ventos, e raios:
Por subitas columnas eis torrente
Das subterraneas grutas sáe mugindo;
N'um momento, não mais, se fórma um lago,
Onde armado de anzóes o peixe enganas:
Quando Bóreas agudo as ondas géla
Aos carros ellas dão segura estrada:
Desgosta-se no fim da primavera
A agua d'esta mansão, e entra de novo
Na estancia natural co'a prole sua;
Levanta-se onde as aguas se estendiam
Hervagem pingue dos rebanhos pasto;
Em breve o lavrador lá sulcos traça,
E em breve a terra com seus dons o amima:
O regresso do outôno alli renova
Relva abundante; o matador salitre

Voando alcança os passaros, as lebres,
E os outros das florestas moradores,
Que o fresco pasto fervorosos buscam:
Taes entretenimentos dia e dia
Te chamam, porém curtos são teus gostos:
Durar não podem mais que até ao prazo
Em que a seu leito recuando as aguas
Vão de novo occupar a estancia antiga.
Venturosos os campos, venturosos
Onde se filtram no interior da terra,
Ou pelo sol nos ares se evaporam,
Sem pedir teu cuidado, e livres prestam
O alimento invisivel da frescura!
Admiro essas pastagens, esses cumes
A que as hervas anima o Loire, o Sena,
Amo do Rheno as ondas magestosas,
E as margens do Lignon, que Amor passeia.
Rica, e vasta planicie, oh ferteis prados,
Ornamento, esplendor da antiga Neustria,
Onde nédeas, cornigeras manadas
Erram sem guardador por grandes pastos!
Herva, que engolem nos mais longos dias,
Lá na mais curta noute é reparada:
Para se vigiar todos se ajuntam;
Postos por ordem, sobre as mãos lançados,
Um circulo formando, a torva fronte
Muro invencivel apresenta ao lobo:
Taes os prados que, ás ondas submettidos,
Aos olhos do universo Hollanda mostra.
Nas margens onde o mar o Escaut repulsa,
E com elle se ajunta n'elle entrando,
Estendiam-se outr'hora infectos lagos
Temidos sempre dos visinhos povos;
O Escaut, o Môsa, o Rheno, entre herva, e junco
Esquecendo a carreira impetuosa,
Sem gloria se espargiam lutulentos
Formando aqui, e alli paúes nojosos:
O belga disputou grau tempo ás aguas
A terra, e guerreou por fim com ellas;
Seccos por arte sua os negros tanques,
Surgem paizes, que tapava o lodo:
Absorto o mundo viu nascer a Hollanda;

O sol nas ondas admirou Zelanda,
Que a vez primeira então provou seus lumes;
Trasbordados arroios, rios cento
Para se reunir deixando as margens,
Partidos em canaes, viram captivas
As aguas suas abraçar a Hollanda,
E, melhor que os tractados, lá poderam
Com suas divisões ligar cidades:
O alto Oceano, que, escapando ao leito,
Sempre usurpadas margens engolia,
Já sabe respeitar, nas suas preso,
Reparos que a soberba lhe agrilhôam:
Arvores descem ás arêas fundas,
E do centro do mar florestas sóbem;
Não tinham já na fronte essas folhagens
Tão bellas, essas flôres tão mimosas,
Amavel ornamento á Natureza;
Mas por arte feliz mudadas foram
Em robusto alicerce, e carregadas
D'immensa terra; suas frontes viram
Morrer a equórea furia, e sustentaram
Molle alcatifa de verdura, e flôres:
Debaixo d'este abrigo em campos novos
O batavo ajuntou riquezas certas;
Duros cavallos, gados numerosos
Ao longo das collinas despargidos
A relva seguem, que jámais se extingue:
Ha margens onde trémulo o terreno,
Suspenso, mobil, e a nadar nas aguas
Parece que dos gados cede ao pezo:
Tranquillo viajante em ageis barcas
A seu prazer o batavo discorre
Suas cidades; quándo os rios presos,
Congelados nos leitos frustram barcas,
Ellas captivas ficam, vôam carros
Por estradas de gelo; e tal, qual fende
As planicies azues ave ligeira,
Sobre os canaes, c'os pés de ferro armados,
O rapido hollandez escorregando,
Mas firme todavia, assim passeia
Por cima do maciço, e claro espelho.
Os rios, sobejando ás margens suas,

Não raras vezes os desvelos baldam,
E férvidos nos prados se derramam:
O Oceano se indigna de que ousadas
As duras mãos do batavo ardiloso
Escravo o tenham, seu imperio estreitem;
Soffre mal, que em grilhões as ondas suas
Praias não cubram, que regiam d'antes,
E que do antigo jus da Natureza
Arte o despoje; o rispido Oceano
A si mesmo provoca ao seu despique,
E contra os muros, que amedronta iroso
As ondas rompe sempre, e sempre fórma:
Se elle triumpha (povos, ah! temei-o)
Quebra mugindo os diques, e os derruba,
As cidades engole, e sobre as vagas,
As vagas vencedoras, mostra os tectos,
Seus horriveis trophéos, e prantos nossos.
Vós que as praias cobrís do mar quieto
Que os Vólcos ao suor tornaram docil,
Nunca ousareis, industriosas gentes,
Converter lodaçaes em pingues prados?
Lá outr'hora se viu de humidas grutas
Negrejantes delphins correr aos mares:
Á voz do pescador voavam logo,
Socios lhe eram, quinhão nas pescas tinham;
Diante dos baixeis saltando em chusma
Rapidamente as aguas dividiam,
E das redes em torno apinhoados
Os feros contendores costumavam
Tornar ao laço os escapados peixes.
Por onde o Rheno impetuoso róla
Rapidas ondas nos famintos mares,
Ao seio dos paúes em dia e dia
Seixos vomita de espumosas bocas,
Seixos, que na carreira ía levando;
Pouco a pouco ás lagôas enche o fundo,
Do assalto equóreo suas margens vinga:
Felizes habitantes, dae-vos pressa,
Thesouros ajuntae ás terras vossas
Sumidos n'esses lagos: de mão dadas
Lá procede comvosco a Natureza:
As aguas arredando-se vos servem,

Antecipam-se a vós; e d'entre os lagos
Francos á vossa vista, nasce a terra,
E de uma, e de outra parte ella vos chama:
Regei, regei o imperio d'agua expulsa,
E ao ar na arêa o peixe exhale a vida;
Em vez de amargas, navegaveis ondas,
Te engorde os gados efficaz verdura.
Terás por arte prósperas colheitas:
Sôltas arêas n'esse lodo envolve;
Do seio d'esses mádidos terrenos
O lirio rôxo, o junco desarraiga;
Por seu cortante ramo ensanguentada
Dos cavallos, dos bois não poucas vezes
Se escandalisa a bôca, e se desgosta:
Canaes profundos aguas sempre afastem,
Que faz o seu pendor cobrir teus lagos.
Prados creando, a visinhança teme
De um rio, que devora as margens sempre;
Tal das terras que banha, e vae roendo
Tacitamente o Rhodano costuma
Alicerces minar: quando enfunados
Da borrasca estridente o Isero ajunta,
E o Saôna seus impetos aos d'ella,
Eis de repente o Rhodano se engrossa,
Brame, e a terra, escutando-o, geme ao longe;
Vagos fluctuam nas soberbas ondas
Co'a messe os regos, e co'a relva os prados;
Do seu chão arrancada inteira herdade
Voga rapidamente a chão remoto;
Pela terra fugaz debalde chama
O senhor consternado, outro a possue,
E a une a seu torrão: já se tem visto,
Cançadas dos seus giros novas Delos
Escorar se nas ondas; a miudo
O Rhodano alteroso ás vivas aguas
Abre varios caminhos, entra, invade,
Cava os campos miserrimos, que foram
Em vão lavrados para fins melhores;
Onde messes cresciam, correm aguas,
E o que já foi corrente é chão fecundo:
Ai! Margens de Aramon, vós o soubestes,
E vós oh Tarascon, Montfrin, Beaucaire,

Valabregues, campinas vezes cento
Do Rhodano animadas, e outras tantas
Desoladas por elle! Alta barreira,
Engenhosos desvelos contra os golpes
Do rio denodado escudos sejam:
Um forte dique ali combate as ondas;
Além solido muro a margens veste;
Mais longe debil vime o rio espera
Sobre a arêa; resiste-lhe, cedendo,
E os esforços lhe enagna, e lh'os malogra.
Que hade ser freio ás aguas indigentes
Que, os prados a nutrir bastando apenas,
De improviso em torrentes se convertem,
E em ondas fervorosas sáem das margens?
Tudo foge á violencia, que arrebata
Rochedos, e rebanhos, e a ti mesmo!
Tal junto d'Ilion o irado Xantho
Ovantes cabedaes desenrolava
Na terra circumstante; e, em quanto aos Teucros
Era seu leito asylo, esbravejando
Campos vexava, e perseguia Achilles:
Escôa-se por ultimo a corrente,
Mas debaixo da arêa os prados ficam
Sepultados ás vezes; livra os olhos
D'esses tristes objectos, e contempla
Margens mais ledas, mais ditosas margens.
Aos prados restitue a primavera
O brilhante matiz: as flores suas
Assegure o pastor, venére o gado;
Teme que, desmandando-se com ellas,
Devore em fim seu ávido appetite
Os thesouros de um anno em um só dia.
Vós movei pelo prado as lindas plantas,
Nymphas, que de attractivos innocentes
Ornadas vedes as boninas tenras;
Lavor da Natureza, o flóreo esmalte
Seja da simples graça enfeite simples:
O fogo dos rubís, e dos diamantes,
Altivo adorno das que regem sceptros,
Em vossos corações não cria inveja;
Deixamos, e seguis a Natureza:
A terra para vós urdiu tapizes,

Taes leivas estendeu, travou taes côres
Só para os vossos pés, e os olhos vossos.
Como que ao homem, que a seu rei querendo
Mais bella, e mais lustrosa a terra dar-se,
De roupas fulgurantes se atavia:
O seu tão vario, tão risonho esmalte
É arte com que a déstra Natureza
Lhe ornou mimosamente a formosura;
Por isto é que floresce a relva, e sóbe
Nutrindo n'agua, e refazendo os succos;
Mas isto mesmo ás hervas damno fôra
Que humildes sempre são sem ser banhadas,
Densas com tudo, e que jámais se exhaurem:
Este campestre viço aos gados cede;
Vê como, errando á tôa os pastos buscam;
Aqui, livre de jugo, o boi ocioso,
Deitado sobre as mãos, remóe d'espaço;
Saccode o freio além ginete ufano,
E rincha, e salta, e pelos pastos vôa.
Teus olhos em teus prados sempre attentem,
Util espectador os enriquece:
Desarraigas aqui sinistras hervas,
Inuteis para ti, fataes aos gados;
Ali vás escolher do acaso as plantas
Que Natureza dá sem que arte a ajude,
Fartas de succos bemfazejos, simples;
Plantas do teu suor independentes,
Que da fragil saude amigo esteio
A peçonha dos males afugentam:
O luxo dos jardins altera, ou mata
Virtude tão suave a teus desejos.
Se rara, e triste a relva sáe, floresce,
Esparge-lhe por cima um rico estrume:
Se o terreno te deu na flórea quadra
Em vez de herva proficua musgo esteril,
Cobre-o de cinza; aos prados tal soccorro
Renove o lustre de seus bellos dias:
Consome-os a velhice a teu despeito?
Tentáras a fraqueza em vão curar-lhe:
Para sempre destróe tapiz inutil,
E alimentosa espiga o substitua;
Desafogado o chão mudando o enfeite,

Sem custo como d'antes enverdece.
Nos fins da primavera, quando Phebo
Annuncia o verão, da fouce te arma:
Abre caminho, abate aos golpe d'ella
As hervas de pascer; largo tridente
As agite, e depois ao sol se murchem:
Da chamma perigòsa o resto exhalem;
Se a funesta colheita apertas logo
O calor se lhe anima, e tráe seus lumes
Condensado vapor; flammèja em breve,
E debaixo dos tectos incendidos
O fogo te consome a ti, e a ella.
Inda mais p'rigos ha: teus carros vedem
Que ameaços do tempo se effeituem:
Mui longa duração de aéreas aguas
Dissipa os succos da sedenta relva;
Subito ás vezes fervida torrente,
Ou ante os olhos teus a tempestade
A arrasta, os bens te rouba, e n'outras margens
Assombra teus visinhos, lh'os entrega.
Feudos, que dão á primavera os prados,
Nos seus primeiros dons não se restringem,
Tem de se renovar: dispõe o estio
Novos succos, que o outomno aperfeiçôa;
Té o inverno, que gela, e murcha o mundo,
Não ousa deslustrar-te a verde relva.
Em nossos tempos cresce, e reina industria
Que faz de uma raiz nascer um prado:
De lavras, e de estrumes farto o campo
Soccorro assiduo não requer das aguas;
O mais rebelde emfim se torna docil,
E facil abre o seio á planta amiga.
Torrão pingue, lodoso é que sustenta
O trevo, que renasce ali tres annos:
Em mediocre terra onde a colloques
Vivaz luzerna quatro lustros dura:
Cascalho, arêa fazem que prospére
O sóbrio candeal, e o trevo grande.
Cada anno em primavera, estio, outomno
Usam de reparar sua existencia,
E a fouce lh'a destróe; n'aquellas quadras
As novas hervas suas ganham forças,

E ao gado excitam fome: em se exhaurindo
Estraga-lhe a raiz, e d'esse estrago
O trigo surgirá mais vigoroso,
Em quanto desterradas por lei tua
Renascer, vicejar vão n'outros campos.
  Uma semente, ou planta ennobrecida
D'est'arte, e só, para nutrir-te os gados
Mais abundancia tem que amenos prados,
Da mãe universal mimosos filhos,
Composto casual de germes varios:
Dentro em pouco, assombrando o chão que habita,
Qualquer d'ellas impera, e já não teme
Com herva parasitica humilhar-se,
Emagrecer, ficar qual era outr'hora
No logar onde próvido a escolheste.
  Se n'um prado vulgar qualquer plantio
Houver, que, digno de melhor ventura
Definhe, ou bastardêe, e se no lodo
Jaz abatido, á mingua de cultura,
E por visinhos seus dos succos falto,
Que ali buscava, d'esse damno o livra,
Cria-o só; firme então de dia em dia
O tronco, honroso ás experiencias tuas,
Não menos que os irmãos irá medrando.
  Da planicie onde ri tanta verdura
Os thesouros admiro, e prézo o enfeite;
Livra-se a terra do um repouso infausto,
Tudo é fertil, risonho, e te enriquece:
Longe os tristes alqueives ociosos,
Que de abortivos cardos se herriçavam,
Um grão succede a outro; eis que, mudando
A sua habitação, nasce, destróe-se,
Renasce por seu turno: á terra deram
Teus suores, e auxilio renovados
O esforço de perpetua mocidade:
Assim, por sempre compensados mimos,
Teus gados, e teus campos se refazem.
  Ha entre as flôres, que ataviam prados,
Especies caras, distinguidos germes:
Ante teus os olhos congregar tu podes
D'estes plantios as dispersas graças:
Attento cultivando-as n'um canteiro

Ali creadas são com leis melhores,
Dão-lhe á simplicidade um lustre novo;
Mas aos jardins quaesquer é berço o prado.
Ás tuas precisões o chão fiz util,
Agora aos teus prazeres fertil seja.
  Tu, que dignas de amor pesquizas flôres,
Dispõe vivenda aos hospedes mimosos:
Debaixo de céo puro, em branda terra
Com seu raio nascente os lustre Phebo:
Sem arte ou eleição lá n'outros tempos
Confusamente as flôres, e ao descuido
Aqui, e alli nasciam, contentadas
Dos dotes da singela Natureza:
Os que a cultura empresta não sabiam:
Assim de Alcino a ilha povoavam,
E os jardins de Semiramis, suspensos:
Athenas dos jardins entre seus muros
O uso alegre deveu ao pae virtuoso
Do prazer philosophico; Epicuro
Alli mostrou suas bellezas novas,
E os campos transferiu para as cidades;
Mas Grecia, de que as artes foram filhas,
A regra dos canteiros ignorava:
A França é que os formou, que os pôz em ordem:
D'este luxo campestre ornou palacios,
Orla inventou de arbustos volteados,
Dispôz affeiçoada, e lisa relva,
Fertil xadrez c'roou-lhe extremidades,
E das mais bellas, escolhidas flôres
O thesouro ostentaram. Sois dos olhos
Dôce attractivo, oh flôres; entre aquelles
Longos circuitos vos ergueis mais lindas:
Tal aos metaes o solido diamante
Dóbra fulgores no emprestado throno.
  Em meio do canteiro aquósa origem
Leve a teus tanques borbulhões ferventes:
Sêdes o regador ás flôres mate;
Mórmente quando a terra arder co'as calmas,
Quando ferrenhos céos, manhãs sem pranto
Ameaçam da flôr belleza, ou vida,
Com aguas mais assiduas as soccorre.
As graças lhe renova, estêa os dias:

Sem ella tudo morre; onde é detida
Vae buscal-a, e consigam-na desvelos:
Agua outr'hora cobria o vasto mundo,
Mas Deus a captivou no equóreo abysmo.
É lá que as ondas insoffridas querem
Seus muros arrombar, lá que mugentes
Na praia immovel, espumando, expiram:
A cada instante o sol do mar levanta
Vapores, que dilata, e que, levados
Rapidamente nas aéreas plumas,
Menos graves que o ar que nos rodêa,
Sobem onde mais livres, mais ligeiros
Na sublime atmosphera andam nadantes;
Geram d'aurora cada dia o chôro,
Branquêam flôres distillando orvalhos;
Quando os tufões desferrolhados bramam,
E nas fundas cavernas erguem lôdo,
Ondas, betume, do terrivel centro
Sáe mais negro vapor turbando os ares,
Brinco de seus caprichos formam nuvens
Mães das procellas, filhas do Oceano;
Em seus grávidos corpos bate o vento,
E pelos ares cáem mais leves que ellas:
Ás planicies baixando, um mar suspenso
Rios, e fontes pelo mundo entorna:
Facil caminho a preparar-lhes prompta
Abre a esponjosa terra o seio ás aguas:
Mórmente os serros nas internas grutas
Ás fugazes correntes dão guarida;
Pélago de vapores espargido
Nos picos d'ellas, os montões gelados
Das neves invernaes (que o sol fervente,
E os humidos Favonios tocam, rompem
Entre os risos de Abril) vão tortuosos
Seguindo por caminhos variados
Os meandros de arêas, e rochedos:
Pelas vêas do monte as gottas filtra
Agua perenne, e abobadas penetra
Té aos barrósos leitos, onde ha posto
Reservatorios d'ella a Natureza:
Lymphas, juntas alli, dos montes fogem;
Eil-as arroios são, e as terras lambem.

Cumes da Iberia, onde morreu Pyrene,
Os que Annibal transpôz, Vosgos, e Jura,
Do seio o Pó, e o Rhodano desatam,
Rheno, e Garumna, Sóccona, e Ticino:
Debeis junto da fonte os prados molham,
Off'recem-se aos rebanhos sequiosos;
Mas eis se esquecem da acanhada origem,
E na carreira sua abastecidos
Do tributo de arroios, que recolhem,
Com impeto rolando altivas ondas,
Cobertos de baixeis qual o Oceano,
Vão no bojo maritimo abysmar-se,
E as ondas tornarão, que somem n'elle,
Sobre as azas dos Súes ás ferteis serras.
Vê d'esta pedregosa, esconsa altura
Com tremendo rumor lançar-se as aguas;
Lá debaixo da terra em ferreos tubos
Superior artificio as feche, e aperte;
Éneo canal em teus jardins colloca,
Que dê caminho estreito ás aguas promptas,
Ellas furiosas sáem, e aos ares saltam
Tanto quanto na queda se abateram;
Seu pezo as fez caír; d'agua, que as segue,
Pezo urgente as eléva, e manda aos ares;
E quando ellas se escapam, se acham livres,
Equilibradas sempre estão co'a fonte:
Pular aos tanques teus virão d'est'arte,
E em teus jardins brincar de varias sortes.
Junto d'impia caterva em rãs mudada,
D'agua, que ella vomita, injurias soffre
A mãe de Apollo; um Titan enraivado
Debaixo de Etna, que lhe esmaga os membros,
Rio aos céos arremessa em vez de flamma:
Mais longe por canaes, que estreitam aguas,
Sobem, não vistas, muro que as esconde:
Já patentes ao dia eis se desdobram,
Multiplicadas cáem de tanque em tanque.
Est'arte portentosa, e sempre grata
Co'as aguas brinque; o sabio lhe prefére
Dos compridos canaes a simples arte,
Que na rica abundancia egualam rios:
Praz-me uma fonte ás tuas leis submissa,

Que a ordem que a divide á risca observa:
Entre as flôres aqui remanso ameno
Volve em arêas de ouro ondas de prata;
Ornam-lhe as margens marmore, verdura,
E apenas corre, murmurando apenas;
Mais abaixo serpêa, e por cem voltas
Erra nos bosques, a carreira esquece:
Acolá, qual torrente as ondas pulam
De rocha em rocha, rompem-se escumando
Com pavoroso estrépito, e lhe applaude
Os mugídos horrisonos a terra.
Onde illusões amaveis me transportam!
Aprazíveis estancias quiz mostrar-te,
E dos reis aos jardins levei teus passos:
As aguas, como as terras, lhe obedeçam;
Tu regúla os desejos, mede as forças,
De um prazer seductor o engôdo teme.
Porém na escolha de agradaveis flôres
Azas livres concedo a teus desvelos:
D'extranhos climas generos gabados
Da Gallia ao seio conduzidos foram;
Cada flôr n'ella crê que a patria gosa,
Um jardim no recinto inclue o mundo;
Floresce aqui a anémona indiana,
E junto d'ella a tulipa africana:
America egualmente a par lhe arraiga
Bellezas varias de seus amplos climas;
A tenra hemerocál, cujo destino
É nascer, e morrer n'um mesmo dia:
E as que outr'ora agradaram tanto aos Incas,
Que para as figurar na quadra triste,
Imitando-as em flôres de ouro, ou prata,
Nos seus ricos jardins a Natureza
Usavam reparar.. ah! Não previam
Que das longinquas margens do occidente
O hespanhol, mais cruel que inverno, e ventos,
Roubar-lhe iría tão fatal riqueza.
Oh! Quantas flôres, concorrentes d'estas,
Mobil quadro variam, nos off'recem
Das côres o espectaculo não visto!
Como arte bella em movediça têa
Aos olhos enlevados apresenta

Os paços de Plutão, do Phebo o coche,
Grutas de Thetis, e de Amor florestas;
Tal em nossos jardins, aonde a guia
Sua propria estação, vem cada especie
Dar o atavio, e novidade á scena:
O seu seculo está na quadra sua,
Nascem tantas nações n'um anno, e morrem.
A violeta gentil na densa folha
Como que foge á luz, e ama o retiro;
Seu perfume a descobre, e seus encantos
Modestos, virginaes melhor conseguem
Honras, que esquivam; sobre o flóreo plano
A anémona reluz; o vivo esmalte,
De que é c'roada, reunira os gostos
Se no mesmo logar não campeasse
A tulipa formosa; quanto as côres
Um mixto formam n'ella extravagante
Tanto é mais de admirar, e a especie é rara:
Da Syria o mais christão dos reis da Gallia
Trouxe a flôr, que entre nós co'a variedade
De seus dôces caprichos graciosos
É dos amantes seus prazer supremo:
Revivendo a semente, as flôres torna
Similhantes, mas varias, taes quaes vemos
Delicadas irmãs. Oh! Natureza,
São estes brincos teus, são lindas manchas
Que aos olhos assignalam tanta especie,
E os nomes dos heróes lhes attribuem:
Nos jardins nascem Alexandre, e Cesar.
Prompto a deixar-nos Zephyro abre a rosa,
E ao primeiro calor a off'rece amigo:
Dá-te pressa, dous dias não subsiste
Tão suave esplendor; são muitas vezes
Os mais bellos destinos os mais curtos.
Que aroma singular me prende, e encanta!
Fragrante aos olhos meus pompêa o cravo:
Erguido sobre o tronco, e fresco, e bello
Nativa candidez ostenta o lirio:
Teus pendões invenciveis borde, oh França,
Tua gloria annuncie em toda a parte;
Mas dos sentidos meus desvie o cheiro.
Dos perfumes que dás tambem o excesso

É desabrido, oh flôr do mundo novo,
Mais ditosa entre nós, e que os francezes
Nominam tuberoza; em tu surgindo
A pomifera quadra retrocede,
Vem dar-te irmãs, que hão de formar-lhe a côrte;
O amarantho immortal, papoula, e myrtho,
E a que, amante do Sol, com elle gira;
Por sua formosura, e variedade,
Pelos destinos seus, da China a rosa
Nos assombra os jardins; em sós tres dias
Que á vida lhe aprazou a Natureza
Muda tres vezes o inconstante adorno;
Entre as flôres Prothêo, nascendo é branca,
Vermelha já maior, purpurea em velha.
Quando o inverno, chamando á terra os frios,
Ordena aos ventos que a verdura arranquem;
E quando nos jardins por elle murchos
Das flôres o espectaculo nos furta;
No tempo em que o taláspis d'alva fronte
Ousa ainda brilhar perante os gelos,
E entre seus pés o caminhante admira
Flôr que, sempre affrontando o feio inverno,
Em gelado torrão sae da semente,
Se abre, e penetra sobre-postas neves,
D'ellas triumpha; em preparada estancia,
Contra o frio rigor seguro asylo,
Flôres faze nascer; lumes desperta
Cujo modico ardor Zephyro imite;
Com este brando sôpro a flôr se illude,
Á flôr parece que Favonio torna,
E deve ao dôce engano a dôce vida.
Aos desvelos, que influe arte assisada,
Amoroso delirio não se aggregue:
Junto de um cravo moribundo chore,
Murche com elle pallido florista;
Outro, perdendo tulipa mimosa,
Guarde como um thesouro o espolio secco;
Estes insanos creadores tristes,
Estes rivaes do céo vão muito embora
Mudar o esmalte ás flôres, e o perfume,
Alterem-lhe no seio a Natureza
Imprimindo-lhe a côr d'agua tingida

Pelo artificio: quaes prodigios contém
Açucena purpúrea, e negro cravo,
Gabem-se do que podem; tu desdenha
D'arte minuciosa apuro esteril,
E gosa te dos dons da facil terra.
Multipliquem-se as flôres onde a abelha
Usa pelas manhãs colher seu nectar:
Ás antigas nações elle preciso
Dos cuidados domesticos objecto
Util, e amavel foi; de Mantua o cysne
Excitou-lhe o fervor, cantou costumes,
E thesouros da abelha, os seus trabalhos,
A sua economia, a ordem sua,
Seu amor a seus reis, civis discordias,
O lucto de Aristêo perdendo o enxame,
Pelos deuses, e a mãe restituido
Aos prantos do infeliz: mas dando apenas
Ao hemispherio nosso o Novo-Mundo
Sabor de succo estranho, as canas foram
Antepostas por nós ao dôce favo:
Da massa, com que engenha os edificios
O insecto susurrante, inda até'gora
Nada o notorio prestimo ha supprido.
Adquire pois a cêra, e vae creando
O tomilho, o serpol, herva-cidreira,
O jacintho, o açafrão, e as perfumadas
Flôres, que enxame aligero carêam;
A estancia lhe construe, a obra excita,
Poupa-lhe os bens, e, por sarar-lhe os males,
Dos sabios, que inda existem, cólhe industria,
Que as abelhas mantém melhor que outr'hora.
Seguem flôres o Amor, Sorrisos, Graças;
De Timante a Cephisa os mimos levam;
Unem-se na madeixa, o seio adornam;
As festas mais pomposas formosêam;
Travados n'um festim seus ramalhetes
Com saborosos, delicados fructos
Movediço jardim nas mezas formam:
Por desusado mixto algumas vezes
A imagem dos mortaes nos apresentam:
Assim, sem fabricar vãos numes feros,
Que em flores desgraçados convertiam,

São animados por contrario encanto,
Nymphas, heróes se tornam: das mais bellas
Artes brilhantes o atilado esmero
Imita-lhes a graça, esmalte, e fórma.
Mais forte em tuas mãos, que industria, oh França,
Te affeiçôa, e submette o docil barro?
Nós o desconhecemos, nós julgamos
Ver o brilho, o matiz, ver o caracter
Das flores mais lustrosas, e parece
Que os olhos, d'estas graças seduzidos,
O insulso, preguiçoso olfacto arguem.
Os seculos remotos conheceram
Plantas, cuja virtude expulsa os males;
Descobriu (oh portento!) a nossa edade,
Que a flor vida recebe, a flor dá vida
Como o homem a dá, a recebe:
Cubiçosos de unir-se os vivos orgãos
De dous sexos fecundos n'ella existem;
Do pistilo no seio os filamentos,
O pó, que elles contém, nações inteiras
Criam de varios generos; seus fachos
Une Amor, e Hymeneu, conservadores
Da flórea estirpe: em desmaindo a força
Do diurno calor, parece a planta
Immovel, como nós, jazer no somno:
Desaparece o dia? Eil-a se murcha,
E perde o movimento, e sécca, e morre.
As que privadas sempre estão d'esposo
Não têm fecundidade: ha taes, que tecem
Illegitimo vinculo, acceitando
Os mimos, a paixão d'estranha especie;
Porém d'estas a prole é sempre esteril,
E vinga a Natureza: outras, affeitas
A vicejar com languida cultura,
Enervam-se por arte industriosa;
Sua grandeza, e esmalte, em breve agradam;
A serventia perderão seus orgãos;
Os filamentos seus, demais nutridos,
Hão de alongar-se em folhas: a belleza
Ha de supprir-lhe os destruidos sexos,
Serão fecundidade o luxo, o adorno,
Aqui valída flor da Natureza

Possúe hermaphrodita ambos os sexos,
Arde nas chammas, que ella propria accende,
Mata os desejos, que ella mesma incita:
Dos apartados sexos lar distante
Em vão presumes que Hymeneu desvia;
As auras serviçaes da flôr ao seio
Levam do esposo a preciosa off'renda:
Taes as palmeiras nas fecundas margens
Que humedeces, oh Nilo, inda que ausentes,
Para se unirem com prisão de amores
Em anno, e anno por Favonio esperam;
Elle é seu mensageiro, azas lhe empresta;
Mas se o vê preguiçoso em demasia,
Do Egypto o morador vae diligente
Da amada aos braços conduzir o amante:
Sem tal soccorro a planta estereis flôres
Déra, e déra murchando inuteis fructos.
Tempo de amor ás flôres é a aurora,
Renascem co'a manhã, co'a luz se animam,
D'ellas susurra em torno o flavo enxame,
Applaude a borboleta os dôces brincos,
E o terno rouxinol em paphio myrtho
Canta os ardores, o commercio d'ellas.

CANTO V

Dos gados

Vós, que exerceis das terras a cultura,
Vós, que lhes daes os bens, lhes daes o adorno,
Mortaes, quanto estas leis vos eram graves,
Que trabalho exigiam, se as sentisseis
Desajudados, sós! A Divindade
Submette a humana especie a taes suores;
Mas a pena é paterna; e, moderando-a,
Aprouve-lhe curvar ao jugo do homem
Proficuos animaes, que em parte a soffram:
Devem obedecer, vós governal-os;
Subditos são, que o reino vos povôam.

Este imperio tão rico, e tão potente,
Quanto d'esse desdiz, que possuia
O homem, pela innocencia enriquecido?
Submissos animaes seu rei serviam,
E apenas foi culpado os viu rebeldes;
Sem armas, sem soccorro estremecendo
Dos tigres, dos leões temia a furia:
Aguas, e grutas, ligeireza, e vôo
A seu illuso ardil roubavam prezas:
Mas assim que inventou pelo trabalho
Artes o racional, e assim que o Eterno
Lhe restabeleceu poder nos brutos,
Forçou, venceu-lhes repugnante instincto;
Cedeu colhido o passaro nas rêdes;
Teve o touro, o cavallo um jugo, um freio:
De noute discorrendo a serra, o valle
Os selvaticos monstros buscam pasto;
Nasce a luz, o homem sáe, elles o acatam,
E d'elle entre as florestas vão sumir-se:
Aos uteis animaes deu regras uteis;
Nos serros espargiu seus dóceis gados;
D'est'arte um foi escravo, outro temeu-o,
E ás leis de seu senhor curvou-se o mundo:
O cabrito-montez, e o cervo, ainda
Que em fórma ao renna eguaes, não se arrebanham;
O búbalo indomavel mora em selvas,
E a cabra montezina esquiva o jugo;
D'estes as gerações, que a Natureza
Cria selvagens, e selvagens deixa,
Não podemos dobrar aos usos nossos;
Mas n'estes animaes, intumecidos
Com sua independencia, e liberdade,
Limitado poder sempre exercemos.
Oh Deus, de que um pastor, tremendo, amando,
Viu nos cimos do Horeb a magestade;
Tu que, chamando-o a ti, d'entre ignea sarça,
Que ardia em fogo teu sem consumir-se,
O teu nome, o teu ser lhe revelaste,
O primeiro dos vates o fizeste,
O fizeste o pastor de eleito povo;
No lume divinal minh'alma inflamma,
O inculto guardador por mim se instrua,

Saiba usar de teus dons, e te agradeça
O imperio seu pela homenagem d'elle.
Se bellos fructos, se abundosas messes
Teus desejos expertam, gados cria;
Venturosa experiencia, ampla fartura,
Verás galardoar teus mil desvelos:
Dos antigos mortaes este o costume;
Os súbditos, c'os reis eram pastores:
A fabula indicou por véllos de ouro
Das ovelhas de Atrêo, e Eéta o preço;
O esposo de Penelope em seus gados
Tinha os thesouros seus; de Fauno a prole
Os seus thesouros em seus gados tinha:
Esta industria cobriu de povo immenso
Judéa, Egypto, e foi sua opulencia.
Africanos, arábigos, os vossos
Mansos camêlos o joelho accurvam
Para que os carregueis; sem medo á sêde,
Pagos de áridas hervas, os desertos
Cruzam da zona ardente: a India off'rece
Aos olhos meus o válido elephante,
Espantoso animal, que de um menino
Se deixa governar, altivo, e brando:
Torres sustenta, e impávido costuma
Levar guerreiros onde a gloria os guia:
Por estrada, que o gelo, a neve atulham
Puxa os frios lapões o renna activo;
Só para si querendo agreste musgo,
Vestiduras lhes dá, manjar, bebidas:
Mas nunca teus rivaes serão taes povos,
Oh gente, cujas terras alimentam
Os serviçaes cavallos; seus empregos,
Prestimos varios, o animo, a belleza
Aos outros animaes este avantajam.
Cria em ledos outeiros teus rebanhos,
De moderados céos procura o clima:
Bando feliz d'innumeros ginetes
Lá se faz agil, são, robusto, e vivo;
Mas em lodosos prados tendo a estancia,
Ou tendo-a em valles humidos no extremo,
Grosseiro pasto d'este chão nocivo
Lhe enerva os corações, se augmenta os corpos;

Ficam pezados, sem vigor, sem brio,
E receam-se do ar ou denso, ou frio:
Vê do hespanhol o ardor, vê-lhe a nobreza,
A fleugma do hollandez, e a cobardia!
Taes, á face de um céo macio, e puro,
As arvores, que a terra alegre nutre,
Ás graças, que lhe vem da Natureza
Unem sumo aprazivel, unem fructos
Provindos da cultura: outras desmaiam
Em soltos areáes, em seccos montes,
Que o vento insulta, ou nos profundos valles
Toleram sombra perfida, e sómente
De sem-sabor substancia engrossam fructos.
A França ao teu desejo em sitios varios
Off'rece outeiros, que de pasto abundam,
Manifestos á luz: são taes os prados
De Hiesme, do Garumna, e taes se mostram
Do Rhodano fervente as frescas margens.
Que é do vosso artificio, oh destros povos?
Roma, Roma deveu proezas suas
De vossos bons maiores ao cuidado;
Vossos ginetes, para a guerra idóneos,
Creados para a guerra, aos seus horrores
Conduziram do mundo os vencedores.
Escolhe o garanhão, que d'esta escolha
Depende a sorte da manada equina:
O andaluz nos apraz, e o barbaresco;
D'este o filho n'altura o páe transcende,
E o cavallo d'Iberia excede a estirpe:
O garanhão, que estimo, é novo, é forte,
Soberbo, e manso, dócil, e animoso,
Alto pescoço tem, e audaz cabeça,
Redondo é na garupa, e cheio em lados;
Caminha ufano, rapido galopa.
Insulta os medos, desafia os p'rigos;
Se ouve mavorcia tuba, os sons da guerra,
Agita-se, retouça, e fere a terra:
Chama seu rincho ousado os estandartes,
Fogo lhe luz nos olhos, sáe das ventas,
As orelhas altêa, herriça as crinas,
Estremece-lhe o corpo, a bôca espuma.
De um pello assignalado a côr mais nobre

Denote seu valor, o aformosêe;
E a teus rebanhos dê gentil tintura
De raça em raça este util atavio:
Busca alazões, prefere os mosqueados,
O azevichado, o baio, o de tres côres
Que a das carnes imita, e de ouro, e neve;
Ou cinzenta, ou mal tinta, ou deslavada
A pelle n'um cavallo o indica frouxo:
Assim nas variadas côres suas
A Natureza brinca, e pinta os genios;
Mas isto mente ás vezes, e quem prova
Seus occultos defeitos? A experiencia:
Na belleza envolver-se o vicio póde;
Falso, vil, rebelão, espantadiço
Póde o cavallo ser, ser caprichoso;
As péchas de seus paes em si guardando,
Hereditario mal transmitte á raça.
  Ardente garanhão, que de annos sete
Cheio é de forças, as conserva aos vinte;
Depois afraca, e sua ardencia esteril
É de um desejo vão fallaz impulso;
Serve a egua em mais moça, e quinze estios
Fecundos, bellos dias lhe rematam.
  Seja livre, ociosa, e de seu pasto
Se regre attentamente a quantidade;
Ás lidas amorosas destinado,
A seu tenaz ardor se dê o esposo;
Mas tempera-lhe o fogo, em doze amadas
As ferventes caricias lhe restringe;
N'elles, como entre nós, não ha ternura,
Escandece-os Amor co'as furias todas:
Em vindo a primavera, e quando as eguas
Soffrem dos garanhões o activo assalto,
Experto conductor una, e contente
Desenfreada amante, amante insano;
Contenha em subjeição té nos prazeres
De amor agreste os impetos soberbos.
  Onze mezes passaram, nasce o potro,
O desvelo em creal-o agora accupa:
Poupa fraqueza da tenrinha edade;
A infancia brinque, a mocidade espera;
Deixa correr, saltar mimosas crias,

E acompanhar as mães ao prado, ao monte.
No meio de seus brincos, desde a infancia
O presagio lerás de seus costumes:
Aquelle, que arrojar-se aos campos vires,
Correr, embalançando-se nas curvas,
Desdenhar vão rumor de rio, ou fonte,
Os outros provocar, vencer, correndo,
Nos brilhantes, magnanimos ensaios
De um bruto generoso off'rece as mostras;
Independentes vivem, vivem ledos,
E do freio vindouro a força ignoram.
A edade eis util, no terceiro estio
Subjugam tuas mãos o indócil potro;
Edade é folgazã, porém flexivel:
Longe ameaços, picador sanhudo;
Um castigo cruel produz só medo:
Tu prefere ao rigor brandura, e mimo:
O cavallo ama o homem, quer prazer-lhe;
Sua docilidade é voluntaria,
Mais cede á voz do que obedece ao freio.
Das varias crias o destino ordena:
Dê-se a boçal, e a frouxa ao carro, ás lavras;
Convém primeiro que um vazio arraste,
Com leve arreio; em breve os pezos graves
D'espumante suor seus lados tingem,
O eixo grita nos carros, e se inflamma:
A voz deve-o guiar; mas, se repugna,
Succede-lhe o castigo, e vence as teimas.
Impávido ginete, que á victoria
Tem de voar c'o impávido guerreiro,
Desde a mimosa edade a estrondos feito,
Escuta sem terror trovões de bronze;
Pelas armas ufano os olhos corre,
Das trombetas a voz lhe é som gostoso,
Soffre os arções, e placido sustenta
O dono, que lhe opprime as lizas costas:
Submisso ás ordens ou se avança, ou pára:
Recúa e se levanta, e se arremessa;
Mais prompto que elles, precedendo os ventos,
Apenas sobre a arêa imprime o passo;
Ama os louvores, e reluz seu fogo
Se branda mão lhe bate, e o lisonjêa.

Uteis no marcio campo, assim ginetes
Altivos aos certames te conduzem;
Rompendo os esquadrões, lá saltam, vôam,
A matança os anima, o p'rigo os punge:
Crivados de feridas, entre mortos,
Cheios de pó, de sangue elles parecem
Esquecer-se de si, de nós lembrar-se;
Se a força os desampára, inda animosos
D'entre os horrores sáem, nos livram d'elles.
Mostram por nós temer quanto affrontaram,
E expiram satisfeitos com salvar-nos.
Este dôce pendor, que a Natureza
Inspira aos corações, Amor, que a vida
Confere a quanto existe, Amor, nem sempre
E' pelas suas leis guiado: ha brutos
Que seduz falso instincto, e que, inflammados
De perversa paixão, seguir costumam
Animaes d'outra especie; o tigre, unido
Á leôa feroz, gera o leopardo,
Producção monstruosa, e d'este laço,
Que a falsêa, indignada a Natureza
Abominavel raça esteril torna:
Entre animaes, que a seus desejos prestam,
O homem, multiplicando improprios laços,
Por arte os reproduz, e de anno em anno
Novos adquire, a Natureza illude;
Renovados assim os machos nascem,
E outros, que a Natureza não perfilha.
Da egua o macho é prole; a altivez sua,
Se o pae lhe nomeasse, eu affrontára,
E abatera meus versos com seu nome;
Mas o prestimo seu diga-se ao menos:
Tem manso o natural, o humor paciente,
Tolera as fomes, e o contenta um cardo,
Proveitoso á charrua os touros suppre,
Das cargas que lhe impõem deixa opprimir-se;
Mas ás vezes de purpuras o adornam,
E nas costas mantêm, conduz ufano
De nympha encantadora o dôce pezo:
Em fogoso ginete o lindo sexo
Treme, e antepõe-lhe um passo brando, e lento.
Rochas subir, do precipicio á margem,

É do bom macho o prestimo primeiro;
O homem, sem se abalar, n'elle se fia,
Vae por caminhos, a que olhar não ousa.
  Sóbria, lidante, ás paternaes virtudes
Une a força da mãe, e orgulho a mula:
Rhodes, Poitiers, Saint-Flour taes gados criam,
Hespanha é rival sua, e não lhes cede;
D'ella os cavallos para a guerra nascem,
Ás tarefas ruraes a mula é propria,
Préza a charrua, e se lhe affaz sem custo;
Regra-lhe tu vivissimos transportes.
  Menos em fogo, em animos não menos,
De forças é dotado o boi tardio:
Cria-se para a lavra, ella o recrêa,
Cede-lhe tudo aos musculos nervosos;
Para os campos não ha melhores gados;
E, se tens para dar-lhe hervas fecundas,
A ordem que dictei, regendo-os, segue:
Um touro quasi indómito se estima;
E de feroz olhar, de sanha ardente,
E o corno ameaçador, mugindo, abaixa.
Ignora estes furores a novilha,
Tem seu sexo mais brando outros costumes;
De abertas ventas é, caídos beiços,
Fronte larga, olho negro, orelha hirsuta;
De pello mosqueado, espesso, e molle
Desce aos joelhos a barbella instavel;
* Soberba caminhando ergue a cabeça,
E a cauda buliçosa o pó levanta:
Terceira primavera amor lhe atêa,
E apaga-se este ardor aos quinze invernos:
Grandes pezos convém que então não puxe,
Té do menor trabalho então se isempte:
Não lhe consintas que atravesse as aguas,
Que montes, espinhaes, barrancos passe;
Erre em pingues pastagens livremente,
E em limpas margens d'algum bosque á sombra.
  No campo onde os Teutões já guerrearam,
E de seu vencedor tem inda o nome,
Nas ribas onde o Rhodano lhe é dócil,
E segue outro caminho a elles util,
Corrompe os ares odioso insecto,

Que em furia horrivel assaltêa os gados;
Os gados temem seu ferrão cruento,
E da picada é fructo a morte ás vezes;
Os touros, do susurro amedrontados,
Rompem na fuga os ares com bramidos:
Fecha-os no tempo adverso em que os calores
O insecto irritam, e implacavel tornam.
Quando da vacca se avisinha o parto,
Pastores, não queiraes que ella vos pague
O tributo do seio; e, produzindo
Da ternura o penhor, soffrei que o crie
Sem partilha de alguem; não tarda o tempo
Em que seu leite, de nectáreo gosto,
Corre só para vós: em dia, e dia
Nas vêas suas o liquor filtrado
Duas vezes lh'os enche, e sae dos peitos;
Foi primeiro manjar nos tempos de ouro,
E, do luxo a pezar, tem preço ainda;
Ou variamente, e por industria occulto
Nosso melindre affague; ou refrigerio
Esteio á languidez, o triste enfermo
D'entre as portas da morte arranque, e salve:
Dôce, mas prompto em azedar-se o leite
Só por attenta mão póde manter-se:
Simples queijeira com asseio agrade:
Para estas obras rusticas hei visto
Entre marmore, e entre ouro ergue-se portas,
Onde em chinezes vasos se honra o leite
De humedecer dos reis as mãos augustas;
A pezar do impostor, do vão seu brilho,
Teu jus conhece o luxo, oh Natureza.
Mas de trabalhos taes o dôce emprego
De mais util cuidado o tempo acate:
Teme, se tu co'a voz os não suspendes,
A mocidade indómita dos touros:
Dobra-lhe um simples vime em torno ás pontas,
Ou forma-lhe um collar de ramos leves:
Dous novos bois, eguaes na edade, e força,
A subjeição do arado aprendem juntos
Vão a passos eguaes por chão de arêas,
Brevemente abrirão torrões lodosos:
Para os avassallar, mais facil meio

Une a touro rebelde um menos duro;
Este é mestre d'aquelle, e pelo exemplo,
Que póde mais que tu, se faz tractavel.
 Dous bois em breve se acostumam juntos;
Mais que o jugo amisade os concilia:
Com reciproco ardor, e eguaes esforços
Elles se ajudam; se os desune a morte,
Vê-se o que resta pranteando a falta
Do seu querido irmão: recentes prados,
Bosques sombrios, crystallino arroio
Não lhe dão gosto já, são-lhe indiff'rentes;
C'os olhos melancholicos, e fitos,
A pezada cabeça inclina á terra.
 Povo affamado, em Apís te morrendo,
De prantos, de que ais enchias Memphis!
Adorador de um boi lhe ergueste um templo,
Collocavas no altar deus, que pascia!
Prostrados a seus pés mortaes estultos
O fado em seus mugidos consultavam!
A Grecia aos gados seus co'a mesma insania
Deuses fez presidir; já Pan, já Phebo,
E os Sylvanos, e os Satyros: meus versos,
Meus sons tem mais poder que esses phantasmas:
Rebanhos, acudi, correi a ouvir-me;
Attentos os pastores me rodêem.
 A cordeira, apezar das lãs que a forram,
Téme os invernos: voltem-lhe os abrigos
Á parte austral, encerre-se, e nutrida
Seja alli com desvelo; hervas se elevem
E vegetaes alli que lhe escaparam;
Densas camas de feto amontoado
Dos males imminentes a preservem.
 Se é puro o sol, se é amoroso o dia,
Ou se acaso abrilhanta opáca nuvem,
Teu gado á margem proximo encaminha,
Sem que o deixes no campo extraviar-se;
Porém d'esta lei rigida exceptuo
Clima, que nunca os gelos entristeçam;
Lá n'um parque ambulante a ovelha móra,
E vê continuo variar a estancia:
Assim de teus rebanhos a vivenda
Ora aqui, ora alli te aduba os campos:

De um ar subtil, e vivo a frialdade
Faz-lhe o vello mais brando, a lã mais pura;
Mas fecha-os quando o polo se ennegreça,
E aguas se endurem, volteando as neves:
Segue este uso tão prospero Occitania,
Elle o preço, oh Segóvia, ás lãs te altêa.
Na ilha onde os avós anniquilaram
Do lobo a raça, d'Albion pastores,
Livres das furias do inimigo astuto,
Ás neves, ao rigor de humido clima
Não recearam callejar seus gados;
Ousam ainda mais: ao desabrigo
De ar intractavel as ovelhas deixam
Nas geladas planicies, e conseguem
Com isto suas lãs o gráo primeiro.
Apenas se abre a terra ao brando raio
Da meiga, flórea mãe, cordeiras podem
Saltar na relva, que do chão rebenta;
Mas esperar convém que o frio orvalho
Se extinga ao sol: o afogueado estio
Quer outras leis; a matutina estrella
Vê nos mattos vagar, pascer carneiros;
E alli se reconduzam quando a tarde
Humida, e grata restitue á relva
Alterada frescura; ao meio-dia
Tu porém desce os montes, busca os valles,
Demanda os rios; teu rebanho anhela
Repouso, virações; alli se estenda
Á sombra de um carvalho, ao pé de um bosque.
Té sitios ha que, pelo sol crestados,
De rebanhos no estio estão desertos:
Então vê o Esperou chegar de ovelhas
Lentas catervas, d'acolá banidas;
Longevos bosques seus ao pólo se erguem,
Off'rece no mais alto, e fertil cimo
Amplo torrão, jardins da natureza,
Ricos de flôres sem cultura, ou arte;
Os filhos de Chiron vem de mil campos
Olhos alli fitar, sondar virtudes:
Desdenha aquelle monte, aos céos visinho,
Das procellas o horror; lá vi cem vezes
Debaixo de meus pés juntar-se as nuvens,

E, em quanto aos olhos meus sol puro ardia,
Sobre os valles a noute o véo lançava;
Os raios, os trovões se iam creando
Longe de mim, e a terra espavoriam.
Ditosas cordeirinhas, quanto é dôce
Vosso destino alli! Feliz quem livre
Vive em paz, como vós, n'aquelles campos.
Em quaesquer climas a que o céo te chame,
Nunca de teus carneiros te descuides;
A sua mansidão requer ternura,
Merece amor, e amando t'o agradecem:
O cajado ao pastor não serve ás vezes,
Rege um grito, um signal todo o rebanho;
O principal carneiro aos mais precede,
É seu guia elle só, regula o passo,
E o povo o segue: por barrancos salte,
Recúe, ou se adiante, a chusma toda
Ou pára, ou se arremessa apoz o chefe:
Assim que o predominio lhe concedes
Um carneiro é senhor, dá leis aos outros;
Basta-lhe teu favor, no mesmo instante
De seus eguaes obediencia logra.
Pastor, conhece os cumes onde ha flôres,
Que teu gado procura: os gordos pastos
(Humida nutrição) não mais lhe off'recem
Que um pérfido alimento; aos sitios foge
Crespos de cardos que, ferindo os corpos,
As guedelhas arrancam; vae-te a um serro
Que brote herva cheirosa em magra terra;
A' suave alfazema os gados correm,
E ao alecrim, serpól, tomilho, e nardo:
Taes de Armórico, e Ardênnas os carneiros,
De remotas provincias tão buscados.
Aos muros de Sabon corre visinho
Campo fragoso de abundantes pastos
Para muito rebanho: a vista absorta
Só planicie infecunda alli descobre;
Acha o carneiro industrioso a herva
Occulta em mobil pedra, e vê pascendo
Tomilho sempre extincto, e renascente.
Os mesmos alimentos entejando
A ovelha, como nós, tambem se enjôa,

Variedade lhe apraz; não se lhe negue
Remedio certo, que lhe esperte a fome;
No tempo em que pascer, ante seus olhos
O sal branqueje; de repente a ovelha
Corre a elle, e seu ávido appetite
Eis trabalha entre os dentes esmagal-o;
Renasce o gosto, a sêde se lhe irrita,
E em breve de seu leite a origem cresce.
  Ha propicios torrões, que dão ás hervas
Succos, que aduba o sal: teus bons pascigos,
Oh Presalé, tão taes, taes esses campos
Que do mar foram leito, hoje são margem.
  Ganges segue outras leis: da mãe se afasta
O cordeiro, e teus lares quer, e habita;
N'elles, ou no redil avulta, engorda
Dos sobejos mensaes, ou da castanha.
  Existem sobre a terra inda logares
Onde o pastor co'a voz ajuste a avena?
Para os sons admirar, de que se encanta,
Deixa o sensivel gado, e esquece a relva:
Porque em nossas aldêas já não vemos
Dos antigos pastores as contendas?
Cantavam primavera engrinaldada,
Guarnecido o verão de espigas de ouro,
Curvo dos fructos seus o outono ao pezo:
As selvas magestosas celebravam,
Que o cimo enramam de alterosos montes;
Caíndo as aguas, e espumando em rochas,
Ou girando nos valles, e entre os prados:
Em versos amebêos soavam penas,
E delicias de amor, seus bens, seus males:
Um de Lilia gentil pintava encantos,
Filis outro accusava, ou falsa, ou dura;
Em premio o vencedor tinha uma cabra,
Ou dous cordeiros, e o pastor vencido
Entre as convulsas mãos partia a flauta:
Turba rival, arcádicos pastores,
O Ménalo occupou de taes combates;
O Hebro nas margens, o Ismaro em seus bosques
De Orphêo, e Lino a consonancia ouviram;
Sensivel Arethusa, d'entre as aguas
Os siculos pastores escutaste;

Suspirar Corydon tu, Mantua, ouviste,
E cantar Melibêo, Damon; seus versos
Os tigres, os leões embrandeceram,
D'envolta c'o rebanho os attrahiam;
Enterneceu-se a penha aos sons campestres,
Pararam rios, arvores tremeram.
Aureos dias de paz, vida innocente,
Mais não sois para nós que vã pintura!
E nos seus gados os pastores nossos
Todo o cuidado restingindo, apenas
Em rustico assobio a bôca exercem.
Ao menos saibam com que facil meio
A ovelha a seus desejos é mais util:
Esperança fallaz não te allucine,
Não deves exigir que n'um só anno
Vezes duas a ovelha dê seu fructo;
Um consorcio a contenta; em vão forçaras
Seu apagado ardor a amores novos:
Queres na renascente primavera
Que o manso cordeirinho hervagem goste
Tenra como elle? Une o carneiro á femea
Quando o outono as promessas desobriga
Que a primavera fez; mas, saciado
Das ovelhas o ardor, não mais permittas
Ternos assaltos d'importuno esposo.
Eis junto ás mães os cordeirinhos gemem,
Arredam-se ao principio; mão propicia
O leite, que vem logo, e que é veneno,
Lhe rouba, e só lhe deixa util bebida:
Quando co'a edade enrija o debil corpo,
O filho apoz a ovelha aos pastos corra:
Egual em fórma, e côr sempre o rebanho
Do esperto pegureiro aos olhos mente;
Mas a Amor nada escapa; o cordeirinho
Conhece a mãe, e a mãe desvia-o de outra,
Ou foge d'elle; entre ellas todavia
Rixas não ha; pacificos estados
Governaes, oh pastores: mas apenas
Annos ferventes aos cordeiros vossos
De amoroso transporte a chamma inspiram,
Estes ardores apagando o ferro
Nos apreste o sabor de tenras carnes:

Se houver longa demora, hão de atear-se
Entre elles pelo campo eternas lides:
Dous soberbos rivaes se arrostam féros,
Se investem pela arêa, e se topetam,
Fomentam seu furor c'os mesmos golpes,
Corre o sangue, e a ferida irrita as furias.
Dóceis, com tudo, ovelhas, e carneiros
Vivem só para vós, de bens vos enchem:
Uma te off'rece um leite inexhaurivel,
Outro, grata iguaría, ornar-te a meza;
Ambos nos dias da estação mimosa,
De lãs espessas carregados, despem
Os seus para aprestar vestidos nossos,
E as mãos da Natureza outros lhe apromptam:
Debaixo da veloz, cruel tesoura
Immovel jaz pacifica ovelhinha,
E nem sólta um queixume, inda que ás vezes
Movido por mão dura, e pouco attenta
Vestigios sanguinosos deixe o ferro:
Humanos, aprendei: sois d'esta sorte
Constantes no revez, nas dôres mudos?
Podéra aqui tambem dizer porque arte
As lãs com ferreo pentem se preparam;
E debaixo das mãos como, formando
As confusas meadas, a pastora
Vê o fuso engrossar ao som do canto:
Já subindo o sarilho, e já descendo,
Posto entre os fios se uniria á trama:
Com o lapis na mão firmando as côres,
Mesclara extracto de metaes, e flôres:
Julgáras ver brilhar vivo amarantho,
A pallida violeta, a rubra rosa:
Arte dos Gobelins, talvez comtigo
Aprendêra a traçar altos desenhos,
Montanhas debuxara, o bosque, o sêrro,
Rios e gados na campina errantes;
Té ousára a teus olhos deslumbrados
Mostrar Ypres, Tournay, Fribourg ardendo
Nos raios de Luiz: mas só crédoras
Da habitação dos reis tão nobres telas
Aos colmados tugurios não competem;
Mudam por arte a natureza, e n'ellas

O pastor desconhece a lã da ovelha.
Cabra europêa para têas varias
Á industria dos mortaes não dá tributo
Como o vello que nós, multiplicando-as,
Podiamos obter das do oriente;
Mas duas vezes no anno é mãe de gémeos,
E leite a ovelha dá menos sadío:
Apraz valle, e planicie aos outros gados,
A cabra gosta de trepar montanhas,
E caprichosa um precipicio affronta
Para haver um codêço; a si a entrega
Lançado o guardador na relva molle,
E em pendente rochedo a vê segura:
Ella nas moutas pasce, e vae no bosque
Dos arbustos morder cortiça, e folha:
Oh! Nunca meus jardins, pomares, e hortas
Próvem seu dente peçonhento! Oh! Sempre
Longe da habitação de ferteis campos
Viva lá nas montanhas degradada.
D'este lascivo gado esposo digno,
Passos tardios encaminha o bóde:
Quasi as furias do amor com elle nascem,
E desde a tenra edade o inflammam todo;
Do ardor que o afoguêa escravo é sempre;
De prazeres se cança, e não se farta;
Mas peádo co'a gôtta, e velho em moço
A triste esfalfamento em fim succumbe;
Com pôdre cheiro os ares envenena,
E prompta morte lhe remata os dias.
Nescia pastora desculpar não posso,
Que varios gados n'um rebanho ajunta:
Em sitios varios divididos pastem;
Pelos prados o boi segue o cavallo,
A cabra quer o monte, a ovelha os mattos.
Raras de javalís ha castas duas:
Uma, dos bosques susto, ardente, e féra,
Se irrita, e contra um tronco a preza aguça;
Presenta irada ao caçador, que treme,
Espumoso focinho, olhos em braza;
Fomes a apertam, vôa, arrosta os p'rigos,
Vinhas, sulcos destroe, destroe pomares:
Outra inquieta, e dócil, nossa escrava

Ronca, mas cede, e vive em nossos lares;
Pasce em longos rebanhos nas florestas,
No lodo se revolve, ou nas lagôas;
Impura ao culto hebreu, e abominosa,
De varias artes nossas mezas cobre;
Se o mais vil animal nos é aos olhos,
Util a precisões tambem a achamos.
Se o chão, traído de exquisito aroma,
Mostra que esconde a túbera no seio,
Do porco o ardor t'a indica; elle precede
Guia, abre, segue a estrada, e mostra o fructo;
Muitas vezes fecunda n'um só anno
D'innumeros leitões a mãe cercada
A' continua exigencia lhe é bastante;
Cuida em ceval-a n'esse prazo urgente:
Fôra surda co'a fome á natureza,
Desconhecera os filhos, e os tragára.
O grosseiro cultor, que não conhece
Mais do que os campos onde o pôz seu fado,
Limite as luzes em saber de alqueives;
Minha estancia eu transponho, um vivo raio
Aos horisontes dous me chama os olhos;
Lá procuro outros bens, mais ferteis gados.
Nos campos do Indostan a ovelha, a vacca
São duas vezes mães, e amas n'um anno;
A cabra, sua egual, aos dons d'aquellas
Une o tributo de seus ricos vellos:
Da plaga oriental estas especies
D'uteis colonias cobrirão teus campos:
De servir-nos co'a lida enriquecendo,
O hollandez, de Carthago, e Tyro herdeiro,
Estes hospedes vê nas terras suas
Prestimos conservar do patrio clima;
Enchem campos do belga, e se apascentam
Ás margens do Charente: assim congrega,
Escassa natureza arte supprindo,
Assim congrega os bens, que ella separa:
O homem quer; ordem sua obedecida
Colhe tributos do universo inteiro.
Seriam frageis bens teus muitos gados,
Se pago só da utilidade sua,
Os males em vencer não te instruisses,

Que ferem brutos, como os homens ferem:
Languida chusma em seus trabalhos vejo
Arrastar-se, e caír mortal nos campos;
Cavallos, bois no asylo adormentados,
Varzeas sem trigo, sem aduba as terras:
França est'arte ignorou, que em Roma os sabios
Nos doctos seus escriptos ensinaram:
Est'arte se enterrou co'a agricultura;
Revivem ambas, e do Lethes surgem;
Os olhos de Luiz lhe tornam vida,
Sabios nossos tambem a industria movem;
O exito a segue, e prosperos effeitos
Já de seus beneficios premio dôce
Ao real coração gostar fizeram.
Gados possues, falta-me dizer-te
Que soccorro importante os guarda, e rege;
Das ordens do pastor fiel ministro,
Este efficaz auxilio o cão lhe off'rece;
Soffre com elle da regencia o pezo,
Vela os rebanhos, os defende, os ama,
Seus passos determina, e vae seguindo,
Elle mesmo é pastor: se em torno ao gado
Vê, sôffrego de sangue, errante o lobo,
De seus roucos latidos enche os campos,
E o trémulo inimigo aos montes foge;
Se outro mais famulento, e mais sanhudo
Saltêa o cordeirinho, e t'o arrebata,
Elle o persegue, vôa-lhe no rasto,
E do purpureo dente a preza arranca:
Vigia a par de ti, leal rechaça
Os inimigos teus, lhe apára os golpes:
É de enorme tamanho o que eu prefiro,
E de feroz carranca se gloría;
É cholérico, activo, agil, robusto,
E ladra horrivelmente ao som mais brando;
Atêa-se-lhe a furia, assim que avista
O nocturno ladrão, dos olhos fogo
Lhe salta, e se arremessa, espuma, e brama.
Os outros animaes a ti sujeitos
Tremam de ouvir-te, miseros escravos;
O cão é teu amigo, elle te segue,
Sensivel a teu gosto os mais ignora;

Regula por teus gestos seus costumes,
Alegre se te rís, triste se choras:
Permitte que te siga; eil-o saltando:
Ordena que te deixe; eil-o gemendo,
E gemendo mitiga o seu desgosto:
Mas quem folga como elle em teu regresso?
Mimos d'esposa, filial ternura
São mui frouxas caricias junto ás d'elle:
Unido em laços, que refaz a estima,
O homem, o racional, quer mais ao homem?
  Bem que dos varios cães differe o genio,
Egualmente a agradar-te aspiram todos;
Um nasce para os brincos, e affagado
No gremio da belleza pousa, e dorme:
Outros n'agua, no bosque, e pelas grutas
Declaram guerra aos animaes trementes;
Cada qual parte, vôa, torna, pára
Ao som da tua voz: quem poderia
As diversas proezas numerar-lhe?
Satisfeitos co'a gloria, em triumphando,
Do vencimento o premio aos pés te lançam:
No covil as raposas um commette;
O galgo na corrida a lebre alcança;
Os de pello annelado em sedas longas
Arremessam-se n'agua apoz a prêza;
Outro dá co'a perdiz por entre o colmo,
E em seus olhos attonitos emprega
Olhos ameaçadores; não se atreve
A perdiz a voar, elle a suspende,
Diz, sem fallar, que a victima está prompta;
Tu corres, elle fica; ella, partindo,
Por se esquivar ao p'rigo, encontra a morte:
Elle então se abalança, e, conduzindo-a
Em seus labios fieis, alegre, e á pressa
De seu zelo o tributo eis vem pagar-te.
  Que escuto, que ruído atrôa os valles!
Caninos batalhões onde se arrojam?
Diligentes monteiros os commandam,
Ensinam-nos co'a voz, e os acorçôam,
Signalam-lhe as fileiras, e a buzina
Lhe regra o movimento em sons diversos:
Já despargido o bando está nos bosques,

Seu clamor fere o ar, e os bosques tremem:
Busca-se a prêza; descoberto, afflicto
O cervo é por sabujos acoçado;
Parte, foge, o temor aos pés dá-lhe azas,
Vale-se aqui, e alli de astucias novas,
Cruza rochedos, mette-se por selvas,
Engana os cães, e seus esforços balda;
Mas a toda esta industria o bando affeito
Com isto na peleja mais se anima;
Sobre os joelhos cáe forçado o cervo,
E tenta em vão com lagrimas dobral-os:
Todos tem gloria em lacerar-lhe o corpo,
E, se elle não morrer, não crêem que vencem.
  Ardente javalí sae da guarida:
Por animosos cães eil-o apertado;
Foge, e mostra ao principio um medo extremo,
Terrivel finalmente os cães persegue;
Pára, e de raiva intrépido fumando
Faz, acuado a um tronco, a todos frente;
Nos olhos sangue tem, na bôca espuma,
E á força de matança aguça os dentes:
Em vão teus campeões o esforço apuram,
De mortos, de feridos se enche o campo;
A soccorrel-os vôa, o monstro foge;
Dous vigorosos cães o acócem logo;
Elles correm, detendo-o pela orelha
O inimigo te entregam; de repente
Acode a chusma toda, e com mil golpes
Lava no sangue alheio injurias proprias;
Elle freme, e se agita, e se resolve;
O venábulo emfim termina, e c'rôa
Teu marcio jogo, traspassando a féra,
Apoz longos combates. A cruenta
Perseguição do lobo inda mais util,
E tão brilhante: a cabra montanheza,
O touro furibundo á tua ardencia
Off'recem não vulgar gentil façanha.
  Os guerreiros, os grandes se exercitem,
Exercitem-se os reis, callejem n'isto,
Imagem da mavortica fereza:
Seu ocio proveitoso afaste, espanque
D'entre as searas o furor dos brutos:

Tu, longe do espectaculo sanguento,
Sempre occupado, inalteravel sempre,
Ama, oh bom lavrador, o asylo agreste;
Tuas fadigas são riquezas tuas,
Só n'ellas os desejos circumscreve:
Feliz, se é teu dever tambem teu gosto.

CANTO VI

Das aves

Qual, proximo ao logar do seu destino,
Sentado o viandante em arduo cume,
E de longos caminhos fatigado,
Tranquillo observador mede a eminencia
Dos montes, que passou; tal eu, já quasi
Tocando o extremo da espinhosa estrada
Que ousei trilhar com atrevidos passos,
Fólgo de contemplar, escapo aos p'rigos,
Do aberto precipicio a aguda escarpa.
Dóceis a meu ensino, os lavradores
Colhem dos campos seus mais amplas messes;
Além a cêpa nos visinhos sêrros,
C'os cachos a vergar, estende os braços
Erguem bosques ao céo ramosas frontes,
Adornam os jardins fructuosos troncos
Rindo, os canteiros c'rôam-se de flôres,
Do mais vivo matiz se esmaltam prados,
De todo o gado, ás tuas leis reunido,
Vejo as tuas plânicies povoadas,
Cobertos os teus campos; e inda podes
A teus amplos rebanhos, e manadas
Novos teus cidadãos juntar mais perto;
Em largo pateo, em rustica morada
Podes crear, nutrir caseiras aves,
Que teus campestres fructos participam,
E ao depois darão preço aos teus banquetes.
Á voz do Eterno as ondas congregadas
Tornaram-se fecundas, produziram

Todas essa multidão de varia esperie
Que as aguas corta, e pelos ares cruza;
Vimos então ás nuvens remontar-se
Aves ferozes, cuja garra adunca
Primeiro derramou na terra o sangue:
Tua bondade, oh Deus, approximou-nos
O aéreo povo, que descanta alegre
Ao prazer, á ternura, á liberdade:
Dócil canario, e rouxinol mavioso
Não são muito altaneiros, e povôam
Nossos jardins, vergeis, e amenos prados;
E a nossa melhor musica assimelha
Seus gorgeios suaves: Tu puzeste
Bem mesmo á nossa vista as brandas aves,
Que a nossa habitação comnosco habitam:
Ama a gallinha o nosso captiveiro,
Cerra a pomba entre nós fugazes plumas.
Se me ajudar o céo, oh lavradores,
Cantarei, por meu canto ennobrecidos,
D'especies vís, e para vós pasmosas,
Valentes povos, incansaveis chefes;
E de muitas nações vereis a um tempo
Policia, e leis, costumes, e combates.
Defendida por nós, e a nós subjeita
A gallinha é das aves a mais util:
E' sua patria o campo; quer vivenda
N'um espaço entre muros circumscripto;
E ali se lhe constroe n'aquelle espaço
Mesquinha habitação de humildes tectos,
Onde vae habitar seu povo inteiro:
Alizem-se estes muros; e os seus ninhos
Com pedra, ou com madeira se dividam,
Ou já tambem com preparados vimes;
Cada uma quer ter um proprio asylo
D'onde repulse outra ave usurpadora:
De uma parede a outra uns ramos presos
São outros tantos leitos suspendidos,
Onde ficam de noute empoleiradas
Repousando em tranquilla segurança:
Mas tenham prompta a saciar-lhe a sede
Agua n'um vaso a miudo renovada,
E nuuca turva pelo lodo impuro.

Grosseiros aldeãos, vós não sois proprios
Para cuidardes do rebanho alado;
Elle requer mais mimo, e mãos mais brandas:
Vigilantes, cuidosas lavradoras,
Das aves a morada é vosso imperio;
Sois vós que o asseaes, vós o mantendes
Em ordem boa, e n'um sadio estado;
Vós lhe distribuis diario pasto,
E os ovos recolheis, que estão dispersos;
Uns, que ao nosso regalo se destinam,
Por diversa maneira preparados
Volver-se-hão de um manjar em mil manjares;
E outros, d'eleita mãe sendo cobertos,
Com seu calor acordarão á vida.
Das que produz innumeras gallinhas
N'um, e n'outro paiz o mundo todo,
Podem juntar-se os generos diversos:
Esta enfeita uma crista levantada,
Por grande aquella é vagarosa e frouxa;
Uma em compridos pés se eleva altiva,
Outros com pés anões leve rasteja;
Casta africana, aos europeus trazida,
Cóbre de branca pelle os negros ossos;
Algumas ha de reluzente pôpa,
Outras em cujos pés fluctuam pennas:
Seu amarello, e azul, seu branco, e negro,
E as plumas crespas sua patria indicam.
A' frente das irmãs caminhe o gallo,
Seu esposo, e seu rei elle as governe;
Dez annos póde amal-as, e regel-as;
Para amar, e reinar elle ha nascido,
Que n'altivez, no amor não tem parceiro:
Tem na fronte real purpúrea crista;
Os negros olhos seus scentelhas vibram;
O corpo todo, e as azas lhe matiza,
Doura-lhe o collo esplendida plumagem
Que longa lhe fluctúa: tem por armas
Sanguentos esporões nos pés nervosos;
E ondeando a cauda se lhe alonga, e curva
Té chegar a assombrar-lhe a fronte altiva.
Dos gregos, e romanos venerado,
Já foi o gallo interprete dos deuses;

Julgavam-no inspirado, e os agoureiros
Por elle os fados, e o futuro abriam:
Povo, e senado em vão deliberavam,
Mudava o gallo as leis, fixava os fados.
Omittindo-lhe as nescias honrarias,
O seu prestimo canto: quando a aurora
As primicias do dia conduzindo,
Alveja por montanha, e povoado,
D'este herauto do sol a voz se escuta;
Elle o chama, o saúda, o annuncià;
Que a noute em meio vae, cantando, indica;
Designa por seu canto o seu progresso;
Marca as horas do somno; determina
O trabalho, o repouso, e a nova lida;
E ó do tempo fugaz vivo compasso:
Com activa ternura vigilante
Defende o povo, que feliz domina;
Qual compassivo rei, qual terno esposo,
As suas precisões vigia: e ama
Off'recer-lhe alguns grãos, na terra occultos,
Com pé escrutador por elle achados.
O dominio de um gallo se limite;
Seu ardor se reprima; e os seus desejos
Quinze esposas, não mais, contentem, matem:
Em seu reino ha tambem facções, e intrigas;
O amor, e a ambição, o imperio, e Helena
Dous soberbos rivaes á guerra incitam;
São eguaes no furor, e eguaes no esforço;
Erguidos sobre os pés, batendo as azas,
Encontram-se, e do choque ambos vacillam:
C'os bicos, e esporões se dilaceram;
Já vôam pennas, e já corre o sangue:
Em fim, do seu rival forçando a audacia,
O aterra o vencedor, e em cima salta:
As azas despregando então se applaude,
E, altivo celebrando o seu triumpho,
Victorioso canto aos céos levanta;
Chama com repetidos cacarejos
Esposas, que brigando conquistára,
E as duas rége em paz subjeitas côrtes:
O outro, que o seu esforço, e amor traíram,
Seu usurpado imperio abandonando,

Irado foge do rival odioso,
E vae longe esconder vergonha, e raiva.
Com sedições ás vezes, e discordias
Dividem-se estes povos; e os seus chefes,
Dando-lhe exemplo, sua audacia animam:
Acudi, dae por gestos o ameaço,
Vereis logo ceder com vosso aspecto
Ao respeito o furor, e á paz a guerra.
Assim quando entre nós subito arrojo
Subleva furioso o vulgo insano,
Que já tudo respira horror, tumulto,
E armas volve o furor quanto se apanha;
Se, por gráo, por virtudes respeitado,
Um homem vonerando se apresenta,
Cala-se a multidão, todos o escutam,
E elle com seus discursos vencedores
Os genios doma, os corações captiva.
Para evitar-lhe as guerras, seja morto
O chefe, que conduz os revoltosos,
E voltêa as fileiras, incitando
Com seu clamor o timido rebanho:
D'est'arte ficarão em paz duravel,
E as gallinhas por premio a teu desvelo
Cada dia darão tributos novos.
Exceptua-se o tempo annual da muda
Em que se vestem de plumagem nova:
Renôvo occulto, que a nascer se apresta,
Os canos faz cahir da velha pluma;
Nasce, e nas côres quasi sempre imita
Pennas, que substitue; porém ás vezes
D'esta sua continua similhança
Cança-se, e altera as leis a Natureza:
O indio pardal tem azas azuladas,
E surge d'aurea pluma revestido:
Assim tambem no gallo, e na gallinha
Differe do primeiro o novo adorno,
E tal que antes da muda era argentada,
Se faz desconhecer com plumas negras.
Á Natureza o astuto americano
Colhe segredos, e a belleza augmenta
Pondo mais variedade em seus encantos:
Quando está prestes a fazer a muda

O habitador aéreo, que repete
Tudo o que nós dizemos, felizmente
Usurpando o direito á Natureza
Seu dono, que o previne, a seu bom grado
Lhe imprime as côres, que elegeu mais bellas.
Co'a muda enfraquecendo se entristecem
As aves espantadas, e inquietas;
E, em lhe formar as plumas empregado,
Seu alento, e vigor mais nada póde;
Todos calam seus mélicos gorgeios;
Não canta o rouxinol, e o papagaio
Torna-se mudo; esteril a gallinha
Não preenche os desejos de seu dono
Com seus diarios dons: presume o vulgo
Que este mal vem do frio; mas o inverno
E' d'elle o tempo fixo, e não é causa;
Em vão, para curar-lhe um mal sem cura,
Se lhe melhora, e se lhe aquece o pasto,
Que, interrompendo o fio á poedura,
Á muda torna vão qualquer soccorro:
Prevenindo, e forçando a Natureza,
Quem mais cedo souber tirar-lhe as pennas
Os seus dons gosará nas quadras todas.
Os Aquilões do Zephyro á bafagem
Já da terra, e do ar o imperio deixam;
Seu halito prolifico, e sereno
Influe de novo pelo mundo a vida:
Renovam-se as canções das meigas aves,
Que, ledas, de aguardar vindoura prole,
Suspensos ninhos a formar começam:
Dados a este emprego abutres, e aguias
São já menos crueis; de amor o fogo
Vae os peixes queimar no centro d'agua;
E de Cancro no ardor leões, e tigres
Com seus rugidos Africa apavoram:
Em ares, agua, e terra Amor triumpha,
Tudo de novos cidadãos povôa;
E, assim como elles no verdor da infancia,
Formam plantas, e flôres, inda tenras,
Leitosos succos para raças novas.
N'este tempo tambem cacarejando
Roubados ovos seus pede a gallinha,

E aspira de ser mãe ao doce emprego:
Não se acuda mui cedo aos seus desejos;
Exp'rimentem-se os ovos, e se escolham
Os de maior longura, e maior pezo,
Que são signaes de um germe venturoso;
E a sua pequenez, sua leveza
Indicam frouxidão, denotam vicio;
São fructo inutil, miseros abortos
Ou de mui nova mãe, eu já mui velha.
 As boas mães são poucas: não se attenda
Seu vão cacarejar, e não se empreguem
No dever maternal as que, inda moças,
Talvez lhes custaria a sujeitar-se:
E' vária, é inconstante a mocidade;
Precisa ter dous annos a gallinha
Para tomar os maternaes cuidados;
E tambem se não deite em sendo velha,
Que amor a illude, e em seu gelado seio
Morreu todo o calor: deve escolher-se
A de madura edade; mas não tenha
Os pés armados dc esporão sanguineo,
Que rompe antes de tempo a casca do ovo;
E o embrião, á luz, e ao ar exposto,
Nem um, nem outro supportar podendo,
Onde acharia vida, encontra morte.
 Quando, dispondo prevenida o ninho,
Com musgo, e flores amollece a cama,
Aguarda-vos a mãe, podeis confiar-lhe
Quantos ovos com peito, e azas cubra:
Porém tende-lhe sempre ao lado promptas
Comida em abundancia, agua bem limpa;
Que, se isto não tiver, fraca, e esfaimada,
Para o pasto buscar, o ninho deixa:
E ás vezes, esquecendo o amor materno,
Abandona-o de todo, e esp'ranças balda.
 Por sete-vezes-tres inteiros dias
A ninhada dos ovos animando
Com vivifico fogo, e sempre assidua,
Espera que formado o pintainho
Do seu encerrramento a casca rompa;
E, com feliz instincto em todo o chôco
Aos ovos todos o logar mudando,

Em quanto avançam lentamente á vida,
Da Natureza admirem-se os segredos.
Como apegado aos cachos o bagulho,
Assim, dourado globo, nasce o ovo
Da gallinha nas costas suspendido;
Madurece, desliga-se, e no ovario
Corre de rosca em rosca, até que o envolve
Casca formada de humida substancia:
Do gallo em tanto se lhe ajunta o germe,
E da fecundidade o dom lhe leva;
O calor que o excita apenas sente,
Parece que um ponto vivo; já palpita,
Já bate o coração; sáe de uma vêa,
Que voga no liquor, sanguinea gota
Que para elle corre, e o enche; e logo
Duas de redor d'elle informes massas
Da cabeça, e do busto o espaço occupam;
Formam-se em pouco tempo as partes todas;
Arredonda-se o cerebro; as medullas
Pelos ossos se alongam; corre em ondas
O sangue nas arterias; sob o ardente
Estomago se enlaçam as entranhas;
Musculos cobre a pelle, e a pelle o pello.
Dá primeiro alimento ao pintainho
A leitosa substancia, a clara do ovo;
Quando está já mais forte, a gemma o nutre;
Do ar, que dentro no ovo se renova,
O vital movimento se duplica:
Então por elle penetrado o ovo
Diminue e transpira; e então com elle
No carcere a avesinha vive, e cresce:
Eil-a por baixo d'aza avança o bico,
E fere, e rompe os muros que a cingiam;
Gira sobre si mesma, e em seu caminho
A fenda no ovo em circulo prolonga;
Ergue a abodada emfim, e surge ao dia:
De cabeça emproada eil-a caminha;
Piando se annuncia, o bico exerce;
E, só por instrucção da natureza,
Logo o sustento seu procura, e toma.
O industrioso egypcio ousou primeiro,
Por um segredo felizmente achado,

Vivificar os ovos sem gallinha:
Do fogo soube achar o gráo preciso,
E, seu calor, com arte dirigido,
Ao materno calor equivalendo,
Immensa multidão de pintainhos
Toda a um tempo animada, e produzida,
Dos fornos de Bermé se ergueu á vida.
  Mas não teve rivaes n'est'arte o Epypto,
Foi arte, antes mysterio, de que é elle
O só depositario em todo o mundo.
  Com egualmente prospero successo
Em nossa edade a França viu c'roados
Do sabio Reaumur os exp'rimentos:
No abobadado lar, que o pão nos coze,
Elle o segredo achou, que esconde o Egypto:
Dentro em toneis, cercados pelo estrume
Que ajunta o lavrador para seus campos,
Os ovos ordenou á vida eleitos;
E este brando calor continuado,
D'egual temperatura o ar mantendo,
O gráo manteve do calor do ninho:
D'est'arte obteve innumeras ninhadas,
Vindas á luz sem mãe, sem mãe creadas.
  Para as fazer nascer tudo conspira,
Mas não para as crear; é necessario
Que as tenras avesinhas, filhas d'arte,
Sejam na sua infancia ás mães entregues:
O ar, o frio, o calor enganam muito,
E melhor que nenhuma vigilancia
Em suas precisões as mães vigiam.
  Por espaço de um mez um côvo encerre
Os pintos e a gallinha: então liberta
Sáe, e conduz aos campos convisinhos
O alado bando, que ligeiro, experto,
Sollicito apoz d'ella vae correndo,
Com repetidos pios a circumda,
E debaixo das azas se lhe aquece;
Elles alternam brincos, e combates;
Chama-os a mãe, com elles se recrêa,
Busca, esgravata, e com ternura extrema,
Esquecida de si, reparte o achado:
Insaciavel foi, e agora é sóbria;

Mãe carinhosa a tenra prole abriga.
E, sendo fugitiva, e temerosa,
Já com intrepidez affronta os p'rigos.
Se pelo alto dos céos voando observa
Ave espantosa, prestes a arrojar-se
Sôbre ella, e sobre o seu rebanho amado,
Segue-a co'a vista, ergue um clamor piedoso,
E off'rece aos filhos por abrigo as azas:
Escondidos alli, desapparecem,
Ella se expõe sómente, e d'ira acceza,
Inquieta, terrivel, furiosa,
Com um brado feroz atrôa os ares:
Revôa a prumo seu, e sobe, e desce,
E foge em fim o abutre, que illudira
Seu grito ameaçador; então alegre
Solta jucundo canto, a prole surge,
E a cérca, e enche das caricias suas.
Vós, que regeis este volatil gado,
Precisões preveni-lhe, e soccorrei-o:
Aquella ave, sem pasto, desfallece;
A lingua tem espessa; e branca, e dura
Uma pelle lh'a envolve, e se lhe estende,
E cerca-lhe o padar: não percaes tempo,
Funesta póde ser qualquer demora;
Logo co'os dedos arrancae-lhe a pelle
Pela raiz, que á lingua tem pegada.
Quando já seus desvelos não carecem
Deixa a gallinha, e desconhece os pintos;
Mas ás vezes sem tempo os abandona,
E a orphã multidão concorre, e pia:
De mãe póde o capão em vez servir-lhe;
Mas, antes de exercer tal ministerio,
Alguns dias com elles encerrado
Se acostume a prestar-lhe os seus desvelos:
Prestes então vae educando, e guia
O bando todo a seu dominio entregue;
Arroga de gallinha o jus, o affago,
E até a imita nas femineas vozes;
Aio fiel que, em sendo tempo, ajunta
Ao povo seu sua familia nova.
Uns para a meza criam-se de parte,
Vivem fechados, privam-se do sexo;

E, sem limite saciando a fome,
Engordam, e engordar lhes custa a vida:
Outros, menos tractados e mais livres,
Vivem com egualdade entre o seu povo,
E a encher-vos de seus dons consagram todos
Todos os dias de uma vida escassa.
Ha outras varias aves, que reúnem
Utilidade ao numero, e belleza:
Multiplique-se a raça, que das Indias
Nos trouxeram d'Ignacio os companheiros;
Esta raça é altiva, e desdenhosa,
Afagos ao perú mal-soffre a femea;
Terno e soberbo amante junto d'ella
A aza lhe arrasta em vão, a cauda ostenta,
Erriça as plumas, todo se intumece,
E em seus grasnidos seu amor lhe exprime;
Orgulhoso debalde o rubro monco
Da cabeça inda além do bico estende;
Que a perúa, indiff'rente a seus transportes,
Marcha, sem contemplar o seu amante.
Debil na infancia, esta ave delicada
Exige a mais attenta vigilancia;
De bico aberto n'um clamor continuo
Morre de fome se lh'a não saciam:
A gemma do ovo, e a renascente ortiga
Na sua meninice é seu sustento;
Mas, co'a idade enrijando, excede em força,
E as outras aves na grandeza excede.
Vejo bambolear-se a lentos passos
Ruidoso pato, e ganso vigilante;
Estas aves são uteis, são precisas;
Mas sua turba aquatica esmorece
Se não tem ou nascente, ou lago, ou tanque
Aonde ledamente concorrendo
Se alimentam, mergulham, nadam, folgam.
Á sua especie rara vez se fiem
Ovos, que á producção se destinaram,
Que ás vezes sua penna humida, ou fria,
Ou o germe destroe, ou mata o feto:
Entregae-os á provida gallinha,
Com seu calor ella os fará fecundos,
E ufana guiará o bando extranho

Das tenras aves, que seus filhos julga:
Porém, mal que um regato se lhe off'rece,
Eil-os lhe fogem; ella se encaminha
Ás margens, que a largar se não resolve,
E parece querer precipitar-se;
Avança, corre, geme, afflicta os chama,
E volta emfim sósinha, e magoada.
Dae á turba famelica bom pasto,
E depressa, alimento delicado,
Vêl-os-heis adornar a meza vossa.
O que salvou, grasnando, o Capitolio
Junto ás casas vigia, e nunca foge,
E dá do seio seu, das azas suas
Aos leitos o frouxel, á dextra a pluma.
A gallinha africana, mais formosa,
Dá mais gentil adorno aos vossos lares,
Do que este amphibio povo; delicado
Teme dos gelos o rigor, e sobria
Para seu alimento o grão lhe basta:
Não póde arte imitar a graça, a ordem
Das graves côres, que lhe deu Natura;
E, quanto mais os olhos as contemplam,
Mais pasmo causa a symetria d'ellas.
Rico serieis de plumagem rara
Domesticando os cysnes argentados;
Porém mesquinha habitação desdenha
Dos prados do Asio, e do Caystro a prole;
Ama em jardins reaes as aguas puras,
Onde ligeira, revoando, folga,
Ou repousa acolhida na abrigada
Sobre as ondas a custo edificada.
Quando do cysne a morte se avisinha
Não espereis, como se conta, ouvir-lhe
Meigo canto dulcisono, e saudoso.
Que tanto gaba erradamente o vulgo;
E dest'ave gentil odioso o canto;
Mas seu nobre, e engraçado movimento,
Sua esplendida alvura agrada, encanta:
Grecia fingiu que em cysne transformado
Foi Jupiter de Leda namorado.
O phaisão é feroz por natureza,
Mas é bello, e na sua mocidade

Por algum tempo a escravidão supporta;
Porém logo, a clausura aborrecendo,
Com fugitivas azas corta os campos,
E vae buscar o prado, a fonte, os bosques.
O pavão, mais domestico e constante,
A vossa habitação não deixa nunca:
Em sitio que elle ignore a femea sua
Esconde os ovos, que chocar pretende:
Debalde elle se mostra magoado
Se acaso a vae achar; em vão co'as azas
Lhe faz caricias, e a belleza ostenta;
Estando ella presente é tudo afago,
Porém apenas ella se desvia,
Nos filhos seus o seu desdem castiga.
Da creação o tempo exceptuando,
Em que lhe foge esquiva, arde por elle
Com todo o fogo que a ternura accende;
Se elle morre, ella vive amargurada,
Definha de afflicção, de amor se mirra.
Das outras aves o pavão cercado,
Como se fôra só, só elle admira;
Mostra em pescoço azul dourada testa;
Brilhantes como as flôres, como os astros,
Ostenta os olhos da orgulhosa cauda;
E o diurno clarão lhe augmenta, e muda
O pomposo espectaculo attractivo
Das plumas, c'o reflexo embellecidas.
Não ama o caçador caseiras aves,
Congrega, e nutre as aves carniceiras,
Aves ao sangue, á morte acostumadas,
Que, seus proprios irmãos assassinando,
Contentam os desejos de seu dono
Com féra garra adunca, e mercenaria.
O rápido falcão, o gerifalte
A quem os ensinou, se a colhem, trazem
Ave, que timorata vae fugindo:
Nas florestas deixae-lhe a raça odiosa,
Sempre tinta de sangue, e sempre horrivel;
Gaviães, esmerilhões, treçós, açôres,
O cruel avestruz, a aguia soberba.
Não prendaes em viveiro, nem gaiola
Avesinhas voluveis, e amorosas;

Canarios, chamarizes, tutinegras,
E o suave cantor da primavera:
Estas aves captivas emmudecem,
E livres pelos bosques divagando
Deleitam, sonorosas gorgeando.
Tenho em vossas herdades reunido
Ao jugo de uma lei diversas aves:
D'indole diff'rente a leve pomba
Quer viver livre, a liberdade a encanta;
Mas casta, que tractada com desvelo
Chega a esquecer os paternaes costumes,
Sujeita-se a perpetuo captiveiro;
Suas familias para sempre escravas
Amam suas prisões, pousadas suas:
Quando se lhe abrem, de redor esperam
Que se lhes distribua o pasto usado;
E quando a fome se lhes não sacia,
A morte affrontam por cuidar na vida.
Outras, dando-se ás leis de um dócil trato,
O vôo alargam como as pombas bravas;
Voluntarias captivas, por escolha
O jugo acceitam, que lhes mais agrada:
Torre, onde luza o resplendor da aurora,
Domine os campos, e a mansão lhe indique;
Seja aceiada, lucida, espaçosa,
Brilhante assim como ellas, que mil vezes
Fugazes, mas fieis ali revôam.
Prestes chamae os cidadãos mancebos,
Que devem povoar este alto muro:
Raça normanda, as pombas argentadas
Com pés plumosos, côr de rosa o bico
Ás de pluma azulada a gloria empatam
De embellecer o preparado asylo:
De unidas castas á mixtão brilhante
Juntae colonias d'estrangeiros climas,
Que em genio, em côr os hospedes diff'rentes
Dão prole, que os simelha em côr, em genio.
Costumados um mez a viver juntos,
Reunidos presos no fechado asylo,
Já certos d'elle, e por amor ligados,
Alternativamente ou sáem, ou entram;
Nos campos de redor ligeiros vôam,

E os grãos escolhem do torrão mais fertil.
  Mas, quando o inverno esterilisa os campos,
E quando, renascente a primavera,
De flôres, e verdura embellecida,
Reveste a Natureza um luxo inutil
De Idalia ás aves; de manhã, e á tarde
Em copia a seu asylo os grãos se levem:
Mais facilmente do que as outras aves
A quem lhes lança o grão concorrem pombos;
Desconfianças não tem, para ajuntal-os
Basta a hora, um signal, um grito basta.
  Quanto mais farta fôr vossa conquista
Mais vasto povo habitará seus muros;
Mais fecunda se faz d'est'arte a pomba:
Aquella que, sem ter assiduo pasto,
Pelos campos voeja em liberdade,
Interrompe no inverno a poedura;
Se ás vossas leis em captiveiro engorda,
Dous gemeos cada mez produz seu ninho:
Cuidoso de a alli ter, chegado o tempo
De o seu logar supprir, roçando-lhe a aza
A adverte, a solicita seu esposo;
Companheiro fiel em seus desvelos
Alternativamente aquece os ovos,
De um mutuo amor penhores preciosos:
Ella torna outra vez ao ninho amado;
Elle vôa, e viaja, e volve, e parte
Com sua companheira os grãos, que trouxe;
Mas é breve esta edade venturosa,
Seu brando natural (quem tal pensára!)
Não poucas vezes barbaro se torna.
  Aos quatro annos as pombas são estereis,
E vexam por ciume a casta sua:
Ha quem, sem distincção, tyranno exerce
Cruel matança no volatil povo;
Sêde mais brando, e com regrados golpes
A velhice extirpae de cada especie.
  Ás vezes, apesar de mil desvelos,
Ha desertores cidadãos ingratos,
Que não basta o costume, o amor, o exemplo
Para contel-os no seu patrio ninho;
Rompem os laços sociaes, preferem

A liberdade, os bosques: este habita
N'um concavo rochedo, ou tronco antigo:
Est'outro onde o provoca o seu instincto.
O aceio prende á casa os moradores;
Se o desprezaes no outono e primavera,
E se, inda mais a miudo, da immundicie
Não livraes este povo, que murmura,
A immunda habitação presto abandona:
Aquelles vís montões d'impuras fezes
São de uma preciosa utilidade,
Fortes estrumes são, que alentam, nutrem
Os fructos ao jardim, verdura aos prados:
Com elles a seara é mais fecunda,
Mais generoso o vinho; mas o excesso
Por seu muito vigor os faz nocivos;
E, se usados em conta não reforçam,
Seu fogo abraza o campo, a vinha, os prados
Off'rece-nos o céo n'esta ave pura
Molde em costumes, da virtude a imagem;
Só ella tem, ingenua e sociavel,
Leis immutaveis, e communs penates;
Vive o seu povo sem tyrannos; nunca
Sua paz e innocencia os crimes mancham;
E, na sua republica, a concordia
Conduz os cidadãos, e os une, e anima:
Juntos ou no trabalho, ou no repouso,
Quando o sol vem das ondas resurgindo,
Qual densa nuvem, a campina assombram,
E de Venus a estrella os volve ao ninho;
Arrulam dôcemente, e á torre vôam;
Entram, e logo, antes que morra o dia,
Cada qual em silencio immovel fica,
Cançados gosam de tranquillo somno.
Amo vêr seus desejos innocentes,
Ternos gemidos, vividos prazeres:
Os biquinhos unindo, longamente
Com reciproco afago arrulam juntos,
E hymeneu, que os prendeu, conserva sempre
Terno o seu coração, casto o seu ninho;
Vaga pomba torquaz, e a rola imita
No desviado bosque as mansas pombas.
Os homens com proveito exp'rimentaram

Seu vôo obediente em ída e volta:
Arte avezou-as a levar nas azas
Fiel mensagem de um logar ao outro;
Muitas vezes servindo a Amor, e muitas
Soccorro annunciando a oppressos muros,
Dando socego, e esp'rança á consternada
Terna amisade, que gemia ausente:
Alexandretta, Alep, e Lesbos sabem
Dar-lhe este ensino, e regular seus vôos.
Parte este agil correio ao sol nascente,
E volve antes que a luz na sombra expire;
A falsidade, o engano tem ousado
Domal-a, e dar-lhe empregos criminosos;
Guiada pelo vicio a singeleza
Fez-lhe serviços, sem convir com elle.
Acreditou a edade fabulosa
Que, a Amor fiel, em Paphos e Cythera
Seguia a sua côrte, e lá no Olympo,
Pelos gregos aos numes consagrada,
D'esta ave, a mais pudica, a deusa é Venus:
Muitas vezes de Méca o vão propheta
Usou como impostor mensagens suas;
Creu-se que a seus ouvidos revelava,
Interprete do céo, mysterios d'elle.
Feliz quem d'innocentes passatempos,
De tranquillos prazeres satisfeito,
Do seu casal co'as aves entretido
Sua formosa côr, seus dons contempla!
Qual dos jardins o espectador assiduo
Sempre acha novo seu jucundo esmalte,
Cada dia indagando as varias côres
Das que elle desposou diversas flores;
D'est'arte, e mais feliz vereis das aves
A plumagem brilhante, os novos trajos:
As côres no jardim perdem-se, e murcham,
Nas aves, augmentando, aformoseam.
Busca-se em vão nos hospedes aéreos,
Que as florestas, o rio, o mar povoam,
Aquella côr de azul, de prata, e de ouro
Com que em vossos casaes as bellas aves
Tão pródiga adornou a Natureza:
Separae cada especie, e, assim distinctas,

Achareis o prazer na variedade;
Sem escolha, e sem ordem sendo unidas
Familias degeneram, raças morrem:
Sobre isto vigiae, fazei a escolha
Das castas, em que Amor o gosto approva.
Sensivel a gallinha á formosura
Da ave de Cólchos, seu ardor lhe é grato,
E as patas juntamente o afago attendem
Á sua propria especie, e ao gallo ardente.
Felizes se esta união vos amostrasse
Um segredo, que os sabios inda ignoram!
Da existencia animal qual dos esposos
Contém no seio o creador principio,
Ou se ambos juntos de vindoura próle
Por ditoso concurso o ser produzem.
Os diversos systemas n'este cahos
Escassa luz tem reflectido apenas:
Por lei constante as aves assimelham
A seus paes em plumage, em côr, e em gesto;
E a que nasceu de generos distinctos
Tem um mixto, que de ambos degenera,
Mas simelha com ambos: assim vemos
Da égoa e do animal longui-orelhudo
A prole, que ao serviço é tão prestante;
Une alteradas ambas as especies,
Uma nem outra é, tem visos de ambas.
Cada especie animal por vario modo
Se reproduz: caricias desdenhando
O fogoso ginete, o cego touro
Se arremessam a unir-se á sua amada;
Com gemidos, com beijos, com suspiros
Alonga o seu prazer a terna rola:
O peixe sem unir-se, segue, anima,
Fecunda os ovos, que depôz nas aguas
A femea sua: em seu palacio occulta
Produz a abelha a multidão sonora,
Que em continuo trabalho a vida emprega,
E os zangãos, turba vil, e preguiçosa,
Que fazem sua côrte á mestra-abelha:
O pulgão, ruinoso ao tronco e aos fructos,
É de si proprio amante, e reproduz-se:
Sobrevivendo a golpes, e mais golpes

Repara-se o polypo de seus damnos;
Pelos fragmentos seus reparte a vida,
E um novo, em cada um, polypo brota!
Tal se não viu em Lerna a hydra horrenda,
Cujas cortadas testas renasciam;
Dá menos pasmo o monstro fabuloso
Que este vérme nas aguas escondido!
  Egual, e variada em seus productos,
E contraria a si mesmo, em toda a parte
Para nós é mysterio a Natureza!
Indágo-a, em vão: brilha-me um raio, e logo
Outro mais m'o destróe! Debalde
Ligar quero as cadêas de um systema;
Que ellas, como Prothêo, a cada instante
Differem de si mesmas! Deslumbrado
Por um clarão facticio me suspendo,
E tudo volve á antiga obscuridade!
Tal de noute o relampago medonho,
Rasgando o seio ás nuvens, se arremessa,
Dos objectos a imagem nos descobre,
Vôa, brilha, e se esvae sulcando os ares;
E a noute inda mais negra, esconde o mundo.
  Com arte corrigindo a Natureza,
Eu aos homens em versos ensinava
Das terras o lavor, no tempo em quanto
Luiz, o melhor, e o mais excelso,
De seus feitos co'a fama enchia o mundo;
Em quanto a Italia e Flandres sossobradas,
Viam tudo ceder ás armas suas;
E caro ao povo seu, e aos seus alliados,
D'inimigos terror, do mundo assombro,
De seus trophéos o fructo repartindo
Sós para si guardava amor, e gloria.
  Eu, quando a meu sabor gastando o tempo
Pude esquivar judiciaes querelas,
E o popular bulicio, demandava
Asylo aos campos de paterna herança:
Ali não vinha o orgulho da grandeza,
Nem vinha dos prazeres o tumulto
Meu coração turbar, nem meu repouso;
Vivia só commigo, e sem cuidados
A vida consagrava ao grato estudo;

Amei rebanhos, arvores, campinas,
E á borda dos regatos cristalinos,
E á sombra das florestas retirado,
Em solidão obscura, mas tranquilla,
Juntamente quiz ser poeta, e sabio.

NOTAS

CANTO I

(Pag. 145, verso 8)

Criam forças em mim Luiz, e a patria.

Luiz XV, rei de França.

(Pag. 147, verso 25)

Ao barro, ao tufo, aos matagaes, e etrêas.

O tufo é uma especie de terra branca e secca; e é tambem uma pedra esbranqueada e esponjosa.

(Pag. 148, verso 13)

* Em qualquer terra o trigo sarraceno
* Eleva os negros grãos na densa espiga.

Estes dous versos escaparam a Bocage ao correr da traducção.

(Ibid., verso 17)

O indiano maiz................

O maiz é outra especie de trigo.

(Ibid., verso 33)

Dos campos de Babel, esses outr'hora.

Tem-se por certo que os descendentes de Sem, e não os egypcios, fizeram as primeiras observações astronomicas.

(Ibid., verso 40)

O chefe das ovelhas o é dos signos.

O Carneiro; porque é o signo do mez de Março, que os antigos contavam por primeiro do anno.

(Ibid., verso 41)

O Touro logo, e depois d'elle os Gemeos.

O Touro é o signo do mez de Abril, e os Gemeos de Maio.

(Pag. 149, verso 1)

Nos tropicos o Cancro, e Capricornio.

O Cancro é o signo do mez de Junho, no fim do qual se faz o solsticio do verão; Capricornio é o de Dezembro, e tambem no fim d'este se faz o solsticio hyberno.

(Ibid., verso 3)

Dias e noutes a Balança eguala.

No mez de Setembro, cujo signo é a Balança.

(Ibid., verso 4)

Das ceifas o signal compete á Virgem.

Astréa, que é o signo do mez de Agosto.

(Ibid., verso 26)

Se o negro Escorpião viu tua aurora.

Signo do mez de Outubro.

(Ibid., verso 34)

Por artes da impostora astrologia.

Os abusos astrologicos chegaram, não só a induzir a crença de que certos planetas, e a sua conjuncção de tal ou tal modo, eram felizes, ou desgraçados; e que os eclipses e cometas annunciavam grandes desastres; se não até que a nossa vontade era regulada pela influencia dos astros.

(Pag. 151, verso 1)

Já no ethéreo Carneiro o Sol tocando
Lhe desvanece a luz............

Por que entrar o sol em um signo, vem a ser passar-lhe por baixo; e então nol-o escurece.

(Pag. 152, verso 3)

E cruza os sulcos teus por novos sulcos.

Este preceito só tem logar nas terras fortes, e nunca nas que forem humidas, ou delgadas.

(Ibid., verso 28)

O margo, de que usaram n'outras eras
Nossos priscos avós, etc.

O margo é uma especie de barro branco ou terra fertil, pingue e branda, que serve para adubar as terras aridas:— a castina é uma especie de pedra ou terra esbranqueada e secca, propria para adubar as que são fortes e humidas; assim como a cal é conveniente para as que são delgadas, etc.

(Pag. 153, verso 1)

Os magicos mysterios exercia.

Foi um liberto, por nome Caio Furio Cresino.

(Ibid., verso 22)

Outra fica vazia; o sementeiro
Ha de espalhar, etc.

Machina para semear melhor, e com mais economia

(Ibid., verso 25)

A herva parasita acolhe menos.

Chamam-se hervas, ou plantas parasitas aquellas que vegetam sobre outras, e se nutrem da sua substancia.

(Pag. 155, verso 21)

Ha lavradores próvidos, que ajuntam
Agua com cinza, etc.

Esta preparação faz-se por diversas maneiras, e tem por objecto conhecer o grão melhor para a semeadura; mas não é infallivel.

(Pag. 157, verso 3)

.... lenta carcôma
Pouco a pouco as substancias lhe anniquila.

Corrupção.

(Ibid., verso 9)

Tendo por mestra a Natureza, um sabio, etc.

O auctor falla de Mr. Tillet, que sobre este assumpto escreveu uma memoria, premiada pela Academia de Bordeaux.

(Pag. 158, verso 15)

Extrair, vêr, tocar ha pouco a flamma.

O fogo electrico: reiteradas experiencias tem demonstrado ser elle o mesmo que o fogo elementar.

(Ibid., verso 27)

Dos romanos cobrir, dourar as armas.

Refere-se ao que Cesar deixou escripto nos seus Commentarios—*Eadem nocte quintæ legionis pilorum cacumina sua sponte arserunt.*—«N'essa noute se inflammaram por si mesmas as pontas das lanças da quinta legião.»

(Ibid., verso 32)

.... obteve o nome
De Helena, Castor, Pollux......

É o fogo a que nós chamamos Santelmo, e que os antigos tinham por estrella: quando apparecia um só fasciculo luminoso, chamavam-lhe Helena; e quando appareciam dous, chamavam-lhe Castor e Pollux.

(Ibid., verso 42)

Ao fiel conductor, que sem violencia.

Chama-se «conductor» um corpo, pelo qual a materia electrica se dirige, e se transmitte de um ponto a outro sem se espalhar.

(Pag. 159, verso 29)

Nem do seio os coriscos lhe rebentam.

No Egypto nunca ha trovoadas; e as poucas vezes que se lhe tolda o céo, apenas derrama um orvalho.

(Pag. 160, verso 14)

Ao ferro ali succumbe a flava espiga.

Os egypcios semêam em Novembro, e fazem colheita em Março.

(Ibid., verso 16)

.... Vivissimos ardores
Esperae do Leão...........

Mez de Julho.

(Ibid., verso 26)

De miseros que chusma (oh céos!) é esta?

Os rabiscadores, ou mais propriamente—respigadores.

(Pag. 162, verso 8)

Encanto da existencia, origem d'ella,
Taes que, etc.

Todos os versos com asteriscos são accrescentados por Bocage.

(Ibid., verso 34)

O oleo tambem, que de um rochedo emana.

O auctor falla do oleo, que nasce de um rochedo, e fórma uma fonte, perto de Gabian, aldeia pouco distante de Besiers, no Languedoc.

(Pag. 163, verso 16)

Esta, que Duhamel ha dado á França.

No seu Tractado da conservação dos grãos.

(Ibid., verso 19)

Mas quer ventilador, que o ar lhe innove

Machina para dar novo ar aos logares fechados.

(Pag. 165, verso 3)

Vêde de Fontenoi, vêde nos campos.

A batalha de Fontenoi foi ganhada pelo marechal conde de Saxe em 1745.

CANTO II

(Pag. 167, verso 13)

O mundo consolou do equoreo estrago.

Isto diz, porque (segundo a opinião mais recebida) o fabrico do vinho só foi conhecido depois do diluvio.

(Ibid., verso 19)

Armenia te gostou, nectareo succo.

Primeiro na Armenia, porque ali viveu Noé depois do diluvio.

(Ibid., verso 29)

O Arecómico Volco em nossos climas.

Volcos Arecómicos se chamavam os povos do baixo Languedoc; assim como os do alto Languedoc se chamavam Volcos Tectosagos.

(Ibid., verso 35)

.... O celta,
Os bosques arrancando, acolhe ás vides.

Porque Domiciano lhe havia prohibido a plantação das vinhas, e Probo lh'a concedeu.

(Pag. 168, verso 2)

Sobre arêa africana escadeas torram.

Escadeas propriamente são esgalhos, ou raminhos do cacho de uvas; mas aqui tomam-se pelos mesmos cachos.

(Pag. 169, verso 20)

Lá quando o turvo Aquario em nossos climas.

Em Janeiro.

(Pag. 172, verso 38)

Já nutrimento de abundoso estrume.

Os estrumes augmentam o vigor, e a producção das vinhas; porém de ordinario alteram-lhe a qualidade.

(Pag. 173, verso 3)

Pernicioso insecto eis sáe da terra.

O escaravelho.

(Pag. 174, verso 25)

De invencivel cadeia os opprimiam.

Os gallos cisalpinos são tidos por inventores dos toneis.

(Pag. 175, verso 38)

E a todo o cheiro inaccessivel seja.

Porque todos os maus cheiros alteram o vinho.

(Pag. 176, verso 23)

Abona vezes cento a força e vida.

O uso do vinagre, proveitoso nos exercitos, é conhecido não só desde os tempos primitivos da republica romana, senão que tambem o foi pelos carthaginezes, e já pelos gregos.

(Ibid., verso 27

Arte assombrosa, que o divide e apura,

A chimica.

(Ibid., verso 41)

Do vinho usa formar util ferrugem.

E o verdete, ou azinhavre: ferrugem esverdeada, que cria o cobre, e que é um veneno violento, mas de que se tiram algumas utilidades.

(Pag. 177, verso 11)

De insecto extranho tal peçonha os livra.

Diz-se que os hollandezes misturam verdete nas materias resinosas com que rebocam os seus diques, e que com a acrimonia do mesmo veneno matam uns insectos americanos, que lhe arruinam o madeiramento.

(Ibid., verso 15)

Louçã verdura, que amenisa os sêrros.

O verdete é tambem de muita serventia para os pintores.

(Ibid., verso 19)

.... D'ali tirado.
Se aprompta para mil necessidades.

E o tartaro, que entra em muitas composições medicinaes.

(Pag. 178, verso 21)

Tokay, teu digno contendor, te eguala.

O vinho de Tokay é uma especie de moscatel; acha-se ouro nos sêrros que o produzem; e em Vienna, no gabinete de recreio do imperador, está uma cepa de Tokay, que tem enrolado um fio de ouro nativo.

(*Ibid.*, *verso 31*)

E o nectar vosso, oh Tenedos, oh Chio.

Foram, e são muito estimados os vinhos d'estas ilhas do Archipelago; porém os do promontorio Arvisio, na ilha de Chio, o eram com tanta especialidade, que lhes chamavam nectar: ouça-se Virgilio, na ecloga V:

Ante focum, si frigus erit; si messis, in umbro
Vina novum fundam calathis Arvisia nectar.

«De inverno ao lume, e de verão á sombra
«Derramarei por copos espaçosos
«O novo, em vinea fórma, Arvisio nectar.»

Ou... «O Arvisio vinho, que parece nectar.»

Digo por copos espaçosos, porque o *calathis* do texto quer dizer em copos, ou calices da feição de cestos—pois que «cestos» é propriamente a significação de *calathis*.

(*Ibid.*, *verso 36*)

Dos cachos emanar liquor fragrante.

E o vinho chamado Lacryma.

(*Ibid.*, *verso 38*)

.... Alta Musa
Das Camenas do Tejo honra, e saudade, etc.

Quem deixará de entender que Bocage falla aqui do nosso immortal Camões, no seu admiravel Adamastor? Por certo hão de entendel-o, e interiormente achar-lhe razão, até aquelles que dizem — *Que o episodio de Adamastor, entre os disparates de Luiz de Camões, é o maior disparate.*

(*Pag. 179*, *verso 3*

O occidental Jason, etc.

Entende-se o nosso Vasco da Gama: bella aparidade de Bocage; pois que Vasco da Gama foi o chefe da nossa armada, para o descobrimento da India, assim como Jason o foi da náo Argus, para a conquista do Vellocino.

(Ibid., verso 9)

Proximo ás fontes d'onde corre o Sena

De Borgonha, Champanha, etc., levaram os hollandezes ao Cabo da Boa-Esperança cêpas, que ali plantaram, e que produzem um vinho muito estimado.

(Ibid., verso 14)

O cysne de Venusa aos céos erguia.

Horacio; pois que era natural de Venusa, antiga cidade no reino de Napoles.

(Ibid., verso 31)

As perfumadas, as chinezas folhas

O chá.

(Ibid., verso 32)

Dos grãos de Yemen a singular bebida.

O melhor café colhe-se em Yemen (Arabia-Feliz) e d'ahi o transportam para a cidade de Moka, d'onde se lhe dá impropriamente o nome.

(Ibid., verso 33)

O cacau negrejante, alimentoso.

Falla do cacáo como droga essencial no chocolate.

(Pag. 180, verso 15)

* A mãe (ah! já não mãe) lacéra o filho.

Este verso, que na edição do terceiro volume não tem asterisco, é, não obstante, accrescentado por Bocage, e com toda a propriedade, pois que Penthêo foi despedaçado por sua mãe Agave, que Baccho enfurecera.

(Ibid., verso 29)

Éschylo a cria, Sophocles a eleva.

Verdadeiramente o seu inventor foi Thespis; mas Éschylo é quem lhe deu magestade e energia: creou-a por tanto. *(Nota de Bocage).*

(Pag. 181, verso 5)

Sagrou-lhe sobre o mar Veneza um templo.

Falla de Veneza republica. *(Nota de Bocage).*

(Pag. 182, verso 9)

Jugo aos transportes, aos delirios termo.

Creio que este quadro de Veneza e os antecedentes, pelas imagens e expressão, devem aprazer ao leitor. *(Nota de Bocage)*.

CANTO III

(Pag. 182, verso 4)

Ō vate Mantuano, o velho de Ascra.

Virgilio nasceu em Andes, aldeia perto de Mantua (na Italia) e por isso é vulgarmente cognominado Mantuano. Hesiodo nasceu em Cumas (na Etolia), mas foi educado em Ascra (na Beocia); e esta se tem por sua patria; d'aqui o cognominaram Ascrêu, como o fez Virgilio no livro segundo das suas Georgicas:

Ascrœumque cano Romana per oppida carmen

«Versos como os de Ascrêu em Roma canto.»

Isto diz Virgilio alludindo a um poema georgico composto por Hesiodo, do qual (segundo a opinião mais recebida) só nos chegaram fragmentos. O mesmo Virgilio, na sua ecloga sexta, lhe chama — velho de Ascra.

..... *Hos tibi dant calamus, en accipe, Musœ,*
Ascrœa quos ante seni.

«Recebe-a, dão-te as Musas esta frauta,
«Que deram n'outro tempo ao velho de Ascra.»

(Ibid., verso 8)

O mais sabio dos reis, Deus, inspiraste.

Salomão: elle escreveu das arvores, desde o cedro até ao hysopo; isto é, desde a maior até á menor. Esta obra perdeu-se; mas é-a que allude o auctor.

(Ibid., verso 22)

Consultavam prophetico arvoredo

Junto a Dodona (cidade da Chaonia no Epiro) havia um bosque consagrado a Jupiter, e todo de carvalhos, que se dizia prophetarem os oraculos d'aquelle numen.

(Ibid., verso 24)

Iam colher o agárico sagrado.

Agárico ou visco: planta parasita, ou excrescencia esponjosa, que nasce de inverno no tronco das arvores. O do carvalho era tido pelos gallos como um poderoso preservativo contra todos os males; e os supersticiosos druidas ou bardos, o acolhiam nos fins de Dezembro, sacrificando victimas humanas; depositavam-no em seus altares, e o distribuiam ao povo no primeiro do anno.

(Pag. 183, verso 12)

O cedro se accendeu, na umbrosa estancia.

Os antigos, antes de conhecido o uso da cêra, serviam-se em logar d'ella das madeiras resinosas e odoriferas; especialmente do cedro. Sirva de prova o que diz Virgilio, Eneid. lib. VII.

Proxima Circæ raduntur littora terræ;
Dives inaccessos ubi solis filia lucos
Assiduo rosonat cantu, tectis que superbis
Urit odoratum nocturna in lumina cedrum,
Arguto tenues percurrens pectine telas.

«Junto ás terras de Circe as ondas corta;
«Onde a filha do Sol os invios bosques
«Faz resoar com repetido canto,
«Opulenta em magnifico palacio
«Odorifero cedro á noute accende,
«E com sonoro pente as telas urde.»

(Ibid., verso 36)

A floresta de Hercynia inda aos germanos.

A Floresta-negra (na Suabia), e a de Bohemia são restos da floresta Hercynia, que se estendia por toda a Germania até á Pannonia.

(Ibid., verso 38)

O francez em seu clima reconhece
As antigas Ardennas, etc.

As florestas de Compiegne, Couci, Fontainebleau, etc., faziam parte da grande floresta das Ardennas (ao longo do rio Mosa) onde os bardos ou druidas sacrificavam.

(Pag. 184, verso 25)

Seccam de languidez em campo extranho.

As arvores assim plantadas são sempre mais fracas e menos duradouras: e especies ha, que nunca medram com este genero de cultura.

(Pag. 185, verso 7)

E o banquete cobriu dos sete sabios.

Os n'este numero contados foram: Thales, natural de Mileto; Pittaco, de Mitiline; Solon, de Athenas; Cleobulo, de Linde; Bias, de Priene; Chilon, de Spartá ou Lacedomonia; Periandro, de Corintho.

(Ibid., verso 9)

E o olmo, que em teu seio achaste, oh Gallia.

Especie diversa de outra, originariamente produzida na Italia.

(Ibid., verso 32)

Dos vastos corpos seus liquor viscoso
Faz que, etc.

Todas as arvores resinosas conservam no inverno a folha, excepto o larico; e creio que com esse fundamento Bocage o excluiu da sua traducção, quando aliás Rosset o inclue n'este verso:

Le cèdre, le cyprès, le mélèse, et le pin.

Do cedro só ha uma especie conhecida, e é vulgar na Arabia e no Egypto; na Europa, se usassem plantal-o, produziria, como tem produzido em Paris e em Londres.

(Ibid, verso 39)

Uns o pêz, a resina outros derramam.

O pêz os mansos, a resina os bravos.

(Ibid., verso 40)

Sua terebenthina ostenta Chio.

Terebenthina ou termentina: resina do terebintho.

(Pag. 186, verso 1)

Dos freixos de Calabria o pranto admira.

Manná, que distillam nos mezes de Junho e Julho.

(Ibid., verso 2)

Myrrha off'rece aos sabéos humor, que encanta.

Na Arabia-Feliz.

(Ibid., verso 37)

Os gallos succeder viu a seus povos.

Foram os chamados gallos-cisalpinos.

(Ibid., verso 39)

E foi Roma em seus muros sepultada.

Allude á invasão de Brenno.

(Ibid., verso 40)

Aos campos de Gallacia deram nome.

Provincia d'Asia-menor, povoada pelo terceiro exercito gallo que entrou na Grecia.

(Ibid., verso 41)

Por Apollo tremeu ao vêl-os Delphos.

Até ali chegou o segundo exercito gallo que entrou na Grecia : mas foi destruido como o primeiro.

(Pag. 187, verso 32)

A franceza estatura magestosa

Porque os lapões, ou habitantes da Laponia (paiz ao norte da Europa) têm, quando muito, quatro pés e meio de altura.

(Ibid., verso 41)

E aveleira, e loureiro, e teixo, e myrto.

Bocage excluiu da traducção o arbusto «buxo» que o original dá n'este verso :

La rose, le lilas, le buis, le coudier,

talvez porque julgou o vocabulo dissonante em metro.

(Pag. 188, verso 10)

O azevinho, o alaterno prateado.

Tambem excluiu o *troesne* do texto (que significa o alfeneiro allemão) talvez por não repetir alfeneiro, e evitar periphrasis ; mas accrescentou o parenthesis — (E não só estes).

(Pag. 189, verso 14)

* Roma a venceu, e dos vencidos povos
* Ignotas plantas admirou a Italia.

Tambem passaram a Bocage est'outros versos:

Rome triompha d'elle, et des peuples vaincus
L'Italie admira les arbes inconnus.

(Ibid., verso 19)

Nos é delicia, aos persas é veneno.

Affirma-se que os pêcegos, entre nós tão deliciosos, são tão nocivos na Persia, que o seu veneno é mortal: por isso o nosso immortal Camões (que soube quanto podia saber-se no seu tempo) disse nos *Lusiadas*, canto IX, estancia 58:

«O pomo, que da patria Persia veiu,
«Melhor tornado no terreno alheio.»

(Ibid., verso 20)

O damasco odorifero de Armenia.

O mesmo que dos pêcegos na Persia, se diz dos damascos na Armenia, e querem alguns que tambem no Piemonte.

(Ibid., verso 24)

Os fructos cultivou de Cerasonte.

Cidade na Cappadocia, que deu o seu nome ás cerejas, e d'onde Lucullo as levou a Roma; do que tal jactancia teve, que com ellas ornou o seu carro de triumpho, quando venceu Mithridates.

(Ibid., verso 26)

E as maceiras, em Neustria tão fecundas.

Agora se lhe chama Normandia.

(Pag. 190, verso 26)

* Nos elegantes nós de branda seda
* Prende co'as alvas mãos, inda mais brandas.

Ponho asterisco n'estes dous versos, por serem elegantissimamente paraphraseados d'este frouxo verso:

Captive ses cheveux que la soie entrelace.

(Pag. 192, verso 10)

E da chuva, e do vento injurias tolhe.

É o que chamam enxertar de garfo.

(Ibid., verso 15)

O enxerto, que lhe muda a natureza.

Chama-se — enxerto de borbulha.

(Ibid., verso 17)

Em figura de rolo ás vezes solta.

Enxerto de annel.

(Pag. 195, verso 25)

D'aquelles campos Hercules á Grecia
Foi o primeiro, etc.

Não se duvida ser Hercules que primeiro levou á Grecia a oliveira, e instituiu o uso de se coroarem d'ella os vencedores dos jogos olympicos; é porém duvidoso o logar d'onde elle a levou.

(Ibid., verso 32)

Que est'arvore devia á deusa sua.

Minerva ou Pallas.

(Ibid., verso 39)

D'onde a terra se abaixa, e desce ás ondas.

Sabe-se por experiencia; mas a causa ignora-se.

(Pag. 196, verso 19)

De um memorando inverno, oh patria minha.

Refere-se ao inverno de 1709, que destruiu todos os olivaes no Languedoc, ou Occitania.

(Ibid., verso 33)

O canhamo, o pastel teu seio amimam.

Herva de tinturaria, especie de lapis.

(Ibid., verso 41)

Uniram teus trabalhos os dous mares.

Falla do canal de communicação do Mediterraneo com o Oceano, feito no reinado de Luiz XIV.

(Pag. 197, verso 12)

Os vencidos ergueu ao gráo de filhos.

Dando-lhes o direito de cidadãos romanos.

(Pag. 198, verso 5)

A folha da amoreira, assim como elles.

Porque o bicho e a folha precisam o mesmo gráo de calor.

(Ibid., verso 20)

Indicador do tempo, ali o vidro, etc.

O thermometro.

(Pag. 200, verso 21)

Presa em seus laços, transformada em nympha.

Nympha, chrysalida, aurelia, ou fava, são os nomes que se lhe dão, quando encerrada no envoltorio dos fios de seda, em vesperas da sua metamorphose.

CANTO IV

(Pag. 205, verso 8)

Vão de novo occupar a estancia antiga.

Todo este episodio diz relação ao celebre lago de Zirchnitzersée, que no mez de Junho começa a seccar e torna a começar a encher em Setembro.

(Ibid., verso 28)

Taes os prados, que ás ondas submettidos, etc.

A's ondas submettidos, porque na Hollanda não é a terra sobranceira ao mar, fica o mar sobranceiro á terra.

(Ibid., verso 41)

Surgem paizes, que tapava o lodo.

A sua grande obra da dessecação das aguas foi emprehendida pelos annos de 1180; antes d'isso a Hollanda era um pantano.

(Pag. 206, verso 2)

Que a vez primeira então provou seus lumes.

Porque esta provincia (uma das Sete-Unidas) era alagadiça, e só deixa de o ser pelos seus famosos diques.

(Pag. 207, verso 14)

Quebra mugindo os diques, e os derruba.

Apezar de todas as cautelas, os diques são ás vezes forçados pela violencia das aguas, que submergem cidades inteiras: as duas mais famosas inundações foram as de 1532 e 1563.

(Pag. 208, verso 11)

O lirio roxo, o junco, etc.

Lirio roxo, ou espadana: *glayeul* diz o texto.

(Ibid., verso 22)

Da borrasca estridente o Isero ajunta.

Ha outro rio Isero, que nascendo nos confins do Tirol e da Baviera, vae desembocar no Danubio: este de que se tracta nasce nos extremos do Piemonte e da Saboia, e desemboca no Rhodano.

(Ibid., verso 23)

E o Saona seus impetos aos d'ella.

No manuscripto de Bocage achei *Sequana;* porém aqui olvidou-se, bem como se olvidára de traduzir alguns versos: porque *Sequana* é o nome latino do rio Sena, que vae desembocar no Oceano; e o *Saone,* que dá o texto, vae desaguar no Rhodano, e em latim é *Arar* e *Soccona,* mas não *Sequana.*

(Pag. 209, verso 17)

Tal junto de Ilion o irado Xantho, etc.

Allude ao que diz Homero no canto XXI da *Iliada.*

(Pag. 213, verso 15)

Assim de Alcino a ilha povoavam.

Corcyra, ou Corfu, ilha no mar Jonio.

(Ibid., verso 21)

E os campos transferiu para as cidades.

Assim o diz Plinio o Naturalista: — *Primus hoc instituit Athenis Epicurus, otii magister, usque ad eum maris non fuerat in oppidis habitari rura:*—«Epicuro, o mestre do repouso, foi quem primeiro os ordenou em Athenas: até ao seu tempo não costumavam os jardins medrar no seio das cidades.»

(Pag. 215, verso 1)

Cumes da Iberia, onde morreu Pyrene.

Os montes Pyreneos, que dividem as Hespanhas da França

(Ibid., verso 2)

Os que Annibal transpoz, Vosgos, e Jura.

Os Alpes, que separam a Italia da França e da Allemanha.— Vosgos é uma cordilheira de montanhas, que se estende até á floresta das Ardennas, separando de Lorena a Alsacia, e o Franco-Condado; -Jura é uma montanha, que separa a Suissa do Franco-Condado.

(Ibid., verso 29)

Junto de impia caterva em rãs mudada, etc.

Allusão aos jardins de Versailles, onde estas fabulas estão representadas.

(Pag. 216, verso 28)

A tenra hemerocal, cujo destino, etc.

Especie de lirio: as flôres, que successivamente brotam de seu tronco, duram sómente um dia.

(Ibid., verso 30)

E as que outr'hora agradaram tanto aos Incas.

Principes peruvianos, que Diogo de Almagro em 1557 sujeitou ao dominio de Hespanha: em seus jardins não sómente imitavam as varias flôres com ouro e prata; porém até as searas, os arvoredos, os insectos, as aves, etc.

(Pag. 217, verso 19)

Da Syria o mais christão dos reis da Gallia.

S. Luiz (IX d'este nome entre os reis de França) quando voltou da Syria trouxe aos francezes o rainunculo.

(Pag. 218, verso 2)

.... e que os francèzes
Nominam tuberosa........

Nós lhe chamamos «angelica»: os francezes a trouxeram da America, e primeiros a cultivaram.

(Ibid., verso 7)

E a que, amante do Sol, com elle gira.

O heliotropio, ou girasol.

(Ibid., verso 9)

.... Da China a rosa, etc.

Commummente chamada «rosa japonica»: o arbusto que a produz é maior do que as nossas roseiras.

(Ibid., verso 19)

No tempo em que o talaspis d'alva fronte.

Flôr, que abre á maneira de um chapéo de sol.

(Pag. 219, verso 15)

O luto de Aristêo, perdendo o enxame.

Veja-se o livro IV das Georgicas de Virgilio.

(Pag. 220, verso 5)

Mais forte em tuas mãos, que industria, oh França, etc.

Falla das flôres de porcellana.

(Ibid., verso 15)

Que a flôr vida recebe, a flôr dá vida.

Systema de Mr. Vaillant, adoptado por todos os botanicos modernos.

(Ibid., verso 19)

Do pistilo no seio os filamentos.

Parte onde a flôr encerra a semente ou seu orgão feminino.

(Ibid., verso 25)

Immovel, como nós, jazer no somno.

E opinião de Linnêo.

CANTO V

(Pag. 222, verso 34)

Oh Deus, de quem um pastor, etc.

Moysés.

(Pag. 223, verso 10)

Das ovelhas de Atrêo, e Eéta o preço.

O primeiro, rei de Argos: o segundo, rei de Colchos. É este de quem se conta que guardava o vellocino roubado por Jason.

(Ibid., verso 12)

...... De Fauno a prole, etc.

Latino, rei de Laurente, parte do antigo Lacio.

(Ibid., verso 27)

Puxa os frios lapões e renna activo.

A renna assimelha-se ao veado e ao cavallo; e é a principal riqueza dos habitantes da Laponia: tira-lhes os seus carros, alimenta-os de carne e leite, e veste-os da sua pelle.

(Pag. 227, verso 18)

.... O tigre unido
A' leôa feroz, gera o leopardo.

Alguns modernos, e com elles Mr. de Buffon, têm que o leoparde é uma especie distincta: o auctor segue a vulgar e antiga opinião: podia escolher como poeta, porque os poetas têm grandes licenças e mais quando escrevem tão bem como elle acaba de o fazer sobre o prestimo e generosidade dos ginetes.

(Ibid., verso 28)

E outros, que a Natureza não perfilha.

O texto diz:

Les mulets, les jumarts qu'elle n'adopte pas.

Nós não temos vocabulo propriamente significativo de *jumart;* Bocage suppriu a mingua, dizendo—*E outros.—Jumart* chamam á prole do touro e burra, ou burra e vacca, ou cavallo e vacca, ou touro e egua. Mr. de Buffon diz que o *jumart* é um ente chi-

merico; não sei se tem razão, decidam os outros senhores naturalistas: mas certo é que, se se dá tal casta, é ella de bem pouca utilidade, pois que se lhe não promove a multiplicação.

(Pag. 228, verso 28)

* Soberba caminhando ergue a cabeça.

É outro verso, que Bocage passou na traducção:

Dans la marche on la voit lever sa tête altiere.

(Ibid., verso 39)

E de seu vencedor tem inda o nome.

O vencedor foi Mario, e o campo é o de Comargue, ilha da Provença, na embocadura do departamento das Bocas do Rhodano, e á qual em latim se chama *Campus Marii*, ou *Camaria*.

(Ibid., verso 42)

Corrompe os ares odioso insecto.

Falla do tabão, ou moscardo.

(Pag. 230, verso 14)

Povo afamado, em Apis te morrendo.

Os egypcios debaixo do nome de Apis, Osiris ou Serapis, adoravam um boi, malhado de branco e preto.

(Pag. 231, verso 32)

Então vê o Esperou chegar de ovelhas, etc.

Montanha das Cevennas, no baixo Languedoc, mui frequentada pelos botanicos

(Pag. 232, verso 32)

Taes de Armórico e Ardennas os carneiros.

Armóricos se chamavam os habitantes d'entre o Loire e o Sena, sobre a margem do Oceano. A respeito de Ardennas, veja-se a nota ao terceiro canto a pag. 183.

(Ibid., verso 35)

Campo fragoso de abundantes pastos.

É o campo chamado Crau, junto de Salon (cidade da Provença) entre o Rhodano e o lago de Berre, a que os antigos cha-

mavam *Campi lapidei*, campos pedregosos: onde se conta que Hercules combateu contra dous gigantes filhos de Neptuno, e acabando-se-lhe as frechas, Jupiter fez chover aquella multidão de pedras, com que os venceu. Plinio; Hist. lib. III, cap. I, o menciona n'estas palavras: — *Campi lapidei Herculis prœliorum memoria insignes:* «Os pedregosos campos, celebres pela memoria dos combates de Hercules.»

(Pag. 233, verso 10)

.... teus bons pascigos,
Oh Présalé, etc.

Terreno da alta Normandia, que ainda de tempos em tempos é inundado.

(Ibid., verso 13)

Ganges segue outras leis..........

Villa do baixo Languedoc.

(Pag. 235, verso 33)

Arte dos Gobelins, talvez comtigo, etc.

Allude a Gil Gobelin, famoso tintureiro em lã, que viveu no reinado de Francisco I.

(Pag. 236, verso 25)

De prazeres se cança, e não se farta.

Imitação de Juvenal (satyra VI) fallando de Messalina:

Et lassata viris, necdum satiata recessit.

«Cançada de prazeres indecentes,
Porém não saciada se retira.»

O verso do texto parece-me que deixa em embrião a idéa de Juvenal; nem julgo possivel dal-a em um só verso, sem que a phrase offenda a modestia.

(Pag. 238, verso 6)

França est'arte ignorou, que em Roma os sabios, etc.

Columella (lib. VI, cap. 3.º) faz menção da medicina veterinaria ou alveitaria, n'estes termos: = *Veterinariæ medicinæ prudens esse debit pecoris magister:* «Os guardadores devem saber alveitaria.»

(Ibid., verso 11)

Sabios nossos tambem a industria movem.

Allude ás escholas de medicina veterinaria, que se estabeleceram em Paris e em Lião, sendo seu director geral Mr. Bourgelat.

(Pag. 240, verso 40)

Imagem da mavortica fereza.

Parece-me se Bocage existisse, e fizesse esta edição, seria este um dos versos que emendasse, dizendo antes:

Imagem dasferezas de Mavorte,

ou similhantemente: porque o epitheto «mavortico» não me lembra que seja usado por algum de nossos bons auctores, e é absolutamente desnecessario; pois que temos «marcio, mavorcio», além de outros, que dão o mesmo significado. Como porém não póde ser accusado de gallicismo, eu o deixo ir; por não ser minha intenção a de emendar alguns minutissimos defeitos, que poderiam encontrar-se na traducção de Bocage, mas sómente a de corrigir aquelles descuidos, que são infalliveis em todos os primeiros manuscriptos, bem que os de Bocage sejam os mais correctos em que eu tenho posto os olhos.

CANTO VI

(Pag. 243, verso 42)

Já foi o gallo interprete dos deuses.

Os gregos tinham-no como attributo de Minerva, de Mercurio e da Vigilancia, e o sacrificavam aos deuses Lares e a Priapo: os romanos, mais que nenhum outro povo o tiveram em veneração.

(Pag. 244, verso 26)

O amor, a ambição, o imperio e Helena.

É excellente e digna da phantasia de um poeta, que sabe dar alma aos seus quadros, esta allusão á esposa de Menelão, que foi causa da guerra de Troia, e é este um facto historico tão conhecido, que por pouco que eu d'elle dissesse me accusariam de prolixidade.

(Pag. 245, verso 9)

Assim quando entre nós subito arrojo, etc.

Esta comparação é tão proximamente imitada de Virgilio (Eneid. lib. 1) que julgo dever poupar-me ao trabalho de traduzir o poeta latino. Eis aqui os seus versos:

Ac veluti magno in populo cum sœpe eoorta est
Seditio, sœvit qui animis ignobile vulgus,
Jamque faces, et saxa volant, furor arma ministrat;
Tum, pietate gravem, ac meritis, si forte virum, quem
Conspexere, silent, arrectisque auribus astant,
Ille regit dictis animos, et pectora mulcet.

Mas ainda assim, como não faltará quem queira cotejar a imitação com a traducção, aqui ajunto a de João Franco Barreto, que é elegante, posto que o remate da estancia seja pouco fiel:

«Como acontece muitas vezes, quando
Anda em gran povo o vulgo alvorotado,
Já as pedras, paus, e cantos vão tirando,
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Se algum varão acaso venerando,
E em meritos aos mais avantajado
Viram, cessa o furor, pára a demanda,
E com brandas razões elle os abranda.»

O nosso Camões porém (*Lusiadas,* canto I, estancia 91) disse com mais proprio verbo:

A pedra, o pau, o canto *arremeçando.*»

(Pag. 246, verso 5)

Lhe imprime as côres, que elegeu mais bellas.

Diz-se que arrancando algumas pennas ao papagaio, e esfregando-lhe n'esses logares a carne com sangue de rã, lhes fazem nascer pennas de varias côres.

(Pag. 249, verso 13)

Do sabio Reaumur os exp'rimentos.

Mr. de Reaumur escreveu a Arte de crear as gallinhas e foi elle o primeiro d'entre os modernos, que tirou pintos por esta maneira. Eu faço Reaumur trisyllabo, como no original.

(Pag. 250, verso 22)

Uma pelle lh'a envolve, e se lhe estende.

É ao que se chama «pevide.»

(Pag. 251, verso 6)

Todos os dias de uma vida escassa.

Ora com effeito, acabou-se o tractado das gallinhas! Pois protesto que me enfastiou. Perto de quatrocentos versos! É muito! Rosset creio que pegou na Arte de Reaumur, e pondo-se mui de seu vagar a metrificar os preceitos do naturalista, esqueceu-se do mister de poeta, e esgotou o assumpto: isto será sempre um defeito em poesia, e menos desculpavel em Rosset, porque de culpas taes accusa elle o P. Vaniere, dizendo no seu discurso sobre a poesia georgica:—*Les details de la Maison Rustique sont fort agreables, et peints avec grace; mais ils sont si multipliés, et souvent si petits et si puerils, que, malgré les ornements dont ils sont revetus, on desireroit de ne pas les trouver: ils donnent a cet ouvrage l'air d'un Traité plutot que d'un Poème.* «As particularidades do «Predio Rustico» são muito agradaveis, e descriptas com graça; porém são tão multiplicadas, e muitas vezes tão pueris, que não obstante os adornos de que são revestidas, se desejaria não as achar: ellas dão a esta obra mais o aspecto de um Tractado, que o de um Poema.» Parece-me que Rosset deu uma sentença, que justamente lhe póde ser applicada; mas em fim, deixal-o dormitar, porque *quando que bonus dormitat Homerus:* feliz aquelle escriptor em quem, como em Rosset, se nota o numero das bellezas mui superior ao dos defeitos!

(Ibid., verso 10)

Nos trouxeram de Ignacio os companheiros.

Os jesuitas, que primeiro trouxeram o perú das Indias Orientaes.

(Pag. 252, verso 11)

O que salvou, grasnando, o Capitolio.

Os gansos despertaram no Capitolio os guardas romanos, que rechassaram o assalto dos soldados de Brenno.

(Ibid., verso 41)

O phaisão é feroz por natureza.

Estas aves derivam o seu nome do rio Phasis, d'onde é tradição que os Argonautas as levaram á Grecia.

(Pag. 253, verso 39)

Gaviões, esmerilhões, treçós, açôres.

O treçó é o macho das aves de rapina; e isto quer dizer o *emouchet* do original.

(Pag. 254, verso 2)

E o suave cantor da primavera.

O rouxinol.

(Ibid., verso 4)

E livres pelos bosques divagando, etc.

A experiencia mostra que esta regra soffre muitas excepções; porém é certo que estas avesinhas cantam mais agradavelmente, quando gosam da liberdade que lhes deu a natureza.

(Pag. 257, verso 5)

Soccorro annunciando a oppressos muros.

Modena, defendida por Decimo Bruto; Jerusalem, cercada por Gofredo de Bouillon; Ptolemaida ou S. João de Acre, cercada pelos francezes e venezianos, tiveram, além de outras, aviso de soccorro, levado em cartas de que os pombos foram mensageiros.

(Ibid., verso 9)

Dar-lhe este ensino, e regular seus vôos.

Não sómente n'estas terras, mas em todas as do Levante, é uso antiquissimo levarem os pombos, e trazerem cartas presas ao pescoço, ou aos pés, ou debaixo das azas.

(Pag. 258, verso 6)

Sensivel a gallinha á formosura
De ave de Colchos, etc.

É o phaisão, porque o rio Phasis, de que deriva o seu nome, corta a ilha de Colchos.

(Ibid., verso 16)

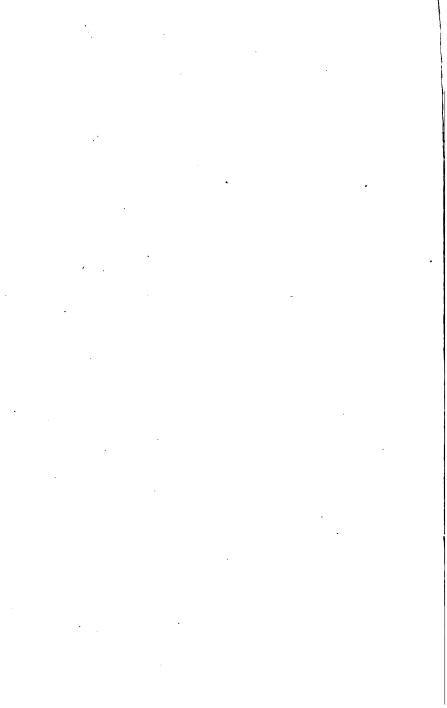
Os diversos systemas n'este cahos, etc.

O auctor quiz aqui indicar as grandes difficuldades dos diversos systemas philosophicos sobre esta materia. Veja-se a

Physiologia de Mr. Haller na exposição dos phenomenos relativos á geração.

(Pag. 259, verso 3)

E um novo, em cada um, polypo brota.

Veja-se a obra de Mr. Trembley, auctor d'esta descoberta.

O CONSORCIO DAS FLORES

DEDICATORIA DO TRADUCTOR

Aos manes do immortal Linné

Alma gentil, que no fragrante imperio
A vária Natureza esquadrinhaste;
Tu, que vias Amor brincar co'as flôres,
Sagaz insinuar-lhe a doce chamma,
Principio d'ellas, e principio nosso;
Que dóceis, ledos os Favonios vias,
Prestando a dom suave as tenues plumas,
Ministros de Hymenêo no floreo reino,
Delicias esparzir de planta em planta,
E sorrir-se os jardins, sorrir-se os bosques,
Viçosos templos da união mimosa:
Oh manes de Linné, se inda entre as sombras
Do arvoredo immortal, da selva immensa,
Folgaes de meditar, de embellezar-vos,
Na tenra estirpe de mais linda Flora,
E dos Elysios no thesouro ameno
Avareza manter, que adorna o sabio;
Oh manes de Linné, sagrados manes,
O tributo afagae, que a vós consagro
Na estancia bella, no retiro amavel,
Onde ás Musas me dou, e á paz, e á gloria,
Gostando a eternidade, inda no tempo,
Áquem das illusões, áquem dos nadas,
Salvo do orgulho, que entumece os grandes,
E do ouro inutil, adorado em tantos,
Que apenas homens são, e impõem de numes.
Philosopho tranquillo, aqui repouso,
Em quanto semideus os deuses te honram,
Espirito gentil, que honraste o mundo.

ADVERTENCIA

A planta é um corpo organico, que não tem de si mesmo movimento algum progressivo, e que se alimenta em qualquer logar pela *raiz*, cresce, vegeta, e póde propagar-se de muitas fórmas: ou esteja presa aos cachopos, occultos no mar, como o coral; ou nos escolhos visiveis, como o musgo; ou vague pelas ondas, como a stratiotes no Nilo; ou brote na terra, como a rosa; ou nasça em arvores, como o visco; ou nos craneos insepultos, como a usnea; ou nos couros como o bolor, o que se prova pelo microscopio; ou finalmente no mesmo ar humido, como a cebola e a batata.

Raiz é o montão dos tubos, que recebem o succo nutritivo, o qual corre em uns pela pressão das traqueas oscillantes em todo o tegumento da planta e reflue em outros com um giro perenne até á raiz.

Assim como o *tronco* em plantas mais duras, assim nas mais molles o *talo* produz e cria os ramos, as folhas, as flôres e as sementes.

Calix é vulgarmente o involucro verde da flôr.

Petalos são os tegumentos colorados da flôr.

Estames são as vaginas cylindriformes dos vasos espermaticos, amplificados as mais das vezes em apice que na sua parte superior, ou foliculos, a que o auctor chama (testiculos) *testes*.

Ovario é o claustro do germen, ora unico, ora multiplice.

Tuba é o appendix cylindrico, que assenta no *ovario*, e commummente aberta na parte superior, á maneira de uma buzina.

Placenta é o visgo glanduloso, subtraído proximamente do *ovario,* d'onde sáem ora um, ora muitos canaesinhos, á similhança de cordão umbilical, cada um dos quaes pertence, e é inserido no seu ovo, ou embryão.

Semente é o compendio da flôr, assim como se vê pelo microscopio nas cebolas das tulipas e nas glandulas do carvalho.

Radicula não se differença da *raiz* da planta, senão pelo tamanho.

Pluma é o pequeno *tronco* ou *talinho* com seus appendices·

Mamillos são duas visceras em feição de glandulas, que se communicam de uma parte com a *radicula*, e da outra com a *pluma,* nas quaes o succo trazido da *raiz* se filtra e se defeca, com o que se habilita mais a nutrir o feto; dado este á luz, se transforma em duas folhas, mui similhantes entre si, mas differentes d'aquellas, que ao depois deve ter, as quaes são destinadas a nutrir a planta creança; mas tanto que esta cresce e está capaz de digerir os succos, espontaneamente cáem as primeiras.

Flôr propriamente, não é outra cousa mais do que o mesmo orgão da geração; se é macho, então se conhece pelos *estames*, se é femea, pelos *ovarios,* se é hermaphrodita, por ambos.

Toda a *flôr* ou é vestida, ou é destituida de *calix*, d'onde, ou é completa ou incompleta.

Ou *Apetala*, ou *petaloidea;*

Ou *Monopetala,* ou *polypetala;*

É ou *regular,* ou *irregular,* ou *simples,* ou *composta*, ou *flosculosa*, ou *semiflosculosa*, ou *mixta*, ou *radiosa*.

O CONSORCIO DAS FLORES

EPISTOLA

DE

MR. LACROIX

A SEU IRMÃO

TRADUZIDA DO ORIGINAL LATINO EM VERSO PORTUGUEZ

Urit Amor plantas etiam suus.
AUCTORIS.

Qual fére os corações, as plantas fére.
BOCAGE.

Qual do espirito fôsse a natureza,
Qual das cousas a fabrica, e das cousas
O Artifice immortal, desde a puericia
Indaguei, caro irmão: foi-me suave,
E achei util fadiga, inda que longa,
De Newton, e Descartes ir no alcance,
Tambem medir essas ethereas massas,
Que em diversos espaços luzem, rodam.
Explorar quiz depois co'a mão, e a mente
De Flora os campos, o formoso imperio:
De conductor pela votiva estrada
Carecia, porém, quando eis que assoma
Ante mim, clara dadiva dos numes,
O prestante Vaillant, cultor supremo
Dos jardins machaónios; Philomela
Aos bosques o chamava: elle ia aos bosques,
D'escalpello nas mãos, e o microscopio,
Um obra de Vulcano, outro de Pallas:
Vidro negado a Athenas, dado a Londres,
Vidro, que em si reune o sol disperso,

Vidro, que os tenues corpos engrandece,
E tanto, e tanto, que visiveis torna
Do insecto zunidor té os olhinhos.
Com guia tal, e de Minerva influxos,
Penetrei o que Rays não penetraram;
E ignótos aos Malpighis soube arcanos.
  Flora, benigna mãe, Flora, mãe sua,
Déra apenas Vaillant á luz da vida,
E apenas o menino em torno ao berço
Sente as plumas subtis de mil Favonios
Soltar fragrancias mil, susurro alegre,
A tenra mão com pequenino aceno
Brincos, que pede á mãe, se as vê, são flores.
Cresceu: cousas maiores eis concebe.
Nos hortos madrugar é seu recreio,
Seu recreio é girar, correr florestas,
Esquadrinhando as plantas cuidadoso:
Folga de ir por chuveiros, de ir por neves,
E de ir por sóes apascentar o instincto.
Tanto o estudo lhe apraz das varias flores!
  Vendo-o colher, e examinar boninas
N'um, n'outro prado, as Dryades mil vezes,
Instadas de amorosa competencia,
O moço amavel para si quizeram;
Porém, da primazia a ti credora,
Deu elle, oh Bosonea, esta alta gloria.
Vertumno a escolha approva, e Flora annues;
Coréas festivaes Pomona engenha,
E susurra dos Zephyros o applauso.
  Vão por antiga senda rastejando
Almas vulgares, indoles escravas;
A si Vaillant abriu caminho intacto;
Viu com que arte Cupido as brandas settas,
As sensações dirige até ás flores,
E olhou primeiro os vegetaes amores.
A que enxovalha, que persegue as cinzas,
A Inveja detractora, ah! Não lhe exprobre
Que, astuta gralha, com furtivas pennas
Elle tentou luzir, não, não se afoute
Co'a vil calumnia a profanar-lhe os manes.
  Milagres ouve, oh Roma, oh Grecia, escuta.
Tambem, tambem de amor as plantas ardem;

A flor namora a flor que lhe é visinha,
E egual paixão lhe retribue a amada.
É n'elles par a edade, a especie, a fórma,
A graça, o dote, o gosto, o ser, e a flamma.
Assim que o lindo amante, e a virgem bella
Provam no seio os cupidineos golpes,
Tenham commum, ou separada estancia,
Seus mimos, seus desejos, seus ardores
Une Hymenêo, — e Amor, e a mãe triumpham.
Co'as azinhas trementes brinca em tanto
Dourada borboleta entre as abelhas;
Folga o jardim, e o rouxinol canoro
O verso genial no ulmeiro entôa.
Se duas flôres uma estancia inclue,
Dá Prónuba o signal, rompendo a aurora;
Filamentos enrijam, abre a anthéra.
Subito adeja viração fecunda,
E, pelo floreo tecto reflectida,
Penetra velozmente as cavidades
Da tuba, da placenta, e logo errante
Nos tenues, eguaes tubos se insinua,
Nos germes pousa; os germes se entumecem,
E ri-se a femea flor, que prole espera:
D'est'arte a dormideira, a ophris pejam.
Se os domicilios são porém diversos,
A masculina flor seus dons expulsa
Da tenra habitação, té'li cerrada.
Zephyro acolhe o gerador principio,
A volatil semente, e sobre as azas
A leva ao gremio da consorte amena.
Ella responde á conjugal ternura,
E co'a prole gentil, que o pae simelha,
Fiel se abona ao desviado esposo.
Quasi ás margens do Nilo assim é fama
Que desunidas palmas se desposam;
Mas se as macias virações não vôam
Quando é seu mez, quando florecem bosques,
Toma o colono masculinos ramos,
E agita-os junto á femea, que incha, e brota
A tamara depois, não derradeiro
Auxilio de Esculapio, ou se destine
A mitigar as importunas tosses,

Ou dôr aguda, que as entranhas fere,
Ou sirva emfim de conduzir ao prazo,
Ao termo justo a producção dos entes.
Gravido assim verdeja o terebintho
Lá nos campos de Cóa, proveitoso
Em males cem, se os Austros o bafejam.
Tanto que foge o friorento inverno,
Tanto que se ergue o sol, e ás ursas volve,
E em distancias eguaes divide o globo,
Roxeando a manhã, mancebos vôam,
E os troncos vão romper com largas hastes.
De uns, d'outros golpes balsamo gotêa,
Balsamo, que, applicado em ponto idoneo,
Phtysicas mirradoras afugenta,
E o frio humor, que pelas fauces lavra.
E as fezes, que das visceras se apossam.
Agricultoras mãos na primavera
Talham troncos tambem: se os não talharem,
Opprime os troncos abundancia aquosa.
Damnos mil se lhe seguem, nós, carcomas,
E a sequiosa planta murcha, e morre,
Do máo, do redundante humor pejada.
Não de outra sorte os homens (ah!) perecem,
Que em lauta meza, em aturados somnos,
Em sedentario luxo a vida gostam.
Estes de humores ao principio abundam.
Depois arrastam corpulencia fofa;
Tardo, e limoso lhes circula o sangue;
Cerram-se á cutis mansamente os poros,
Duas tambem das principaes entranhas
Soffrem esta oppressão; vibram-se a custo
No cerebro dormente os frouxos nervos;
Rubro liquor, que pelas veias gira,
Em lymphas viciosas degenera,
E o misérrimo enfermo em breve espaço,
Se a tempo não lhe acode a arte de Apollo,
Cáe, qual caíra a accommettel-o o raio.
A alma se embóta, dos sentidos nua;
E a fatal redundancia instiga a morte
Tu prezarás, talvez, saber se hei visto
Estas cousas, que ouvi: não é custoso
Dar se com certa planta de que o sumo

Poros franquêa em nós de interna parte,
E innocente, interior prurido excita.
Quer nitroso logar: por isso afferra
Parede annosa, de que vem seu nome.
Esta planta nubil pôr-te-ha patente
Mutua paixão, que senhorêa as flores.
Quando alvor matutino os céos bordava,
Eu de Momoranci aos gratos campos,
Ou aos virentes Surenêos outeiros,
Ou do Mouro ás florestas, ou aos prados
Do ameno Chantilly, ou ás que em torno
Mátrona lambe, Spórades chamadas,
Seguia o sabio mestre. Então, se acaso
Mais grave somno pelos muros tinha
Oppressa a parietaria, e se eram lentas
A estimulos d'Aurora as flores suas,
Meu sagaz preceptor, munido de alta,
Longa experiencia, e, meditando astucias,
Com a agulha subtil sollicitava
Logo os estames, que enrijavam logo.
Subito, roto o carcere, podia
O espirito saír, voar aos germes,
Largamente soprados, e a tardia,
Pulverea chuva com tenaz apêgo
Parar das tubas nas sorventes margens.
Sofrega a mãe cheirosa alenta o fructo
E morre alegre ao ver que avulta, e fica
Habil a renovar seus paes extinctos.
Ha outra terra productora, é quando
Colhe, abriga as sementes deslizadas
No fertil gremio, quando os sáes desfeitos,
Alexando os canaes, os patenteam.
Bate o vagante humor nos tenues tubos,
Abrem-se os tenros vasos, que amollecem,
E a pequena raiz, a pouco e pouco,
Vae concebendo os vagarosos succos:
Em tardo movimento eis elles sobem
Por entre a contextura inexplicavel,
Por fendas cento ás glandulas, que jazem
De um lado, e d'outro lado ali dispostas;
Agitados depois, os introduzem

Estradas mil nas visceras da pluma,
E existencia, e sustento ali diffundem.
  Está primeiro occulta a molle hervinha,
Apparece depois, converte em folhas
Nutritivas porções, e ao ar exulta.
  Oh tu, que as flores amas, tem cautéla:
Vê que barbara dextra a debil vida
Não corte antes do tempo a aquellas folhas.
Falta de nutrição, morrêra a hervinha,
E esperara o cultor em vão grinaldas.
  Chuvas em tanto, e zéphyros, e orvalhos
Dão que á porfia as tenras hervas surjam.
O seu banho interior sois vós, chuveiros,
Sois, oh rocios, o exterior seu banho.
Bebe as chuvas a terra, as chuvas entram
Nas intimas raizes, e conduzem
Ao tronco seu, e a seus folhosos braços
As aéreas correntes prestadias.
Nos meatos da cutis embebidos
Os orvalhos, do céo volatil nitro,
Dão animos aos succos, e embrandecem
Os rijos vasos. Com lascivo adejo
De mil artes Favonio exerce a rama,
E do adejo efficaz, do affavel brinco
Vida, por leis eguaes, as fibras ganham,
E transpira d'ali o humor inutil.
  Como quando co'as roscas apertadas
Se estende o coração d'um lado, e d'outro,
E quando para baixo emfim se alonga,
E vomita a corrente rubicunda,
Ella, abundosa, e rápida, fervendo,
Por onde encontra estrada se derrama:
Os superiores, oscillantes vasos
A alluvião sanguinea acolhem, lançam,
E os menores canaes sanguineo arroio:
Vae por membros, e membros a existencia;
Mas tanto que na vivida carreira
O purpureo meandro se empobrece,
Á fonte, ao coração girando vólta,
Onde outra vez se filtra, e, reforçado
Pela substancia, do alimento expressa,
As coréas vitaes mais livre exerce.

Assim quando, ora aberta, ora apertada,
A arvore na recente primavera
Co'a raiz sorvedora embebe os succos,
A força faz caminho, o humor se eleva,
E tortuoso as visceras discorre:
Rios por toda a parte o tronco animam,
E ávidos ramos, e sedentas folhas;
Mas liquida porção, que entrar não sabe
As fartas fibras, e crescer com ellas,
E a que, luctando em vão, saír não póde
Por entre os póros da rugosa casca,
Prompta recúa por canaes diversos
A unir-se na raiz a novos succos.
Estimulos a isto o sol empresta,
E o moto principia, ajuda, augmenta.
O ar se escandece nos pulmões arbóreos,
E a mais amplos espaços vae correndo.
Opprimem-se os canaes, o humor se opprime,
E de tal arte a descrever aprendem
Não interrupta, orbicular carreira.
Sáe de uma planta purpura rubente,
Sangue dimana, parecido ao nosso,
Para os que usam talhar os Cáspios mares;
Ou rocem do Boristhenes as bocas,
Ou Asia, e reinos Cólchicos demandem.
Maravilhoso objecto ali se admira;
O bórames assoma; em tronco altivo
Um quadrupede está, e é fructo d'elle.
O crespo véllo lhe resguarda os membros,
Pontas lhe avultam na lanosa fronte,
E olhos em seu logar lhe não fallecem.
O rude habitador d'aquelles campos
Animal o suppõe, suppõe que dorme
Em quanto é dia, e véla em quanto é noute,
E pelas hervas, que o rodeam, pasce;
Que tem nas carnes de ambrosia o gosto,
E que vermelhos succos o humedecem,
Succos de tal sabor, que os preferira
Borgonha ao patrio, deleitavel nectar.
Se a Natureza permittido houvesse
Ao raro vegetal d'ali mover-se,
Se, balando, implorar podésse auxilio

Contra o lobo voraz, tu presumiras
Lanigero cordeiro estar no tronco;
E a teus olhos absortos branquearam
Gramineos serros com rebanhos d'elles.
D'esta fonte, a meu ver, fabula estranha
Proveio á Grecia. Pavorosos dragos,
Touros de bronzeo pé, n'outr'hora espertos,
Guardáram véllos taes; com este dote
Fugindo pelas ondas foi Medéa;
D'elles pela efficaz substancia pôde
O ancião revocar viçosa edade.
Que existem plantas que animaes simelham,
Isto não prova só. A stratiotes
Vês, que em pouso nenhum parar costuma,
Esta planta ama o Nilo, e de alimento
Nadando se provê. A um leve toque
Foge logo a mimosa, ou sensitiva
Estremecendo se contráe, se esconde
Entre as dobradas folhas; mas, expulso
Depois o medo, ao ar se expõe de novo.
Ha flor (e isto assegura auctor não leve)
Amor chamada: nos caminhos nasce
Do anno, e do sol; nem orgulhoso Atlante,
Nem cerrado arvoredo ali dão sombras.
Roxêa-lhe o pudor na linda face;
E se o tostado, o péssimo africano,
Quando ao lume phebêo risonha ondêa,
Dólos ousa exprobrar-lhe, e acções impuras,
Voz barbara, e terrivel reforçando,
Subito a virgem misera, innocente
Em furias se desfaz, lacera as tranças.
E pelos ares a existencia pura
Foge indignada, com horror do opprobrio.
Mas porque assombros peregrinos canto,
Se a Gallia creadora off'rece ao vate
Mais subidos portentos? Eia, oh Musa,
Aqui o ardor se apure, aqui releva,
Que soem versos teus, quaes entre os brindes
Seus versos o Garona quer que soem;
Ou quaes, depois que os dons possuem d'elle,
O batavo, o britanno urdir costumam.
Lá onde o Herálcio tumido susurra,

Léspero assoma, consagrado a Flora:
A deusa da fragrancia ali primeiro
Veste as roupas louçãs da primavera,
E a deusa da saude, a Medicina
Ali conduz os seus; ali se enleva
No semblante immortal da irmã deidade:
E Hebe ali colhe do Tonante as c'rôas.
Se de improbo ginete o pé ferrado
Ousa afrontar os veneraveis cumes,
Subito as hervas o protervo assaltam,
Acodem as irmãs com prompto auxilio:
Não cessam, não repousam, ferve a lida,
E o sacrilego pé manquêa inerme.
Auctor nenhum, porém, n e persuade
Que nas plantas existe alma, sentido:
Aos homens estes dons só foram dados.
As arvores, arbustos, flores, hervas,
São machinas sómente, e a contextura
É varia em muitas, é pasmosa em todas:
N'ellas juntou sagaz a Natureza
A menores canaes canaes maiores:
Recto caminho elegem parte d'elles,
E parte d'elles por veredas curvas,
Para aqui, para ali, com mil rodeios
Se dobram, já subindo, e já baixando;
Obliquamente a planta correm toda;
E, agitados nos vasos, que os dirigem,
Surgem n'este logar com lento succo:
Surgem com succo rapido n'aquelle.
As forças do terreno, e céo concorrem,
E a riqueza das aguas nutridoras;
As que veem desatadas d'entre nuvens
Para as densas abóbadas, e aquellas
Que, roubados á terra os saes fecundos,
Lá no centro, apurando-se nas cavas,
Em fontes sobem, pelo chão serpêam.
Rico baixando do Abyssinio cume
Em rápidas voragens volve o Nilo
Do torrado colono as esperanças.
Anda a sabor do rio a statriotes,
E co'a vaga raiz o vae sorvendo:
Cresce, cria depois nas patrias ondas

A próle, e em toda a parte hospede é grato,
As causas ignorando a Antiguidade,
Do moto enganador deixou cegar-se,
Presumiu-a animal; não d'outra sorte
Vemos dos leitos seus saír ás vezes,
E pelos campos espraiar-se os lagos.
Proximo lá de Limerik aos muros,
Das subterraneas agúas por violencia,
Venham dos mares, ou das serras venham,
Seu senhor desampara, e busca as ondas
Ilha assombrosa. O possessor se irrita,
Segue a fugaz, e examinar procura
Porque principio foge; mas decide
A favor d'ella o Dublineu Senado.
Tal a ilha Conti, tal a Delphina,
Nos relvosos torrões, ambos insignes,
A ti, oh Saint-Omer, fronteiras nadam;
E á vagabunda irmã taes se associam.
É não tenue trabalho investigar-se
Da Mimosa o recondito artificio,
Expôr-lhe, descrever-lhe a natureza;
Porém tental-o cumpre. Influxo, oh Musas!
Nos articulos seus é cada membro
Mui distincto dos mais. Arte divina
Tanto com a raiz enlaça o tronco,
Tanto com elle os ramos, e com elles
As folhas liga tanto! E' maravilha
Ver-lhe os miudos nós nas moveis fibras.
Quando n'hastea pendente os ramos nutam,
Na parte em que ha prisão, que ligue a planta,
Estreitam-se os canaes, e pára o succo;
Nos membros todos adormece a vida,
Desmaia a folha, sem poder comsigo.
Mas dentro dos compressos tubosinhos
O ar se irrita do freio, e reforçado
De succoso vigor, sacode estorvos.
Torna á mimosa o descaído alento,
Surge outra vez, e vencedora, e leda
Os astros olha, que a victoria applaudem.
Nem da getula flor, nem te allucinem
Os milagres tambem, patente a causa.
Lá onde a prumo o sol dardeja raios

Sobre o negro africano, onde arde a terra,
Das folhas tardo humor se desvanece,
Comsigo a secca flor se prende a custo:
Eis pelos ares férvidos, que abala,
Rebomba, qual trovão, clamor terrivel;
Ao impeto recuam ramos, folhas,
De novo soa o grito apenas volvem:
D'um lado se combate, e d'outro lado,
Pugna a força maior co'a menor força,
Té que das fibras os estames se abrem,
E cáe desfeita a flor, e jaz sem vida.
  Do enregelado, nebuloso Arcturo
Teus raios, oh Vulcano, assim ruiram,
Quando o soberbo Inglez tragar queria
Co'as bronzeas fauces os Maclovios muros.
O pélago tremeu, tremeram torres;
A cabeça Nerêo sumiu no fundo.
Assim quando tambem por entre as brechas
Da atterrada Namur caminho abriam
As francezas, magnanimas phalanges,
Ao subito clangor, ao som guerreiro
O inimigo enfiou, caíram rotos
Vitreos reparos contra o sol, e o vento:
Emfim cede o sicambro, e rende as armas.
  Vê que virtude ao Léspero foi dada:
De céos contrarios duas auras sopram;
Esta demanda o Sul, e aquella o Norte.
Estão tortas particulas viradas
Em curvas desiguaes, umas ao Euro,
Para o Zephyro as outras: com tres sulcos
Assignalados são; mostre-se a causa.
Soberba desdenhando a baixa terra,
Ouse insania phebéa ir de astro em astro.
É cada estrella um sol, e brilha, e ferve;
Sólta effluvios, que os vórtices transpondo,
Do adverso turbilhão nos pólos entram;
Os ares o fulgor discorre manso.
Mas depois que por globos apoucados
Lá onde é mais tardia a ethérea massa
Colhe a agua os ares, e se esforça, e tenta
Tocar no meio o sol, cançada, frouxa
Pelos rodeios do caminho andado,

Desmaia pouco a pouco, e se condensa
Egual ao grude, ou liquidada cêra.
Emtanto os globosinhos pelos claustros
Triangulares, admittindo o grude
Tardamente nos radios esculptores,
Até tres com tres sulcos assignalam,
E o sequaz torcem por vereda recta,
E formam spiras, caminhando. Ainda
Que adejem pelo céo contrarios ventos,
Ama o discorde irmão o irmão discorde,
E para o mesmo fim concorrem ambos.
Elles, quando das luzes despojada
Se dóe a madre Terra, e fica envolta
No espesso, triste véo, depois que as manchas
São faceis a dobrar, e é molle a crusta,
Abrem na azul esphera eguaes caminhos,
E ambos eternamente fugiriam
Por direitos espaços, não lhe obstando
O crasso nevoeiro, ou ar mais denso,
Ou se aura opposta emfim não repellisse
Aura cançada. Em giro pois movidos
Por terra, mar, e céos, e pólo d'ella,
Demandam o que d'antes demandaram;
Depois por onde foram retrocedem.
Invento dos francezes se imagina
Aquelle turbilhão, e regra aos nautas.
Porém quando a aura em giros lassa volve,
Se por mais livre espaço encontra minas
De aço, ou magnete, ou planta prenhe d'este,
Ou planta, que d'aquelle se impregnasse,
Cáe logo ali, e odêa a estrada antiga.
Folga, blasona, oh Léspero: estes sopros
Nomeada te dão. Mal que ligeiros
Do ferro pelas minas se escoaram,
Fogem subitamente lá por onde
D'entre os respiradouros da montanha
Sóbe do aço o vapor; depois nas hervas
Se estendem, se derramam, e attraídos
Dos idoneos meatos, é seu gosto
Vorticulos formar, quaes os grangêa
Na torre em longo espaço a férrea grimpa,
Quaes empresta o magnete á equórea agulha.

Eis com que armas o Léspero combate.
Apenas o profanam pés ferrados,
Toda a força os vorticulos apuram;
O aço accommettem. Sáe, como de forja,
O ar já livre, e saltando arrebatado
Á parte onde se prende a unha ao ferro,
Com impeto violento os aços bate,
E do bruto assombrado extráe, sacode
Os duros cravos, as pedestres armas.
Tanto em laço pasmoso estão ligados
Todos os corpos! Lei suprema é isto
Da mão, que os astros, e que as terras liga
Em nó constante, como liga as flores.
Nas mesmas, que signaes o sexo indiquem
Vou mostrar, e talvez te agrade o lêl-o.
Tem regra firme em tudo a Natureza,
Genero, que procrêa, é viril sempre,
É sempre feminino o que concebe;
Co'as armas genitaes as plantas folgam,
E as omnigenas flores geram todas.
Mas pétalos, e calices das flores
Não têm tal dignidade. Embora o vulgo
Grite, e á contraria opinião se aferre.
Tu, freixo altivo, os pétalos desdenhas,
A palustre tabúa é d'elles falta;
A grama, o trigo, a avêa, esse reforço
Do guerreiro animal, carecem d'elle.
Tulipa, e selga os pétalos odêam,
D'elles tambem o heleboro prescinde,
Pernicioso á razão, sem elles vivem
A açucena gentil, a ingrata armoles,
O amarantho immortal, de rubra face,
Que tão formoso nos jardins campêa;
E estas flores não só, mas outras muitas,
Numero, que ao dos astros equivale.
Se esmiuçar as flores te recrêa,
Ou lhes descubrirás sós os estames
No orgão procreador, e duplicado,
Ou só o ovario, sotoposto ás tubas,
Ás placentas imposto, ou todos juntos.
De filamentos é provido aquelle,

É provído este canhamo de ovarios:
Unem-se nos jasmins, e althéa, e rosas.
Jámais notei que as estamineas flores
Abundassem de próle; a vida exhalam
Depois que Venus seus desejos c'rôa.
Curvas nos tristes lares, murcham logo,
Ou ludibrios do vento, o vento as leva.
Mas o ovario viuvo os paes extinctos
Cedo renova; o genero revive,
E leda surge a posthuma progenie.
Se, todavia, antes do tempo idoneo,
Antes das nupcias mão cruel cercêa,
Fecundo castanheiro, os teus estames,
Que em ramos apartados sempre nascem,
Co'a esperança baldada a socia planta
Mirra-se de tristeza, esteril morre,
Se o vento sobre as azas lhe não guia
Aura fecunda do remoto esposo.
Esta aura ás vezes rege, instrue ás vezes
Por mar não conhecido errantes nautas,
E porto, já propinquo, lhes promette.
Os hispanos baixeis, de afoutas velas,
Muito além, muito além correr ousavam
Do sol cadente, e das herculeas metas:
Colombo exhortador lhes dava o rumo,
Galernas virações lhes dava Eólo,
Eram pharóes as nitidas estrellas.
Olham com pasmo occidentaes Nereidas
Os bosques, invasores do alto pégo,
Olham com pasmo nas soberbas pôpas
Dura phalange audaz, votada á guerra,
Flamulas, que entre os Aquilos floream,
E o bronze, que arremessa ao longe o raio.
Tinham crescido, mingoado haviam,
E deposto o fulgor já sette luas;
De Ceres, de Lyêo se aniquilaram
As dadivas emfim: debalde observa
Attento Palinuro a agulha, os astros,
O céo por toda a parte, o mar por toda.
Braveja o marinheiro, arde o soldado,
Ata grilhão nefando ao mastro o chefe,

Que, de Minerva cheio: «Eu sinto flores,
Os remos apressae (lhes diz seguro),
Terra vereis em breve:» Os lenhos voam.
Eis montanhas ao longe, eis surgem campos,
E apenas os baixeis fundeam ledos,
Flora c'rôas lhes dá, Flora atavia
O seu Colombo com seus dons brilhantes.
A Florida, que extráe da deusa o nome,
D'ali nos manda o sasafrás cheiroso,
E ás vezes Cytheréa ali prepara
Liquor, a que pospõe festins de Jove.
Mas ao deixado assumpto as Musas volvam.
  Ou é feminea a flor, ou viril toda,
Ou de genero mixto. Se apparece
Alguma nos jardins lustrosa, e bella,
De véo fragrante, e pétalos viçosos,
Que não possa entre as femeas numerar-se,
Ou entre as de viril poder, ou entre
Hermaphroditas, esta flor nomeam
Da spadonica especie; é triste monstro,
Desvario infeliz da natureza.
Eis da malva, e das rosas o accidente;
Os pétalos traidores lhe arrebatam
Toda a substancia; estames bastardeam,
E a sua antiga fórma elles esquecem.
De vital nectar o embrião fraudado,
Languece, morre, e vem depois o aborto.
  Não basta o sexo conhecer das flores;
Por differentes signaes se classifiquem.
Têm estas, não têm calices aquellas;
Umas não curam de habitar seus lares,
De estremado lavor; Zéphyro as gosa.
Outras brilhantes de ambrosia e fartas,
Na estancia natural ufanas vivem,
Na estancia, que em candor transcende a neve,
Que na viveza a purpura transcende,
Mandando ao iris, seu rival nas côres,
Entre as sombrias nuvens esconder-se.
  Ha genero, que d'este assás discorda
Na condição, que ao ar não se afoutára
A erguer a fronte, receando a vida,

Se eterna providencia, mãe de tudo,
Dous engenhosos tectos lhe não désse,
Os pétalos, os calices, guarida
Contra extremo calor, e frio extremo,
Vem d'esta classe numerosa turba;
Mas a flor da tristeza, a passiflora
A todas sobrepuja. Eu sei tua alma;
Tal flor, querido irmão, te enternecêra.
Que absorto a vi! No meio uma columna
Está não sei que horror ameaçando!
Insta golpe cruel de férreo malho,
C'rôa como de espinhos jaz tecida
Em logar inferior, e de tres côres
O matiz lastimoso off'rece á vista:
As do coalhado sangue, o sangue fresco,
E a que da morte a visinhança agoura.
Subito aos olhos meus se representa
Victima um Deus pender do lenho infame,
Lá nas impias, sacrilegas montanhas
Da blasphema Sion, de um só por culpa,
E por delirio só de Adão rebelde.
  Os pétalos indicam varias classes;
Uma veste-se de um, de muitos outra.
Vê da boheravia a face, olha a da malva;
Sempre o mesmo logar, não cabe a todos;
Na margem superior da flor inclusa
Só metade de alguns abraça os ares:
Tal fórma apraz á thlápsia, ás campainhas;
E outras (genero informe) outras em parte
Desdizem mais de flor, e em parte menos,
Alongados cercando estames, tubas.
D'est'arte a salva aos medicos, d'est'arte
Ás madrastras o acónito aproveita.
Especies ha, porém, que em sorte houveram
Leito brilhante no aprazivel centro,
E em cuja parte posterior se encostam
Os tubos, as antheras. Tal florece
Ledo em palustre prado o roxo lirio,
Efficaz á sedenta hydropesia,
Ás tosses arquejantes: d'estes males
Vi tres, e a todos tres foi elle a cura.

Meu verso expôz tégora as flores simples,
Por ordem as compostas se resumam.
Se mil flores mil calices possuem,
Ha mil no mesmo calice envolvidas.
Casta, que breves tubos entretecem,
Em fórma orbicular surge, á maneira
Dos espinhosos, dos hortenses cardos;
Diz-se chicórea biformada especie.
Certa flor tenues tubos apresenta
Em logar inferior, mas tem por cima
Uma especie de lingua breve, aguda,
Ou espalmada, ou aspera de sulcos;
Esta na flor assoma, ou recta, ou curva,
E ora ameaça com pungente bico,
Ora profundamente está fendida.
Mas estas classes duas o Austro abraça,
E o bem-me-quer, ás virgens consagrado,
E a tua, oh Phebo, immarcessivel c'rôa.
Sobre este objecto em opportuno instante
Mostrava o preceptor qual estructura
Aos calices apraz, qual ás placentas
É fórma grata, e de que chão costumam
Folhas, tallo, raizes namorar-se:
E inda mil cousas, que na voz apenas
Do divino Marão caber poderam.
Por isso de Fagon alta amisade
Houve gran tempo, de Fagon, que tanto
Aos medicos dos reis sobresaía,
Quanto co'a fronte laureada, excelsa
Se avantaja Luiz aos reis do mundo.
Com seus votos unanimes, e ardentes
Clara Académia a si te uniu por isso,
E teu nome, oh Vaillant, soôu no globo.
Que espectaculo vi nos flóreos campos!
De cem partes da terra ali corrêram
Filhos do nume, auctor da medicina:
Os que bebem do Tánais os que bebem
Do Danubio, do Támisis, do Tejo,
Os da fria Suecia, e culta Ausonia,
Como aquelles, que Erigena frequentam,
Aptos ás guerras, ás sciencias aptos,

Promptos á morte pelo altar, e o throno.
Ante a primeira turba, a Phebo acceitos,
Guarida contra a morte, e dos monarchas
Derradeira esperança, egregios moços,
Com que a fecunda Gallia honrára o mundo,
Nas dextras os seus lirios tremulavam.
Concorrêram tambem quantos na Grecia
Arvoram teus pendões, oh Medicina,
E os que o Perú mandou por vastas ondas,
E armenios, vindos lá da plaga Eôa.
Mas nenhum bem perfeito ha sobre a terra.
Eis chusma usada a cercear nas faces
Pello viril com mercenario gume,
Vacuos os templos bacchanaes deixando,
Caminha apoz os mais; porém diversa
É da nossa vontade a mente sua.
Vivo ardor de saber ali nos guia,
E elles, ou soltam desregrados cantos,
Ou co'a gralhada vã nos ensurdecem.
Que opposta multidão! Não d'outra sorte
Voam d'aqui, d'ali zangãos, e abelhas
Emtorno ao rei, mal que na quadra amena
Susurram o signal, e o chefe alado
De Flora nos festins vae regalar-se.
Unem se as turbas, o logar se aponta,
Corre-se aos campos. Co'uma flor nos dedos,
O nosso guia então desprende as vozes;
Das hervas mostra os generos, e mostra
Virtudes salutiferas, que encerram.
Da boca de Sherardo attentos pendem
Olhos, e ouvidos; a carreira esquece
Para escutal-o o Séquana: pasmadas
Vós, Dryades, estaes, e até Diana.
Elle ensinava como lá na origem
Do tenro mundo seu Auctor fizera
Epitomes das plantas as sementes:
A sua luz é Deus, Deus é lei sua.
Concebe a terra no virgineo seio
O germen amoroso, os fructos crescem,
E em aprazado tempo ali rebenta
Uma flor, aqui outra. Alegre, affavel

Cynthia esclarece os hospedes recentes
Com fulgor avivado; o sol mais puro
Pelo attonito céo lhes presta o lume.
A mão do Eterno desparzira os germes,
Mas outros mui subtis pôz dentro d'elles
Que dos olhos mortaes á luz se negam;
Germes tão numerosos como as plantas,
Que Dóris, e que as Náyades nas aguas,
As Dryades nos bosques, e as Napéas,
As fragueiras Oreades nos montes,
Pomona em hortos, pelos campos Ceres,
Tem creado até'gora, e todas quantas
Hão de crear, té dissolver-se o mundo.
Nenhuma existe, que não preste á vida,
A todos o gran Numen bemfazejo
Deu salutar virtude: ellas expulsam
A fêa, assustadora enfermidade;
Com ellas os banquetes se ataviam:
Um Deus em quantas vês, um Deus conheces.
Mas porque, desmanchando amenas c'rôas,
Flora, as Nymphas dão ais? Vaillant!... morreste.
O seu Edipo ás flores foi roubado,
Ai! Em tão breve tempo! Ai! Eu já'gora,
Eu nunca mais discorrerei comtigo,
Meu caro preceptor, bordados campos;
Não me ha de alumiar tua doctrina,
Não, rico de despojos das florestas,
Volverei quando os véos desdobre a Noute.
Oh dôr! Oh desventura! Imaginava
Que das flores a deusa, a mãe das flores
De ti colhesse, incolume, robusto,
Luz, e gloria immortal; que a Medicina
Segura désse pelo mundo inteiro
Passos audazes, sendo tu seu guia,
E que a fuga da rapida existencia
Gran tempo, em teu favor, se retardasse.
Elle, expirando, elle, nos céos absorto,
A ti, que amava mais que as outras flores,
A ti, lustral emblema, e triste imagem
D'aquella morte porque todos vivem,
A ti, oh passiflora, inda sustinha

A boca desmaiada, a vista errante;
De lagrimas piedosas te cubria,
E a alma exhalou, regando-te com ellas.
O plectro aqui me cáe da mão convulsa,
Aqui seu termo a epistola me roga.
Cousas, prezado irmão, que remanecem,
Serão com brando verso em outra expostas.

NOTAS

(Pag. 295, verso 14)

O prestante Vaillant.........

Sebastião Vaillant, celebre botanico. (Natural de Vigni, em França, nascido em 1669, e fallecido em 22 de maio de 1722. Escreveu varias obras, e entre ellas algumas de grande merecimento).

(Pag. 296, verso 5)

Penetrei o que Rays não penetraram.

João Ray, illustre naturalista. (Nascido em 1628, no condado de Essex, em Inglaterra, e fallecido a 17 de janeiro de 1706. E' auctor de uma *Historia das Plantas,* impressa em 1686, 3 volumes em folio, e de muitas outras obras).

(Ibid., verso 6)

E ignotos aos Malpighis soube arcanos.

Marcello Malpighi, medico insigne. (Nasceu em Crevalmore, nos arredores de Bolonha, em 1628, e morreu em Roma no palacio Quirinal em 29 de novembro de 1694. As suas obras foram colligidas e impressas em Londres, 1686, 2 vol. em folio, e varias vezes reimpressas).

(Pag. 301, verso 27)

O borames assoma. ....

Agnus Scythicus, o cordeiro da Scythia.

(Pag. 310, verso 6)

Mas a flôr da tristeza, a passiflora, etc.

Flos passionis, o martyrio.

(Pag. 312, verso 30)

Da boca de Sherardo, attentos pendem, etc.

Guilherme Sherardo, famoso botanico.

EUPHEMIA

OU

O TRIUMPHO DA RELIGIÃO

DRAMA

DE

MR. D'ARNAUD

TRADUZIDO EM VERSOS PORTUGUEZES

ACTORES

EUPHEMIA	*Religiosa*
THEÓTIMO..............................	*Religioso*
A CONDESSA DE ORCÉ.	
SOPHIA..................................	*Religiosa*
CECILIA................................	*Religiosa*
UMA CRIADA DO CONVENTO.	

A scena é no convento de ***

ADVERTENCIA PRELIMINAR DO TRADUCTOR

O cunho original d'esta peça, excellente composição de Mr. d'Arnaud, me animou a traduzil-a para a dedicar ás almas sensiveis. Uma lucta vigorosa entre a religião e o amor, é a acção d'este drama. Os episodios que a adornam, travados destramente com ella, dão uma perfeita ideia dos talentos do auctor, e do vasto conhecimento, que teve do coração humano. O contraste de caracteres, essencial ás producções theatraes, está aqui sustentado com magisterio: o que poderá observar o leitor instruido. Perigosos e terriveis embates com que os sentidos assaltam a razão, apuram (por assim dizer) as celestes verdades, que adoramos; e estes embates necessariamente se haviam de empregar na presente obra, lustrando muito mais com elles o triumpho glorioso da religião. Attentem os espiritos conhecedores de si mesmo, e de uma das primeiras artes, que a scena é o quadro moral do homem, que ali sem rebuço cumpre exhibir seus defeitos, suas paixões, seus crimes, ou suas virtudes, e pintal-o ainda mais como é, que como devera ser; finalmente (eu o repito) o esplendor do vencimento consiste nas difficuldades, que o disputaram, e a verosimilhança padeceria na obra que publíco, se a victoria da religião contra a natureza fosse menos ardua.

Emquanto á versificação, a do original é harmoniosa, accommodada ao assumpto, branda, ou energica, segundo o gráo e qualidade da paixão que exprime. Estremei-me o que pude em imital-a, e em evitar os gallicismos, de que abunda grande parte das nossas traducções, e que nos enxovalham o fertil e magestoso idioma, só indigente e inculto na opinião das pessoas, que o estudaram mal. Cuidei egualmente em conservar na dicção toda a fidelidade possivel, excepto nos loga-

res onde os genios das duas linguas discordam muito; então apoderado do pensamento do auctor, tractei de o representar a meu modo, conformando-me n'isto ao sabido, mas pouco executado preceito de Horacio:

Nec verbum verbo curabis reddere fidus
Interpres, etc.

Resta-me advertir ao leitor, que os . . . . . indicam certas suspensões, ou pausas, naturaes na expressão de grandes affectos, e que no uso d'estes pontos sigo fielmente a Mr. d'Arnaud.

EUPHEMIA, OU O TRIUMPHO DA RELIGIÃO

ACTO I

Ergue-se o panno. A scena representa uma cella escassamente guarnecida. Á esquerda, pouco distante da parede, está uma tumba, ao pé da qual se vê uma alampada accêza. Do mesmo lado, mais para a bocca do Theatro, ha um genuflexorio, e n'elle um crucifixo com uma caveira aos pés. Sobre o genuflexorio estão varios livros de devoção. Algumas cadeiras escondem um pouco a tumba ás pessoas, que entram na cella. Começa a romper a manhã.

SCENA I

EUPHEMIA (1)

Que! N'este leito funebre, que banham
Minhas lagrimas tristes, n'este leito,
Onde velam commigo a dôr, e o susto,
Onde a meus olhos o meu fim se off'rece,
Onde o meu coração de dia em dia
Se deve ir ensaiando para a morte;
No féretro, que espera o meu cadaver,
Ouso ainda nutrir memorias ternas!
Que digo! Um louco amor, que os céos condemnam!
Oh Deus! Não has de tu livrar-me d'este
Instincto criminoso (2)?... A tua esposa
Com lagrimas, com ais aqui prostrada
Implora o teu soccorro, a graça tua:

(1) Com uma das mãos sobre a tumba, na acção de quem se levanta

(2) Deixa a tumba, e corre a prostrar-se ante o genuflexorio.

O vento a teu sabor zune, e se acalma,
As ondas amontôas, e as desfazes,
Teu sôpro accende o raio, o raio apaga,
Da terra a face mudas, em querendo,
E não mudas, Senhor, e a ti não chamas
Uma alma, que te foge, e te é traidora?
Não volves em bonança a tempestade,
Que os sentidos me offusca, e desordena?
Ah! Suffoca estes frageis sentimentos,
Esta paixão, meu crime, e tua offensa;
Fere, compunge um coração rebelde,
Que inda soffre prisões além d'aquellas,
Que cingiu para sempre em teus altares...
Se a desampara o céo, que é a virtude?
A minha em vão reclama os seus deveres.
Para vencer Euphemia, oh Deus supremo,
De todo o teu poder tu necessitas (1).
Escuta minhas preces, vê meu pranto,
Manda-me o puro amor, e a paz celeste,
Cessem minhas angustias, meus perjurios,
Triumpha, reina só n'esta alma afflicta.
E tu (2), que todos com pavor contemplam,
Que lição me não dás em teu silencio!
Sim, tu és meu retrato! Eis, eis as graças
Com que intento encantar! Sou pó! Sou isto!...
E inda me atrevo a amar! Oh céos! Eu morro (3).

SCENA II

Sophia, Euphemia

EUPHEMIA (4)

Então, querida irmã, piedosa amiga,
O sagrado ministro, em cuja bocca
A Verdade nos falla, e nos inspira,
Virá manter-me a languida virtude,
Domar um coração, que ao céo resiste,
Unir ao seu dever minha alma indocil?

(1) Prostra-se ainda mais, chorando amargamente.
(2) Pega com ambas as mãos na caveira.
(3) Inclinada para o chão, com extrema agonia.
(4) Levantando-se arrebatadamente e indo para Sophia.

SOPHIA

Não poderá tardar; ficou Cecilia
Com ordem de chamal-o, e conduzil-o.
Mas que perturbação, mas que cegueira
Tomou posse de ti? Como consentes
Debaixo d'esse véo, querida Euphemia,
O veneno mortal de um amor louco,
De um desgraçado amor sem esperança?
Apezar da razão, do céo, que offendes,
Te inflamma o que é já cinza? A morte...

EUPHEMIA

A morte
Não lhe pôde roubar minha ternura:
Vive em meu coração, vive, e mil vezes
A Deus, ao mesmo Deus, n'elle o prefiro.
Não pretendo córar o enorme excesso
Do meu crime fatal; mais do que nunca
Amor a sua victima atormenta:
Das trévas contra mim se vale, se arma,
Té no leito da morte me persegue.
Depondo n'elle o pezo de meus males,
Ia cerrando os olhos lacrimosos:
O espirito, caído entre amarguras,
No somno do sepulchro se ensaiava:
Que sonho! Que espectaculo terrivel
Me assombrou a agitada phantasia!
Á luz escassa de funerea tocha
Cevava minhas ancias, meus remorsos
Por entre mausoléos, espectros, larvas:
Eis scintilla um relampago, e se esconde
Na longa escuridade, eis ouço um grito
Funebre, pavoroso, — a terra brama,
E horrida bocca de repente abrindo,
Solta um phantasma, envolto em negras vestes;
Na dextra lhe reluz buido ferro:
A mim corre, os cabellos se me herriçam,
Chega, arrosta commigo, e reconheço
Sinval, competidor do Omnipotente,
Sinval, que da minha alma expulsar devo,
Que sempre mais e mais a tyrannisa...
«Vem, segue (elle me diz) segue, acompanha

O teu primeiro esposo; em vão resistes:
As aras de um Deus soffrego, e zeloso
Privilegio não tem para conter-me.»
N'isto me afferra, e subito me rasga
Co'as sacrilegas mãos o véo sagrado...
A meu pranto, a meus gritos insensivel,
Por entre ondas de sangue, e montes de ossos,
De sepulchro em sepulchro elle me arrasta,
N'um d'elles quasi morta me arremessa:
Cáio, — some-me o ferro nas entranhas,
Eis que fuzila o raio, e nos abraza.

SOPHIA

Essas vãs illusões, que géra o somno,
A noute as traz comsigo, a noute as leva.
Tu mesma, tu preparas o veneno,
Que exacerba o teu mal, tu mesma aguças
A frecha, que se encrava no teu peito.
Irmã, não é assim que se triumpha;
Desterra essas lembranças perigosas.

EUPHEMIA

Como hei de desterral-as? Ah! Que o fogo,
O furor das paixões tu não conheces!
Não sabes, cara irmã, qual é o encanto,
Qual a força de amor, e os seus estragos.

SOPHIA

Tens-me por insensivel, e te enganas:
Tal não sou, mas quiz dar-me áquelle Objecto,
Que só deve occupar nossos desejos.
Tu mereces ingenua confiança;
Contempla no que vou manifestar-te
Quanto devo ao favor da Providencia!
A's vezes a illustrar o exemplo basta,
Minha alma folga de se abrir comtigo.
Para a terna paixão nasci propensa,
E sempre de a nutrir fui cuidadosa:
Tudo o que me cercava, me attraía,
Prendendo-me a vontade em doces laços.

Proxima áquella edade em que se admira
Dos transportes, que sente, a alma inquieta,
Ia Amor signalar dentro em meu peito
Seu dominio funesto. Eis abro os olhos,
Vejo minhas irmãs, a quem deviam
Lisonjear do mundo os vãos prazeres,
Uma em profundas magoas submergida,
Carpindo o esposo. que aos primeiros dias
Do seu consorcio lhe expirou nos braços:
Outra, quasi a morrer, misera amante,
Perdida por um vil, e abandonada;
Meu pae, tornado aos seus no fim da guerra,
De improviso caír na sepultura,
E o seu mais caro amigo entre cadeias,
Opprimido com subita desgraça.
D'este quadro terrivel passo os olhos
Para todo o universo. Observo os grandes,
Os senhores do mundo, e n'elles vejo
Como nos mais o dissabor, o enjôo;
Angustias sobre o throno até diviso,
E a purpura dos reis banhada em pranto.
Parece que esta imagem deveria
Abafar o mimoso sentimento,
Que respirava em mim; porém debalde
Minha razão se oppunha, murmurando,
Á precisão de amar, á voz, que solta,
E com que persuade a Natureza.
Meu coração mavioso me traía;
Não luctei mais, cedi, firmei o errante
Desejo irresoluto. Era preciso
Encher, fartar de amor toda a minha alma.
E para objecto d'elle um Deus escolho.
Desde então se desfez na minha ideia,
Qual sombra fugitiva, o mundo todo;
Desdenhei lhe as promessas cavillosas,
E apezar da esperança lisonjeira
Das grandezas, dos bens, contra a vontade
De meus parentes, para o claustro corro.
Deus acolhe o meu voto, em Deus consigo
Tudo quanto appeteço, elle me inflamma,
Elle só é bastante a meus transportes;
Senhor dos corações, e dos desejos,

Só elle os satisfaz; o amante, o esposo
N'elle só procurei. De dia em dia
O meu férvido amor se apura, e cresce.
Este amor, que não pende da fortuna,
Não receia o destino, o fim d'aquelles,
Que esvaece o capricho, o tempo, a morte.
Não, não amo um vulgar, profano objecto,
Que ou deixa de agradar, ou muda, ou morre:
Enlevo-me n'um Deus, e só me abraza
O espirito immortal de amor eterno.
Ah! Gosa, amada irmã, gosa commigo
D'esta ineffavel gloria: Deus sómente
Deve reinar no coração de Euphemia.

EUPHEMIA

Com lagrimas lhe peço, que me arranque
Lembranças, ao dever, e á honra oppostas.
Meu Deus! Este milagre é impossivel!
Tudo me está na idéa afigurando
Uma inflexivel mãe, surda a meus rogos,
Negando ás minhas lagrimas piedade,
Que, cega, injusta, idolatra de um filho,
Parece contra mim cruel madrasta,
Que, sumindo n'um claustro os meus desgostos,
Saborêa o prazer, prazer terrivel
De separar dous corações amantes,
Em quanto o meu amor.. Ah! Foi tyranna...
Porém é minha mãe, sempre hei de amal-a...
Inda que de Sinval deu causa á morte...
Esta imagem me ancêa, e me horrorisa!
Eu propria completei meu sacrificio,
Eu propria me curvei a um jugo eterno,
A uma lei rigorosa... Oh céos! E que era,
Perdendo o meu Sinval, perder o mundo?
E inda repulso um Deus! Inda lamento
A prisão que me liga! Ah! Não, não posso
Com tantas afflicções ... eu desfalleço...
Sinval... torna, cruel, torna ao sepulchro,
Tu me roubas meus votos... eu te sigo
Á habitação da morte. Ah! Deixa ao menos
Para Deus o meu pranto, os meus remorsos.

SOPHIA (1)

Amiga! Irmã! Convém, que dissimules
Essa perturbação.

EUPHEMIA

Como é possivel.
Se cresce a cada instante?

SCENA III

Euphemia, Sophia e Cecilia

SOPHIA

Ahi vem Cecilia,
Teme... (2)

EUPHEMIA

Embora a seus olhos appareça,
E aos de todo o universo o meu delirio,
Meus males, minhas lagrimas, meu crime...
Saibam todos, Sinval, que por ti morro.

CECILIA (3)

Brevemente vereis o sacerdote
De um Deus castigador, que, fatigado
De ameaçar em vão, já se prepara
A cerrar-vos das graças o thesouro.
Esposa desleal do esposo eterno,
Tendes por cima a cholera celeste.
Vossa rebellião, damnoso exemplo
Para nossas irmãs, ante os altares
Ergue a pedra de escandalo. Eia, a dura
Pertinacia expiae. Se com suspiros
Não reclamaes o amor de um Deus piedoso.
Se com vivo remorso, e dôr sincera

(1) Apertando-a nos braços.
(2) Para Euphemia.
(3) Em tom severo para Euphemia.

As aras não banhaes de amargo pranto,
Tremei, não espereis mais que um severo,
Implacavel juiz, prompto á sentença,
A que se oppôz téqui sua bondade:
Não lhe soffre a justiça o perdoar-vos,
Não vos póde absolver; eu vejo, eu vejo
Seu braço vingador lançar-se ao raio,
E a vossos pés abrirem-se os infernos:
Vós cais, vós caís n'esses abysmos
De desesperação... de horror... de raiva... (1)

SOPHIA (2)

Que dizes, furiosa? Esse retrato
Não é, não é de um Deus: tyranno o pintas;
Quando faltou nas aras a piedade?
Vae, minha irmã, com supplicas humildes (3)
Do mais terno dos paes lançar-te ás plantas;
Leva-lhe um coração brando, amoroso,
Que saberá por elle inda opprimir-se,
Padecer, e inflammar-se; extingue, apaga
Essa inutil paixão, que os céos prohibem;
Nãs cedas a victoria a teus sentidos;
Lucta, e vence a rebelde humanidade,
Que obsta á gloria immortal de submetteres
A vontade á razão; suffoca os gritos
Da ciosa, indignada natureza;
Vôa ao teu Deus, e dá-lhe a sua esposa.
Elle do céo te chama, te exp'rimenta,
Presta as azas da fé aos teus esforços.
Da graça vencedora o puro fogo
A tua alma penetre: ah! Mui sensivel
O Senhor a creou, para negar-te
A santa inspiração do amor eterno,
Que, enlevado no céo, desdenha o mundo:
Se alguma vez nos fere, ama-nos sempre.
Anjo exterminador, anjo terrivel
Não temas no ministro, que te envia:
Anjo consolador acharás n'elle,

(1) Euphemia se perturba a estas palavras.
(2) Com indignação para Cecilia.
(3) Para Euphemia em tom affectuoso, e abraçando-a.

Teu pranto enxugará com mão piedosa:
A religião sincera é indulgente. (1)
Ha quem possa formar diversa idéa
De um Deus, que mais que tudo amar devemos?

SCENA IV

Sophia, Cecilia

SOPHIA

Desculpae-me um transporte inevitavel;
Vossa virtude, austera em demasia,
Aterrou cégamente a triste Euphemia.
O ameaço, o rigor são proprios do erro,
Reina a brandura na moral, que é santa:
O amor a inspira sempre, o medo nunca,

CECILIA

Minha cólera eguala o meu espanto.
Como! Em vez de ajudar-me um pio enfado,
Quando a causa do céo zelar devieis,
Lisonjeaes paixões escandalosas!
Quereis que Euphemia, indigna de chamar-se
Nossa irmã, seu perdão de Deus espere,
De Deus, que ultraja!

SOPHIA

Ah! Sempre esses rigores
Haveis de alimentar n'alma severa!
Fundareis sempre a gloria na aspereza!
Pensae, pensae melhor. Cumpre de novo
Dizer-vos o que dicta, o que suggere
Um sentimento innato? A Divindade
Não póde ser cruel, nunca se esquiva
Das lagrimas, que sólta a dôr sincera.
Que é, que vale o poder se não perdôa?
Aquelle, que remiu a humanidade,
Não verteu por ingratos o seu sangue?

(1) Euphemia se retira na maior afflicção.

Que é culpada a seus pés confessa Euphemia:
Elle se dignará de auxilial-a,
Enviando-lhe graça ao fragil peito.
Sustentemos o arbusto, que vacilla
Em termos de caír, sim, consolemos
Nossa irmã, lamentando-lhe a fraqueza.

CECILIA

A fraqueza! Oh meu Deus, que a impia esquece,
Em que delictos cairá teu raio,
Se o podér evitar crime tão feio!
Desde que Euphemia proferiu seus votos
Nunca um idolo vão lhe saiu d'alma:
Da cinza resurgindo, elle accrescenta
De momento em momento o seu dominio.
Que! Depois de dez annos de queixumes,
De suspiros, de lagrimas, ainda
Arde, cega de amor, por frios ossos!
Nos mostra uma alma, cada vez mais presa,
Mais criminosa!

SOPHIA (1)

Irmã... vós nunca amastes.

CECILIA

Em laços vergonhosos eu captiva!
Eu amar! Só a Deus.

SCENA V

Sophia, Cecilia, uma criada (2)

CRIADA (3)

Com muita instancia
Uma mulher incognita em segredo
Vos quer fallar...

CECILIA (4)

Que qualidade inculca?

(1) Depois d'uma grande pausa.
(2) No original é uma leiga do convento.
(3) A ambas.
(4) Com vivacidade.

SOPHIA

Seja quem fôr, devemos attendêl-a.

CRIADA

Tem um ar nobre, um ar affectuoso,
Que lhe adoça a tristeza, e que interéssa;
Julgo-a digna de dó: talvez desastres...

SOPHIA (1)

Entre.

CECILIA (2)

Que, minha irmã! Tanto importuno,
Tanto indigente!

SOPHIA (3)

Venha, não me ouvistes? (4)

SCENA VI

Sophia, Cecilia

SOPHIA (5)

Tão dura condição me afflige, e assombra.
Imaginaes cumprir co'a lei divina,
E á commiseração negaes o preito?
A vossa devoção feroz, e agreste
Sementes de odio, e cólera attribue
A um Deus de paz, de amor, e de clemencia!
Não gostareis o jubilo ineffavel
De amar, e soccorrer os infelices,
Chorando, e consolando-vos com elles:
É isto, oh religião pura, e querida,
A tua mansidão, e o teu caracter?
Nunca amaste, irmã, já vol-o disse,
Debaixo de cilicio, que vos punge,

(1) Em tom rapido.
(2) Para Sophia.
(3) Para a criada, alteando a voz.
(4) Vai-se a criada.
(5) Em tom sentido.

Se azeda, se enraivece o vosso zelo.
Se tivesseis amado (ah!) sentirieis
De uma graça mais doce os attractivos.
O Deus dos beneficios incensâmos:
Foi seu amor, não foi sua justiça
Quem o levou por nós á cruz, á morte.

CECILIA

Cuidaes, talvez, que o céo de vós se serve
Para me alumiar, para dictar-me
As suas justas leis? Sei pratical-as;
Mas eu vejo um tropel de mendicantes
Rodear este asylo, e perturbar-nos,
Associando aos canticos divinos
Seu pranto, seus queixumes. Os altares
Impõem obrigações, que em todo o tempo
Foram, são respeitadas. Por ventura
Não devemos orar? Se vos lembrasseis
De...

SOPHIA

Façamos o bem, depois oremos.

SCENA VII

A condessa de Orcé, Sophia, Cecilia, a criada

CONDESSA (1)

Uma triste mulher desconhecida,
Quasi affogada em lagrimas, se atreve
A vir manifestar-vos os seus males... (2)

SOPHIA

Ide-vos (3).

(1) A condessa manifesta a sua indigencia por um vestido preto dos mais ordinarios, no qual se vê todavia o asseio decente, que conservam sempre os infelizes, que tiveram um nascimento honrado, ou uma boa educação. Cecilia olha para ella com indifferença desdenhosa, e Sophia com uma attenção compassiva.

(2) Para Sophia e Cecilia.

(3) Vivamente para a criada, que sáe.

SCENA VIII

Sophia, a condessa, Cecilia

CONDESSA (1)

Sem ninguem, destituida
De todos os soccorros, e cançada
De soffrer uma vida lastimosa,
De ver olhos crueis, ou desdenhosos
Fitar se em mim, pensei que nos altares
Encontraria o mavioso affecto
Das almas consagradas á virtude:
Aquella compaixão... que o mundo ignora.

SOPHIA

Assentae-vos, senhora. (2)

CECILIA

As nossas preces (3)
Chamam Deus a favor dos desgraçados;
Mas o nosso mosteiro, apenas livre
De uma divida immensa, está gravado
Dos soccorros, que presta aos indigentes.
A caridade...

CONDESSA (4)

Oh céos! A que mais póde
Chegar minha desgraça! E vós, senhora,
Tambem sois contra mim! Não, não imploro
A terna caridade, eu peço... a morte. (5)
Que novo golpe, oh Deus!

(1) Continuando.
(2) Para a condessa com ternura, e ella se assenta.
(3) Friamente.
(4) Chorando.
(5) Chorando mais.

SOPHIA (1)

Ah que fizestes,
Cruel? Ide-vos, ide-vos; com isso
Lhe dobrastes a dôr... (2) Eia, deixae-nos. (3)

SCENA IX

A condessa, Sophia

SOPHIA (4)

Senhora...

CONDESSA

É esta a lei officiosa, (5)
A religião suave, e compassiva!
Onde hei de, justos céos! achar piedade!

SOPHIA

Onde? Em meu coração. Crede, senhora,
Que junto ás aras é que chora, e geme
Sem custo, sem violencia a humanidade;
Não julgueis que Cecilia a desconhece. (6)
Desculpae-a. Seu culto grave, e triste
Como que faz brazão da austeridade:
Mas ha de lamentar-vos... Sim, quem póde
Sem commiseração ver-vos, e ouvir-vos?

CONDESSA

Eu não venho, senhora, supplicar-vos
Dádiva pia, nem cubrir de opprobrio
Meus ultimos instantes: porque a morte
Já sinto avisinhar-se.. Oh Deus immenso!
Parará teu rigor nas minhas cinzas?

(1) Com enfado para Cecilia.
(2) Cecilia fica ainda.
(3) Cecilia vai-se raivosa.
(4) Assentando-se junto da condessa, apertando-lhe a mão.
(5) Soluçando, sem reparar no que lhe diz Sophia.
(6) A condessa olha, vê que Cecilia se retirou, e contempla Sophia com ternura.

Sei de que modo as vidas se abreviam,
Sei como se acabava meu tormento,
Minha affronta, mas não: Deus, que me pune,
Deus só é que tem jus á minha vida,
E só devem seus golpes arrancar-m'a.
Cumpre humilhar-me ao vingador flagello.
Engulir devagar todo o veneno
Da desgraça cruel, que me persegue,
Soffrer minha miserrima existencia,
Fazer mais, — suffocar até o orgulho
De um nascimento illustre. Eu n'outro tempo
Tive bens, e grandezas: o infortunio
Desfez esses phantasmas lisonjeiros.
E quem me reduziu a este estado!... (1)
Perdoae-me... uma angustia inexplicavel
Me perturba, me opprime... oh céos!... Eu vinha...
(Póde obrigar a tanto a desventura!)
Eu vinha... que expressão! Vinha rogar-vos
Me amparasseis a languida velhice,
E que, adoçando as minhas amarguras,
Quizesseis admittir-me... (2) por criada.

SOPHIA (3)

Que dizeis! Vós servir-me! Ah! Não, senhora;
Mereceis outro genero de abrigo,
Vós sereis a servida. Por livrar-vos
Do estado, em que vos vejo, eu déra a vida.
A amizade, a ternura hão de enxugar-vos
O pranto, que verteis. Vossas desgraças
Que feroz coração não moveriam?

CONDESSA (4)

Ah! Quanto me obrigaes! Porém não devo
Acceitar vossa offerta; hei de, senhora,
Abater-me, servir, morrer, mas nunca
Ha de o meu infortunio envergonhar-me.
A altivez d'alma as dadivas offendem,
Seja qual fôr a mão, de que provenham.

(1) Chora.
(2) Soluçando.
(3) Com as lagrimas nos olhos.
(4) Abraçando-a.

Eu morro..., e quem me faz mais dura a morte
É... (1) um filho... que o peito me traspassa.

SOPHIA (2)

Um filho! Oh monstro! Ha genio tão rebelde
Ás leis do sangue, ás leis da natureza?

CONDESSA

Sim, da minha desgraça é causa um filho,
Um filho, alimentado no meu peito.
Apenas veiu ao mundo empreguei n'elle
Todos os meus desvelos e caricias,
Do terno amor de mãe toda a fraqueza;
Sacrifiquei-lhe o gosto, a dignidade,
E até o esposo, o pae, e os outros filhos.
Pela vida do ingrato eu déra, eu déra
Mil vidas, se as tivesse, e nos seus braços
Morrêra consolada; era só elle
O que eu via no mundo, o que adorava...
Perdendo seus irmãos, e o meu consorte,
Favoreci-lhe o jus, que lhe deixaram,
Só nos seus interesses embebida;
Que digo! Até cedi de meus direitos,
E apoz o coração dei-lhe as riquezas,
Sem excepção, e sem reserva alguma.
Não pedi, nem queria em premio d'isto
Mais que a consolação de estar com elle,
De exhalar o meu ultimo suspiro
Junto de um filho amado. Eu sim lhe achava
Signaes, e propensões d'alma corrupta,
Ornados com gentil physionomia;
Mas de enganar-me, e de os não crer folgava:
Tanto o materno amor nos allucina!
Cega! Não reparei que ia meu filho
A mocidade em vicios estragando,
Que aos excessos mais vis, e vergonhosos,
Juntava o da avareza, e crueldade;
Que era um ímpio, um ingrato: emfim, casou-se.

(1) Chorando.
(2) Dando um grito.

Commummente uma esposa influe, e cria
N'um genio duro aquella suavidade,
Que é origem do amor, e da virtude;
Mas peor que elle a esposa de meu filho
Atiçou contra mim seu odio incrivel.
Este filho, que enchi de beneficios,
Me carregou de injurias, e desprezos:
Uniu insulto amargo a atroz offensa,
Das lagrimas, de que elle era o motivo,
Os olhos affastou, e ultimamente (1)
Me expelliu do solar, onde habitaram
Meus honrados avós, e onde eu nascêra.
Arrojei-me a seus pés, gritei, chorando:
«Oh filho, filho meu! Vossa mãe triste
Prostrada a vossos pés, não vos implora
Mais do que um beneficio, unico premio
D'este amor, que por vós fez mil extremos.
Em breve a morte acabará meus males:
No leito de meus paes soffrei que expire.»
Não me attende o cruel, e eu continúo:
«Vós, que gerei, nutri com o meu sangue,
Quereis, filho, que morra em desamparo!
Dei-vos tudo o que tinha, unicamente
Possuo... um coração que a dôr consome.
Vós tereis filhos: desejar devia...
Ah! Nunca, nunca, ingrato, vos imitem.»
Então a esposa, mais feroz ainda,
Me expulsa d'um logar, que eu tanto amava,
Logar, onde, attraídos da saudade,
Os olhos moribundos me ficavam.
Céos! E sobrevivi a horror tamanho!
N'esta consternação busco uma amiga:
Diz que me não conhece. Emfim, vagando
Quasi sem tino já, por toda a parte,
Chego aqui... onde espero achar a morte.

SOPHIA

Não, vós não morrereis; em mim, e em outra
O céo vos deparou duas amigas

(1) A condessa chora com mais força.

Para vos consolar... mas continuam
Vossos ais, vossas lagrimas ainda,
E com mais força as faces vos inundam!

CONDESSA

Ah! Não devem ter fim senão co'a vida.
Vós sabeis os meus males, vêde agora
O meu crime, e depois julgae se posso
Ao sentimento, ás lagrimas pôr termo.
Este filho, por quem padeço tanto,
Teve uma irmã...

SOPHIA (1)

Fallae.

CONDESSA

Que a Natureza
Ornou d'aquellas graças, que enfeitiçam
Ainda mais os corações que os olhos.
Tu a formaste, oh Deus, para agradar-me,
E eu neguei-lhe o carinho, amando-me ella.
Ah! Cada vez mais terna, e mais humilde,
Parecia em silencio perdoar-me,
E ignorar que um irmão tinha ganhado
De sua injusta mãe todos os mimos.
Um mancebo modesto, e virtuoso,
Egual na qualidade a minha filha,
A viu, a amou, e foi por ella amado.
Pediu-m'a por esposa: eu, insensivel
Ás lagrimas da triste, a sacrifico
A seu irmão, desvio o seu amante,
Encerro-a n'um mosteiro, insto com ella
Para cingir-lhe um laço, tão diff'rente
Dos ternos laços de feliz consorcio.

SOPHIA

Successo egual... (2)

(1) Apressadamente e com mais attenção ainda.
(2) Perturbada, á parte.

CONDESSA

Para obrigal-a ao voto
Fiz com que falsas novas se lhe dessem
Sobre a morte do amante, e confirmei-lh'a.
Caíu sem côr, sem voz com este golpe;
Eis acode a animal-a uma parenta,
E já quasi mortal do claustro a tira.
Morre pouco depois esta parenta,
E da misera filha ignoro a sorte...
Ah! sem duvida jaz na sepultura...
E eu a sacrifiquei a um filho ingrato!
Eu, desgraçada!

SOPHIA

Resistir não posso... (1)
E quanto mais vos ouço... Aqui, senhora,
Há perto de dez annos...

CONDESSA

De dez annos... (2)
Que!

SOPHIA

Tenho a mais fiel, mais terna amiga;
Da mãe, que muito amou, foi pouco amada.

CONDESSA

Da mãe!... Continuae.

SOPHIA

Os seus desastres (3)
Ella lh'os motivou. Teve esta filha
Um destino infeliz, qual teve a vossa;
Ella sabe attender aos desgraçados:
Muitas vezes aqui lhes dá soccorro;
Seu meigo coração ha de amimar-vos,

(1) Ainda mais turbada.
(2) Inquieta.
(3) Rapidamente.

E lamentar comvosco as vossas penas. (1)
Senhora, haveis de vel-a, haveis de amal-a.

CONDESSA (2)

Será possivel... Céos! Não sei que sinto
No coração... guiae, guiae-me a ella.
Oh Deus, oh summo Deus! Permittirias
Que no auge do infortunio...

SCENA X

Euphemia, Sophia e a condessa

SOPHIA (3)

Vinde, vinde,
Minha querida irmã, nos vossos braços
Afagar uma illustre desgraçada.

CONDESSA (4)

Constança!

EUPHEMIA (5)

Minha mãe!...

SOPHIA

Oh Providencia!
Que escuto! Sua mãe!

CONDESSA

Céos! Minha filha (6)
Consagrada aos altares para sempre!
E eu fui a que formei seu laço eterno!
Este véo, este véo ha de accusar-me
Continuamente... ah! Dize-me o motivo...

(1) Ergue-se apressadamente.
(2) Erguendo-se com egual presteza.
(3) Dando o braço á condessa, e vendo entrar Euphemia.
(4) Dando um grito, e desmaiando sobre a cadeira.
(5) Lançando-se-lhe aos pés.
(6) Tornando a si, cheia de espanto e de dôr.

E inda me dás de amor signaes tão doces! (1)
Filha, o maior esforço é perdoar-me.

EUPHEMIA

Abraço minha mãe, ou isto é sonho?...

CONDESSA

Não é sonho, não é, tens nos teus braços
A tua infeliz mãe.

EUPHEMIA

Sua desgraça (2)
Dóbra a minha ternura. Mas quem póde
Forjar esta mudança deploravel?

CONDESSA

Teu irmão.

EUPHEMIA

Meu irmão!

CONDESSA

Sim, esse objecto
De uma predilecção desasisada,
Por quem abominei minha familia,
Por quem... te conduzi ao sacrificio. (3)

EUPHEMIA

Só sinto os vossos males. (4)

CONDESSA

Já na pósse
De todos os meus bens, o deshumano,
Surdo ás vozes do sangue, e aos meus clamores,
(Eu de egual tyrannia usei comtigo)
Espancou sua mãe, nem quiz mais vel-a.

(1) Abraçando-a e chorando.
(2) Levanta-se.
(3) Pegando na mão de Euphemia e chorando.
(4) Em tom forte

Irados contra mim os céos estavam,
Pensa o que eu soffreria em tal extremo.
A Condessa de Orcé, que a dignidade,
A riqueza, a lisonja, e mil prestigios
Cegáram longo tempo, emfim, cercada
Dos horrores, que seguem á indigencia,
Já sem consolação, já sem abrigo,
E até já sem a minima esperança,
Victima da cruel necessidade,
Quasi em ancias de morte, veiu, oh filha,
A este asylo, franco á desventura,
Pedir que a recebessem... por criada.

EUPHEMIA (1)

Mal posso respirar... não, mãe querida, (2)
Não chegareis a tanto abatimento:
Para ser menos duro o vosso estado,
Eu soffrerei por vós minha importuna (3)
Amargurada vida, e desde agora
Não cuidarei senão de consolar-vos,
De vos vingar de um filho. Eu posso... aquella
Parenta, que do claustro semiviva
Me tirou nos seus braços, e sómente
Me viu n'este logar fazer um voto,
Que eu occultar queria a vós, e ao mundo,
Aquelle coração tão generoso
Me deixou alguns bens... (4) Eu vol-os cêdo.
Além d'este soccorro diminuto,
Tenho o lavor de minhas mãos, senhora.
Sacrificarei tudo, e morreria
Mil vezes, cara mãe, para mostrar-vos
O meu constante amor...

CONDESSA (5)

E amas-me ainda,
Oh filha! E não te lembras...

(1) Cahindo nos braços de sua mãe, e depois d'uma longa pausa.
(2) Arrebatada e chorando.
(3) Com fervor.
(4) Rapidamente.
(5) Abraçando-a.

EUPHEMIA

Ah! Tractemos
Só de vós. Aqui tendes outra filha: (1)
Ella é digna de nós, ella é sensivel,
E gosta de prestar aos desditosos;
Vereis sua ternura, e seus desvelos.

CONDESSA

Já do seu coração recebi provas (2)
De sincera piedade, e agradecida... (3)

SOPHIA (4)

Não mais que um sentimento infructuoso
Encontrastes em mim. Se eu ser-vos util
Podesse, graças mil ao céo rendêra,
Que vos deve amparar. D'elle é que nascem
O socego, a ventura: elle só póde
Soccorrer, levantar os abatidos;
Mas eu talvez aqui vos sou molesta... (5)

CONDESSA (6)

Não, ficae. Nós teriamos segredos
Para vós? Publicae suas virtudes, (7)
Meu arrependimento, a dôr, e o pranto,
Que o remorso me custa; — os beneficios
De uma filha, a quem eu...

EUPHEMIA (8)

Com esse excesso
Vós é que me obrigaes. Nós poderemos
Viver, e chorar juntas... mas em breve,
Cara mãe, cerrareis meus olhos tristes.

(1) Apontando para Sophia.
(2) Com voz terna.
(3) Dando a mão a Sophia.
(4) Para a condessa.
(5) Dá alguns passos para se retirar.
(6) Levantando-se.
(7) Mostrando a filha.
(8) Abraçando-a.

CONDESSA

Tu é que has de fechar os meus, oh filha.

EUPHEMIA

Não pensêmos senão em confortar-vos.
Vamos (1).

CONDESSA (2)

Que vejo, oh Deus!

SOPHIA

Todas as noutes (3)
Nos manda a nossa lei, que descancemos
N'esse leito da morte. Um terror pio
N'elle nos acompanha, e nos presenta
O fim, que para nós está guardado.

EUPHEMIA (4)

Sim, oh mãe, o meu thálamo é aquelle. (5)
Logo vos contarei meus males todos.
Não me desampareis. (6) Acabem hoje
Estas agitações, que me atormentam.
Accelerae o instante em que a minha alma
Deve ser consolada, e soccorrida
Por esse anjo de paz, que o céo lhe manda.

(1) Dá-lhe a mão.
(2) Vendo a tumba, e recuando assustada.
(3) Para a condessa.
(4) Dando um gemido.
(5) A condessa a estas ultimas palavras chora, olha com ternura para a filha e cáe-lhe nos braços. Euphemia, depois d'uma grande pausa, diz a sua mãe:
(6) Para Sophia.

ACTO II

Ergue-se o panno, vê-se uma capella, um altar a um lado, e um peristyllo, ou columnata, no fundo do theatro

SCENA I

Euphemia e Sophia (1)

SOPHIA

Oh tu, cuja grandeza testificam
Os altos beneficios, que semêas,
Tu, cuja graça os corações conquista,
Oh Deus! Oh pae benigno! Tem piedade
Da minha triste amiga, ouve meus rogos,
Desce ao peito de Euphemia, substitue
Áquelle ardor profano a pura chamma
De tua santa fé, teu amor santo;
Presta-lhe armas, senhor, contra os sentidos!
Desprezarás as lagrimas, as preces,
Que a teus pés derramamos? Ah! Foi feito
De Euphemia o coração para adorar-te,
Para se encher de ti. Deus poderoso,
Que a desesperação, que a dôr lhe observas,
Acóde, acóde á misera, e triumphe
O remorso, que n'alma lhe murmura.

EUPHEMIA

Asylo do infortunio, altar sagrado
De um Deus consolador, unico apoio,
Onde, já sem paciencia, e já sem forças,
Do pezo de meus males me allivio, (2)

(1) Ambas prostradas, uma defronte do altar, a outra a um dos lados.
(2) Abraça com transporte o angulo do altar.

Eu te abraço, eu te off'reço estes remorsos,
Em soluços, e em lagrimas nutridos.
A minha afflicta mãe quiz occultal-as, (1)
Mas um pranto saudoso em cuja origem
Tanto me enlevo... oh céos!... detido ha muito,
Quer correr, quer correr, e os suffocados
Suspiros já no peito me não cabem.
A meu pezar consome-me um incendio
Criminoso; amo, adoro um vão phantasma:
Elle a paixão sacrilega me excita,
Que esperança não tem com que se alente;
Elle, em logar de um Deus, dá leis n'esta alma,
E, sempre vencedor, surge da terra
Para assaltar-me, oh céo.. ! Para assaltar-te.
Trago em meu coração todo o veneno,
Todo o fogo de amor, trago os sentidos
Em continuo tumulto, e não diff'renço
Quaes são os sentimentos, que me régem.
Como que dous espiritos oppostos
Luctando dentro em mim, me despedaçam.
Oh minha religião!... É o mais frouxo
Para ti! Mas tu deves dominar-me;
O meu estado, a honra, os céos o querem:
Tudo, emfim, me condemna, oppõe-se tudo
Á paixão, que por ti, Sinval, me inflamma.
A esposa de um mortal deve guardar-lhe
Fé sem limites; e de um Deus a esposa...
Justos céos! De mim propria me horroriso... (2)
E ainda o seu ministro em meu soccorro
Não chega! Oh Deus, que offendo, oh Deus, que imploro (3)
Tu, que hoje minha mãe me restituiste,
Ah! Completa, senhor, teus beneficios,
Ou... manda que eu no tumulo repouse.
Negarás, Deus eterno, ás minhas cinzas
O socego, que em vida obter não posso? (4)
Minha mãe!... (5)

(1) Para Sophia.
(2) Olhando para a columnata.
(3) Prostra-se mais profundamente.
(4) Vendo que entra a condessa.
(5) A' parte e sobresaltada, Sophia se retira.

SCENA II

Euphemia e a condessa

EUPHEMIA (1)

A que vindes?

CONDESSA

A teus braços (2)
A ter parte nas mágoas, que te affligem,
Que mitigar quizera. . ah! Eu devia,
É verdade, evitar tua presença.
Olhar ao bemfeitor confunde, e acanha;
Mas eu te amo, Constança, eu te amo tanto,
Que saudosa procuro os teus affagos,
E... gémes? Tua sorte...

EUPHEMIA

A minha sorte!
É suave, é feliz porque a meus braços
O céo vos conduziu. Não foi por falta
De amor, que me escondi aos vossos olhos... (3)
Eu não fujo de vós .. não, mãe querida...
Vim a este logar... vim... humilhar-me
Ante Deus... ai de mim!... Eu lhe implorava... (4)

CONDESSA

Desfallece-te a voz...! Voltas os olhos
Para occultar-me as lagrimas, que vertes!

EUPHEMIA (5)

Ah! Se eu pudesse, oh mãe, n'esta corrente (6)
Expellir minha dôr, meu mal, e a vida!

(1) Ergue-se perturbada.
(2) Abraçando-a.
(3) Inquieta.
(4) Pronuncía estas ultimas palavras com voz desfallecida.
(5) Como transportada pela afflicção, caíndo nos braços da mãe, e banhada em lagrimas.
(6) Depois de grande pausa.

Já sem mando a razão, tentou debalde
No peito ancioso refrear-me o pranto;
Debalde me esforcei para encobrir-vos
Um triste coração, que não sómente
Nas lagrimas, nos ais se manifesta,
Mas até no silencio. Constrangido
De intoleraveis penas, vai mostrar-vos
O seu estado, a chaga, que o devora,
E que, em vez de cural-a, o tempo aggrava...
A multidão vereis dos meus tormentos. .
Minha mãe, recordae a origem d'elles,
E... deveis perceber-me...

CONDESSA

Que! Renovas
Idéas tão terriveis? Hei de, oh filha,
Hei de avivar um quadro, que tomára
Apagar com meu pranto, e com meu sangue!...
Querida bemfeitora, ah! Longe, longe
Essa imagem cruel: n'ella consiste
O meu castigo, e tu me perdoaste.

EUPHEMIA (1)

Vós, senhora, é que haveis de conceder-me
Um perdão, que prostrada vos imploro.
Eu, commettendo involuntario crime,
Eu sou quem vos offende. Sim, guardemos
Inviolavel silencio nos meus males.
Um Deus, um Deus, que rége os nossos fados,
Me encaminhou, sem duvida, aos altares.
Fallemos só do amor com que desejo
Contentar minha mãe, só da ventura.
Do prazer, que eu teria em consolar-vos;
Fallemos... (1) não, não posso reprimir-me,
Não sei conter o ardor, que me impacienta;
Fallemos... d'esse objecto...

CONDESSA

Qual?

(1) Beijando-lhe a mão.
(2) Enternece-se-lhe mais a voz.

EUPHEMIA

Meu pranto,
Minha perturbação vol-o nomêa...
Que phrenesi! Que angustia! Eu ardo... eu morro...
De Sinval... (1)

CONDESSA

De Sinval!

EUPHEMIA

Sim, d'esse, d'esse
Despotico senhor de um coração,
Cada vez mais amante, e mais chagado.

CONDESSA

Que fiz, céos! E ainda, filha, te possue,
Te inflamma essa paixão?

EUPHEMIA (2)

Mais do que nunca;
E o socego, o dever lhe sacrifico,
Digo-o carpindo a vossos pés, morrendo,
E attestando este Deus, que me abandona, (3)
Que me vê cada dia atribulada
Vir de rôjo ao altar... e não me escuta!...
Dez annos de combates dolorosos,
De lagrimas, de preces, o cilicio
Chegado ao coração, tinto em meu sangue;
O terror, que commigo se reclina
No féretro medonho; o tempo, a morte,
A morte, que destróe, que absorve tudo,
Desarreigar não podem da minha alma
A violenta paixão com que deliro.
Uma sombra, teimosa em perseguir-me,
Vontade e pensamentos me arrebata,
A sombra de Sinval... Eis o attentado...
Oh céo! Tu ouves isto, e não trovejas!

(1) Depois de um longo silencio.
(2) Arrebatada.
(3) Apontando para o altar.

Eis o objecto em que occupo a noute, e o dia,
Eis o Deus, a quem sirvo, a quem adoro,
A quem consagro incensos nos altares!
Por cinzas sou rebelde ás leis do Eterno...
Que digo, miseravel! Ah! Perdôa,
Deus vingador, perdôa...! A graça tua...
Toda a minha razão me desampara. (1)
Ah mãe! Elle morreu? Que negra sina...
Nosso amor... meu destino... Eu fui a causa
Da morte do infeliz!

CONDESSA (2)

Oh minha filha!
Quanto a meus proprios olhos sou culpada!
Tua mãe... tua mãe foi teu verdugo!
Eu cavei esse abysmo em que tu jazes!
Eu te entranhei no peito esses tormentos,
Esse fogo sacrilego, os remorsos,
A funesta paixão, que te consome! (3)
Toda a tua virtude, oh filha, exerce
Co'a criminosa mãe. Se acaso ainda
Fosse vivo Sinval...

EUPHEMIA

Se fosse vivo! (4)
!... Sinval!... Oh quão feliz eu me chamára!
Quão leve por tal preço me seria
Este jugo perpetuo, que me opprime!

CONDESSA

Poderei suavisar tua amargura,
Minha filha! Ouve... todos os meus crimes.

EUPHEMIA

Será vivo Sinval! (5)

(1) Transportada.
(2) Chorando e apertando Euphemia nos braços.
(3) Tendo-a chegada ao peito.
(4) Em tom rapido.
(5) Arrebatada.

CONDESSA

Eu desejava
Apressar o momento em que aos altares
Fosses ligada pelo sacro voto,
E do mundo, e de mim te separasses
Para sempre; um rumor subito, e falso
Te feriu, te aterrou; fingi a morte...

EUPHEMIA

Sinval, Sinval é vivo!

CONDESSA

Assim o creio,

EUPHEMIA

Ah que o meu coração não é bastante...
A ventura... os transportes... vive !... vive !...
Céo ! Nos meus dias teu rigor se farte...
Quanto me consolaes! Sinval respira!..
Deus! Seja elle feliz... morra eu mil vezes ! (1)
Mas..., amava-me tanto, e abandonou-me?...

CONDESSA

Inda te não contei... que vou dizer-te!

EUPHEMIA

Deixou de amar-me? Se assim é, calae-m'o
Por quem sois. (2)

CONDESSA

Não, Sinval te idolatrava.
É forçoso dizer-te o que eu quizera
Occultar a mim mesma! O que estimula
Meus remorsos!

EUPHEMIA

Fallae.

(1) Depois de estar calada um pouco.
(2) Rapidamente.

CONDESSA

Que novo golpe
Te vae dar tua mãe! Sinval, que morto
Julgaste, acreditou por minha industria
Que morrêras tambem.

EUPHEMIA

Deus! Que mais queres?

CONDESSA

De amor, e de afflicção desesperado,
Fugiu, sumiu-se, e d'elle se não sabe...

EUPHEMIA

Sinval é morto, é morto. Eu exp'rimento
Quanto custa perder o que mais se ama.
Nem ouso duvidar, é morto, é morto...
Mas porque hei de nutrir tão negra idéa?
Sinval, Sinval, talvez, menos sensivel
Ao annuncio cruel da minha morte
Do que eu fui ao rumor fatal da sua,
Resistir poderia... e consolar-se.
Capaz de amar como eu quem ha no mundo?
Que disse! Póde ser que já captivo
De outro objecto... nos braços de uma esposa...
Que horror! Oh céos! Faltava-me o ciume!
E em zelosa paixão tambem me abrazo!
Aonde me arrebata um amor cego,
Que tudo sacrifica a seus furores!
Só deplóro o meu mal n'este momento...
Ah! Nada, senão tu, Sinval, me importe;
Vive, e morra Constança. Em te esqueceres
De mim não és ditoso? Eu quereria
Ás minhas afflicções associar-te!
Ai de mim! Que, indecisa em meus desejos,
Sem valor, sem razão, sem alvedrio,
Sempre mais infeliz, mais criminosa,
Não distingo, não sei se antes quizera
Morto a Sinval, que vivo, e de mim longe...
Não, não posso domar a atroz suspeita.

Vêde minha paixão, minha loucura;
Imaginastes dar-me algum conforto,
E augmentastes, senhora, o meu martyrio.
Todos os fógos, os venenos todos
Me abrazam, me devoram, me consomem;
Phrenética me aparto dos altares,
Onde jurei soffrer meu jugo eterno;
Off'reço o peito á setta, que o traspassa,
Desesperado amor é quem me inspira...
Ancêa-me este véo... o esposo ultrajo,
Ultrajo um Deus... temendo-lhe o castigo.

SCENA III

As mesmas, Cecilia

CECILIA (1)

O ministro, em quem brilha um zelo santo,
O orgão do céo, Theótimo, o prudente...

EUPHEMIA

Já chegou? (2)

CECILIA

Brevemente ha de fallar-vos.

EUPHEMIA

Ah! Se elle me tornasse o meu socego! (3)
Suspiro pelo vêr, e por ouvil-o,
Por descobrir-lhe esta alma, por mostrar-lhe
Meus desgostos, meus erros...

CECILIA

Dizei antes
Delictos, attentados, que mui tarde
Costuma Deus punir, mas não perdôa.

(1) A Euphemia.
(2) Com ardor.
(3) Do mesmo modo.

EUPHEMIA

Ai! Sempre haveis de armar-lhe a mão piedosa?

CECILIA

Eu antes que Theótimo vos veja
Preciso de fallar-lhe. Ide, e lembrae-vos
De que o céo já se enfada de soffrer-vos,
E talvez um momento, um só momento
Tenhaes para expiar a horrenda culpa.
Quando fôr tempo mandarei chamar-vos.

EUPHEMIA (1)

Ah minha irmã!

CECILIA (2)

Privae-vos d'esse nome.
Minhas irmãs o meu exemplo seguem,
E a mão do Omnipotente as abençôa.
Ide. (3)

SCENA IV

CECILIA

Oh Deus vingador! Castiga o crime,
Fogo dos céos a victima consuma:
Pedem tua justiça, e tua gloria
Que, apezar da clemencia, a dês á morte.
Para te conhecerem, vibra, espalha
A chamma de teus raios sobre a terra,
Em logar de saudavel, doce orvalho.
Pouco te manifestas na indulgencia:
Reconhece-se um Deus pelos castigos.
Euphemia attráe o anathema horroroso,
Deve-se á tua altissima grandeza
Ingenua adoração, pura homenagem,
E eu, prostrada ante as aras, a que desces,
Submissa ás tuas leis, te sirvo, e temo.

(1) Em tom mavioso.
(2) Com soberba e indignação.
(3) Euphemia, cheia de afflicção, é conduzida por sua mãe, que a leva entre os braços

SCENA V

Theótimo (1), Cecilia

CECILIA (2)

Perdoae-me, senhor, se eu interrompo
O vosso respeitavel ministerio
Chamando-vos aqui, quando os altares...

THEÓTIMO

O primeiro dever é sermos uteis:
Pia mão, de que o proximo careça,
Deve pôr o thuribulo de parte.
Que me quereis?

CECILIA

Segundo a vossa fama...

THEÓTIMO

Meus ouvidos não andam costumados
A estylo similhante. Esses obsequios,
Essas adulações são para o mundo,
Que o seu orgulho vão mantém com ellas.
A verdade é quem deve dirigir-nos,
Os meios de enganar não nos pertencem.
Não tenho mais do que um desejo esteril
De valer aos mortaes, já vol-o disse.
Que motivo a chamar-me vos obriga?

CECILIA

Minha alma, submettida a seus deveres,
Fiel, temente a Deus, não é que invoca
O vosso auxilio: quem precisa d'elle
E' uma nossa irmã, que, presa ao mundo,
Vergonhosa paixão conter não póde,

(1) Tem um ar contemplativo, e traz a cabeça inteiramente occulta com o habito.
(2) Caminhando para Theótimo, e inclinando a cabeça.

Que leva um feio escandalo aos altares,
Que espalha o máo exemplo, a rebeldia
De um coração, indocil a seus votos,
Que arde n'um fogo, que apagar devêra,
Obedecendo aos céos, emfim... que morre
De um louco amor...

THEÓTIMO (1)

E' digna de piedade!

CECILIA

Desejára, senhor, que vós com ella
Usasseis do terror, e do ameaço
Em nome de um Deus justo, e de vingança:
Que oppozesseis a cholera divina
Á sua paixão cega, e lhe mostrasseis
O raio accezo já, o inferno aberto...

THEÓTIMO

Antes lhe mostrarei, para attraíl-a,
Um Deus digno de amor, que nos perdôa.

CECILIA

E julgaes esse methodo seguro?

THEÓTIMO (2)

Confiae-vos n'uma alma... que, sensivel,
Ha de, co'a protecção do Omnipotente,
Co'a luz do céo reconduzir ao jugo
Vossa irmã desgraçada, e lamentavel.
Eu a espero.

(1) Com um suspiro.
(2) Com alguma pausa.

SCENA VI

THEÓTIMO

Que orgulho! Que dureza!
Na sua devoção bravia, amarga
Ella imagina um Deus, que rigoroso
Lhe troveja na boca! E não veremos
Jámais um doce vinculo enlaçar-te,
Divina religião, co'a natureza?
Sempre em nome do Eterno hão de haver odios?...
Oh miseros humanos!

SCENA VII

Theótimo, Sophia

THEÓTIMO

O céo mesmo
Se dispõe, minha irmã, para escutar-vos,
Para dar lenitivo ás vossas penas.

SOPHIA (1)

Sei a minha fraqueza, ou o meu nada;
Dos celestes soccorros necessito:
O humano coração sempre anda em guerra.
Conheço muito bem, que estamos sempre
Em risco de caír pela cegueira
Com que a nossos sentidos nos prendemos:
Mas a desgraça de uma irmã, que chóro,
E' o objecto, que a vós, senhor me guia:
Ella requer, gemendo, o vosso auxilio.
Ah! Vêde se abrandaes seu duro estado:
Contínua languidez lhe gasta a vida.
Venho implorar-vos a favor da triste,
Digna de amar um Deus, que vê seu pranto.
Um coração, sensivel por extremo,
Deu motivo a seu mal, aos seus desastres.

(1) Com modestía.

Vós é que podereis esclarecer-lhe
O espirito enlutado, e consolal-a,
Erguendo-lhe a vontade, o pensamento
Áquelle, que merece os nossos cultos,
Ao Deus, que satisfaz nossos desejos.
Dignae-vos por quem sois de afiançar-lhe
A clemencia dos céos, e perdoae-me
Se temeraria toco a luz sagrada.
Com que vindes piedoso illuminar-nos:
Mas... eu de minha irmã conheço o genio;
Facilmente ao terror...

THEÓTIMO

Que se esperance
No Deus, a cujo amor tão docemente
Chamaes os corações. Eis a linguagem
Da pura religião. Quanto horrorisa
O impio zelo de espirito intractavel,
Que, não podendo amar um Deus benigno,
Sempre contra os mortaes o finge armado!

SCENA VIII

Euphemia, (1) Theótimo, Sophia

SOPHIA (2)

Eil-a. (3) Não, não temaes, querida amiga,
Vinde, o céo condoido vos protege,
Sua graça efficaz por vós espera:
Abri-lhe o coração. Já possuimos
Este consolador sancto, e piedoso; (4)
Eu vos deixo com elle... (5) Oh Pae supremo!
Exerce o teu poder: n'este triumpho
Interessa, meu Deus, a gloria tua.

(1) Traz o véo caído no rosto, e vem andando com temor.
(2) A Theótimo, mostrando-lhe Euphemia.
(3) Caminha para Euphemia, dá-lhe a mão e movem ambas alguns passos pelo theatro.
(4) Conduzindo-a para Theótimo.
(5) Retirando-se.

SCENA IX

Theótimo, Euphemia (1)

THEÓTIMO

Chegae, prezada irmã. Que vos sossóbra?
Meu gosto, meu dever é confortar-vos,
Ter parte em vosso mal, dar-lhe remedio.
As humanas paixões quem não conhece?
Ah! Quem é tão feliz, que não sentisse
Jámais as amargosas consequencias
D'esses prazeres vãos, que nos illudem?

EUPHEMIA (2)

Ai!

THEÓTIMO

Valor, minha irmã, communicae-me
Vossas tribulações, fallae sem susto.
Mais de uma esposa do Senhor, mais de uma,
Como vós suspiraes tem suspirado.
Está comvosco uma alma compassiva;
Sentae-vos.

EUPHEMIA (3)

Ai de mim! Não sei por onde
Hei de principiar... Tendes á vista
Uma esposa sacrilega do Eterno,
Uma infeliz mulher, que ora se humilha
A' face dos altares, ora os foge;
Que oppõe laço profano ao sacro jugo;
Que anda sempre comsigo em viva guerra,
Obrigada, attraída, já da culpa,

(1) Euphemia mostra-se perturbada, está ainda longe de Theótimo, e tem sempre o véo caído.

(2) Dando alguns passos, e levando o lenço aos olhos.

(3) Pára um instante, e senta-se depois; Theótimo faz o mesmo. As suas cadeiras estão em alguma distancia Euphemia dá um grande suspiro, e fica alguns momentos calada.

Já do arrependimento; em vão luctando
Co'uma paixão violenta; o véo no rosto...
No peito... o amor... (1)

THEÓTIMO (2)

O amor... é necessario (3)
Vencêl-o...

EUPHEMIA

Porém como?

THEÓTIMO

É necessario (4)
Um divorcio total co'a natureza:
Os nossos corações a Deus competem.
Das sagradas verdades prescindamos
Um momento, valendo-nos sómente
Do que a luz da razão nos apresenta.
Examinemos, pois, as consequencias
Da paixão, que produz tantas desgraças,
Do amor, que nos convida ao precipicio,
Cobrindo-o de mil flores: ah! Que esperam
Os tristes corações a amor entregues?
O interesse, o perjurio, ou o capricho
Nos privam do que amamos... e se acaso (5)
Ardemos em reciproca ternura,
Eis a morte... (que dôr!) a cruel morte
Nos rouba para sempre aquelle objecto,
Que os nossos pensamentos encantava;
Ella surda... insensivel a gemidos...
Irmã, sómente a Deus amar devemos. (6)

EUPHEMIA

Elle me falla pela vossa bocca:
Mas não podeis saber do amor qual seja...

(1) Diz estas palavras em voz baixa.
(2) Perturbado.
(3) Socega-se.
(4) Continuando.
(5) Embaraça-se-lhe aqui a voz.
(6) Depois de uma grande pausa, e arrebatadamente.

THEÒTIMO (1)

Sei... (2) fallae, minha irmã: E ha quanto tempo (3)
No santo domicilio da virtude
Conservaes esse affecto perigoso?
A amisade vos ouve: abri com ella
O vosso coração.

EUPHEMIA (4)

Minha alma anciosa...
Alimenta este fogo ha já dez annos.

THEÓTIMO (5)

Ha já dez annos!

EUPHEMIA

Meu amor se augmenta
Com meus dias. Em vão para vencel-o
Uno todas as armas; em vão clamo
Pelo favor do Altissimo; em vão régo
Com lagrimas seu templo, seus altares,
E o leito funeral, d'onde commigo
Se ergue o crime, e o remorso: ao sanctuario,
Ao proprio sanctuario me acompanha
Este amor implacavel! Mesmo agora,
Agora a vossos pés mais do que nunca
Me desatina, e sinto repassado
Todo o meu coração d'este veneno.
Pouco mais de tres lustros contaria
(Ai de mim!) quando amei, e fui amada;
E quem, quem me off'recia a mão de esposo?
Quem jurava a meus pés amor tão puro,
Tão fiel, tão suave?... O mais perfeito,
O melhor dos mortaes: n'elle brilhavam
Todos os dons do céo, da natureza:
Virtuoso, gentil, amavel, digno
Até de adoração...

(1) Vivamente.
(2) Torna em si.
(3) Mudando de tom.
(4) Com voz languida.
(5) Com um suspiro.

THEÓTIMO (1)

Ah! Moderae-vos,
Minha irmã; que dizeis! Escandecido
O vosso coração ..

EUPHEMIA

Sempre está cheio
D'esta imagem fatal. Eu desejára. .
Oh Deus eterno! A meu pezar te ultrajo...
As tochas do hymenêo já se accendiam,
Formavam-se no altar os laços puros,
Que haviam de ligar-nos para sempre:
Quando mão poderosa... que venero,
Subito os despedaça, e com violencia
Levando ao summo gráo minha agonia,
Nos divive, e n'um claustro me sepulta.
Saio, emfim, d'este carcere, mas tórno
Pouco depois a elle, e para nunca,
Nunca jámais apparecer no mundo,
Para avivar na solidão o incendio
D'um infeliz amor desesperado,
Para morrer tragada, e consumida
De negros melancholicos furores.
Tinham-me dito (oh céos!) que o dôce objecto
De meus ternos suspiros era morto...
Elle vive, elle gosa a luz do dia,
A luz, que brevemente ha de faltar-me.
Devia esta noticia dar-me allivio,
Devia... minha dôr não tem remedio,
Não tem... posso morrer, porém vencer-me,
Desterrar da minha alma estas memorias,
Effeitos de indomavel sympathia,
Detestar o meu crime... ah! Não, não posso...
Amo cada vez mais. (1)

THEÓTIMO

Oh desgraçada!
Que piedade me inspira a vossa angustia!
Ah! Devo-a lamentar. Se vós soubesseis...

(1) Vivamente.
(2) Chorando, e com a cabeça inclinada sobre as mãos, que tem juntas.

Perturbado eu tambem... dentro em minha alma,
Dentro em meu coração cáe esse pranto.
Sim, eu choro comvosco: á minha custa
Aprendi a carpir essas desgraças...
Triste lembrança, ainda me persegues!
Ia perdendo o acordo, irmã... E eu devo
Suster a compaixão, que vos desculpa.
A voz do meu sagrado ministerio
Com lastima vos mostra o precipicio
A que proxima estaes. Arrancae d'alma
O pernicioso amor, cujos transportes
(Ainda os mais suaves) são furores.
E crime muitas vezes, é fraqueza
Quasi sempre, e é em vós um attentado
Contra o céo. Minha irmã, já vol-o disse:
Deus só deve attraír nossas vontades,
Reinar, viver em nós, desvanecer-nos
Estas chiméras, e illusões do mundo:
Em Deus, sómente em Deus, é que se funda
O puro amor, e a sã felicidade...
E vós, vós sua esposa, á face d'elle
Perjura conservaes profanos laços!
O sacrario, onde jaz, onde repousa, (1)
E este claustro, esse véo, tudo, emfim tudo,
Como que quer fallar para accusar-vos;
Tudo a vossa ignominia, e vosso pranto
Conduz ao tribunal de um Deus zeloso:
Elle contas vos pede, ergue a balança,
Péza os favores seus, vossas fraquezas,
Desatinos, traições: ah! Que resposta
Lhe dareis?

EUPHEMIA (2)

Esperae, santo ministro.
Que me cumpre fazer para applacal-o?
Dizei, dizei, que eu me resigno a tudo.

THEÓTIMO

Esquecer esse objecto... (3)

(1) Aponta para o altar.
(2) Perturbada.
(3) Enternecido.

EUPHEMIA

Ah! esquecêl-o!

THEÓTIMO

Consumir té o minimo vestigio
De uma imagem tão cara, e tão nociva
Ao vosso coração; n'uma palavra,
Remover, desterrar tudo o que póde
Nutrir essa paixão peccaminosa,
Fazer-vos mais difficil o triumpho.

EUPHEMIA

Do mundo, e dos sentidos affastada,
Ao pé do meu sepulchro, em ais desfeita,
Sem offender o céo guardar não posso
De um amor infeliz os testemunhos?

THEÓTIMO (1)

A minima lembrança é um delicto.

EUPHEMIA (2)

Pois não quero enganar ao Deus, que me ouve.
Sim, cruel... arrancae-me o coração. (3)
Eis estes monumentos... da mais viva,
Da mais doce ternura, eis estas cartas, (4)
Ainda humedecidas de meu pranto,
Guardadas atégora .. no meu peito,
E unico allivio de um amor funesto...
É preciso (ai de mim!) que eu perca tudo,
É preciso apurar o meu tormento. (5)
Tomae-as, mas debalde as sacrifico,
Que no meu coração as trago escriptas...

(1) Em tom compassivo.
(2) Com fervor e intrepidez.
(3) Leva a mão ao peito.
(4) Tira do peito um maço de cartas.
(5) Dando-lhe as cartas.

Ah! Morrerei de as dar... mas não importa:
A minha morte, oh céo, ha de abrandar-te.
Lêde, lêde, e julgae se amar devia... (1)
Não respondeis!... Fallae... senhor... minha alma... (2)
Ai! Tem no rosto a pallidez da morte!...
Deus, castigal-o-has tu por apiedar-se
Das minhas afflicções? E' necessario (3)
Soccorrel-o. . (4) Sinval! Não posso... eu morro... (5)

THEÓTIMO (6)

Tórno a ver o meu bem! Constança é viva!
Eu estou a seus pés! Embora, embora (7)
Se escandalise o céo: meu juramento,
Minha prisão, meus votos se quebraram,
Oh santa religião!... Já não te attendo.

EUPHEMIA (8)

Sinval!... E's tu! Sinval... (9)

THEÓTIMO (10)

Sim, minha amada,
Sim, sou eu que te adoro, eu, que ha dez annos,
Consumido de amor, e de tristeza,
Não deixei de carpir-te um só momento;
Sou eu, sou eu, meu bem, que ao menos quero
A teus pés expirar.

(1) Em quanto ella diz estes ultimos versos, Theótimo olha para as cartas, e desmaia sobre a cadeira.
(2) Levanta o véo.
(3) Corre para elle.
(4) Theótimo tem agora a cabeça inteiramente fóra do habito.
(5) Vai tambem cair desmaiada sobre a cadeira.
(6) Tornando a si pouco a pouco, abre emfim os olhos, volta-se para Euphemia, e corre arrebatadamente a lançar-se a seus pés, pegando-lhe na mão, que banha de lagrimas.
(7) Com furor.
(8) Recobrando os sentidos.
(9) Ella recáe no mesmo desfallecimento.
(10) Ainda a seus pés.

EUPHEMIA (1)

Ai triste! Aonde
Nos reúne o destino! Sem podermos
Dispôr de nós... ah!... Morreremos juntos.

THEÓTIMO

Não, tu não morrerás, não, vive... vive
Para ver-me adorar tuas virtudes,
Teus encantos...

EUPHEMIA

Que dizes, desgraçado?
Que insania! Treme, e vê quem nos separa.

THEÓTIMO (2)

Tornaremos a unir-nos, tornaremos. (3)
Sem me esquecer de ti, fui captivar-me.
Triste, e falsa noticia acreditando,
Sim proferi no altar um voto acerbo;
Porém o meu primeiro juramento,
Dos juramentos meus o mais sagrado
Foi adorar-te sempre... e hei de cumpril-o.

EUPHEMIA (4)

Amarmo-nos! ardermos n'um profano,
Abominoso amor, que os céos affronta!
Que intentas?

THEÓTIMO (5)

Inda ser mais criminoso;
Romper todos os laços, que me opprimem;
Remir um coração, que te pertence;
Excitar-te a saír de um férreo jugo;
A deixar n'este carcere penoso
Gemer tuas irmãs, essas escravas;

(1) Olhando em roda.
(2) Erguendo-se arrebatadamente.
(3) Em tom accelerado.
(1) Erguendo-se.
(2) Com todo o furor da paixão.

Arrancár-te d'aqui, cruzar os mares;
Correr, se fôr preciso, ao fim do mundo;
Buscar algum remoto, escuro sitio,
Um rochedo escarpado, ou erma gruta,
Onde, desopprimindo os meus desejos,
Contente de te amar, e todo entregue
Ao terno, ao deleitoso sentimento,
Que enfeitiça a minha alma, eu possa, eu possa
Dar-te, á face dos céos, a mão de esposo. (1)
Sim, a propria verdade é que ha de unir-nos:
O suave hymenêo foi a primeira
Precisão, que sentiu a Natureza.
Ella nos prestará seus beneficios,
E para conservarmos nossos dias
Não nos ha de, meu bem, ser necessario
Solicitar a languida piedade;
Soberbos corações em paz deixemos
Gosar de uma riqueza insultadora.
Viviremos, Constança, viviremos
Isemptos da baixeza, e da penuria.
Amo: espera de mim todo o possivel.
Nenhum estado é vil para quem pensa:
A villeza consiste só no crime.
Minhas mãos... minhas lagrimas o seio
Da terra abrandarão, que, a ti propicia,
Ha de corresponder aos meus suores.
O nosso protector, o Eterno, o justo,
O amigo, o pae de todos, as primicias
Terá dos nossos simplices trabalhos.
Cada vez mais fieis, mais fervorosos,
Mais felices, mais ternos, louvaremos
Um Numen bemfeitor. Os nossos filhos
Hão de este puro obsequio repetir-lhe:
A amal-o como pae lhe ensinaremos.
Confiemo-nos, pois, no sacrosancto
Senhor dos corações, senhor de tudo,
Que alimentou sem duvida até'gora
Um innocente amor. Antes que o mundo
Sentisse a conjugal necessidade
Minha alma por destino era já tua.

(1) Com vivacidade.

Oh Deus! Ouso attestar tua grandeza (1)
Sobre este mesmo altar (2). Eis, eu o juro,
Eis a esposa a quem amo, a quem me entregam,
Me ligam para sempre o céo, e a honra,
Vem, (3) segue-me.

EUPHEMIA (4)

E' Theótimo quem falla?

THEÓTIMO

Não, quem falla é Sinval... o amor furioso.

EUPHEMIA

Que me propões?

THEÓTIMO

O bem, e o gosto de ambos.

EUPHEMIA

Dize a ignominia. Ah! Eu, que desespero,
Que deliro, que morro de ternura,
Eu é que hei de salvar tua virtude
De uma indigna fraqueza; desviar-te
De horrivel precipicio, a que caminhas,
E recordar-te as leis, as leis sagradas,
Que infringes? Sáe d'aqui. (5)

THEÓTIMO (6)

Ouve-me, escuta...

EUPHEMIA

Ah! Vae-te, não te attendo. (7)

(1) Depois de estar calado um pouco.
(2) Põe uma das mãos sobre o altar, e com a outra péga na de Euphemia.
(3) Para Euphemia.
(4) Parando.
(5) Dá alguns passos para se retirar.
(6) Seguindo-a.
(7) Desviando-se.

THEÓTIMO (1)

Has de attender-me...

EUPHEMIA

Vae, parte, foge... attonita a minha alma...
Voto, escripto no céo, queres que abjure?
Não, sóme-te, infeliz, nem mais me vejas,
Não deixes nem vestigio de teus passos,
Vôe da minha idéa até teu nome...
Caro amante... que disse!... Ah! E' forçoso
Separar-nos; adeus... vae, foge... deixa
Que eu morra, e... vive tu para chorar-me;
Vive, deixa-me... sê fiel ministro
Do Senhor. (2)

THEÓTIMO

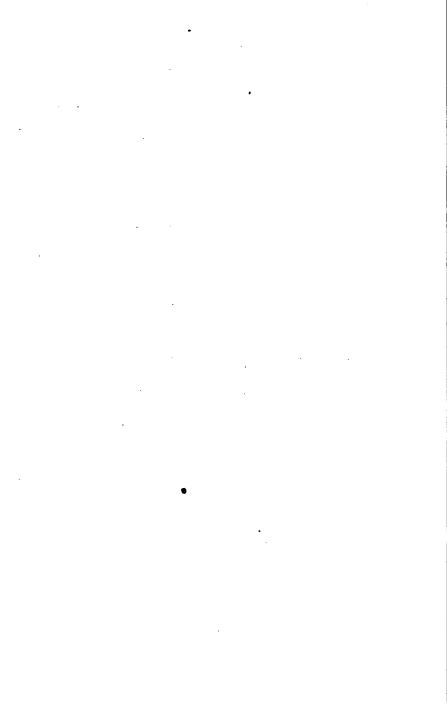
Não te deixo, inda que um raio
Me abraze. (3)

EUPHEMIA

Que cegueira! Ah desditoso!
Que queres?

THEÓTIMO (4)

Ou morrer, ou possuir-te.

(1) Seguindo-a.
(2) Dá alguns passos e pára.
(3) Euphemia caminha para o fundo do theatro, e Theótimo corre para ella furioso.
(4) Seguindo-a sempre.

ACTO III

Ergue-se o panno. O Theatro representa um carneiro como os que ha ainda nas nossas egrejas antigas. N'elle se descobrem muitos tumulos de differentes fórmas, alguns arruinados pelo tempo; sepulchros meios abertos, cujas pedras estão em grande parte quebradas; as paredes cheias de epitaphios; a um dos lados da scena ha uma escada com grades, ou balaustres de pedra; defronte da escada uma abobada subterranea, e escurissima. Na extremidade do carneiro se descobrem tambem outros sepulchros e pilares, que tem em cima urnas, emblemas da eternidade; uma d'estas columnas está á boca do Theatro. Notar-se-ha, que os sepulchros ficam nos lados da scena, para não occultarem ao espectador cousa alguma da acção, que se finge na alta noute.

SCENA I

EUPHEMIA (1)

Rodeada de tumulos... de horrores,
Quasi sem tino... trémula... indecisa...
Do remorso... e do inferno acompanhada...
Pelo clarão... da morte... os passos guio... (2)

(1) Apparece no tôpo da escada, com uma luz na mão, e extremamente anciada. Olha á róda de si, ergue os olhos para o céo, caminha, tremendo, desce alguns degráos, torna a olhar para o céo, encosta-se, como opprimida pela afflição, primeiro com uma das mãos, depois com a cabeça nas grades da escada; á força de grandes impulsos tenta retroceder; cáe em um dos degráos, dando um gemido, fica alguns instantes n'esta situação dolorosa, levanta-se, continúa a descer com a mesma perturbação, e dá alguns passos pela scena.

(2) Dá alguns passos.

Porque, porque não vem ferir-me ainda? (1)
Que promessa, meu Deus, soltei da boca!
Soltei do coração! E inda respiro!
Céos! Prometti... amar... quebrar... meu voto!
Hoje... logo, o maior dos meus delictos
Ha de ser consumado! Eu fujo, eu deixo
O santo asylo meu! Sinval por esta (2)
Sombria, horrenda abobada, que fóra
Dos claustros vai findar, favorecido
Da escuridade, e solidão da noute,
Ha de vir ter comigo, e para sempre
Esquecido de si, do meu estado,
De Deus, do mesmo Deus, ha de roubar-me...
E para sempre! E a hora... a hora é esta!
Oh momento fatal, que me horrorisas!
Desertora do altar, perdida amante,
Accuso minhas mãos de vagarosas
Por me não terem arrancado ainda
Da fronte sem pudor este véo sacro,
Veneravel penhor de uma fé pura;
Eu vou substituir-lhe os vãos enfeites
Da traição, do perjurio, os signaes todos
Do errado mundo, e da arte seductora,
Indignos monumentos do meu crime,
E da minha deshonra! Vagueando
De clima em clima, extranha em toda a parte,
E desprezivel a meus proprios olhos,
Eu me exponho, eu me arrisco, eu me sujeito
Aos males da desgraça, e da ignominia,
Ao destino do apóstata, á funesta
Precisão de abjurar a minha patria,
Meu nome, a probidade, e até... Deus mesmo.
Dada a cegos delirios, abandono
Minha mãe, de quem eu com meus desvelos
Mantinha a vida, consolava as magoas;
Deixei-a morrer de dôr, e de penuria... (3)

(1) Põe a luz sobre um sepulchro de fórma quadrada; encosta n'elle as mãos, e a cabeça por algum tempo, ergue-a depois, deixando uma das mãos sobre o sepulchro, e olhando para o céo.
(2) Voltando os olhos para a abobada.
(3) Affasta-se do sepulchro arrebatadamente, e vem ao meio do theatro.

Quem se esquece de Deus, da mãe se esqueça...
Não, lembre-me o dever, e o juramento...
Oh Deus! O teu poder em mim recobra,
Triumpha de Sinval, subjuga Euphemia,
E... dil-o-hei?... Só a ti prende a minha alma.
Não me exp'rimentes mais... Deus soberano,
Poderás tu soffrer competidores?
Anniquila a traição da insana amante,
E da esposa leal a fé reanima;
Ceda ao sagrado amor o amor profano;
Ou decreta o meu fim, manda que eu morro... (1)
Morrerei, morrerei, que não me custa
Perder de infausta vida o resto inutil...
Mas perder meu amor, Sinval! Perder-te!
Negar meu coração aos teus affagos,
Privar-me do prazer de ser só tua,
De fazer-te feliz, de consolar-te,
De te amar sempre mais!... Não é possivel.
Apura o teu rigor, oh Deus severo,
Dóbra-me as afflicções, tira-me a vida
Que não has de apagar minha ternura... (2)
Ah! Mulher cega! Aonde te arrebata
Um phrenesi, que os raios desafia?
Attreves-te a dizer que a mão do Eterno
Não póde reprimir o impeto, o fogo
Da paixão, que os sentidos te rebella!
Elle já te não quer por sua esposa;
Farto de te soffrer, de si te expulsa;
Não julgues, que é comtigo o que era d'antes:
E' teu senhor, é um juiz supremo,
Que profere, cholerico, a sentença
Da tua morte. Espera, Deus terrivel...
Mas que! O coração sem aggravar-te (3)
Não póde aproveitar sua existencia,
Dar-se ao prazer de amar, de ser amado!
Quem accendeu o amor não foi teu sôpro?
Sim, sim, tu o creaste em nossas almas
Para nos consolar, para enxugar-nos

(1) Com impeto.
(2) Vem ao meio da scena, unindo as mãos, e erguendo-as logo para o céo.
(3) Com ternura.

As lagrimas, e dar mais preço á vida.
Tudo nos annuncia a magestade,
A perfeição de um Deus, sua grandeza,
Seu poder; mas o amor, o amor sómente,
É quem nos faz sentir sua bondade.
Adoro o meu senhor, presa a teu jugo;
Mas de Sinval a esposa te amaria
Talvez mais... (1) ah sacrilega! Prosegue,
Insulta, insulta os céos... ludribio triste
De um coração, perdido em seus desejos,
Já não sei da razão, debalde a busco... (2)
E inda não vem Sinval... ah! Não, não venha, (3)
Fuja-me... para sempre... e eu o desejo!
Não quero vêl-o mais! Eu! Oh ternura!
Oh dever! Oh Sinval! Oh Deus! No crime,
No mpio crime recáio a cada instante,
E á guerra dos indomitos sentidos
Não póde resistir minha fraqueza... (4)

SCENA II

Euphemia, Theótimo (5)

THEÓTIMO

Meus olhos inquietos em vão buscam
Constança; quem m'a esconde?... Mas que vejo! (6)
Em que estado!...

EUPHEMIA (7)

Ai! És tu?...

(1) Dá alguns passos.
(2) Encaminhando-se para a abobada.
(3) Torna para o pé do sepulchro.
(4) Cáe como desfallecida, estendidos os braços sobre um dos degráos do sepulchro.
(5) Vê-se vir saindo da abobada, e avisinhar-se com todas as mostras de inquietação. Adianta-se, e lança os olhos para toda a parte. A scena está frouxamente alumiada.
(6) Vendo-a, e correndo para ella.
(7) Como tornando a si da oppressão em que estava.

THEÓTIMO

Sou eu, querida,
Sou eu, o teu amante, o teu esposo,
Que para sempre as lagrimas te enxuga.
Porque estás tão afflicta, e consternada
N'este instante feliz?

EUPHEMIA (1)

Porque?

THEÓTIMO (2)

Fujamos
De um logar, tão terrivel, tão funesto.
Tudo está prompto já.

EUPHEMIA (3)

Tudo está prompto!

THEÓTIMO

Recobra a liberdade, ergue-te, vamos; (4)
Alguns fieis amigos nos esperam:
Vê, que a minha ventura, a minha vida
Dependem só de ti, não te demores... (5)

EUPHEMIA (6)

Sinval!...

THEÓTIMO

Suspiras! Choras! E não queres
Tocar a minha mão!... Tu prometteste...

EUPHEMIA

Eu prometti... morrer.

(1) Olhando-o com ternura.
(2) Offerecendo-lhe a mão.
(3) Com perturbação.
(4) Ergue-a.
(5) Quer pegar-lhe na mão, e Euphemia foge com ella.
(6) Encostada ao sepulchro, e olhando chorosa para Sinval.

THEÓTIMO

Meu bem, minha alma,
Já não ardes como eu? Já me não amas?

EUPHEMIA (1)

Ah cruel! Ah! Sinval! Querido amante...
Só Deus é teu rival, só Deus.

THEÓTIMO

Que intentas
Dizer n'isso? Não és a minha esposa?

EUPHEMIA (2)

Sou a esposa de um Deus, que me prohibe
Ser de outrem.

THEÓTIMO

Porque mão elle me fere!
De que fallas? De um nó, que o artificio,
Que a perfidia, ligando-se á justiça,
Que um engano, tramado iniquamente,
Te induziu a apertar contra teu gosto!
Antes, antes que a Deus te consagrasses
Tu me déste palavra de ser minha;
Desmente-me.

EUPHEMIA

E' verdade, eu desejava
Em ditoso hymenêo comtigo unir-me;
Mas dize-me, responde: se Constança,
Conduzida aos altares por violencia,
A outro désse a mão, que tu reclamas,
E se a elle o dever me submettesse,
Inda que a meu pezar, para annullares
Esta união, Sinval, que jus terias?

(1) Olhando para elle com a maior ternura.
(2) Affastada do sepulchro.

THEÒTIMO (1)

O jus mais bem fundado, o da vingança:
Ao aggravado amor licito é tudo;
Nem no teu coração me escaparia
O cruel roubador... sim, ali mesmo
Cem vezes um punhal lhe enterraria...
Mas este Deus, que adoro, a quem o mundo
Em damno meu faz cumplice de crimes,
Este Deus, que á boçal credulidade,
À sagaz impostura é um pretexto
De rigor, de dureza; este, a quem chamam
Indulgente, ou feroz conforme o querem,
Com ira vê dos céos almas grosseiras
Attribuir-lhe os erros, que são d'ellas,
E consagrar manias em seu nome.
O Immenso não forjou estas cadêas,
E', é desagradavel a seus olhos
Este jugo em que estão tantos escravos:
Um natural, um voluntario culto,
E não votos forçados, são o incenso (2)
Puro, e grato, que sóbe até seu throno.
Ingrata, era este Deus, este Deus justo
Quem, guiando-me a ti, quem, terminando
Nossas penas, queria em brandos laços
Converter-nos as rígidas correntes:
Elle para teus braços me attraía,
Nossa união constante elle ordenava,
Elle... tu não me attendes, e chorando... (3)
Senhora da minha alma, oh cara esposa!
Vê, que morro de amor, não me resistas: (4)
Vamos, não esperemos que amanheça;
Entrega-te a Sinval, que te idolatra;
Fujamos, sim, fujamos... (5) Continùas
Na mesma repugnancia!... Ah! Verdadeiro
Nunca foi teu amor; porém devias, (6)

(1) Com furor.
(2) Rapidamente.
(3) Com ternura.
(4) Péga-lhe na mão.
(5) Euphemia o deixa, e vai encostar-se á columna, que está para a bocca do theatro; Theótimo a segue.
(6) Tornando para o meio da scena.

Tyranna, sem lisonja, e sem disfarce
Mostrar-me um coração, que folga tanto
Com meu tormento horrivel; — sim devias
Oppôr-te ao vivo ardor, que me consome,
Rebater, destruir o meu projecto,
Saciar o teu odio, gloriar-te
Dos duros laços, que teceu o inferno,
Dizer-me em fim... que já me aborrecias,
Que fazer-me infeliz era o teu gosto,
Que a morte mais cruel me desejavas... (1)
Ah Constança! Estes golpes tão terriveis... (2)
Tu, tu é que m'os dás!

EUPHEMIA (3)

Querido amante...
Ouve, escuta, e não crêas, que Constança
E' capaz de fingir. Cedendo á força
Da paixão, que me abraza, e me envenena,
Sim, tudo prometti, e a teus desejos
Tudo sacrificava; resoluta
A seguir-te, e insensivel aos perigos,
Aos ameaços do mar, não duvidava
Até ao fim do mundo acompanhar-te;
Levar queria meu amor constante
Aos desertos mais tristes, mais sombrios.
Que comtigo agradaveis me seriam;
Esquecia por ti meu juramento,
Meu dever, minha vida deploravel,
A virtude, o socego, a patria, a honra,
Mil vezes mais preciosa do que a vida,
Tudo, em fim, até Deus, que sempre ultrajo;
Para maior desgraça agora mesmo
Mais que nunca, Sinval, te amo, te adoro:
Digo-o a este logar, que a morte habita,
Ao céo, de quem já sinto arder os raios...
Indo para caír desacordada
No horrendo abysmo, abriram-se meus olhos,
Vi... o meu crime atroz. Debalde clamas

(1) Com ternura.
(2) Chora.
(3) Tornando para elle apressadamente.

Contra o poder de um laço veneravel,
De um nó, que a religião, que a lei consagram. (1)
Sê meu juiz, Sinval; para ti mesmo
Appello; sentencêa, ousa esquecer-te
De que o árbitro meu é meu amante,
Ousa affastar o amor de teus sentidos,
Por elle subornados, e consulta
Tua razão, dez annos de virtudes,
Dez annos, que um só dia, um só momento
Vai destruir. Tu amas a justiça,
Amas a probidade; eia, decide:
Sinval, eu contratei com Deus, — Deus mesmo
Nos seus altares acceitou meu voto;
E tu, tu quererias, que, a despeito
Do juramento, que tão mal observo,
Com infame traição, longe das aras,
O solemne contracto desfizesse! (1)
Bem basta, grande Deus, para accender-te
A pavorosa cholera, bem basta
Co'um adultero obsequio profanar-te,
Nutrir a propensão para o perjurio,
Sem aggregar a audacia a meus delictos.
Não, Sinval, não te sigo; eu hei de ao menos
Respeitar a cadêa, que me liga,
Soffrêl-a, até que os céos em fim se dignem
De abafar esta chamma criminosa,
De apagar na minha alma a tua imagem,
Ou de ordenar que a morte me sepulte,
E sepulte comigo a minha affronta.
Se amas Constança, atreve-te a imital-a;
Contém o amor, e lida por vencel-o;
N'este esforço eu te admire, e tu me admires;
Do lethargo, em que jaz tua virtude,
E' tempo de acordal-a; ao céo te volve,
E mostra-me Theótimo: este nome
O teu dever, Sinval, e o meu te ensina:
Fallaram-te ambos já; mais nada escuto:
Eu devo a Deus, sem duvida, esta força;
Poderei recaír... livra a minha alma...

(1) Em tom grave.
(2) Dá alguns passos olhando para o céo.

Livra-me... de mim propria. . ah! Que profiro!... (1)
Sinval! Do meu amor sei a violencia.
Vai-te... adeus... separemo-nos... sáe, foge
Pelo mesmo logar... que em meu desdouro
Te deu entrada aqui .. (2) soffre que eu tenha
Sobre meu coração este dominio...
Adeus...

THEÓTIMO

O meu caminho não é esse, (3)
Féra. (4)

EUPHEMIA

Que dizes tu? Que é o que intentas? (5)
Teus olhos inflammados!... Onde corres?... (6)
Ah Sinval! Onde vás?

THEÓTIMO (7)

Satisfazer-te.

EUPHEMIA

Que! ..

THEÓTIMO (8)

Matares Sinval tu crês que é pouco;
Julgas leve castigo a minha morte;
Tua barbaridade exige, ingrata,
Sacrificio maior para fartar-se:
Queres que, sem morrer, em mim reúna
Os males mais crueis, e mais horriveis,
Os tormentos do inferno, eterna morte.

(1) Em quanto ella tem repetido a maior parte d'estes versos, Theótimo tem dado sempre diversas mostras de agitação.
(2) Chegando-se á abobada.
(3) Apontando para a abobada, e correndo furioso pelo theatro.
(4) Torna atraz.
(5) Elle corre para a parte anterior do theatro. Euphemia o segue.
(6) Elle se chega para a escada, e ella corre para elle.
(7) Voltando-se.
(8) Com impeto.

Tu sabes, tu conheces os furores
De alguns d'esses espiritos sagrados,
Que se nutrem de incenso, e fel a um tempo...
Corro a sacrificar-me á furia d'elles,
Corro a mirrar-me em lobrega masmorra,
A desfazer-me em lagrimas contínuas,
A maldizer ali minha existencia...
Vôem d'aquelle horror, grato á vingança,
Vôem de lá meus lugubres clamores
A teus duros ouvidos, e te arranquem
Vão arrependimento! Eu levo, eu levo
Meu coração a corações de bronze,
Para que o seu rigor n'elle requintem:
A confissão sincera do meu crime
Ha de atear-lhe a cólera, ha de armal-os
Em nome do seu Deus, de um Deus zeloso:
O claustro, que só victimas cubiça,
O claustro saberá meus erros todos,
Todos os meus delictos; vou dizer-lhe,
Que julguei religião, fervor celeste
Minha paixão; que, em fim, quando suppunha
Render á divindade um fiel culto
Adorava sómente a tua imagem:
Saberá que tentei quebrar teus ferros,
Que gemi a teus pés sem commover-te,
Que tens uma alma barbara, insensivel,
Que... de afflicção, de amor, de raiva morro;
E já vou... (1)

EUPHEMIA (2)

Ah! Detem-te.

THEÓTIMO (3)

Em vão o esperas.

EUPHEMIA (4)

Ouve...

(1) Encaminhando-se para a escada.
(2) Querendo detêl-o.
(3) Andando sempre.
(4) Seguindo-o.

THEÓTIMO

Deixa-me ingrata...

EUPHEMIA

Ah! Não me mates;
Cruel, tens coração para atterrar-me? (1)
Vê Constança a teus pés banhada em pranto,
Não me consternes mais.

THEÓTIMO (2)

O irresistivel
Poder das tuas lagrimas conheces. (3)
Já cêdo... porém (4) cumpre o meu desejo... (5)
Olha o pranto, olha a dôr, olha a ternura
Com que beijo teus pés, com que te imploro... (6)
Vem, fujamos d'aqui, meu bem, fujamos.

EUPHEMIA (7)

Que queres?

THEÓTIMO

Minha dita.

EUPHEMIA

Minha morte.

THEÓTIMO

Ah! dize a minha, se não vens ainda. (8)

EUPHEMIA

Que lance! Que combate! Que martyrio!
Oh minha religião!... Eu morro... espera,

(1) Lança-se-lhe arrebatadamente aos pés.
(2) Erguendo-a.
(3) Olhando-a amorosamente.
(4) Tornando para o meio da scena.
(5) Arroja-se-lhe aos pés.
(6) Ergue-se apressadamente, e aperta-a nos braços.
(7) Chorando.
(8) Puchando-a para a abobada.

Escuta-me, Sinval. Inda não sabes (1)
Que um triste azar, um subito infortunio
Trouxe a esta clausura ha poucas horas
Minha mãe?

THEÓTIMO (2)

Tua mãe! Que nome! A causa
Das nossas afflicções, dos nossos males!

EUPHEMIA (3)

Não, ella já mudou de sentimentos;
Sinval! E' minha mãe... ah! se fugimos
Fica exposta ao horrores da penuria.

THEÓTIMO (4)

Tu fallas em parentes co'um amante,
Comigo, que de nada me recordo,
De nada senão tu, que te idolatro,
Que nunca idolatrei senão Constança!
Ah! Que não tens uma alma egual á minha.
Não receies, que a misera indigencia
Afflija tua mãe. Eu te prometto,
Que, apezar da distancia em que estivermos,
Havemos de valer-lhe, soccorrel-a,
E... vamos, foge o tempo, e já por estas
Abobadas gretadas se conhece (5)
Que o dia vem nascendo.

EUPHEMIA

Eu ser prejura!...
Não posso... não... (6)

(1) Parando.
(2) Com assombro e indignação.
(3) Enternecida.
(4) Tendo parado com Euphemia.
(5) Puchando-a.
(6) Cáe sobre os joelhos, erguendo as mãos para Theótimo, como rogando-o.

THEÓTIMO

Já agora não me abrandas;
D'aqui, a teu pezar, hei de arrancar-te. (1).

EUPHEMIA (2)

Que fazes?... Ah Sinval... meu Deus!... Eu morro... (3)
Nas tuas ímpias mãos meu véo se rompe...
Espera... Oh céos!... A terra me devora. (4)

SCENA III

Euphemia, Theótimo, Sophia, a Condessa, Cecilia

SOPHIA (5)

Theótimo!

CONDESSA (6)

Sinval! (7)

EUPHEMIA (8)

Deus me castiga,
Derribou-me seu braço omnipotente,
Chamou-me aqui para julgar meu crime,
E aqui mesmo destróe minha existencia,
Aqui mesmo (ai de mim!) pôz o limite
Dos attentados meus, dos meus delirios;
Seculos de tormentos já começam

(1) Ergue-a com violencia, e caminha para a abobada.
(2) Chorosa.
(3) Desordena-se-lhe o véo.
(4) Uma das sepulturas, que estão na scena, se abre debaixo dos pés de Euphemia; parte-se a campa, e cáe com estrondo; Euphemia vai com ella, e fica com meio corpo dentro do sepulchro. A Condessa apparece na escada com uma luz na mão, e conduzida por Sophia.
(5) Encarando ambas n'elle.
(6) Escapa-lhe a luz da mão, e cáe nos braços de Sophia.
(7) Cecilia abre uma porta, que diz para a abobada, e recúa assustada. Euphemia e Theótimo estão cheios de terror, e isto faz com que não vejam os outros.
(8) Tornando um pouco a si.

A rolar para mim... a eternidade...
A eternidade horrivel se me ant'ólha...
N'este lugar medonho espero a morte...
Já tenho aberta a minha sepultura... (1)
Vai-te, homem criminoso, homem funesto;
Foge, e meu fim terrivel te abra os olhos.
Não sentiste n'essa alma endurecida,
Não sentiste da campa o baque horrendo!
Não viste a mão de Deus despedaçal-a
Debaixo de meus pés! Veiu elle mesmo
De teus profanos braços arrancar-me;
Elle me arremessou n'este sepulchro,
Para o seu tribunal elle me cita,
E comigo te arrasta; não, não has de
Escapar-lhe da espada vingadora...
Elle ameaça, o golpe está caindo;
A sua tocha eterna te persegue
Por entre estes horrores, e estas sombras;
Observa, treme, lê tua sentença
N'esses funéreos marmores escripta...
Eis o raio... eis o raio... elle rebenta,
Elle cáe sobre nós .. o inferno se abre...
Oh Sinval, que phantasmas horrorosos!
Milhões de espectros ante mim volteam;
Congregaram-se aqui todos os mortos,
Surgiram contra mim da sepultura;
Afferram-me... Esperae, eu vou comvosco,
Vou misturar co'a vossa a minha cinza;
Cessem de me accusar vossos lamentos...
Do céo não ha de a colera applacar-se!
Oh senhor do universo! Oh rei supremo,
De soffrer-me cançado! Em mim sómente
Entorna o calix das vinganças tuas! (2)
De Sinval, oh meu Deus, teu raio affasta,
E um remorso efficaz lhe expie a culpa. (3)
Ah mãe, querida mãe! Chegae, valei-me...
Sim, vós vêdes Sinval, que eu amo ainda.
Minha mãe, n'este instante... eu vos fugia,

(1) Theótimo a quer erguer, e ella o affasta de si com indignação.
(2) Com ternura.
(3) Voltando-se, vê a Condessa.

E violava os meus votos para sempre...
D'este sagrado asylo eu caminhava
Para o meu precipicio, eu seduzia
A Sinval para socio do meu crime...
Eu o obrigava... Deus, Deus, vagaroso
Em vingar-se de mim, veiu arrojar-me
Emfim n'este sepulchro... e n'elle quero
Morrer. (1)

CONDESSA

Oh céos!

THEÓTIMO (2)

Contempla o que fizeste. (3)

EUPHEMIA (4)

Ainda estás aqui! Ah! Que mais queres?
O céo ameaçará sem que te abale?
De triumphar de nós não é já tempo?
Réos, credores do anathema espantoso,
Rebeldes sempre a Deus, esperaremos
Que o trovão, que resôa, em nós estale?
Esperaremos o momento horrivel,
Em que ardente, penosa eternidade,
Vingando o céo, nos suma, nos devóre?
Da justa punição, que nos prepara,
Elle já me avisou: Sinval! Ah! Céde
Á minha voz, á voz do teu remorso,
Á vóz da religião, ás leis divinas,
A Constança, a ti mesmo; eu te confesso,
Pela ultima vez, que ainda te amo,
Mas que esta revoltosa sympathia,
Que o menor sentimento de ternura
Devo, e quero abafar. Se amor... que disse!
Se piedade te move, se em teu peito
Tem poder minhas lagrimas ainda (5),

(1) Lança-se sobre a campa, e abraça-a impetuosamente.
(2) Para a Condessa.
(3) Todas as personagens ficam algum tempo em silencio profundo.
(4) Olhando para Theótimo, e erguendo-se com furor.
(5) Theótimo se vai enternecendo.

Permitte-me, que leve ás santas aras
Meu pranto, meus remorsos, meus martyrios,
E que me sacrifique ao céo, que offendo ..
Tu choras, tuas lagrimas me acodem,
E te fallam por Deus, que te abre os braços,
Que ao coração te volve... ah! Não lh'o feches,
Sinval, vae a seus pés depôr teus males,
Vae... o arrependimento a Deus gloria.
Ha de a nossa amargura enternecêl-o,
Ha de applacar-se; demos mais um passo
Para elle, e o perdão é infallivel.

THEÓTIMO (1)

Triumphou; tens na boca a sua graça;
Eu cêdo a seu poder: para abrandar-me
De ti se serve, e tu me restitues
Ao dever, aos altares, a mim mesmo,
A dez annos de rigidas virtudes,
Que sem ti perderia. Em vão repugna
Meu coração, debalde quer oppôr-se,
Achar algum obstaculo... o teu pranto
Sobre este coração faz um milagre.
É força, pois... e attrevo-me a dizel-o!
É força renunciar... o amor... Constança!
Sim... deixar-te... fugir-te... emfim, privar-me
Para sempre de tudo quanto adoro;
Perder, longe de ti, a inutil vida,
Que aborreço; arrancar-te da minha alma...
Oh céo! E isto não basta? Que mais queres?

EUPHEMIA

Graças, benigno Deus, graças! Eu vejo
Theótimo outra vez.

THEÓTIMO

Ah! Que a virtude
Jámais esteve tão visinha ao crime:

(1) Chorando amargamente, e depois de grande pausa.

Meu triste coração bem o exp'rimenta.
Morrer é nada: observa quantos males
E' capaz de soffrer a humanidade;
Vê o abysmo espantoso, a que me arrôjo:
Eu me ausento, Constança, eu parto... eu fujo...
Eu te deixo... eu te perco... eu te obedeço...
Inda mais do que aos céos... Em fim... recebe
O meu eterno adeus .. sinto no peito
Mil mortes... eu te perco para sempre,
Quando... (oh céos!) quando nunca te amei tanto. (1)

EUPHEMIA (2)

Só me resta... morrer. (3)

SCENA IV E ULTIMA

Euphemia, A Condessa, Sophia, Cecilia

SOPHIA

Em fim, triumphas!
O dom da graça reforçou teu peito! (4)
Oh meu Deus! Attendeste ás minhas preces,
E a minha Euphemia ao numero ditoso
Dos escolhidos teus associaste.
Nós vinhamos, amiga, dar-te auxilio, (5)
Moderar tua dor; porém Deus mesmo
Se dignou de baixar do throno augusto
A aplanar-te o caminho da victoria.
Gosa, pois, da maior felicidade,
Que é licita aos mortaes. Este conflicto,
Em que a mais forte das paixões domaste,
Firma o poder da religião sagrada.

(1) Sáe violenta, e precipitadamente.
(2) Seguindo-o com os olhos até o perder de vista.
(3) Cáe com os braços estendidos sobre uma das pedras sepulchraes.
(4) Abraçando Euphemia com transporte.
(5) A Euphemia.

CECILIA

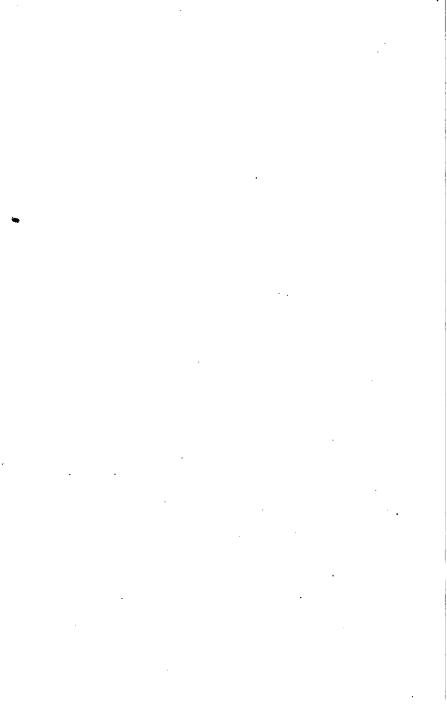
Um tão sublime esforço me confunde! (1)
Eu lhe observava cautamente os passos
Por entre a escuridade; a sua fuga
Eu é que a revelei: mas, obrigada
A admirar-lhe a constancia, reconheço
Que a virtude é aos céos mais agradavel
Depois de combater.

SOPHIA (2)

Mas eu a sinto
Trémula... sem acordo entre meus braços!...
Tem no pallido rosto impressa a morte!
Senhora, soccorramos vossa filha... (3)
Quanto a virtude (oh céos!) nos é custosa!
Minha irmã... (4)

CONDESSA

Eis o fructo dos rigores
De uma barbara mãe! Oh vós, que, injustas,
Não sabeis sustentar este piedoso,
E sagrado caracter, ah! Devieis
Ser testemunhas do horrido castigo,
Que do materno amor pune a cegueira. (5)

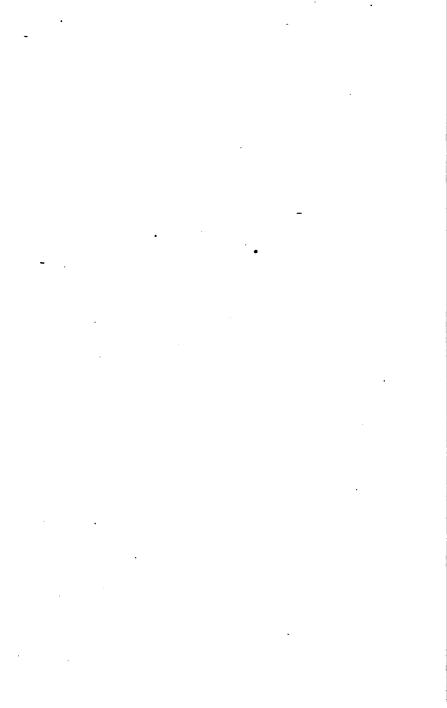
(1) A Sophia.
(2) Occupada em soccorrer Euphemia.
(3) Com ancia para a Condessa.
(4) Para Euphemia com ternura.
(5) A Condessa, Sophia, e Cecilia se unem para tomar nos braços Euphemia moribunda.

ERICIA OU A VESTAL

TRAGEDIA

DE

MR. D'ANCHET

TRADUZIDA EM VERSOS PORTUGUEZES

Sainte Religion, que tonnez sur les crimes,
De sentiments si vrais sont-ils illegitimes!
LETTRES d'une Chanoinesse de Lisbonne.

ACTORES

VETURIA.............	*Primeira sacerdotisa de Vesta.*
ERICIA..............	*Vestal.*
EMILIA..............	*Donzella, que aspira ao culto de* Vesta.
AURELIO.............	*Grande sacerdote.*
AFRANIO	*Patricio romano.*

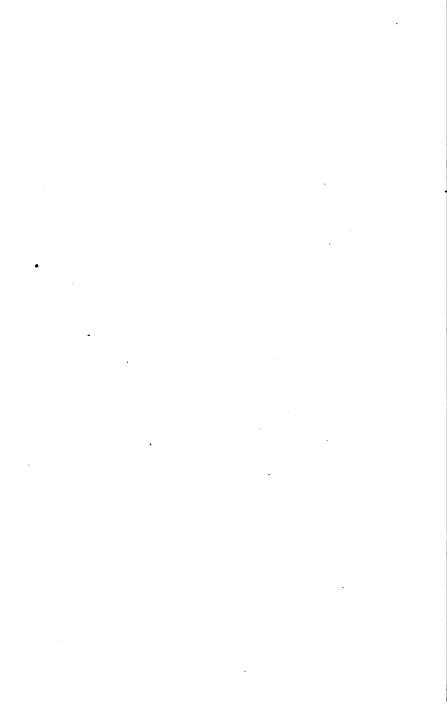
VESTAES, SACERDOTES, POVO, SOLDADOS

A scena é em Roma, no templo de Vesta.

PROLOGO DO TRADUCTOR

O genio portuguez expõe na scena
Á critica sisuda um triste caso
Do fallaz paganismo acção funesta:
Fructo dos tempos, dos costumes feros,
Que as leis da humanidade assoberbaram;
Quem tão ferreo será, que não deplore
Candida virgem, misera donzella,
Ornamento gentil da natureza,
Nascida, brando Amor, para teu jogo,
Aos prazeres, ao mundo arrebatada;
Victima d'ambição de um pae tyranno,
Gemendo em ferros, que só rompe a morte,
Que a vã superstição julgou sagrados,
E na revolta idéa em vão nutrindo
Agras memorias de chorado amante?
Horrorise Ulysséa a lei tremenda,
Que em Roma confundiu ternura, e crime;
As fraquezas d'amor tem jus ao pranto,
E da humana existencia amor é parte;
Em todos vive, a todos senhorêa,
E doce compaixão, que n'alma influe,
Pelos males que vê, requinta n'alma
Se os padece virtude, ou formosura;
Sensiveis corações, chorae com ella!

Rebentem, fervam lagrimas nos olhos
Do terno espectador, gemidos sôem;
De Melpomene a gloria em ais consiste.
A illusão, que á verdade as côres furta,
Muda logares, seculos transplanta;
Realisa ficções, com alta industria;
Faz que ás patrias arêas extorquidos
Murmure o Tibre, onde murmura o Tejo.
Revivam leis crueis, ou leis suaves,
E até do somno eterno acordem cinzas;
Os olhos julgarão, e os pensamentos,
Que entre negro tropel de paixões cegas,
A morte sobre a scena está reinando.
Hão de cuidar medrosos, e apiedados,
Que o ferro matador se vae sumindo,
No seio virginal da triste amante,
Do infeliz amador no peito ancioso:
Tanto a maga illusão nas alma póde!
Tal não seja porém o imperio d'ella,
Que em ti, grave assembléa illuminada,
Insinue apparente analogia;
Na guerra atroz de indomitos affectos
Assalteado o céo não se ant'olhe;
Nem cuides que allegorico artificio
D'audaz, profana Musa envolve, eguala
Santa religião com impia crença.
Desesperado, insano amor declama;
Deu-se-lhe a voz, o ardor, que lhe competem;
Contra a superstição brutal e infesta,
Contra leis, que o rigor santificára,
Contra votos servís d'alma arrancados,
Sacode o turbilhão de horrendas pragas;
Não contra o domicilio augusto, e sacro
Onde o Deus da razão lhe expraia o lume,
Que as nevoas gasta da moral cegueira,
Onde jugo macio enlaça os collos,
Os niveos collos de innocentes pombas,
E onde a benigna, placida Virtude
Com sereno prazer se ri, c'roada
Das flores, que do céo lhe estão caindo.
Temeraria allusão não damna os versos,
Com que a furia d'amor, com duro exemplo

Espavorindo o mundo, o mundo instrue,
E d'enormes desgraças o acautéla.
  Bocage os attraíu do Sena ao Tejo,
Bocage, que de affeito á desventura,
E aos tormentos d'amor, cantar não sabe
Seus gostos casuaes, seus bens tardios:
De vãos prazeres frivolos escravos,
Vós, almas frias, que a tristeza enjôa,
Ah! Longe, longe; — ás almas, como a sua,
Dirige o vate a luctuosa offrenda,
E o pranto, que notar, será seu premio.

ERICIA OU A VESTAL

ACTO I

O theatro representa o templo de Vesta. O fogo sagrado está acceso no altar. É noute, e só este fogo allumia o templo. As Vestas estão prostradas.

SCENA I

Veturia e as Vestaes

VETURIA (1)

Oh Deusa, protectora dos romanos,
Oh Vesta sacrosanta, augusta virgem.
Sê favoravel sempre a quem te adora:
Por teu sopro immortal sempre animado
O sacro fogo em tuas aras brilhe.
Em quanto o vencedor d'altiva Hespanha,
Em quanto Scipião de Roma as aguias
Conduz aos muros da feroz Carthago,
Dobra a cerviz do indomito africano,
Tu volve para nós benignos olhos,
Conserva a paz, e a gloria em nossos muros;
Ouve a tua fiel sacerdotisa,
Que te incensa, te invoca, e d'este povo
Preces, votos depõe nos teus altares. (2)
Vós, oh filhas do céo, donzellas santas,
Vós, cujos corações purificados
Á virtude, ao dever se consagraram,

(1) Encostada com uma das mãos sobre o altar.
(2) Para as Vestaes que se erguem.

E a quem n'este feliz, quieto asylo
Um destino suave os céos concedem,
Longe das cegas illusões do mundo:
Dae, dae graças a Vesta; os seus favores
Deprecae, merecei: nos cultos d'ella
Só devem consistir vossos cuidados,
Desejos, pensamentos, gloria, tudo. (1)
As sombras vem caíndo, e quando a aurora
Desfizer a nocturna escuridade,
Veremos outra vez o dia illustre,
Em que o melhor dos reis, o sabio Numa,
De Vesta submetteu ao grande auspicio
Seu throno inda recente: e n'este dia
A deidade immortal de nós espéra
Almas submissas, corações libertos
Das vís correntes da fraqueza humana. (2)
Para a santa, annual festividade
A lembrança dos votos vos disponha;
Nada os póde annullar. Pensae, oh virgens, (3)
No terrivel sepulchro destinado
Para a torpe Vestal, que escandalosa
Da deusa macular a estancia augusta;
Pensae, pensae que em vós é crime um erro,
Que Vesta lê nas almas,— que seus olhos
Sempre estão fitos n'este immenso espaço,
E, mais que em tudo, em nós;— que não conhecem
Nem tempos, nem limites, nem distancias,
Que abarcando o universo elles penetram,
Com prompta, com egual facilidade,
A densa terra, os ares transparentes.
Recolhei-vos. — E tu, que pela sorte (4)
Hoje para velar forte escolhida,
Conserva este deposito sagrado;
Vê que n'estes altares venerandos (5)
A deusa te escutou solemnes votos;
Um queixume, um só ai póde aggraval-a;
Treme, adora-lhe as leis, sê digna d'ella.

(1) Ericia suspira.
(2) Ericia se perturba.
(3) Novos signaes de perturbação em Ericia.
(4) Vão-se as Vestaes menos Ericia.
(5) Apontando para o lume sagrado.

SCENA II

ERICIA (1)

Assim da minha dor se compadecem!...
O céo devia ouvir pezados votos,
Votos, que o coração desapprovava! ..
Um inflexivel páe me trouxe, oh deusa,
Victima involuntaria aos teus altares;
Tu o sabes; indigna de servir-te,
Podia submetter-me a teus preceitos,
Votar-te um coração que já não tinha?
Afranio m'o roubou, inda o possue,
Inda a memoria do meu doce amante
Me persegue a teus pés, oh divindade!
Aqui mesmo suspiro, ardo por elle...
Saberá de meu mal? Terá noticia
Das lagrimas, que dou á sua ausencia?...
Chorará como eu choro?... Amar-me-ha inda?
Ah dúvida cruel, tu me envenenas...
Deusa! Deusa! Eu t'offendo, eu te profano,
Mas um lustro (ai de mim) soltar não pôde
Da suave attracção meu pensamento;
N'elle reina, triumpha a grata imagem
De meus benignos amorosos dias,
Suffoca para sempre, extingue, oh deusa,
Este fogo invencivel, que me abraza;
Arranca-me do peito o mavioso
Coração infeliz, e atribulado,
Que nasceu para amar, e amar não deve.

SCENA III

Emilia e Ericia

EMILIA

O zelo a ti me guia, eu te supplico
Me permittas valer comtigo a noute,
Em que te é confiado o sacro lume;

(1) Olhando para Veturia, que se vae.

Cêdo ao culto de Vesta hei de obrigar-me;
Tão doce expectação quanto me é grata !
De ti venho aprender como se deve
Servir a divindade.

ERICIA

Ah desgraçada ! (1)

EMILIA

Digna-te pois...

ERICIA

Emilia, ainda és livre...
Assim como a seduzem, já tentaram
Seduzir-me, encantar me... ao jugo acerbo
Eu fugia, eu me oppunha!... Ella se entrega !
N'um abysmo de males, de tormentos
A querem despenhar. E zelo é isto!...
Ah, tua alma innocente, ingenua, pura
Tem medido (ai de mim !) tem ponderado
Toda a longa extensão d'estes deveres,
A que intenta cingir-se?

EMILIA

A paz, e a gloria
Venho aqui merecer, gosar comtigo;
De Vesta os beneficios, a clemencia
Tua felicidade... Ericia, choras?...

ERICIA

Que beneficios!

EMILIA

Céos! quanto me assombram
As lagrimas, que vejo!... Angustia .. pranto
N'este sacro logar!... Não, tudo, tudo
Aqui me lisonjêa, aqui me off'rece
A face da ventura.

ERICIA

Ah! Como a enganam!
Eu devo ao pé do abysmo allumiar-lhe;

(1) Olhando-a com ternura.

Mal póde a compaixão ser um delicto!
Fascinaram-te, Emilia, ouve a amisade.
Choro os teus fados... A innocencia tua;
De ti, d'essa illusão sinto a piedade,
Que de mim não sentiram!... Mais sincera,
Mais justa devo ser... Buscas, oh filha,
Buscas n'estes altares a ventura...
Sabe que não existe onde a presumes.

EMILIA

Céos!

ERICIA

Desesperação, pavor, tristeza,
Mais terriveis que a morte aqui residem;
As almas carregadas, opprimidas
C'o pezo do dever, aqui desmaiam;
Eterno abutre de implacavel fome
Aqui mirradas victimas devora;
Aqui surgir do peito os ais não ousam,
Medroso ao coração recúa o pranto;
Té a mesma virtude, em toda a parte
Tão doce, tão pacifica, mudando
De natureza aqui nos atormenta,
Nos faz desesperar, morrer mil vezes.

EMILIA

Que! Padece-se aqui! Sinto a minha alma
Confusa de te ouvir, não convencida...
Ah! Quererás talvez exp'rimentar-me...
Perdoa: Roma crê que sois ditosas,
Que a deusa com tranquillos, puros gostos
Prospéra, aformosêa os vossos dias.

ERICIA

Roma não vê, não sabe o que soffremos,
A desesperação, que em nós fermenta;
Roma de longe nos applaude... e os ferros
Nos pezam mais, e mais, de dia em dia.
Estas grossas muralhas vedam, somem
A seus olhos o horror, que nos abrange.

Tu ainda és feliz, ainda ignoras
A que tribulações, a que desastres
O humano coração nasceu propenso.

EMILIA

Encontram as que incensam seus altares
Amargosa oppressão nas leis de Vesta?
Do mundo que deixáram têm saudades!

ERICIA

Dá-me crédito, Emilia... Oh quantas, quantas,
Como tu, conduzidas pelo zelo
Aos altares de Vesta e retractando
(Mas já tarde) os seus votos indiscretos
N'um silencio tyranno a dôr enfrêam!
Algumas ha (mais dignas de carpir-se)
Que victimas do gráo, que os céos lhe deram
(Ou antes da ambição de páes injustos)
Vieram com violencia a estas aras
Votar-se á solidão, ao captiveiro,
Enterrar-se n'um carcere de horrores,
Quando ao mundo as chamava o pensamento!
Ao mundo, que a seus olhos presentava
Alta felicidade em mil objectos,
Gostos n'este logar desconhecidos!
O templo em que lhes cumpre, em que é forçoso
Que a magoa lhes consuma os turvos dias,
Sem que doce esperança as lisonjêe,
Este rigido templo um muro ingente
Ergue entre ellas, e o mundo; ellas desejam
Ir gosal-o outra vez, querem remir-se
D'amargosa oppressão... Mas lei sagrada,
Invencivel obstaculo as suspende!
Além d'esta muralha antiga, horrenda,
Que de tudo as separa, a cada instante
Sua alma se arrebata, se extravía;
Seus pensamentos vão, vão seus desejos
Sedentos demandar entre os romanos
Um prazer que lhes foge, e fados novos;
Mas em ferrea prisão seus agros dias

Ao rigoroso templo estão ligados.
As ledas illusões se desvanecem,
E a desesperação de horror cercada
Os tristes corações fica roendo.
Então sente-se mais ao jugo o pezo,
Á morte que o desate então se roga;
Mas ao continuo rogo a morte é surda:
Vae calada afflicção ralando o peito,
Nenhuma d'estas victimas se affouta
A descobrir seu mal, antes o occulta.
Póde ao menos no mundo a quem nos ama
O nosso coração manifestar-se;
Póde chorar no mundo, e ser chorado;
Mas aqui a afflicção não ha piedade;
Miseros corações aqui não gosam
Nem a consolação de os lamentarem,
Esse unico prazer dos desgraçados!

EMILIA

Nada póde aterrar-me: o genio, o zelo
Aos altares da deusa me guiaram,
O mundo para mim não tem valia;
Pago-me de o deixar; memorias suas
Já mais me custarão nem um suspiro.
Que attractivos ha n'elle? Os vãos prazeres,
O nada dos seus bens sentiu minha alma,
Sagaz adulação vãmente os doura,
No mundo affecta o vicio de virtude:
Triumpha o crime: os deuses se profanam...

ERICIA

Ah que o conheces mal! Tua innocencia
O mundo pinta, e crê, segundo as falsas
Doctrinas, que recebe a cega infancia.
Não achas preciosa a liberdade?

EMILIA

Mas essa liberdade, isso que choras
Quando é nosso? As mulheres sempre escravas,

Victimas do interesse, e do costume,
Dependem do dever, e não da escolha;
Se acaso d'um consorte ás leis se obrigam,
Cumpre condescender com seus caprichos,
Supportar seus defeitos; cumpre amal-o;
Cumpre até venerar-lhe as injustiças:
Póde-se appetecer tão duro estado?
Ah! Só n'este logar serei ditosa.

ERICIA

Serías, porque tens tranquillo o peito.
Aqui mansa innocencia abrigo encontra;
Mas o tempo virá tornar penoso
O estado, que tão doce te parece;
E o véo das illusões ha de romper-se.
N'essa viçosa edade, em que os humanos
A si mesmos se ignoram, inda, Emilia,
Inda o teu coração te não diz nada.
Tens mudos os sentidos, e ociosos,
Nada os ancêa. A natureza dorme,
Ella despertará. Não pára o tempo;
Vem apontando a edade, em que tua alma
Surgirá do lethargo, e da indolencia,
Sentimentos incognitos provando:
Não lhe hão de então bastar, nem saciał-a
Os altares de Vesta, as leis, e o culto.
Dos primeiros desejos assombrada
Inquieta, pungida, ao pensamento
Te virá nova sorte, e novo estado;
O mundo, que odioso se ant'olha,
Outra côr tomará na tua idéa...
Mas tarde, mas em vão! E a soledade,
Este jugo, este horror, o altar, e os votos
Irão de dia em dia exacerbando
O teu desasocego, os teus desgostos.

EMILIA

D'essas perturbações, d'esses desgostos,
De que excitas em mim confusa idéa,
Aqui meu coração terei seguro.

ERICIA

Que seria de ti, se um doce objecto
O terno coração te esclarecesse
Entre esta escuridão? Se affogueada
Tua alma por outra alma suspirasse,
Que acceza appetecesse unir-se á tua?
Em tal consternação onde acharias,
Oh triste, o teu soccorro, o teu refugio?
Buscarias debalde a paz perdida.
Leio em teu coração pelos teus olhos,
Sei que te deixa absorta o que me escutas.
Teme a tua innocencia, ella concorre
A seduzir-te, Emilia. Esta linguagem,
No logar onde a fallo, é estrangeira;
Mas do risco, em que estás, quero salvar-te.

EMILIA

E' tal que te mereça a dor que observo!
Commovem-me teus ais, creio em teu pranto;
A pezar da afflicção de um páe querido,
Que saudoso entre os braços me affagava,
A idéa da ventura aqui me trouxe,
E... (1)

ERICIA

Fallas em teu páe?... E's d'elle amada?

EMILIA

Eu sei que lhe é penoso o meu projecto,
E custa-me affligil-o.

ERICIA

Ama-te, Emilia?
E atreves-te a deixal-o?... Ah! Considera
N'esse amor, n'esse bem, merece-o, torna
Ao seio paternal, vae consolal-o.
Como és digna de inveja!... Um páe te amima!
Ai de mim! Quantas lagrimas excitam
N'este triste logar! De quantos males
Inexoraveis páes têm sido origem!

(1) Ericia interrompendo-a.

As preoccupações, o orgulho, o sexo,
O jus dos primogenitos, ou antes
Parcial injustiça, em um dos filhos
Lhes concentra os desvelos, e a ternura.
Instados d'ambição guial-o intentam
Às altas, ás pomposas dignidades,
E ao futuro esplendor lhe sacrificam
As miseras irmãs!... Oh páes tyrannos!
Que! Não murmura em vós a natureza
Contra esta preferencia abominavel!...
Foge, foge d'aqui, ditosa Emilia,
Agradecendo aos céos um páe benigno;
Vae ser-lhe arrimo á languida velhice,
Vae ajudar-lhe os vacillantes passos;
Teu dever lhe aligeira o pezo á vida,
Lhe disfarce o pavor da sepultura:
Quem nos pinta dos numes a clemencia
E' só a ingenua, a paternal bondade.

EMILIA

Cumpre sacrificar aos deuses tudo:
Eis o que me ensinaram.

ERICIA

Desvanece
Esse engano, em que jaz tua alma envolta:
Escuta o coração, da natureza
Ouve a benigna voz, que a todos falla:
Deve-se culto aos céos, aos páes ternura;
Triste de quem n'um páe acha um tyranno!

EMILIA

Ouço-te com terror! Vesta não póde
Livrar teu coração d'esses desgostos?

ERICIA

Vesta!... Vesta!... Ai de mim!... Vae minha filha,
Vae-te, deixa-me só!... No peito encérro
Crueis tribulações... tu não as sentes...
Não as saibas...

EMILIA

Confia os teus segredos
De um coração, que te ama, e que...

ERICIA

Ha segredos,
Que da alma, que os contém, sair não devem.
A amisade a meu mal não poderia
Dar lenitivo algum. Deixa-me. (1)

SCENA IV

ERICIA

Oh deuses!
Quanto em um coração, se amor o ancêa,
Custa reter segredos, que lhe pézam!
Já não posso esperar socego, allivio!
Ha de sempre a minha alma em seus transportes
Revolver-se no crime, e no remorso!
Inda, feliz Emilia, és insensivel;
Inda serena victima innocente,
Ignorando o perigo, a dor, e os males,
Que estas fataes abobadas encerram,
Corres sem susto para o ferro erguido,
Destinado a ferir-te, ah! Inda beijas
O funesto grilhão, que te sobpêa;
Só vês as flores de que estás c'roada...
Eu provo todo o horror do sacrificio,
Do sacrificio atroz. Oh céo!... Não hei de
Mitigar teu rigor! Se de almas puras, (2)
Prézas, Vesta immortal, o ardor, o incenso
Muda, converte a minha; e se é possivel,
N'este peito afanoso influe, oh deusa,
O fervor, a innocencia, a paz de Emilia.
Esvaece, destroe, consome, apaga
A lembrança tenaz, que me persegue,
Só quero que me esqueça o meu amante...
Que desejo! Ai de mim! Quem me dissera,

(1) Vae-se Emilia.
(2) Chega-se para o altar.

Que fôra a minha dita, a minha gloria
Desterral-o do peito, e do sentido!...
Ah! Que acerbo dever, que tyrannía
Me ordena, justos céos, que o sacrifique!

SCENA V

Ericia e Afranio

AFRANIO

Meus passos guia amor. (1) É ella... Ericia... (2)

ERICIA

Afranio!... Ah! Onde estou! Que vejo!... Eu morro!

AFRANIO

Formoso, amado encanto, eu venho, eu venho
Esquecer a teus pés minha desgraça.

ERICIA

Afranio!... Junto a mim!... Que ardor, que insania
Te move a pôr em risco a minha fama,
Os teus dias, e os meus?

AFRANIO (3)

Dissipa o medo.
N'este feliz momento a sorte amiga
Reconduz a teus olhos lacrimosos
O teu saudoso amante. Em mil desgostos,
Sentindo o coração desfallecer-me,
E deprecando aos céos o bem de olhar-te,
Cançado de carpir, de amar sem fructo,
Entrei, pela saudade enfurecido,
Na escura solidão do sacro bosque,
Onde este duro asylo se remata;

(1) Afranio caminha inquieto e olhando para um e outro lado. Ericia está junto do altar.
(2) Chega-se.
(3) Com tom rapido.

Para os cegos mortaes o entral-o é crime;
Mas nada me deteve... Um nume, um nume,
Sem duvida que ali me encaminhava!
Occupado em minar de noute e dia
Passagem, que a teus pés me dirigisse,
A terra em fim cedeu, e abriu caminho
A meus passos, a amor. Por uma estrada
Subterranea, profunda, e tenebrosa,
Que vem findar-se aqui, me entranho affouto.
Os olhos veladores, que te espiam,
Attentos ao festejo, em ti não cuidam;
Um amigo me espera, e me assegura
A fuga, vigiando alem dos muros.
Vem pois, aproveitemo-nos do tempo:
Eu a teus pés teu coração reclamo,
Esse amor puro, que dourou meus dias
Inda em ii resplandece?' E's inda a mesma?

ERICIA

Se te amo!. . Em que lugar!... Oh céos! Que intentas?

AFRANIO

Que receio hei de ter, sendo inda amado?... (1)
As trevas, o silencio nos ajudam,
Jaz afferrada ao somno a tyrannia,
E os olhos d'amisade estão velando.
De ti privado, Ericia, ha quasi um lustro,
Entregue aos phrenesis, entregue ás ancias
Da desesperação, com mil clamores
Accusando teu pae, os céos, e os fados,
A vida e todo o mundo aborrecendo,
Para o fatal recinto, em que gemias,
Com raivoso tremor lançava os olhos:
Mil vezes (senão fosse o teu perigo,
Ou antes tua morte inevitavel)
Mil vezes tornaria em cinza, em nada
Este carcere horrendo, erte sepulchro.
Sem cessar fluctuando em vãos projectos
Para ver se mudava o teu destino,

(1) Com transporte.

Té disposto a vibrar n'um ferro a morte
Contra teu páe cruel, contra mim mesmo,
Todo quanto furor nas almas cabe
Longamente por ti sentiu minha alma:
Mas do prazer e ardor só sente agora;
Tudo em meu coração cede á ternura...
Eu te vejo, eu te escuto, e nada temo.

ERICIA

As ancias da saudade, o mal d'ausencia
Supportei como tu... Mas em que tempo
A meus olhos o céo te restitua!...
Envolta n'estes véos, ante estas aras
Ouso ver-te!... Escutar-te!... Amante!... Amado!...
Oh Vesta!... Oh lei penosa! Oh sorte injusta!...

AFRANIO

Do páe deves queixar-te, e não da sorte:
A dureza feroz d'esse tyranno
Foi só quem motivou nossas desgraças...
Se a férvida paixão, que me inspiraste,
Não fôra escudo seu... da minha amada
Com seu sangue o cruel pagára o pranto.
Aos céos encommendei minha vingança;
E os céos no horror do tumulo arrojáram
Teu irmão, esse objecto em que nutria
Funestas, orgulhosas esperanças.

ERICIA

Meu irmão, já não vive! Entre estes muros
Sumida, afferrolhada ao páe não devo
A minima lembrança! Inda até agora
Noticia me não deu de seus destinos.

AFRANIO

Co'a tua compaixão teu páe condemnas:
Elle renunciando o lustre, a pompa,
Do mundo se affastou, e ignoro aonde
A dor, e a desventura o conduziram:

Deposto o nome, o grão, fugindo a todos
Conta-se que no altar aos deuses serve...
Embora expie as furias junto ás aras,
Que me importa o cruel, se vejo Ericia?

ERICIA

Meu pác!...

AFRANIO

Ainda o choras! Não te lembras....

ERICIA

Forjou meu damno, e... lagrimas lhe devo,
Elle em meu coração, elle em meus dias
Vertendo amargo fel, veneno amargo,
Se privou dos desvelos, dos extremos
Da filial ternura: eu lhe seria
Branda consolação nos seus pezares...
Propicio o nosso amor, não levantára
Entre nós esta rigida barreira...
Afranio... Que é do tempo em que eu gosava
Dos olhos teus sem susto, e sem remorso?...
E tua, a par de ti, serena, e livre,
Acceza na paixão, que te accendia,
Um prospero futuro imaginava?...
Tão bellos dias para nós morreram.

AFRANIO

Revivem para nós tão bellos dias;
Temos em nossas mãos nossa ventura.
Se inda o candido amor ferve em teu peito,
Meus males, meus tormentos, meus transportes
Tem demonstrado assás que amor me inflamma.
O sangue dos Publicolas, o sangue
Que as vêas me circula, é grato a Roma,
Roma chora o meu mal, e enternecida
De um robusto partido a mão me offerta.
Se és a que foste, approva o meu designio,
Demos-lhes execução: risonhos fados
Aplanam para nós do bem a estrada.

ERICIA

Devia-te esquecer... Porém não pude;
Informem-te este altar, e aquelles muros,
Entre as quaes meu amor desventurado
Te carpiu sem cessar chamando a morte.
Ante este mesmo altar, que é testemunha
De tão funesto amor, com mil suspiros,
A deusa contra ti debalde invoco.

AFRANIO (1)

Perdoa... Este logar vedado a todos.
Franco está para mim. Venho propor-te
Que rompas teus grilhões, que me acompanhes,
Que debaixo de um céo mais favoravel
Nos vamos esquecer do ferreo jugo,
Que os deuses, e teu páe te fabricaram.
Atreves-te a seguir-me?...

ERICIA

Eu estremeço... (2)
Que pretendes de mim? Não vês, não sabes
Que Vesta nos contempla, e nos escuta?...

AFRANIO (3)

Para salvar quem amo, eu affrontara
Os céos, os proprios céos!... Porém que digo!
Propicios a meu gosto os céos abriram
O caminho, que a ti me trouxe occulto.
Nada te impede a fuga, e já supponho
Inuteis ao projecto os meus sequazes;
A tua approvação só quero, e rogo,
Cêde aos desejos meus, e tudo é facil.
Amigo inseparavel me acompanha,
E da nova intenção vou dar-lhe aviso;
Para a fuga dispôr basta-me um dia,
Com a noute ámanhã virei buscar-te.

(1) Com arrebatamento.
(2) Cheia de terror, e fugindo para o altar.
(3) Rapidamente.

ERICIA

Que escuto!... Irados céos! Terrivel deusa!...
D'onde intenta arrancar-me um cego impulso... (1)
Troveja contra mim vingança eterna
Antes que d'este altar...

AFRANIO (2)

E amas-me ainda?...

ERICIA

Tu reforças meus males... Sim, eu te amo,
Assás por este amor sou criminosa!
Hei de, as aras, e a deusa abandonando,
Da perdição... do horror... subir ao cume!...
Não, Afranio, o soccorro, a mão de Vesta
Resistencia dará, virtude, e forças
Á fragil infeliz sacerdotiza;
O céo defenderá do mais enorme,
Do mais negro dos crimes a minha alma:
Sim; aqui morrerei.

AFRANIO

Não, tu não amas (3)
Enganou-me a apparencia. Eu vinha, ingrata,
De amorosas idéas inflammado...
Esperava um prazer, um dia, um premio
Promettido aos extremos, e á constancia.
Adeus... Queres que morra... Eu te contento. (4)

ERICIA

Onde vás, caro amante?... Oh céos! Que disse? (5)

AFRANIO

Depressa; que resolves?

(1) Com mais terror.
(2) Consternado, e chegando-se a ella.
(3) Affastando-se d'ella com um furor reprimido.
(4) Indo-se.
(5) Apartando-se do altar, e estendendo os braços para Afranio; torna logo a encostar-se no altar. Afranio voltando.

ERICIA

Olha o templo, (1)
A que um voto cruel me tem ligada;
Já o meu coração me não pertence,
Pertence á divindade... Os juramentos
Que me apartam de ti, bem vês, bem sabes...

AFRANIO (2)

Que dizes! Que illusão! Que juramentos!...
Os juramentos teus foram ser minha;
Os juramentos teus me asseveraram
Um permanente amor, um laço eterno.
Eu reclamo a teus pés o que juraste;
Esse voto, a teus labios extorquido,
Não rompe, não destroe o antigo voto;
A deusa, que te cinge a seus altares,
Sobre o teu coração não tem direitos
Mais sagrados que os meus; os meus procedem
Do mesmo coração, que hoje me negas.
Ah! Contrapezas espontaneos votos
A votos que arrancou brutal violencia?
Se crês que emfim o altar lhe altêa o preço,
Tu tambem, tu primeiro Amor juraste:
É seu altar teu peito, Amor conserva
Indestructivel jus sobre a tua alma;
Se temes ser sacrilega com Vesta
Já com Amor sacrilega tens sido,
Com Amor, que mil vezes attestaste;
Ouso despedaçar teus duros ferros,
Ousa restituir-te aos teus direitos,
O esposo attende, entrega-lhe a consorte.

ERICIA (1)

Olha a terrivel deusa!... Que ameaça...
O altar, que treme!... As chammas, que esmorecem!...

(1) Perturbada chorando, e sem deixar o altar.
(2) Com vivacidade.
(3) Com desacordo e terror.

AFRANIO (1)

Quem te affasta de mim, não, não é Vesta,
E tua ingratidão, tua indiff'rença,
Ericia desleal... Eu hoje ao cume
Da gloria, do prazer ía elevar-me...
A tua approvação nos enlaçava...
Confiei-me de ti... Fiz mal, foi erro
A minha confiança, eu vou punil-a...
Tyranna! vou morrer de amor, de raiva,
De desesperação... Tu algum dia
Amaste-me... O remorso ha de vingar-me.
Se aqui da minha morte houver noticia,
A ti sómente accusa, a ti sómente;
Lembre-te o nosso adeus... Mais deshumana,
Mais dura para mim, que um pae cruento,
Do pezo d'esses ferros carregada,
D'esses ferros servis, que me preferes,
Quando só attender a amor devias,
Ante este mesmo altar... has de carpir-me. (2)

ERICIA

Oh deveres!... Oh Vesta!... Amor! Triumpha,
Minha alma contra os céos por ti decide.
Juro...

SCENA VI

Ericia, Afranio e Emilia

EMILIA

Augmenta, ou socega os meus terrores,
Que tudo o que te ouvi me encheu de assombro. (3)
Mas a luz se amortece... A luz se apaga...
Oh deusa! Um homem!... Ah!... (4)

(1) Com afflicção furiosa.
(2) Caminha e torna.
(3) Buscando Ericia por entre a escuridade, que resulta de se ir apagando o fogo.
(4) Vae fugindo o fogo sagrado; apagando-se, deu um grande clarão, que lhe fez vêr Afranio.

SCENA VII

Ericia e Afranio (1)

ERICIA

Vê, vê o effeito, (2)
Os damnos, que produz minha fraqueza!
Sabe-se tudo!... Oh céos!... Viram-te, estamos
Descobertos... Os deuses se indignaram...
Afranio... Tu me perdes... Cumpre, cumpre
Que me ligue outra vez aos meus deveres...
A deusa quiz traír... ella se vinga...
Eu me desdigo já...

AFRANIO (3)

Não continues;
Não ha de ao teu amante o céo roubar-te:
Por falta de alimento o fogo extincto
Aterra Ericia! Dicta-lhe um perjurio!...
Ouço rumor; bem sei que perigo corres,
Torno ao meu socio, vou rogar-lhe auxilio,
Encarregar-lhe vou que apreste a fuga.
Pelo mesmo caminho eu virei logo
Vigiar no teu fado, e no teu risco,
Arrebatar-te a Vesta, expôr-me a tudo,
Defender-te, ou morrer. (4)

ERICIA (5)

Deixa essa empreza.
Vesta exige uma victima... este fogo
No altar morrendo revelou meu crime...

(1) Ambos em uma grande consternação.
(2) Ericia tornando a si com terror e afflição. Isto antes do verso.
(3) Interrompendo-o rapidamente.
(4) Parte acceleradamente.
(5) Só, e perturbada.

SCENA VIII

Ericia, **Veturia**, *e todas as* **Vestaes** *junto ao altar. As Escravas, que trazem luzes.* **Ericia** *procura occultar-se na multidão.*

VETURIA

Trazei luzes, trazei, corra-se o templo;
Trema o crime... oh terror!... Oh sacrilegio!...
O lume protector morreu nas aras,
Vesta ameaça Roma; agouro horrendo
No ledo instante do annual festejo,
Negras calamidades annuncia,
Troca um dia solemne em dia infausto;
Na mente que de horrores antecipo!
Orgão de atroz desastre a sacra tuba
Já derrama o terror por toda a parte,
O somno se dissipa, o medo accorda,
Jaz em luto o Senado, e Roma em pranto
Vê mil profundos horridos abysmos,
Que as bravas legiões lhe vão sorvendo;
Vê caír Scipião vencido em terra,
A affrontosos grilhões os pulsos dando...
Oh deusa tutelar, o agouro afasta,
Basta o sangue do réo para applacar-te;
Do impio caso o pontifice advertido
Em breve chegará: nós, nós veremos
Este juiz interprete dos numes,
Da vingança dos céos encarregado;
Incendido no ardor de um zelo augusto,
D'alta religião brandindo o ferro!
Logo (oh magoa! Oh vergonha!) em nossos dias
O crime o chama aqui! Deuses supremos!
Se o réo nos escapar, não vos escape,
Se ás nossas mãos fugir, não fuja ao raio;
Aos infernos o dou, só nos infernos
Ha pena, que responda ao seu delicto.
Talvez uma vestal perjura, infame
Sua cumplice foi; Jove permitta
Que o nome da infiel se patenteie,

E o seu justo castigo os céos desarme.
Imitae-me, — prostremo-nos, oh virgens,
Ante o manchado altar, e a deusa irada
Com suspiros, com lagrimas se invoque. (1)

ERICIA

Aonde occultarei, supremos deuses,
Meus olhos... minha fronte criminosa!
Como que este logar se vae fundindo
Debaixo de meus passos vacillantes!...
O remorso implacavel me rodêa...
Eu fallo... Conhecei a delinquente... (2)
Ella mesma se accusa... (3)

VETURIA

Oh detestavel...

ERICIA

Desculpa não procuro ao meu delicto...
Castiga, fere, mata, mas não cubras
De oppobrios, de baldões minha desgraça:
Sim: n'esta habitação, que em pranto alago,
Por mim, por terno impulso... uma alma illustre,
Um mortal generoso... um homem digno
Da funesta paixão, que me domina,
Veiu a deusa insultar no proprio templo;
Mas sabe o céo que em vez de convidal-o
Com profana ousadia ao sacrilegio,
Meu triste coração se horrorisava,
Tremia de ceder aos seus desejos.

VETURIA

Temeraria! Não mais: do céo, que offendes,
Do céo, que te cendemna, a graça implora
Em resignado, e timido silencio.

(1) As Vestaes se prostram. Ericia não póde esconder a perturbação, e fica em pé.
(2) Encaminhando-se para Veturia.
(3) As Vestaes a ouvem com horror, e se levantam.

Aos pés do gran pontifice, que espero,
Deves só revelar impios segredos.
Tu és a que lhe dás um feio ingresso
N'este logar tremendo; aqui sómente
Delictos vem julgar... Sua presença
É para nós terrivel: assignal-a
Nossa affronta... Prejura, indigna, teme
A sentença fatal, que de seus labios,
Qual raio vingador vae fulminar-te.
Com supremo poder prompto a firmal-a,
No austero tribunal junto o Senado
A torpe informação sómente espera.
Impia! Rebelde ao céo! Chora teus fados. (1)

SCENA IX

ERICIA

Debaixo de meus pés negreja a morte!...
Aonde irei sumir a angustia, o pejo,
O terror, que me abrange!... Eu ouço, eu ouço
Um nume vingador, que em mim troveja!...

(1) Vae-se com as Vestaes, e Escravas.

ACTO II

SCENA I

Veturia, Ericia, Aurelio e Vestaes

AURELIO (1)

Da santa dignidade ornado apenas
Venho satisfazer-lhe a lei mais dura!
Devo em nome dos céos punir delictos!...
Imitar-lhe a clemencia antes quizera.

VETURIA (2)

Senhor, sabes quem foi a mão traidora,
Que a deusa profanou?.. Foi uma ingrata,
Uma filha sacrilega de Vesta.
Vê o altar de seus fogos despojado,
Vê co'as nodoas do crime o templo augusto!
Não decorreu da noute inda metade:
A celeste vingança, um justo exemplo
Deve á luz matutina antecipar-se. (3)
A culpada aqui tens, indaga, e julga;
O publico terror em paz se torne.
Os direitos de Vesta, os seus poderes
Jazem nas tuas mãos depositados. (4)
Nós vamos por mil votos applacal-a. (5)

(1) No fundo do theatro.
(2) Veturia caminhando para elle.
(3) Presenta-lhe Ericia cuberta do véo, com a cabeça baixa de confusão e terror.
(4) Voltando para as Vestaes.
(5) Vae-se com as sacerdotizas.

SCENA II

Aurelio, e Ericia *que tem os olhos baixos como quem deseja esconder o rosto aos do pontifice*

AURELIO (1)

Meus olhos com terror vão rodeando
Todo este sanctuario; ante elle eu sinto
Tremer-me o coração... tremer-me as plantas...
A leza divindade está clamando,
Tractemos de punir, o mais se esqueça.
Chega. (2)

ERICIA

Que voz!... (3)

AURELIO

O crime está no templo, (4)
Um castigo exemplar, que aterre o crime,
Os romanos attonitos esperam.
A dureza das leis coarctar não posso,
Defende-te, se pódes.

ERICIA (5)

Céos!... Que lance!...
Que amargura!... E' meu páe!... Não, não me engano; (6)
Pune...

AURELIO

Que vejo!... Oh Deus!...

ERICIA

Vês tu a filha.

(1) Tendo seguido com os olhos as Vestaes, e olhando em torno de si.
(2) Para Ericia.
(3) Turbada.
(4) Sem olhar para ella.
(5) Olhando com perturbação.
(6) Depois de o tornar a encarar, e chegando-se a elle.

AURELIO

Ella!... Ericia! Olhos meus, hallucinaes-me!...
Foi teu páe... contra ti chamado ao templo!...
Assim... ao triste... vens apresentar-te?
Voltas o rosto... nada me respondes?

ERICIA

Senhor!

AURELIO

Jove supremo! Eternos deuses!
Está pois convencida?... A filha encontro! (1)
Os céos... a patria... as leis mandam que morra!...
E eu devo condemnal-a! Oh!...

ERICIA

E's tu mesmo
Meu juiz... ah senhor?...

AURELIO

Sel-o é forçoso. (2)
Debaixo de que estrella abominosa
Me creastes, oh céos!... Desenganado,
Das chimeras do mundo, aos pés dos numes
Ia o fim demandar dos meus desgostos,
Da minha agitação. Renunciando
Nome, grandezas, tudo, ante os altares
Em silencio chorava; a meu despeito
De pontifice erguido ao gráo sublime
Hoje a ti me conduz feroz destino...
Meu filho já não vive... eu julgo, eu creio
Que uma filha me resta, e vejo... (oh sorte!)
Que enche todos os seus de eterno opprobrio!...
Infeliz!... Esqueceu-te o juramento?...
Foste rebelde ás leis do céo dictadas?...
Ousaste ser perjura, e dispozeste
Fim triste a mim, e a ti, na dôr, na infamia!...

(1) Depois de algum silencio.
(2) Com amargura.

ERICIA

Céos!... Que escuto! Senhor, eis-me prostrada,
Tua victima sou, mereço a morte:
Sei meu crime qual é .. porém devias
Tu proprio, tu, senhor, lançar-m'o em rosto?...
Minha dôr tem direito a lamentar-se.
Eu amava (tu mesmo o conheceste);
Por teu odio tenaz fui constrangida
A mudar meu destino, e para sempre
Dos braços paternaes arremeçada
Me vi, a pezar meu, presa aos altares;
O melhor dos mortaes me foi roubado,
Elle me appareceu quando a saudade
Minha fragil razão desacordava;
Tu, tu sabes se o amo!... Eia, condemna;
Sentencea, castiga... eu já não devo
Extranhar teu rigor; mas se te infamo,
Esse mesmo rigor sómente accusa.
Sim: quiz fugir d'este logar terrivel,
Quiz um jugo romper, que me impozeste,
Mas ao designio meu se oppôz meu fado:
Perdi, murchei nas lagrimas, no opprobrio
A estação d'alegria, a flor dos annos,
Combater-me, opprimir-me, atormentar-me,
Padecer, suspirar foi meu destino.
A mil tribulações me conduziste:
Só tenho no sepulchro o fim de todas:
Em breve se abrirá por ordem tua...
As tuas proprias mãos me arrojam n'elle...
Teu pranto corre?. . Não correu meu pranto,
Não soaram meus ais para obrigar-te
A affastar-me um grilhão peor que a morte?...
Meu páe!... Mas não, senhor, meu páe não foste!...
Meu páe no coração me dera asylo,
Passaste a meu juiz, de meu tyranno:
Este nome feroz véda a ternura.

AURELIO

Justos céos!...

ERICIA

Tu, só tu me expões á morte:
Soffre pois o amargor de meus queixumes...
Tua filha infeliz, quasi expirando,
Deve ao seu infortunio esta vingança.
Da morte, que me dás, tu és culpado,
D'onde o crime nasceu, nasça o castigo,
A injustiça aboliu razões do sangue.
Amor, sómente amor, aos páes nos liga;
Seus beneficios sós são seus direitos...
Mas tu, que o desamor, tu, que a fereza
Sempre co'a terna filha exercitaste,
Com que affagos, senhor, ou com que extremos
Meus deveres, e os teus me tens mostrado?
Opposto a meus legitimos desejos,
A todo o meu prazer contrario sempre,
Uma só vez sequer não preferiste
O caracter de páe ao de verdugo;
Deste-me a conhecer o que é desgraça,
Folgaste de meu mal .. Não, não te assombre
Que eu do respeito as leis, senhor, não cumpra;
Tu o exemplo me déste, atropellando
As maviosas leis da natureza.

AURELIO

Basta... É muito... Não mais, não mais, oh filha...
Poupa meu coração... não me espedaces...
Teu páe foi criminoso... E's criminosa...
Minha severidade está punida...
Tuas exprobrações enchem minha alma
De remorsos, de horror... Eu as mereço.
Oh da minha ambição fructo amargoso!
Dous filhos possui... nenhum me resta.
Debaixo dos teus pés cavei o abysmo,
O pavoroso abysmo, em que te arrojo!...
Ericia... Ah! Minhas lagrimas te vingam...
Tua voz... tua voz... aqui resoa (1)
Fere meu coração, n'elle me accusa! (2)
Céos! Minha filha esquiva-se a meus braços!

(1) Põe a mão no peito.
(2) Vae para ella.

ERICIA

Ah meu páe!... Em que tempo m'os off'reces!...
À boca do sepulchro me prantêas!
De meus dias amargos, quasi extinctos,
E' este o final dia?... A sepultura
Espera já por mim!... Meu páe me some
N'aquelle eterno horror!... Meu páe me chora!...
Tardo amor! Vã piedade! Inutil pranto!...
Mas que digo!... Perdoa-me os furores,
Perdoa-me o delirio... Eu despedaço
Teu coração, meu páe, e a dôr te azédo.
Tua filha rebelde, irreverente
Ultraja os céos, ultraja a natureza...
Mas elles podem mais que os meus transportes;
Releva, oh páe, releva a minha insania ;
Quiz vingar-me... A vingança me horrorisa...
No coração paterno amor desperta!...
Houve tempo... (ai de mim!) tempo em que fôra
Esse amor precioso a gloria minha...
E morro!... Morrerei... Senhor, não temas,
Não temas que outra vez meus ais te accusem.

SCENA III

Aurelio, Ericia e Afranio

AFRANIO (1)

Não, tu não morrerás; o páe de Ericia
Antes de proferir mortal sentença
Ha da arrancar-me a vida.

AURELIO

Oh céos, que vejo!

(1) Correndo com precipitação, tendo ouvido os ultimos versos.

ERICIA

Que projecto... que audacia... que delirio
Te reconduz aqui? Vens, vens de novo
Nas aras affrontar a divindade?

AFRANIO

Cautamente escondido, e prompto a tudo,
Tua voz conheci, venho amparar-te.
Da tua atrocidade olha os effeitos! (1)
Barbaro, só em mim teu odio céva.
Dos ferros, com que a deusa a tem ligada,
Eu vinha resgatar-te a triste filha:
Debalde a meu furor o altar se oppunha,
Debalde essa infeliz me recordava
Seu voto, as leis do céo, e as leis da terra.
A tudo me atrevi, só eu fiz tudo,
Só eu fui réo. Não ouses condemnal-a;
Eu a victima sou, que os céos exigem;
Fere, apaga em meu sangue as furias minhas...
Inspirar-me ternura acaso deve?
Traze á memoria os golpes que me has dado,
Meus tormentos, meu mal revê na idéa,
Lembre-te que de ti nascêram todos,
Que me tens obrigado a desejar-te
A morte mais atroz, que do meu odio
Seguro não estás, que te detesto...
Ah! Senão fosse a tua iniquidade,
Tu bem sabes, cruel, se eu te amaria!

ERICIA

Espera... Que é meu pae, reflecte, insano,
Olha a consternação, que o justifica..
Cruel!... Para que vens vituperal-o,
Envenenar-lhe a dôr, talvez perder-te...
Morrer sem me salvar?... Meu pae, vieste
Com braço vingador pôr termo ao crime...
Não te enganes da victima na escolha,
A mim, que delinqui, punir só deves...

(1) Para Aurelio.

De cegos phrenesis desacordada
Aos céos, a Vesta preferi o amante:
Elle, ah! .. Elle, sem ver minha fraqueza,
Jámais conceberia as esperanças
De arrancar-me a cerviz de um jugo eterno:
Eu devêra luctar... luctar não pude.

AURELIO

Meus filhos!... (1)

AFRANIO

Tu suspiras!... Que resolves? (2)
Da ternura em teus olhos ferve o pranto:
Falla; com uma palavra extrair pódes
Os terrores mortaes, que em mim se arreigam.
Emmudeces!... bem sei, vás condemnal-a!... (3)
Mas meu amor, meu braço inda lhe restam.
Roma de meus avós é grata ao zelo,
Ella recordará quanto me deve;
Se em Roma tenho amigos, tu bem sabes,
E se o sangue Publicola se estima.
Sou vivo, impedirei o atroz projecto,
O negro detestavel sacrificio...
Treme!... Eu vou...

ERICIA

Pára, e vê tua injustiça,
Venera aquellas cãs, ouve-me ao menos;
Uma esperança vã do peito expulsa...
Recuso, e desapprovo os teus excessos.
Os deuses a sentença proferiram...
Meu pae por dever santo é orgão d'ella.
Tu no meu coração reinas, triumphas...
Por esta confissão me entrego á morte;
A minha vida está nas mãos de Vesta...
Eu te adoro, eu te perco, eu pará sempre
Meus dias vou sumir... na sepultura...
Meus dias... que por ti só me eram gratos...

(1) Pegando-lhe nas mãos.
(2) Apertando-lhe a mão.
(3) Larga-lhe a mão com furor.

Submette-te... Refrêa os teus furores,
Não aggraves um crime, um pae respeita...
No semblante do páe contempla a filha;
Vive para adoçar-lhe a desventura;
Nos frôxos olhos seus enxuga o pranto,
Em vez de lh'o augmentar com teus insultos...
Exigir inda mais talvez podéra...
Ah! Por ti morro... De animo careço...
Acceita um triste adeus... Adeus da morte...
Nunca mais te verei! (1)

AFRANIO

Ericia, Ericia!
Ella foge; os meus gritos são baldados.

SCENA IV

Aurelio e Afranio

AFRANIO (2)

Escuta... Não te enganes, não presumas
Que eu se Ericia perder seu pae respeite,
Vê que no amante um vingador lhe fica...
Mas que faço!... A que excessos me arrebata
Meu inutil furor! E' d'esta sorte,
Que um réo ao seu juiz perdão supplica?
Tu me vês a teus pés depôr a audacia,
Tu prostrado me vês, vês que te imploro
Para te conservar teu proprio sangue,
Para evitar-te o pranto e os remorsos,
Para salvar de um fim tão lastimoso
Uns dias preciosos, uma vida
Que deves respeitar, por ti, por ella;
Recorro ao pranto, ás supplicas me abato...
Pontifice dos deuses, sê sensivel...

(1) Affasta-se vagarosamente. Afranio seguindo-a. Ella pára, olha para elle com amargura, volta-se arrebatadamente e desapparece.

(2) Voltando-se para Aurelio, e com voz arrebatada.

Sê pae... tu choras?... Lagrimas não bastam,
Ericia mais que lagrimas precisa;
Estorva a sua morte, a minha, a tua.

AURELIO

Vae! Já meu coração, já me tem dito
Quanto póde dizer... porém minha alma
Attonita de horror, mede, contempla
A medonha extensão dos seus deveres.
O pae não póde... (oh céos!) allucinar-se...
Sim; da religião sevéra, immovel
No tribunal sagrado elle preside...
Elle chora... estremece... esta sentença
E' direito, é dever do gráo, que occupa;
O ferro da justiça armou-lhe a dextra...
Não póde perdoar...

AFRANIO

Que leis! Que horrores!
Os céos anhelam sangue? Ordenam mortes?
Exigem parricidios? Tu confundes
Com a religião teu impio zelo...
Inhumano! — Elle é pae, e eu sou quem roga!
Esta sentença barbara te aterra,
E, a pezar do terror, vaes proferil-a!

AURELIO

Afranio!... (1)

AFRANIO

Vae-te, deixa-me tyranno, (2)
Artifice fatal dos nossos males!...
Tu vês que precipicio a mim e á filha
Cavou tua injustiça. Em melhor tempo
A meu ardente amor porque a roubaste?
Justo seria... As horas passam, fogem,
Aproveital-as vou, devo salval-a.
Se isto é crime, encarrego-me do crime,

(1) Chora.
(2) Arrebatado.

Sê n'isto affronto os céos, os céos têm raios;
Posso remir a victima, que adoro;
Ha caminho, que a ella me conduza;
Consente-o: não arriscas tua gloria,
Basta só que retardes a sentença.
Se a retardas, senhor, salvaste a filha!
Da palavra, que dou, verás o effeito.

AURELIO

Que intenta!... A que cegueira amor o arrasta! (1)
Ah mancebo infeliz! Que pronuncías!
Dentro em meu coração não lêm teus olhos...
Eu o golpe lhe dei com que ella expira...
Ah! N'esta alma paterna, inconsolavel,
Com mais exprobrações o horror não dobres...
De benigna piedade eu necessito...
Vê meu debil poder... Já no Senado
Os severos pontifices se ajuntam;
Do crime perpetrado em breve esperam
Exacta informação, que dar-lhes devo...
Ou demora, ou descuido as leis não soffrem.
A mesma criminosa se delata...
O zelo impaciente apressa a pena...
Retardar-se não póde o sacrificio,
Que o meu dever me impõe, que Roma espera.

AFRANIO

Sacrificio! De quem! De Ericia?... Ah! Caiam,
Caiam primeiro esses crueis altares
Nas ruinas dos tectos abrazados;
Primeiro o sacro fogo em cinzas torne
Da feroz Vesta as barbaras escravas!
Já não sei da razão, já nada attendo:
Meu coração raivoso, arrebatado
Ousa desafiar todos os deuses.
Embora sobre mim rebentem raios;
Nada póde estorvar que eu vingue Ericia,
Que eu vingue a minha amada... Oh céos! Vingal-a...
Outras idéas tenho, outros cuidados;

(1) A custo, e como reanimando a constancia.

Sómente o de salval-a é que me occupa:
Aurelio, meus tormentos te commovam,
Ah! Faze que o pontifice emmudeça;
Triumphe a natureza, amor triumphe. (1)
Oh meu pae!... (tenho jus de assim chamar-te)
Nada tentas, senhor, nada te incita!
A proxima desgraça não te atérra?
Que! Poderás ouvir, ver tua filha
Gemer, e caminhar ao trance horrivel;
No sepulchro fatal sumir-se viva!
Pela ultima vez tendo lançado
Os olhos para ti, e em vão chorando;
Pedindo em vão piedade ao pae, aos deuses!
Poderás vêr seu pranto... origem d'elle!...
Treme a tão negra idéa a Natureza!...
Aurelio!... Que espectaculo!... E serias
Capaz de o supportar?... (2)

SCENA V

AFRANIO

Foge, não me ouve!...
Tudo, infeliz donzella, te abandona! (3)
Tudo, tudo perdeu!... Não, eu lhe resto,
Basta!... Appelle-se á força. Arme-se a raiva,
Congregue-se um partido, ajudem promptos
Os confidentes meus minha vingança,
E com ferro, e violencia aqui tornemos.
Ao sepulchro se arranque a minha amada,
Arranque-se aos verdugos, a despeito
Dos romanos, das leis, e até dos numes!

(1) Lança-se-lhe aos pés.
(2) Aurelio o encara com ternura, levanta-o, torna a encaral-o, e vae-se.
(3) Depois de alguma pausa.

ACTO III

O fundo do theatro está aberto, deixa vêr uma praça, que faz parte do recinto; nota-se ali uma terra elevada, que é o sepulchro destinado para Ericia; a entrada é por cima. Á roda grandes pedras, que devem fechal-o. Vem quasi amanhecendo.

SCENA I

AURELIO (1)

Que espectaculo! Oh Vesta!... A criminosa (2)
Está julgada emfim... Não tem refugio...
Eu a sentenciei... Serás vingada!...
Os pontifices todos a condemnam...
Perdoa-me estas lagrimas... Ao fado
De uma filha infeliz são bem devidas...
Debalde quer firmar-se a natureza...
O aspecto do sepulchro me confunde...
Me arripia... me abate...— E posso, oh deusa,
O rigor sustentar de meus deveres?...
Afranio... Que esperanças, que desejos
Se afouta a conceber minha alma insana?
Eu sou juiz, pontifice, e romano... (3)
Eu sou pae... elle viu minha amargura...
Ama... é audaz... a tudo ha de atrever-se...
Venha... os impetos seus... Eu cerro os olhos...
Mas onde me transporta o meu delirio!...

(1) Cheio de consternação caminha algum tempo pela scena sem dizer nada, ergue os olhos para o céo, e recua horrorisado á vista do sepulchro.
(2) Olha para toda a parte com inquietação.
(3) Rapidamente e como fallando a seu pezar.

Vingança devo ás leis... Vingança aos numes...
A minha propria filha... em honra d'elles
Devo sacrificar!... Que angustia!... Afranio!...
Afranio!... Este desejo é sacrilegio! (1)
Com que voz, com que face, oh filha minha,
Ha de teu pae miserrimo intimar-te (2)
A sentença cruel, que deu forçado?
Com que animo a teus olhos temerosos
Hei de expôr o sepulchro?. . A morte!... O nada!...
Soccorro, eterno Jove!... Eu desfalleço. (3)

SCENA II

Aurelio e Ericia

ERICIA (4)

Onde vou!... Tudo augmenta os meus terrores...
Á morte me aproximo em cada passo...
Senhor... Na turbação, que lhe diviso
Se nutrem minhas ancias!... Tarde... ai!... Tarde
Deparado me foi o amor paterno.

AURELIO

E's tu, filha (5)

ERICIA (6)

Acolá me espera a morte,
Meu pae!

AURELIO

Para morrer devo dispol-a!... (7)

(1) Tornando a olhar.
(2) Depois de algum silencio.
(3) Encosta-se a um canto do theatro, e fica em profunda afflicção.
(4) Caminha para o pae, que não repara n'ella.
(5) Como acordando, e fallando a custo.
(6) Olha para o sepulchro, volta-se para o pae, e aponta para elle.
(7) Torna a encostar-se.

ERICIA

Já nenhuma esperança me permittem?...
Choras!... Suspiras!... Basta, eu me resigno.
O Senado firmou minha sentença?...
Afranio... Tel-o amado é só meu crime.
Este funesto amor, que negros males
Semeou na minha alma, e nos meus dias!...
Meu pae... Que injuria atroz fiz eu aos numes?...
Sem querer te enveneno o fim da vida...
Porém dos annos meus pondera o fado:
Elles por dura lei se tem volvido
N'este carcere triste em amarguras,
Em desesperação, queixumes, prantos;
Vê como se terminam!... Cerra os olhos, (1)
Cuida só em punir, meus ais não ouças,
Suffoca as sensações da humanidade,
Repulsa a natureza horrorisada...
Senhor... se compassivo em outro tempo
Sua voz attendesses, não virias
Exercer este horrivel ministerio;
Tu serias feliz... de Afranio eu fôra...
Perdoa!... Desatino... a seus transportes
Se dá meu coração mais do que deve...
Lamento-te, senhor... adoro Afranio...
E vou morrer!... Constancia, fortaleza
Armem teu peito agora, ousa animar-me:
No momento fatal soccorre Ericia,
Eu não receio a morte, a injuria temo;
Inda cedendo a amor dei culto á honra,
Seguia um terno esposo, um digno amante,
Que me offertava a liberdade, a gloria,
Seguia um coração, que ao meu se unira
Desde a tenra, viçosa adolescencia...
Morro comtudo no supplicio infame,
Que pune corações torpes, abjectos,
Falsos ao mesmo tempo a si, e aos deuses...
Os injustos mortaes hallucinados
Do crime não distinguem a fraqueza?
Serei da opinião victima triste!

(1) Aurelio se levanta, dá um gemido, e cáe na sua primeira situação.

AURELIO (1)

Ah filha deploravel!... Esperemos...
Se a fortuna... se os céos... se os meus desejos...
Que crime!... Que esperança!... Oh negros fados!... (2)

SCENA III

Veturia, Aurelio e Ericia

VETURIA

Já, ministro sagrado, as sombras fogem,
A aurora vem raiando, e sem vingança
A deusa ainda está, e a afflicta Roma!
Expie-se o delicto, o mal se arrede,
Morra a culpada no supplicio justo;
Hoje este indispensavel sacrificio
Seja o primeiro, que os romanos vejam:
Ao templo consternado o sol nascente
Reconduzindo a luz, de novo encontre
N'estes altares a pureza augusta,
E preste a nossos cultos nova chamma:
Na sombra, em que nasceu, se ausente o crime.
De Vesta celebrar-se os ritos possam;
Este pomposo instante acceleremos:
Motivo algum não ha para a demora;
Dos offendidos céos, do altar manchado
Seja a vingança publica, e solemne;
Ao povo impaciente as portas se abram.
Soldados, vigiae por toda a parte!
N'este santo logar vossa presença
Contenha a multidão. Vestaes, é tempo,
Vinde. (3)

(1) Levantando-se, e caminhando depressa pelo theatro e olhando para o fundo.
(2) Com dôr e susto.
(3) O fundo do theatro se enche; as Vestaes vem com os pontifices; os soldados dispersos pela scena, affastando o povo da sepultura.

ERICIA (1)

Ao meu tempo (oh céos!) estou chegada,
Morte cruel! Ao teu aspecto horrivel
A humanidade treme... antes de tempo
Caio, e me escondo em teu abysmo eterno!

AURELIO (2)

Criminosa esperança abafar devo...
Céo!... Cumpre obedecer!... Tu me conforta.

VETURIA (3)

Tudo, oh santo ministro, está disposto:
Execute-se a lei. Essa perjura,
Que alta justiça ao tumulo condemna,
Um nome, que manchou, não leve a elle.
Do sacro véo despoje-se a rebelde,
Por seus membros se entenda o véo da morte.

AURELIO

Que barbaro dever! (4)

ERICIA

Momento acerbo! (5)
Senhor, tu estremeces!... Vê que todos
Têm nas tuas acções os olhos fitos,
Conclue... De ser páe não é já tempo...
Do juiz, do pontifice, eis a hora;
Para o negro sepulchro os passos move...
Eu só devo tremer, e lamentar-me...
Tu... obedece aos deuses. Quando Afranio... (6)
Onde, triste memoria, me arrebatas!...
Ah! Meu final momento a amor pertence. (7)

(1) Lança os olhos para a turba, e ergue-os para o céo.
(2) Olhando para uma parte com perturbação.
(3) Pegando no véo negro, que lhe traz uma das Vestaes.
(4) Péga no véo negro que Veturia lhe dá, e entretanto algumas Vestaes tiram o véo branco a Ericia.
(5) Chegando-se para seu pae, e abaixando a voz.
(6) Com voz ainda mais baixa.
(7) Abaixa a cabeça, Aurelio ergue o véo com mão trémula, e o deixa cair n'ella.

VETURIA (1)

Tua morte socegue a afflicta Roma:
Os males, que temia, em ti descaíam;
Só tua iniqua fronte os deuses firam.

ERICIA

Adeus, querida Emilia. (2)

EMILIA (3)

Ah! Fui-te falsa,
O meu zelo indiscreto urdiu-te a morte.

ERICIA

Vê se n'este logar mora a ventura: (4)
De fraqueza um momento ali me abysma; (5)
Implorae a deidade a bem de Ericia,
De Ericia triste!... (6) O meu caminho é este? (7)

VETURIA

Toda aquella entre nós, que ousar manchar-se
De tão feio attentado, assim pereça.
Vestaes, que sacra lei nas aras prende,
Da vingança do céo vêdes o exemplo;
Tende-o sempre ante os olhos aterrados:
Adoremos a deusa inexoravel;
A seus augustos pés tremei comigo.

(1) Em quanto Ericia recebe o véo.
(2) Depois de ter dado alguns passos, e achando-se ao pé de Emilia.
(3) Detendo-a, e lançando-se-lhe aos pés.
(4) Levantando-a nos braços.
(5) Mostra-lhe o sepulchro.
(6) Olha para o sepulchro; a multidão do povo concorre, e põe-se em roda; os soldados, que conservam a turba em uma certa distancia, estão postos em fileira e deixam entre si um caminho livre.
(7) Volta a cabeça devagar, e caminha com horror para onde está a sepultura.

AURELIO

Oh dôr! (1)

ERICIA

É pois aqui meu ponto extremo!...
Deixo emfim de existir!.. de amar! Perdoa,
Sim, perdoa-me, oh céo, talvez te offendo;
Mas ache um protector, ache um refugio,
Em teu poder supremo a gloria minha!
Tu ao meu coração, quando me punes,
Tu ao meu coração faze justiça;
Elle de corrupção não foi tocado!...
Sacerdotes, Vestaes, Povo romano,
Em prova do que ouvís attesto os deuses,
Que aos impios dão no inferno eternas penas;
Não, no estado em que estou não ha fingidos;
Entre a morte, entre mim só vejo um passo;
Mas soffrei que ao morrer me queixe ao menos.
Respeitos, subjeições, ou interesses
De todo para mim se desvanecem;
Das cegas prevenções o véo rasgando,
A verdade nos tumulos se encosta...
D'ali é que ella falla, e resplendece.
Quando maligno fado, a meu despeito,
Me conduziu, Vestaes, ao templo vosso,
Vós, que vistes meu pranto, e meus pezares
Expulsastes-me então, como devieis?
Não; vós minhas cadêas apertastes,
E desde esse cruel, terrivel dia,
Sempre, sempre a gemer busquei soccorro.
Busquei piedade em vós... E achei piedade?
Não; só fallar ouvia em leis tremendas,
Que arremessam no horror da sepultura
Profanas, infieis sacerdotizas;
Calava-se a piedade, a dôr crescia,
E do temor nasceu meu artificio.
O infeliz coração, que exarcerbastes,
Pelo não parecer, foi criminoso.
Talvez dobrou seu mal por occultal-o,

(1) Olha para o sepulchro, vê sua filha, que lhe contempla a profundidade com terror. Aurelio volta a cabeça, e encosta-se a um pontifice.

Compassivos talvez vossos desvelos
Chagas, que amor lhe abriu, curar podessem:
Nada obtive de vós... morrer me vêdes!
Ah! Praza, praza ao céo que deplorando
Os tristes fados meus, não mais, oh virgens,
Franqueeis vosso templo a desgraçadas!
Estas preces ouvi, eu vos perdôo...
Vesta! Vê meus remorsos, não me siga
Teu odio, teu furor além da morte. (1)

SCENA ULTIMA

Os mesmos e Afranio (2)

AFRANIO

Fugi!

VETURIA

Que voz sacrilega interrompe
Um acto... Porque empunhas esse ferro?

AFRANIO

Treme... e tremei tambem, sacerdotizas...
Entregae-me... que vejo!... Oh céos!... Detem-te... (3)

ERICIA

Oh deuses!... Onde estou! (4)

AFRANIO (5)

Meus dignos socios (6)
Vêm, com resolução capaz de tudo,
Proteger meu amor, ou minha raiva...

(1) Abaixa o véo, e caminha devagar para o sepulchro.
(2) Com um punhal na mão, seguido de romanos e abrindo caminho por entre o povo. Aurelio em toda esta scena mostra com gestos a sua extrema consternação.
(3) Vê Ericia junto á sepultura, corre a ella, lança-lhe os braços ao tempo em que ella já tem um pé no sepulchro, e levanta o outro para descer.
(4) Atterrada, e caíndo sobre a pedra do sepulchro.
(5) Transportado.
(6) Aponta para os companheiros.

Não temas o furor de um zelo injusto,
De um zelo que te ultraja... estou comtigo. (1)
Para sacrifical-a é necessario,
Romanos, que primeiro no meu sangue
As mãos enxovalheis; não desamparo
A lastimosa victima; reclamo
Sobre esta sepultura a minha amada,
A minha esposa!... E' justo que em meus braços
Vós a depositeis. Eu quiz livral-a
De acerba escravidão: ninguem me exprobre
Que insulto a deusa; — recebi primeiro
De Ericia o coração, ternura, e votos;
Vesta com duras leis a tinha presa;
Ella me pertencia... os meus direitos
Manter quero ante vós... Qual é mais santo?
Eu amo, eu sou amado... eia, responde,
Pontifice, a ti mesmo afouto appello!
Tu nos viste formar tão doces laços:
Teu orgulho os quebrou: para exaltares
Um filho, dous amantes desuniste...
Romanos, conhecei toda a sua alma,
Estorvae um delicto abominoso...
O barbaro é seu páe. (2)

VETURIA

Seu páe!

AFRANIO

Dos braços,
Dos braços a roubou de um terno amante,
E n'este dia ordena a morte d'ella!...
Ella não morrerá; minha ternura
Vem remil-a do horror do captiveiro;
Meu zelo vem romper-lhe o ferreo jugo,
Que tanto na cerviz lhe tem pezado.
Amar a liberdade é crime em Roma?
Examinem-se as leis, que o Tibre adora.
Summo bem dos mortaes é serem livres:
Que voto ha, que derrogue este desejo?

(1) Voltando-se para o povo.
(2) Todos mostram admiração.

Votos, que a força impoz, não podem tanto.
E' resistir aos céos, é ser culpado
Romper um jugo, um jugo insupportavel?
De causar nossa angustia os deuses folgam?
Folgam de nossos ais, de nossos prantos?
Os ferros, e oppressões nos amontoam?
Nós somos filhos seus, ou seus escravos?...

VETURIA (1)

Deuses!... Ainda o raio está suspenso!
Romanos, castigae...

AFRANIO (2)

Fieis amigos,
Favorecei meu impeto... Romanos,
Esperae, quando não fervendo em raiva,
O templo cubrirei de horror, de estragos;
Perseguirei bramindo os vossos dias
Defronte d'esses deuses implacaveis,
Cubiçosos de lagrimas, e sangue!
Se derramando-o só lhes aprazemos,
Se Vesta emfim o exige... Eu a contento...
Que deuses, cujas leis, cuja grandeza
Em vez de o proteger, o mundo opprimem!
Que as aras querem ver nadando em sangue,
Quando para applacal-os deveria
Ser bastante um só ai, um só remorso!
Detesto os deuses máus, que adora o medo,
Filhos do engano, pela morte honrados...
Inda que Vesta subito me abrisse
A terra em bocas mil para tragar-me,
Eu não conheceria... eu não conheço
Senão o autor de Roma, o deus da guerra,
Dos meus concidadãos a deus terrivel...
Por elle o mundo, promettido a Roma,
Ha de soffrer-lhe as leis, sentir-lhe os ferros...
Marte de Ericia não exige a morte;
Ella por mim suspira, aquelle affecto

(1) Com uma especie de horror.
(2) Aos seus amigos vendo a plebe disposta a amotinar-se.

Para arrancar-lhe a vida é um direito?
Céos! Que contradicção diviso em Roma?
Onde Venus se adora, Amor se pune!
Merece Amor este cruel supplicio?
Como! A religião faz deshumanos?
Sempre a Superstição desatinada,
Oh céos! Oh Natureza! Ha de affrontar-vos!
Sempre de idéas vãs envilecida,
Ha de a Razão gemer, e a Humanidade?
Sempre o cego mortal ceder a enganos!...
Ah, dos Numes que asylo esperaremos,
Se a morte se colloca ao pé das aras!
Deve o medo offertar nossos incensos?
Não!... Se o céo quer vingar-se, o céo se vingue...
E quando vós punis, talvez perdoe;
Só compete aos mortaes orar aos numes...
Mas demorei-me assás; vem, segue Afranio! (1)
Meu férvido valor desesperado
Passagem te abrirá por entre o povo.

ERICIA

Deixa-me!... Teme os céos, de quem blasphemas.

AFRANIO

Sê minha, vem, — depois os céos fulminem;
Dos deuses a pezar eu hei de obter-te;
Minha promessa tens, e exijo a tua,
Minha esposa serás... dos céos á face,
Sobre este horrivel tumulo profiro
O solemne immutavel juramento;
Nada póde arrancar-te dos meus braços:
N'este meu juramento, attesto, invoco
Amor, Jupiter mesmo, a mesma Vesta.

ERICIA

Espera... tu que pódes? Deixa, deixa
Este logar em paz, não o profanes...
Satisfeitos serão Amor, e Vesta.

(1) Para Ericia.

Olha o povo a bramar! Quer minha morte:
O duro sacrificio em vão suspendes.
Romanos, eis o amante idolatrado,
Que á patria, que ao dever, que aos céos prefiro;
Dos annos meus lhe consagrei a aurora...
Meus primeiros suspiros foram d'elle,
D'elle será meu ultimo suspiro...
Cáe-me o grilhão, recobro a liberdade.
Oh tu, que imperas só nos meus sentidos, (1)
Queres a minha mão?... (2)
Recebe-a, é tua.

AURELIO

Deuses!... Eu morro!...

AFRANIO

Ericia!... Oh raiva!... Oh crime!...
Céo tyranno!... Outra victima te off'reço. (3)

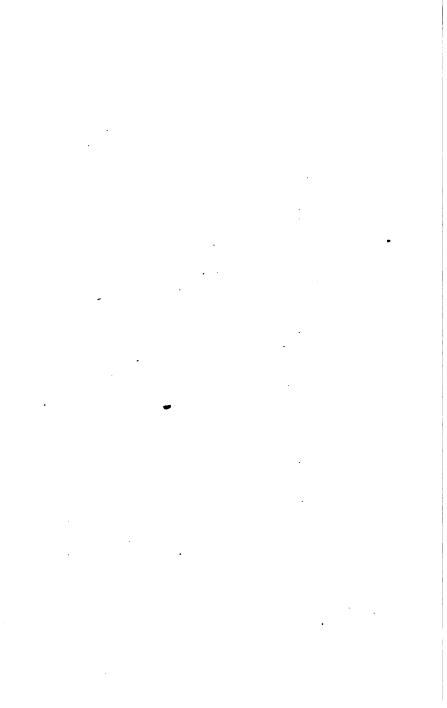
(1) Voltando-se para Afranio.
(2) Lança-se arrebatadamente ao punhal de Afranio, fere-se com elle, e estende-lhe a mão, dizendo:
(3) Arranca-lhe o punhal, e mata-se. Aurelio consternado se encosta a um pontifice. O povo, e soldados mostram dôr e compaixão. Os pontifices e as Vestaes horror e assombro.

Attilio Régulo

DRAMA HEROICO

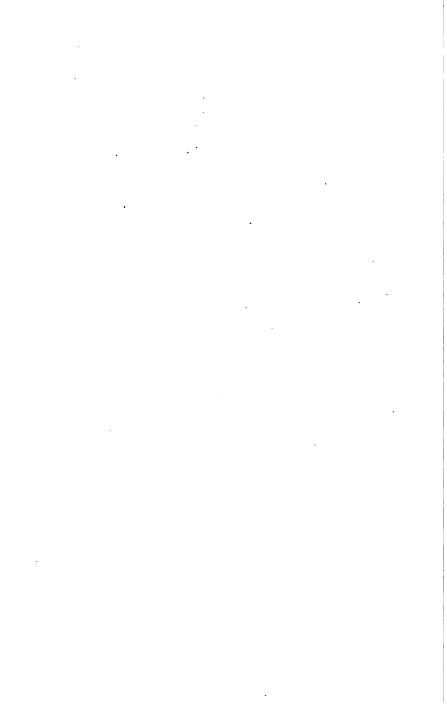
DE

PEDRO METASTASIO

TRADUZIDO EM VERSOS PORTUGUEZES

ACTORES

RÉGULO.	
MANLIO..................	*Consul.*
ATTILIA / PUBLIO }	*Filhos de Régulo.*
BARCE..................	*Nobre africana, escrava de Publio.*
LICINIO	*Tribuno do povo.*
AMILCAR	*Embaixador de Carthago.*

SENADORES, PATRICIOS ROMANOS, LICTORES,
AFRICANOS, POVO, ETC.

A acção se finge fóra de Roma, nos arredores
do templo de Bellona.

ATTILIO RÉGULO

ACTO I

Atrio no Palacio suburbano do Consul Manlio. Espaçosa escada, por onde se sóbe a elle.

SCENA I

Attilia, Licinio, Lictores e povo

LICINIO

E's tu, querida Attilia! Oh céos! E' crivel
Que de Régulo a filha aqui se encontre
Confundida entre a plebe, entre os Lictores?

ATTILIA

Aqui do Consul a saída espero:
Hei de, oh Licinio, envergonhal-o ao menos:
Não, já tempo não é de vãos melindres.
Em Africa meu páe captivo geme,
Um lustro decorreu, ninguem procura
Resgatar o infeliz; só eu mesquinha
Seu desastre fatal pranteio em Roma:
Se me calar, quem fallará por elle?

LICINIO

Repara que és injusta assim pensando.
Onde vês quem não queira, ou não suspire

Desligar-lhe as prisões? E quem não julga
Ser pequena conquista Africa inteira,
Tão grande cidadão custando a Roma?
De mim não fallo: elle é teu pae, eu te amo:
General, custou-me a dextra ás armas:
Da custosa virtude as leis severas
Amaveis me tornou, insinuou-me
No docil peito um coração romano.

ATTILIA

E que montam, Licinio, essas memorias?
Fructos da gratidão inda não vejo.

LICINIO

Carecendo até-qui de auctoridade,
Que podia exercer em seu proveito?
De ambicioso ardor não fui tentado,
A demandar o tribunicio emprego:
Com elle o preço das instancias minhas
Altear pretendi: se inuteis preces
Té hoje por teu páe fiz ao Senado
Em simples cidadão;—Tribuno agora,
Do povo todo em nome a voz soltando,
Protesto de exigir...

ATTILIA

Guardemos esse
Tão violento remedio a lance extremo:
Tumultos, dissensões se não despertem
Entre o povo, e Senado: ambos zelosos
Do supremo poder, por elle punem;
Ambos de longo tempo a si o arrogam,
E o que um d'elles promove, embarga o outro.
Ha mais facil caminho: eu sei que Roma
O orador de Carthago espera em breve:
Para ouvil-o o Senado se congrega
No templo de Bellona. O Consul póde
De Régulo o resgate ali propor-lhe.

LICINIO

Manlio!... Ah! Vê que foi sempre, e desde a infancia
Émulo de teu páe, não fies d'elle:
E' Manlio meu rival.

ATTILIA

Manlio é romano:
Com publico poder odio privado
Sei que não ha de armar; deixa que eu falle;
Ouçamos o que diz.

LICINIO

Falla-lhe ao menos
Em logar mais decente, e não toleres,
Que entre o povo te encontre.

ATTILIA

Antes desejo
Que abatida me observe, e córe ao ver-me,
Que em publico me escute, e me responda.

LICINIO

Elle vem.

ATTILIA

Parte.

LICINIO

Ah! nem sequer te dignas
De olhar-me uma só vez? Attilia...

ATTILIA

Agora
Me cumpre filha ser, não ser amante.

SCENA II

Attilia, *e* **Manlio** *descendo;* **Povo** *e* **Lictores**

ATTILIA

Manlio, detem-te; escuta-me um momento.

MANLIO

E crês este logar de Attilia digno?

ATTILIA

Era digno de mim quando eu podia
Blasonar de um páe livre, um páe invicto:
Para a filha de um servo, é decoroso.

MANLIO

A que vens?

ATTILIA

A que venho? Oh céos! Té quando
Com pasmo a terra, envergonhada Roma,
Verá meu triste páe desamparado
Em vil escravidão? Sómem-se os dias,
Annos tornam-se em lustros, lustros passam,
E quem de seus grilhões se doe, se lembra?
Ah! Que delicto seu tem merecido
Tão barbara indiff'rença dos romanos?
Talvez o heroico amor, talvez a honra
Com que os filhos, e a si pospoz á patria?
Talvez seu coração grande, incorrupto,
Sua illustre pobreza em summos cargos?...
De Régulo esquecer-se, oh! Como póde
Quem respira estes ares? Onde em Roma
Ha logar, que de Régulo não falle?
As ruas? Por alli passou triumphante.
O foro? Lá dictou leis providentes.
Os muros do Senado? Ahi mil vezes
Seus maduros conselhos fabricaram
A publica saude. Entra nos templos,

Vae, sóbe, oh Manlio, o Capitolio, e dize,
Quem de tantas insignias o adornára,
Punicas, Sicilianas, Tarentinas?
Estes mesmos Lictores, estes mesmos
De que hoje és precedido, já n'outr'hora
Precedêram meu páe: essaa, que cinges
Purpura consular, cingiu-lhe os hombros;
E hoje o deixam morrer entre cadêas?
E hoje por si não tem senão meus prantos,
Meus prantos sem proveito desparsidos?
Oh Patria! oh Roma! Oh cidadãos ingratos!

MANLIO

Justa é sim tua dôr; mas não é justa
A tua accusação: tambem nos móve
De Régulo o desastre, e bem sabemos
N'elle, que horror tyrannico pratica
A barbara Carthago.

ATTILIA

Ah! Não, Carthago
A barbara não é: Carthago opprime
Um contrario fatal: Roma abandona
Um fiel cidadão. Lembra-se aquella
Dos antigos ultrajes; esta esquece
Quanto sangue, e suór verteu por ella.
Uma em Régulo vinga os seus deslustres;
A outra a pune, porque acceso em gloria,
De louros triumphaes lhe honrára a fronte:
Qual é pois a cruel? Carthago, ou Roma?

MANLIO

Mas que resolução tomar se deve?

ATTILIA

A mais justa de todas. O Senado
Off'reça por meu páe troca, ou resgate
Ao africano Embaixador.

MANLIO

Tu fallas,
Attilia, como filha; a mim reléva
Proceder como consul. E' preciso
Primeiro examinar se tal proposta,
A Roma não desluz. Quem ás cadêas
Os pulsos costumou...

ATTILIA

D'onde aprendeste
Tão rigida moral?

MANLIO

Tenho ante os olhos
Os exemplos domesticos.

ATTILIA

Ah! Dize,
Que sempre de meu páe contrario foste.

MANLIO

Se de inimigas mãos caíu nos ferros,
Se elle deixou vencer-se, é culpa minha?

ATTILIA

Mas antes que meu páe vencido fosse,
Que vezes te ensinou...

MANLIO

Não mais, Attilia;
O Senado está junto: eu já não posso
Aqui deter-me: aos outros Senadores
Menos austeras maximas inspira:
Pódes o meu rigor baldar com isso;
Pódes, que em Roma os Consules não reinam.
Tu julgas-me cruel e inexoravel;
Mas não é sempre a dôr juiz inteiro:
Affligem-me teus ais, teus males sinto;
Mas não provêm de mim, não sou culpado
Se te empéce o que a tantos aproveita.

SCENA III

ATTILIA

Já que esperar dos Consules não resta:
Um contrario, outro ausente; é necessario
Que ao popular auxilio se recorra.
Triste, misero páe! Ah! De que incertas,
Fataes altercações está pendente
A tua liberdade, a tua vida!

SCENA IV

Barce e Attilia

BARCE

Attilia! Attilia!

ATTILIA

Que razão te apressa?
Porque assim te afadigas?

BARCE

E' chegado
O africano orador.

ATTILIA

Não vale a nova
Esse extranho transporte.

BARCE

Outra noticia
O mereça talvez.

ATTILIA

Qual é?

BARCE

Com elle
Vem Régulo.

ATTILIA

Meu páe?

BARCE

Teu páe.

ATTILIA

Ah, Barce!
Enganas-te, ou me enganas?

BARCE

Não foi visto
Por mim, mas todos...

ATTILIA

Publio!

SCENA V

Attilia, Barce e Publio

PUBLIO

Irmã, que assombro!
Régulo em Roma está.

ATTILIA

Deuses! que assalto!
Que enchente de prazer! Guia-me a elle.
Corramos... onde está?

PUBLIO

Suspende, Attilia:

Inda tempo não é. Régulo, junto
C'o africano orador, licença espera
Para entrar no Senado.

ATTILIA

Ah! Onde o viste?

PUBLIO

Bem sabes, que eu Questor tenho a meu cargo
Hospedar estrangeiros oradores.
Ouvindo que o ministro de Carthago
Chegára ao Tibre, os passos acceléro;
Ao porto me encaminho, e quando julgo
Um africano ser, meu páe diviso.

ATTILIA

Que disse? Que disseste?

PUBLIO

Já na praia
O vi quando cheguei. No Capitolio,
Que inda ao longe d'ali se alcança em parte,
Com sofrega attenção fitava os olhos.
D'est'arte ao vêl-o, irmã, corri gritando:
«Ah caro páe!» E a mão tentei beijar-lhe.
Ouve-me, volta o rosto, o pé desvia,
E com a face austera, aquella face
Que a soberba africana amedrontava;
«Não são páes (me responde) em Roma os servos.»
Replicar-lhe queria: eis me interrompe:
Se o Senado está junto, me pergunta;
Pergunta em que logar: ouvio-o, e mudo
Logo retrocedi para o Senado,
O Consul demandando: mas que é d'elle?
Os Lictores não vejo.

BARCE

Elle no templo
De Bellona estará.

ATTILIA

Torna captivo
Régulo pois a nós?

PUBLIO

Sim; mas de pazes
Sei que traz a proposta, e que seu fado
D'elle depende só.

ATTILIA

Porém quem sabe
Se a proposta será de agrado a Roma?

PUBLIO

Se visses com que amor o acolhe Roma?
Tal dúvida, por certo, não tiveras.
Todos, Attilia, estão de gosto insanos:
Tanto povo em tropel nas ruas ferve,
Que as ruas para o povo estreitas ficam.
Um outro apressa, aquelle a este o aponta:
Que titulos! Que nomes ouvi dar-lhe!
Quantos olhos em lagrimas banhados
Vi de ternura! Ao coração de um filho,
Attilia, que espectaculo tão doce!

ATTILIA

Ah! Licinio onde está? Busque-se, vamos:
Sem elle o meu prazer fôra incompleto.

SCENA VI

Publio e Barce

PUBLIO

Adeus, Barce formosa.

BARCE

Ouve: não sabes
Do Embaixador carthaginez o nome!

PUBLIO

Sim, Amilcar.

BARCE

De Hannon acaso o filho?

PUBLIO

O mesmo.

BARCE

(Ah! o meu bem.)

PUBLIO

De aspecto mudas!
Porque? Amilcar será talvez motivo
Do invencivel rigor com que me opprimes?

BARCE

Atégora, senhor, tanta piedade
Achei n'alma de Attilia, e na tua alma,
Que o pezo de meus ferros não sentia.
Fôra ingrata demais se te enganasse:
Todo o meu coração porei patente
A Publio bemfeitor: sabe...

PUBLIO

Emmudece.
Prevejo que fatal será comigo
A tua ingenuidade. Agro veneno
D'estes dias os prazeres não me azéde.
Se és d'outro, quero ao menos duvidal-o:
Se objecto mais feliz te rege o peito,
Verdade tão cruel não patentêes:
Ah! deixa-me sequer folgar no engano:
A suspeita no amor é um tormento,
Que morde os corações, que os empeçonha;
Mas a certeza é mal, que ás vezes mata.

SCENA VII

BARCE

Oh fortuna! Oh prazer! Será verdade!
O meu perdido bem vereï de novo?
Bem unico, e primeiro em que minha alma
Ardeu, e suspirou, arde, e suspira.
Ah! Que farás de Amilcar na presença,
Meu terno coração, se ouvir-lhe o nome
Te obriga a palpitar de um modo extranho?
Parece que no peito apenas cabes.
O que é contentamento, o que é ventura
Só poderá dizer quem longamente
Saudoso do seu bem penou debalde,
E torna a vêl-o emfim. N'aquelle instante
Os suspiros, as lagrimas se adoçam,
E das curtidas magoas a memoria
Em subitos prazeres se converte.

SCENA VIII

Parte interna do templo de Bellona. Assentos para os Senadores romanos, e oradores estrangeiros. Lictores, que guardam diversas entradas do templo, d'onde se avista o Capitolio e o Tibre.

Manlio, Publio, Senadores, Lictores,
que guardam a entrada: **Africanos** *e* **Povo,** *fóra do templo*

MANLIO

Lictores, venha Régulo, e com elle
O africano Orador. Aos inimigos
Já grata é pois a paz?

PUBLIO

A paz desejam,
Ou dos captivos que se ajuste a troca:

De vós obtel-o a Régulo incumbiram.
Se nada conseguir, fica obrigado
A voltar a Carthago, e lá de Roma
A repulsa pagar c'o proprio sangue:
Foi da promessa o juramento abono.
Viu antes de partir (que horrivel scena!)
O funéreo, o terrifico apparelho
Da ameaçada morte. Ah! Não se diga,
Que ás mais barbaras penas condemnado
Tão digno cidadão...

MANLIO

Basta, elle chega. (1)

SCENA IX

Passam **Régulo** *e* **Amilcar** *entre* **Lictores**, *que tornam logo a unir-se.* **Régulo** *apenas entra no templo, pára pensativo. Os Africanos ficam atraz dos* **Lictores**.

AMILCAR

Que te suspende, oh Régulo? A teus olhos
O logar em que estás acaso é novo?

RÉGULO

Penso qual d'elle fui, qual torno a elle,

AMILCAR (2)

De Carthago o Senado, desejando
Em fim depôr as formidaveis armas,
O Senado romano hoje saúda:
E se a paz de Carthago anhéla Roma,
Quem lhe envia a saude, a paz lhe envia.

(1) O Consul, Publio e todos os Senadores vão tomar assento. Ao lado do Consul fica desoccupado o logar, que algum dia occupára Régulo.
(2) Ao Consul.

MANLIO

Senta-te, e expõe. — E tu, o antigo assento
Vem, Régulo, occupar.

RÉGULO

Mas quem são estes?

MANLIO

Os Senadores.

RÉGULO

Tu quem és?

MANLIO

Conheces
O Consul já tão mal?

RÉGULO

Pois entre o Consul,
E os Senadores, tem logar um servo?

MANLIO

Não; mas em teu favor, em honra tua,
Por ti, que mil trophéos á patria déste,
Das leis o rigorismo esquece Roma.

RÉGULO

Pois o que a Roma esquece a Roma eu lembro.

MANLIO

(Quem viu jámais tão rigida virtude!)

PUBLIO

Nem eu me sentarei.

RÉGULO

Publio, que fazes!

PUBLIO

O que devo, senhor; erga-se o filho
Onde o páe se não senta.

RÉGULO

Ah! Tanto em Roma,
Tanto em Roma os costumes se mudaram!
Entre os cuidados publicos, outr'hora,
Soffrer a idéa de um dever privado,
Emquanto não passei de Lybia ás praias,
Era mais do que um erro, era delicto.

PUBLIO

Porém...

RÉGULO

Senta-te, Publio, e desde agora
Occupa esse logar mais dignamente.

PUBLIO

Instincto natural é meu respeito
Na presença de um páe.

RÉGULO

Mais não prosigas:
Teu páe foi morto quando foi vencido.

MANLIO

Agora falle Amilcar.

AMILCAR

Deu Carthago
A Régulo o poder, a auctoridade
De expor-vos seu desejo. O que lhe ouvirdes
E' o que diz Carthago, o que eu dissera.

MANLIO

Falle Régulo pois.

AMILCAR

Traze á memoria
Que, se não fôr acceito o que expozeres,
Juraste...

RÉGULO

Cumprirei quanto hei jurado.

MANLIO

(D'elle se vae tractar. Oh que energia
Suas vozes terão!)

PUBLIO

(Deuses de Roma!
Dom persuasivo nos seus labios ponde.)

RÉGULO

A inimiga Carthago, oh Senadores,
Com tanto que não ceda o que possue,
A paz, que tanto quer, propor-vos manda:
Se a paz não lhe outorgaes, deseja ao menos
Que dos seus prisioneiros, que dos vossos,
Termine a troca o misero desterro.
Vóto que se recuse, a paz, e a troca.

AMILCAR

Como!

PUBLIO

(Ai de mim!)

MANLIO

(De assombro estou qual pedra!)

RÉGULO

A paz é facil vêr que damno envolve;
Teme o contrario, se a deseja tanto.

MANLIO

Porém a troca...

RÉGULO

A troca ainda esconde
Engano para vós mais perigoso.

AMILCAR

Régulo!

RÉGULO

Cumprirei quanto hei jurado.

PUBLIO

(Deuses! Meu páe se perde.)

RÉGULO

Inclue a troca
Mil, e mil prejuizos; mas o exemplo
É peor que nenhum: do Tibre a honra,
A constancia, o valor (oh Senadores)
A disciplina, a militar virtude;
Decaem, fallecem, morrem, se os cobardes
Esperam liberdade, esperam vida.
Que presta ao bem commum que volte a Roma
Quem do affrontoso, do servil flagello
Negros vergões trouxer no dórso infame?
Quem as armas, de sangue hostil intactas,
Vivo depoz, e por terror da morte,
Baldões do vencedor soffrer quiz antes?
Oh mancha horrenda! Oh vituperio eterno!

MANLIO

Damnoso, muito embora, o cambio seja:
Régulo basta a compensar-lhe os damnos;
Basta Régulo só.

RÉGULO

Manlio, te enganas.
Eu mortal sou tambem; tambem eu sinto
As injurias da edade; util a Roma
Já posso apenas ser. Muito a Carthago,
Muito o seria a mocidade féra,

Que trocasseis por mim. Ah! tão grande erro
Commetter não queiraes. Teve os mais bellos
De meus dias a patria; um resto inutil
Tenha o contrario; o vil triumpho alcance
De me vêr expirar; mas tambem veja,
Que em vão se regosija, em vão triumpha;
Que em Régulos abunda a altiva Roma.

MANLIO

(Oh constancia inaudita!)

PUBLIO

(Oh desgraçado!...
Oh funesto valor!)

AMILCAR

(Céos! Que linguagem
Tão nova para mim!)

MANLIO

Das acções nossas
O util não deve ser, mas ser objecto
Sómente o decoroso; e pejo a Roma
Fôra, que um cidadão a achasse ingrata.

RÉGULO

Roma quer ser-me grata? Eis o caminho.
Senadores! Os barbaros, que vêdes,
Tão vil me presumiram, que por medo
Trair-vos procurasse! Ah! que esta affronta
Das muitas que soffri, tresdobra o pezo!
Senadores, vingae-me: eu fui romano:
Eia, armae-vos, correi, voae aos monstros,
Seus templos arrombae, d'ali se arranquem
As aguias prisioneiras; té que oppressa
Cáia a rival, não deponhaes o ferro.
Fazei que eu, lá tornando, encontre o susto
Da vossa indignação, das furias vossas,
No semblante feroz dos meus algozes:

Que ledo arqueje emfim, que ledo morra
Ao vêr, entre os meus ultimos arrancos,
Como ao nome de Roma Africa treme.

AMILCAR

(De espanto minhas iras se enregelam!)

PUBLIO

(Ninguem responde; o coração me treme!)

MANLIO

Quer mais arbitrios dúvida tão grande.
O nosso justo assombro espaço exige
Para desafogar-se. Em breve, Amilcar,
Ser-te-ha notorio o que ao Senado aprouve:
A inspiração dos céos, antes de tudo,
Devemos implorar, oh Senadores.

RÉGULO

Inda ha duvidas?

MANLIO

Sim; não sei se é risco
Maior da patria nossa não curvar-se
Ao pezo dos teus próvidos conselhos,
Ou perder quem os dá! Tu, desprezando
Os horrores da morte, o sangue offertas
Ao publico interesse; mas a patria
Perde em ti de seus filhos o mais util.
Se teu fim sanguinoso exiges d'ella,
Não soffre a gratidão que tanto exijas.
Pródigo o céo não é de almas tão grandes. (1)

(1) Vae-se, seguido de Senadores e Lictores, e fica a passagem livre no templo.

SCENA X

Régulo, Publio e Amilcar

AMILCAR

Assim cumpres, oh Régulo, as promessas?

RÉGULO

Prometti de tornar: hei de cumpril-o.

AMILCAR

Mas...

SCENA XI

Attilia, Povo, Licinio *e os mesmos*

ATTILIA

Páe!

LICINIO

Senhor!

ATTILIA

Sobre esta mão, que adoro:...

RÉGULO

Afastae-vos de mim: Graças aos numes,
Inda livre não sou.

ATTILIA

Que! Recusou-se
A troca?

RÉGULO

Publio, vem: conduze Amilcar,
E a mim ao domicilio destinado.

PUBLIO

Não tornarás a vêr teus patrios lares?
A antiga habitação?

RÉGULO

Não entra em Roma
Mensageiro inimigo.

LICINIO

Esta severa
Lei não é para ti.

RÉGULO

Seria injusta,
Se não fôsse geral.

ATTILIA

Eu quero ao menos
Seguir-te aonde fôres.

RÉGULO

Não, que o tempo
Demanda pensamentos bem distinctos
Do filial amor, e amor paterno.

ATTILIA

Ah meu páe! Ah senhor! Porque te encontro
Tão diverso de ti, do que eras d'antes?

RÉGULO

Minha sorte mudou, mas não minha alma.
Não perco entre grilhões, ou entre os louros,
De meu animo a paz: não chega a elle
A minha escravidão: com vario aspecto
Póde virtude, sem mudar a essencia,
Resistir ao rigor, luctar co'as iras
Da inconstante fortuna. — Publio, vamos.

SCENA XI

Amilcar, Barce, Attilia

BARCE

Amilcar!

AMILCAR

Barce! Ah! Perco-te de novo:
Régulo o que hei proposto dissuade.

AS DUAS

Oh céos!

AMILCAR

Adeus: seguir a Publio devo.
Quanto o meu coração tem que dizer-te!

BARCE

Nada em tanto me dizes?

AMILCAR

N'um suspiro
Ha bastante expressão, se o amor o explica.

SCENA XII

Attilia e Barce

ATTILIA

Filha desventurada! Oh céos! Que devo
Concluir do que ouvi? Seu proprio damno
Machinará meu páe!

BARCE

Como o Senado
Inda não decidiu, resta-te muito,
Attilia, que esperar,

ATTILIA

Eu parto, eu corro:
Fadigas, submissões, lagrimas, rogos,
Tudo em uso porei; o prazo é curto:
Devo lidar primeiro que os Conscriptos
Outra vez se congreguem: eis o tempo
De apurar a eloquencia, os artificios:
Amparo, auxilio implorarei a todos,
E farei bandear ao meu partido,
O Tribuno, os conscriptos, os clientes,
O povo, Amilcar mesmo, os mesmos numes.

ACTO II

Aposentos, á vista de Roma, no palacio suburbano, destinados aos Embaixadores Carthaginezes

SCENA I

Régulo e Publio

RÉGULO

Publio, tu inda aqui? Tracta-se agora
Da honra minha, do esplendor de Roma,
Do publico repouso, e não te apressas?
E ao Senado não vás?

PUBLIO

Senhor, ainda
Se não juntou.

RÉGULO

Não tardes, vae: sustenta
Entre os arbitrios teus o meu conselho:
Mostra seres credor da origem tua.

PUBLIO

Como! E queres, e ordenas que fabrique
Eu proprio o damno teu?

RÉGULO

Não é meu damno
O que utilisa a patria.

PUBLIO

Ah! de ti mesmo
Tem piedade, senhor.

RÉGULO

Publio, tu julgas
Isto um furor em mim? Crês que entre todos
Os que existem no mundo eu só me odeio?
Quanto enganado estás! Tambem sou homem:
Amo o bem, fujo ao mal; porém na culpa
Só este encontro, e na virtude aquelle.
Culpa não fôra que, empecendo a patria,
Recobrasse a perdida liberdade?
Meu mal é pois a liberdade, e a vida.
Crês virtude manter c'o proprio sangue
Os destinos da patria, o nome, a gloria?
E' pois meu bem a escravidão, e a morte.

PUBLIO

Mas a patria não é...

RÉGULO

Na patria pensa;
Vê n'ella um todo de que somos partes:
Erro é no cidadão considerar-se
Da patria separado; os bens, e os males,
Que deve conhecer, são os proveitos,
Ou detrimentos d'ella, a quem de tudo
E' devedor: quando o suor, e o sangue
Por ella espalha, nada seu despende:
Quanto lhe deve, restitue á patria.
A patria deu-lhe o ser, deu-lhe a doctrina,
O alimento lhe deu: co'as leis, co'as armas
Dos insultos domesticos o escuda;
Dos extremos o salva: ella lhe presta
Nome, honra, gráo, seus meritos premêa,
Vinga os aggravos seus; mãe carinhosa
Se esmera em lhe forjar prosperidade,
Em fazel-o feliz, quanto é possivel
Ao destino dos homens ser ditoso.

E' certo que estes dons lá tem seu pezo:
Quem o pezo recusa, o jus deponha,
Renuncie o favor; mendigo, inutil,
Os desertos inhospitos demande,
E em ferinas envolto hirsutas pelles,
Contente de um covil, e agrestes fructos,
Lá viva a seu sabor, inerte, e livre.

PUBLIO

Adoro o que te escuto: a alma convences,
O coração porém não persuades;
Repugna obedecer-te a Natureza;
Não me posso esquecer de que sou filho.

RÉGULO

Triste desculpa em quem nasceu romano:
Bruto, Manlio, Virginio, páes não foram?

PUBLIO

Sim; mas essa constancia extranha, heroica
Ficou só entre os páes. Não teve Roma
Atéqui filho algum com que jactar-se;
Filho algum, que do páe tramasse a morte.

RÉGULO

Pois do primeiro exemplo aspira á honra:
Vae-te.

PUBLIO

Ah...

RÉGULO

Não mais. Do meu destino espero
A noticia por ti.

PUBLIO

Muito pretendes,
Senhor...

RÉGULO

Queres-me extranho, ou páe? Se extranho,
Não prefiras o meu ao bem de Roma:
Se páe, adora o mando, e cala, e parte.

PUBLIO

Ah! Se o meu coração notar podesses;
Quantas palpitações, senhor, o agitam;
Menos duro talvez comigo fôras.

RÉGULO

Eu do teu coração requeiro agora
Menos provas de amor, que de constancia.

PUBLIO

Ah! Se é vontade tua exp'rimentar-me,
Pede-me o sangue, oh páe, verás meu sangue
Derramado a teus pés; mas que teu filho
Te enlute os fados, te machine a morte...
Perdoa-me, senhor; tremo, desmaio,
E para tanto em mim não ha virtude.

SCENA II

RÉGULO

Eis o grande momento se avisinha.
Que vacille o Senado eu temo: oh deuses,
Protectores de Roma! Eia, inspirae-lhe
Mais dignos sentimentos.

SCENA III

Manlio, lictores e Régulo

MANLIO

Os Lictores
Fiquem d'este logar vedando a entrada;
A penetrar aqui ninguem se atreva.

RÉGULO

Manlio! A que vem!

MANLIO

Ah! deixa, heroe invicto,
Que te aperte em meus braços.

RÉGULO

Como! Um Consul!

MANLIO

Consul não sou agora; eu sou um homem,
Que adora essa virtude, essa constancia:
Um grande émulo teu, que se declara
Já vencido por ti:—que detestando
Seu antigo rancor, sua injustiça,
De ser amigo teu supplica a honra.

RÉGULO

Eis o estylo commum das almas grandes!
Não bate o vento as derrubadas plantas;
Mas brandamente as ergue. Eu gloria tanta,
Tão nobre acquisição devo aos meus ferros.

MANLIO

Sim, teus ferros qual és me descubriram:
Nunca te vi tão grande como entre elles.
A Roma vencedor dos inimigos
Muitas vezes volveste: agora volves
Vencedor de ti mesmo, e da Fortuna.
Os teus louros inveja em mim crearam;
Os teus ferros em mim respeito infundem.
Heróe Régulo então me parecia;
Régulo agora me parece um nume.

RÉGULO

Basta, basta, senhor: applausos tentam,
Mórmente em labios taes, a mais austera,
Comedida virtude: eu te sou grato,
De aprouver-te illustrar com teu affecto
Os meus dias finaes.

MANLIO

Teus finaes dias!
Conserval-os pretendo a bem da patria:
E, porque em teu favor se admitta a troca,
Tudo em uso porei.

RÉGLLO (1)

D'esta arte, oh Manlio,
Principias a amar-me! E que fizeras
Se inda me aborrecesses? D'este modo
Do fructo do meu brio me defraudas?
Mostrar os meus grilhões não vim a Roma
Por lhe excitar piedade; eu vim salval-a
De arriscada proposta, que não deve
Ser acceita por ella: se não pódes
Dar-me outro amor, a aborrecer-me torna.

MANLIO

Porém não vês que, recusada a troca,
Tua morte produz?

RÉGULO

E tão terrivel
Nos ouvidos de Manlio sôa a morte!
Hoje que sou mortal não é que aprendo:
Nada podem tirar-me os inimigos,
Que cêdo me não tire a Natureza:
Ficará sendo assim dom voluntario
Aquillo mesmo, que seria em breve
Necessario tributo. O mundo veja
Que Régulo viveu só para a patria,
E que emfim, quando mais viver não pôde,
Lucro se quer lhe deu co'a morte sua.

MANLIO

Vozes sagradas! Sentimento augusto!
Oh terreno feliz, que dá taes filhos!
E quem póde, senhor, deixar de amar-te?

(1) Perturbado.

RÉGULO

Consul, como romano amar-me deves,
Se me queres amar. D'esta amisade
Attende as condições. Ambos façamos
Um sacrificio a Roma: eu o da vida,
Tu o do amigo. E' justo que as vantagens,
Que a fortuna da patria, algum desgosto
Tambem te custem; vae; porém promette
Que dos conselhos meus tu no Senado
Serás o defensor: tua amisade
Com esta condição sómente acceito.
Que respondes, senhor?

MANLIO

Que assim prometto.

RÉGULO

Agora dos propicios, altos numes
Em Manlio reconheço um dom sagrado.

MANLIO

Porque dos ferros teus não participo?...

RÉGULO

Não percâmos o tempo. Os Senadores
Ter-se-hão juntado. Á tua fé commetto
O decóro da patria, o meu repouso,
A honra minha.

MANLIO

Oh! Que fervor de gloria,
Que flamma lavra em mim de fibra em fibra,
Só de fallar comtigo, alma sublime!
Não, não ha coração de tal fraqueza,
Que, ouvindo a tua voz, trocar não queira
O destino de um rei por esses ferros.
Adeus, gloria do Tibre.

RÉGULO

Amigo, adeus.

SCENA IV

Régulo e Licinio

RÉGULO

A respirar começo: os meus designios
Fausto o céo favorece.

LICINIO

Emfim mais ledo
Torno a ver-te, senhor.

RÉGULO

D'onde procede
Tanto prazer, Licinio!

LICINIO

Abundo n'alma
De alegres esperanças. Atégora
Lidei por ti.

RÉGULO

Por mim!

LICINIO

Sim: presumiste
Tão ingrato Licinio, que esquecesse
Altas obrigações no lance d'ellas?
Muito, ah! Muito, senhor, na idéa as trago.
Foste meu general, meu pae, meu mestre.
Os meus primeiros, vacillantes passos,
Da gloria pela estrada encaminhastes:
Eu te devo o que sou.

RÉGULO

Mas dize, acaba: (1)
Em beneficio meu que tens tu feito?

(1) Impaciente.

LICINIO

Fui defender-te a liberdade, e a vida.

RÉGULO

Como! (1)

LICINIO

No atrio do templo, onde o Senado
Para o novo debate se congrega,
O Senado esperei: movi em todos
O intento de salvar-te.

RÉGULO

(Oh céos! Que escuto!)
E tu... —

LICINIO

Não fui eu só: não se escureça
Ao merito o louvor: lidei bastante;
Mas Attilia inda mais.

RÉGULO

Quem?

LICINIO

Tua filha:
Outra em Roma não ha mais extremosa
No amor ao pae. Como fallou! Que affectos
Nas almas despertou! Como o decóro
Lhe ataviava a dor! Por quantos modos
Uniu exprobrações, louvores, preces!

RÉGULO

E o Senado que fez?

LICINIO

Ah! Quem resiste
Aos assaltos de Attilia?... Eil-a; repara
Como em seus olhos a esperança brilha.

(1) Perturbado.

SCENA V

Os mesmos e **Attilia**

ATTILIA

Emfim, querido pae, já posso....

RÉGULO

E ousas
Presentar-te a meus olhos? Atégora
Entre os contrarios meus te não contava.

ATTILIA

Eu, pae, contraria tua!

RÉGULO

E' menos que isso
Quem se oppõe delirante aos meus conselhos?

ATTILIA

Ah senhor! No desejo de prestar-te
Demonstrações de inimisade encontras?

RÉGULO

Tu sabes o que empéce, ou que aproveita?
Quem nos cuidados publicos te ingére?
Quem te fez de meus fados protectora?
Que jus...

LICINIO

Muito, oh senhor...

RÉGULO

Licinio falla?
Melhor se defendia emmudecendo;
Indicio de remorso era o silencio.
Uma filha! Um romano! Eternos deuses!

ATTILIA

Porque sou filha...

LICINIO

Porque sou romano,
Imaginei oppôr-me ao teu destino.

RÈGULO

Cala. Quem aconselha acções indignas,
Quem á baixeza induz, não é romano:
Minha filha não é quem não prefere
O proveito commum ao bem privado:
O pezo de meus ferros sinto agora:
Affligem-me os grilhões por culpa vossa,
E hoje lamento a liberdade extincta.

SCENA IV

Licinio *e* **Attilia**

ATTILIA

Ah! Licinio, Licinio, em todo o mundo
Crês que ha mulher mais infeliz que Attilia?
Amar um pae, estremecer por elle;
Por elle desvelar-se; atear no peito
A mais terna piedade;—isto seria
Mérito em outras, em outras, em Attilia é crime.

LICINIO

Consola-te, meu bem; não te arrependas
D'esse extremo filial: deveres nossos
Não se irmanam de Régulo aos deveres;
Se o desprezo da vida é gloria n'elle,
Em nós fôra impiedade o não salval-o:
As iras de teu páe não te amedrontem:
Ás vezes de cruel argúe o enfermo
A propria mão, que providente o cura.

ATTILIA

Suas exprobrações me desalentam
O afflicto coração. Valor não tenho
Para soffrer-lhe as iras.

LICINIO

Queres antes
De um páe, e de um tal páe chorar a perda?

ATTILIA

Ah não: mostre-me enfado; porém viva.

LICINIO

Viverá, viverá: suspende o pranto:
Serenem-se outra vez teus olhos bellos;
Pois se n'elles de magoa indicios vejo,
A constancia, e valor em mim desmaiam.

SCENA VII

ATTILIA

Da sorte caprichosa os bens, e os males
Não têm moderação, não têm medida;
Ou de seus dons é pródiga no extremo,
Ou, té que o veja extincto, um peito opprime:
Agora sou do seu furor o objecto:
Sobre a minha cabeça relampejam
Pavorosos fuzis, que indicam raios:
E quem sabe que horror no bojo encerra
A procella, que em torno enluta os ares?
Mas, oh Deus! se uma vida é só bastante,
A applacar o furor, que em vós supponho,
Eis o meu coração, n'elle se esgotem
Da vossa omnipotencia as furias todas;
Expire a filha, mas o pae não morra.

SCENA VIII

Mutação. Galeria

RÉGULO

Palpitas, coração! Que tens? Que novo
Frio tremor por ti desconhecido
E' este que te abala? Outr'hora ousaste
Desafiar do pélago as tormentas,
D'Africa os monstros, de Mavorte a sanha;
E agora em convulsões teu fado esperas!
Tu razão tens: jámais, jámais tégora
Correu tão grande risco a gloria minha.
Mas esta gloria (oh céos!) será tyranna
Paixão dos corações? E como as outras
Domar-se deverá? Ah! Não: dos fracos
Eis a linguagem: de que serve ao mundo
O que só para si no mundo vive?
De ti sómente, generoso affecto,
Aprende a se esquecer de si, por outrem
O intrepido mortal: quanto na terra,
Quanto na terra é bem, se deve á gloria.
Ella sabe remir a humanidade
Do vergonhoso estado em que jazia.
Da gloria a sede honrosa o fio embota
Á constante afflicção, que as almas fere;
Rouba aos p'rigos o medo, o medo á morte:
Alonga os reinos, as cidades mune,
Allicía, congrega, attráe sequazes
A' formosa virtude: emfim, converte
Em benigna moral costumes feros,
E quasi que os mortaes em deuses volve.
Por ella... Mas que vejo! Ah! Publio torna,
E parece que timido caminha.
Então, que annuncio trazes? Decidiram
Os Senadores já? Qual é meu fado?

SCENA IX

Régulo e Publio

PUBLIO

Senhor... (que pena para um filho é esta!)

RÉGULO

Calas-te?

PUBLIO

Oh deuses! antes mudo eu fôra!

RÉGULO

Falla: que succedeu?

PUBLIO

Nenhuma offerta
O Senado acceitou.

RÉGULO

Emfim venceste,
Graças, graças aos céos, genio romano!
Ah! Não tenho vivido inutilmente:
Busque-se logo Amilcar: não me resta
Nada já que fazer; cumpriu-se a obra:
Convém partir d'aqui.

PUBLIO

Páe desgraçado!

RÉGULO

E chamas infeliz quem pôde á patria,
Emtanto que existiu, prestar-lhe, e honral-a?

PUBLIO

A patria adoro, os ferros teus lamento.

RÉGULO

A vida é servidão, toda tem ferros.
Quem deseja chorar, que chore, oh Publio,
A sorte de quem nasce, e não a minha.

PUBLIO

Do barbaro Africano a crueldade,
Impio furor te privará da vida.

RÉGULO

Meu captiveiro findará com ella:
Não me sigas; adeus.

PUBLIO

De mim recusas
Os derradeiros, filiaes deveres?

RÉGULO

Outros deveres da tua alma eu quero:
Em quanto na partida me desvelo,
Fica detendo a magoada Attilia:
Seu pranto enlutaria o meu triumpho.
Oh quanto para mim é terna, e cara!
A fraqueza do pranto lhe releva.
Não é propria em mulher viril constancia.
Tu a aconselha, e cuida de inspirar-lhe
Com vigoroso exemplo a fortaleza.
Tu a rege, e a guarda: usa com ella
Officios paternaes: a ti confio
Minha filha, e confio-te a ti mesmo;
E espero... Ah! Vejo esmorecer teu rosto:
Mais sólida constancia em ti julgava;
E cegamente acaso a julgaria?
Ah! Não: tu és meu filho, és um romano:
Não murches as viçosas esperanças,
Que de um animo grande á patria déste:
No trilho dos heróes dirige o passo;
Sê digno successor dos meus affectos;
Faze com que teu páe de hoje em diante,
De ti lembrar-se sem vergonha possa.

SCENA X

Publio, *depois* Licinio, Attilia, Barce *e* Amilcar

PUBLIO

Ah! Sim, Publio, valor, é duro o lance;
Porém cumpre vencer-te; o sangue o pede
Que tens nas vêas, e o sublime exemplo
Que assombra os olhos teus o mesmo exige:
Téqui cedeste aos impetos primeiros
Da terna, resentida Natureza:
Melhor, mais dignamente agora escolhe,
Imita o grande páe: corrige um erro...

ATTILIA

E' certo, caro irmão?

BARCE

Publio, é verdade?

PUBLIO

Decidiu o Senado: em poucas horas
Régulo partirá.

AMILCAR

Como!

BARCE

Que dizes!

ATTILIA

Ah! traíram-me todos.

LICINIO

Inda resta
O recurso final.

BARCE

Piedade, Amilcar!...

AMILCAR

Esperanças não ha; murcharam todas.

ATTILIA

E meu pae onde está? Com elle ao menos
Quero, quero partir.

PUBLIO

Detem-te: o excesso
Da tua acerba dôr o offenderia.

ATTILIA

Como? E esperas assim tolher-me o passo?
Agora só me lembra que sou filha;
Deixa-me...

LICINIO

Torna em ti...

ATTILIA

Ah! Que entretanto
Parte o misero pae.

AMILCAR

Tal não receies
Em quanto Amilcar persistir em Roma.

ATTILIA

Quem me soccorre, oh céos! Quem me aconselha?
Licinio, Barce, Amilcar, Publio, Publio!...

PUBLIO

Socega, cara irmã, valor, constancia.

ATTILIA

E tu fallas assim! Tu, que devêras
Acompanhar gemendo os meus transportes?
Tu não perdes o pae?

AMILCAR

Mas Barce fica,
Barce, que a teu irmão o peito inflamma:
Convém a seu amor que o pae se ausente
Sem o resgate da gentil escrava.

PUBLIO

Tal me avalias? Que desar! Que affronta!

AMILCAR

Talvez, porque o Senado obstasse á troca
Apuraste os ardis, compraste os votos:
Eis o motivo do valor, que ostentas.

PUBLIO

De um africano tal pensar é digno.

AMILCAR

Comtudo...

PUBLIO

Cala, e escuta-me. Não sabes
Que na sorte de Barce imperio tenho?

AMILCAR

Sei que o Senado a tua mãe a dera,
Que morrendo a deixou ao teu arbitrio,
E que hoje é tua amante, além de escrava.

PUBLIO

Do meu dominio, pois, vê que uso eu faço:
Até agora amei Barce mais que a vida,
Porém menos que a honra: eu sei que uma alma
Como a de Amilcar não poderá crer-me;
Mas de suspeitas vís qualquer pretexto
Tirarei á calumnia: Barce, és livre,
Ausenta-te com elle (1)

(1) Vae-se.

BARCE

Oh céos! Que escuto!

AMILCAR

De tão rara, magnanima virtude...

LICINIO

Como se ama entre nós, barbaro, aprende.

BARCE

Serei tua outra vez?

LICINIO

Tente-se tudo: (1)
Triumphe a gratidão.

AMILCAR

Sim, na virtude
Tenha rivaes este romano orgulho. (2)

ATTILIA, *a Licinio*

Onde vás?

BARCE, *a Amilcar*

Onde vás?

LICINIO, *a Attilia*

O pae salvar-te.

AMILCAR, *a Barce*

Régulo conservar.

ATTILIA, *a Licinio*

Mas de que sorte?

(1) Partindo.
(2) O mesmo.

BARCE, *a Amilcar*

Porém como?

LICINIO

A extremas desventuras,
Dêm-se extremos remedios.

AMILCAR, *a Barce*

Não me sigas.

ATTILIA

Mas nem sequer te explicas?...

BARCE

Mas nem dizes?...

LICINIO

Em breve o saberás.

AMILCAR

Em mim confia.

LICINIO

Morra Licinio, ou Régulo se livre.

AMILCAR

Tambem patria de heróes Africa seja.

ACTO III

Sala terrea, que corresponde a jardim

SCENA I

Régulo, guardas africanos, ***depois*** **Manlio**

RÉGULO (1)

Amilcar porque tarda? Inda não soube
O arbitrio do Senado? Onde se occulta?
Procure-se: (2) convém saír de Roma;
Já não tem que esperar, nem eu já tenho
Que pretender aqui: qualquer demora
Se torna culpa em ambos. (3) Ah! Meus braços
Te cinjam, caro amigo: a gloria minha
Perigára sem ti: por ti conservo
Os meus grilhões. A ti se deve o fructo
Da minha escravidão.

MANLIO

Sim, mas tu partes,
E Roma vae perder-te.

RÉGULO

Não partindo,
Então me perderieis.

MANLIO

Ah! Começo
Bem tarde a ver-te amigo; e d'este affecto,
Só penhores fataes téqui te hei dado.

(1) A um guarda.
(2) Parte o guarda.
(3) Vendo Manlio.

RÉGULO

Que mais posso esperar de um puro amigo?
Se o generoso Manlio quer, comtudo,
Dar-me outras provas de extremado affecto,
Outras lhe pedirei.

MANLIO

Falla.

RÉGULO

Os deveres
De fiel cidadão tenho cumprido.
Emfim, de que sou páe tambem me lembro.
Dous filhos (tu o sabes) Publio, Attilia,
Deixo em Roma. Elles são depois da patria
O meu primeiro, e mais suave affecto.
Indole não vulgar transluz em ambos,
Plantas são todavia inda immaturas:
Ambos carecem de cultor prudente;
Mas que eu d'elles curasse os céos vedaram:
Do piedoso cuidado (ah!) tu te incumbe:
Compensa largamente o que ambos perdem:
Á tua alma benigna, a teus conselhos,
A gloria deva o páe, soccorro os filhos.

MANLIO

Eu t'o prometto. Os preciosos germes
Piedoso abrigarei. Senão tão digno,
Um páe tão terno como tu, ao menos,
Em mim terão. Hei de apontar-lhe os passos
Da romana virtude, e este desvelo
Muito pouco suor ha de custar-me:
Áquellas almas, que a virtude inflamma
Por natureza heroicas, é bastante
Das paternas acções ouvir a historia.

RÉGULO

Mais nada resta pois ao meu desejo.

SCENA II

Régulo, Manlio *e* **Publio**

PUBLIO

Manlio! Páe!

RÉGULO

Que succede?

PUBLIO

Amotinada
Roma está: treme o povo; e que te ausentes
Não consente, não quer.

RÉGULO

Será possivel
Que um cambio vergonhoso agrade a Roma?

PUBLIO

Não quer troca, nem paz, quer que tu fiques.

RÉGULO

Eu?... Oh céos! E a palavra? O juramento?...

PUBLIO

Todos, todos vozeam: — fé não deve
Aos perfidos guardar-se.

RÉGULO

Então de um crime
Outro é desculpa? E quem será culpado
Se de a colheita aos réos servir o exemplo?

PUBLIO

O collegio dos Augures se ajunta.

RÉGULO

Precisão d'esse oraculo não tenho:
Eu sei que prometti, partir eu quero:
Roma escolher podia, ou paz, ou troca:
Cuidar no meu regresso a mim só cumpre:
Dever publico era aquelle, este é privado:
Do que fui ao que sou muito defiro.
Roma não tem direito em servos de outrem.

PUBLIO

O decreto dos Augures se espere.

RÉGULO

Não, Publio, que com esp'ral-o approvo
A sua auctoridade. Ao porto, ao porto:
Não haja mais demora. Amigo, adeus.

PUBLIO

Adverte que o povo alvorotado
Pretenderá talvez deter-te á força.

RÉGULO

Vê que, se tal succede, tu protejes
Da pouca lealdade o crime em Roma.

PUBLIO

Então devo faltar...

MANLIO

Régulo, deixa
Que eu do povo o primeiro impulso acalme:
Da consular auctoridade á vista,
Mitigará o ardor.

RÉGULO

Eu me confio,
Manlio, na tua fé. Mas...

MANLIO

Basta, entendo:
Apeteço, e ambiciono a gloria tua:
Vejo o teu coração; no meu confia:
Em honra, como a ti, me ferve o peito:
Nega-me o fado, nega-me a ventura
O sublime esplendor d'esses teus ferros;
Mas se os desejo em vão, sei merecel-os.

SCENA III

Régulo *e* **Publio**

RÉGULO

Será crivel que tanto custe em Roma
Agora o conservar a fé jurada!
Publio! Ah Publio!... Tu ficas, e tranquillo
Deixas ao caro amigo a gloria toda
Da lida, do fervor de soccorrer-me?
Corre, corre tambem; forceja, alcança
Para a minha partida o passo livre.
Quero este alto favor dever a um filho.

PUBLIO

Ah, páe! Eu te obedeço; mas...

RÉGULO

Suspende:
O suspiro talvez será fraqueza.

PUBLIO

Sim, eu confesso que morrer me sinto;
Mas a mesma oppressão, que me atormenta,
É um merito em mim; com tudo eu ligo
Á minha dôr a obediencia minha.

SCENA IV

Régulo e Amilcar

AMILCAR

Régulo, emfim . .

RÉGULO

Já sei antes que o digas,
Quaes teus queixumes são: não te acobarde
O popular motim: Régulo em Roma
Vivo não ficará.

AMILCAR

Não sei qual seja
O motim popular de que me fallas!
Venho mostrar-te por maneira extranha,
Que não é mãe de heroes sómente Roma,
Que entre nós ha tambem grandeza d'alma.

RÉGULO

Concedo: mas de inuteis, vãos debates
Tempo agora não é: junta os sequazes,
E apresta-te á partida.

AMILCAR

Não; primeiro
Escuta-me, e responde.

RÉGULO

Oh soffrimento!

AMILCAR

Ser grato é gloria?

RÉGULO

E' um dever ser grato;
Mas já tão pouco este dever se exerce,
Que hoje é gloria cumpril-o.

AMILCAR

Mas se agora
Custar um grande p'rigo?

RÉGULO

Então se eleva
Ao gráo de alta virtude.

AMILCAR

O gráo, que dizes,
Não pódes pois negar-me. Ouve: zeloso
Da gloria sua teu illustre filho,
Barce me restitue amando-a ha muito:
Eu tambem generoso, estimulado
D'emulo brio, o pae salvar-lhe quero,
E ao furor de Carthago assim me exponho.

RÉGULO

Tu me queres salvar?

AMILCAR

Eu.

RÉGULO

Como?

AMILCAR

Espaço
Te darei para a fuga: aquellas guardas
Cedo removerei de ti com arte:

Tu cauto em Roma esconde-te entretanto,
Té que sem ti com simuladas iras
Ancoras léve.

RÉGULO

Barbaro!...

AMILCAR

Que dizes?
Assombras-te da offerta?

RÉGULO

Assás.

AMILCAR

Terias
De mim tanto esperado?

RÉGULO

Não.

AMILCAR

Com tudo,
Não tive a sorte de nascer romano.

RÉGULO

Bem se vê.

AMILCAR

Guardas, ide.

RÉGULO

Nenhum parta.

AMILCAR

Porque?

RÉGULO

Dos bons desejos te sou grato;
Porém comtigo irei.

AMILCAR

Minha piedade
Desdenhas?

RÉGULO

Não: de ti me compadeço:
Virtude ignoras, e virtude ostentas:
E offendes a ti proprio, a mim, e á patria.

AMILCAR

Eu!

RÉGULO

Sim: como dispões da liberdade
De Régulo? E' teu servo, ou de Carthago?

AMILCAR

Não te cabe indagar se o beneficio...

RÉGULO

O beneficio, na verdade, é grande!
Tornar-me réo, tornar-me fraudulento,
Profugo, indigno...

AMILCAR

Mas aqui se tracta
De conservar-te a vida, e não reflectes
Que atrozes penas te dispôz Carthago?
Que mal, que horror, que morte ali te esperam?

RÉGULO

Mas conheces, Amilcar, os romanos?
Sabes que vivem de honra, e que só ella
É das suas acções medida, e objecto?
Aqui sem pallidez se aprende a morte;

Aqui se desafia, aqui se affronta
Todo o tormento, que produz a gloria;
Aqui só a fraqueza é horrorosa.

AMILCAR

Pomposas expressões! Bellas no ouvido!
Mas não creio essa túmida linguagem:
Sei que a todos a vida é preciosa,
E que tu mesmo...

RÉGULO

Em demasia abusas
Da paciencia minha: apresta os lenhos,
Congrega promptamente os teus sequazes;
Cumpre com teu dever, barbaro, e cala.

AMILCAR

Intrepido alardêa, audaz insulta,
Põe á minha piedade um nome indigno:
Calado, junto ao Tibre, Amilcar te ouve,
Em Carthago porém dar-te-hei resposta.

SCENA V

Régulo *e logo* **Attilia**

RÉGULO

Publio não torna! E Manlio... Oh céos! Attilia,
Que annuncio trazes, pressurosa, alegre?

ATTILIA

Já de Régulo pendem nossos fados:
Roma, Roma aferrada a teus arbitrios,
Não quer troca, nem paz, mas ficar pódes.

RÉGULO

Sim, com a infamia...

ATTILIA

Não, sobre esse ponto
Já no Senado a decisão foi dada:
De partir, ou ficar tens faculdade:
Juraste entre os grilhões... Quem não é livre
Em si não tem poder para obrigar-se.

RÉGULO

O que sabe morrer é sempre livre.
Longe sophismas: a fraqueza propria,
Confessa quem accusa a força alhêa:
Eu jurei porque quiz, e partir quero
Porque jurei.

SCENA VI

Régulo, Attilia *e* **Publio**

PUBLIO

Senhor, em vão o esperas.

RÉGULO

E quem póde tolher-m'o?

PUBLIO

O povo todo,
O povo todo, oh páe, já não se doma.
Grita, brama, incapaz está de freio:
Por te impedir o embarque, ao porto corre
Em confuso tropel, e está de Roma
Outro qualquer logar deserto.

RÉGULO

E Manlio?

PUBLIO

Ao voto universal se oppõe só elle.
Roga, ameaça, grita; mas sem fructo,
Que o mando a obediencia não consegue.
Na revolta caterva a furia cresce:
Já na dextra dos pallidos Lictores
As segures vacillam; e em tão fero,
Tão terrivel tumulto, executores
O mando consular não tem, não acha.

RÉGULO

Attilia, adeus: segue-me, Publio.

PUBLIO

Aonde?

ATTILIA

Aonde vás?

RÉGULO

A soccorrer o amigo;
Lançar em rosto a Roma o crime horrendo
Da minha escravidão:—Manter a honra;
Partir, ou expirar n'aquellas praias.

ATTILIA

Ah páe! Se tu me deixas, eu ..

REGULO (1)

Attilia,
Muito ao nome de filha, á edade, ao sexo,
Muito dei atéqui: baste de choro.
Com Roma em damno meu se não conjure,
Não se arme contra mim tambem teu pranto:
De um triumpho immortal não me despojes.

ATTILIA

Que pena para mim!...

(1) Sério, mas sem enfado.

RÉGULO

É grave pena
Perderes-me, bem sei; mas tanto custa
A honra singular de ser romana.

ATTILIA

Outra prova qualquer darei...

RÉGULO

Que prova?
Acaso regular de Roma os fados,
Irás lá no Senado, entre os conscriptos?
Na fronte o murrião, na dextra o ferro,
Entre armas verterás suor brioso,
Commettendo, aterrando os inimigos?
Attilia, se não sabes sem fraqueza
Pela patria soffrer qualquer desastre;
Por ella que farás?

ATTILIA

É certo, é certo;
Mas tal constancia...

REGULO

Esta virtude é ardua;
Mas Attilia é meu sangue, e deve tel-a.

ATTILIA

Sim, pae, quanto pudér hei de imitar-te:
Mas oh céos! Tu me deixas indignado?
Eu perdi teu amor?

RÉGULO

Não, filha, eu te amo.
Não tenho indignação: de mim recebe
Este terno penhor: mas este abraço
Honra, constancia, e não fraqueza inspire.

SCENA VII

Attilia *e depois* **Barce**

ATTILIA

Sim, valor, coração! Fracos affectos,
Minha alma despejae: prantos imbelles,
Nos tristes olhos meus parae de todo:
Tenho chorado assás, assás tremido:
Surja d'entre o paterno, heroico enfado,
O esforço natural, que me alentava.
Não seja Attilia só, não seja Attilia
De tão sublime planta indigno ramo.

BARCE

Attilia, quanto ouvi será verdade?...
A despeito do povo, e do Senado,
Dos Augures, de nós, do mundo inteiro
Régulo quer partir?

ATTILIA

Sim.

BARCE

Mas que insano,
Que teimoso furor...

ATTILIA

Tem mais respeito,
Barce, aos heroes.

BARCE

Como! Que escuto! Approvas
Do pae a obstinação?

ATTILIA

Do pae adoro
A cònstante virtude.

BARCE

Uma virtude,
Que ás iras de Carthago, á morte infame
Cegamente o conduz?

ATTILIA

Cala: esses ferros,
Esse horror, essas furias, essa morte —
Tudo isso de meu pae serão triumphos.

BARCE

Exultas entre idéas tão medonhas?
Oh deuses! Perceber não sei...

ATTILIA

Quem teve
Em barbaro paiz o nascimento,
Por desgraça, entender, sentir não póde,
Quanto uma filha na paterna fama
Engolpha o coração.

BARCE

Mas porque choras?

ATTILIA

Não sei se o pranto meu é gosto, ou pena.

SCENA VIII

BARCE

Que extranhas illusões! Que idéas novas
A ambição de louvor produz em Roma!
Manlio do seu rival cubiça os ferros;

Régulo odeia a publica piedade;
Do pae na morte se recreia a filha;
E Publio embriagado, accezo em honra,
De amor triumpha, e ao seu rival me cede!

SCENA IX

Magnifico portico sobre a margem do Tibre. Armada prompta no rio para o embarque de Régulo: ponte que conduz a uma das náos, que estará mais visinha: numeroso povo, que impede a passagem para a sobredita náo; Africanos sobre a mesma ponte, Lictores, e o Consul.

Manlio e Licinio

LICINIO

Sim, que Régulo parta impede Roma.

MANLIO

Pois de Roma tambem não somos parte
Eu, e o Senado?

LICINIO

A maior é o povo.

MANLIO

Não a mais sã.

LICINIO

Porém a menos féra.

POVO

Por gratidão, e amor salvar queremos
A Régulo a existencia.

MANLIO E SENADORES

E nós a honra.

LICINIO

A honra...

MANLIO

Basta: eu altercar comtigo
Aqui não venho. Oh lá! Franqueem todos
A passagem.

LICINIO

Oh lá! Ninguem se affaste.

MANLIO

Eu o ordeno.

LICINIO

Eu o védo.

MANLIO

Ousa Licinio
Oppôr-se ao Consul?

LICINIO

Ao Tribuno oppôr-se
Ousa Manlio?

MANLIO

Vêl-o-has: eia, Lictores,
Despeje-se o caminho.

LICINIO

Eia, romanos,
O passo defendei.

MANLIO

Oh céos! Com armas
Se resiste ao meu mando? E d'esta sorte
Se offende a magestade?

LICINIO

A magestade
De Roma está no povo, e tu a offendes
Quando a elle te oppões.

POVO

Régulo fique.

MANLIO

Ouvi: deixae que eu patenteie o engano.

POVO

Fique Régulo.

MANLIO

Ah! vós...

POVO

Régulo fique.

SCENA X

Manlio, Licinio, Régulo, Publio, Amilcar, Attilia, Barce, guardas, senadores e povo

RÉGULO

Régulo fique?... E eu ouço? Eu devo crer-me
Uma infamia sequer? Sequer em Roma?
Sequer de mim? Que povos nascem hoje
No terreno de Romulo! Quaes foram
As almas, que formaram, que nutriram
Tão baixos pensamentos? Que é dos netos
Dos Brutos, dos Fabricios, dos Camillos?
Régulo fique? .. Ah! Por qual crime, e quando
Mereci o odio vosso?

LICINIO

O amor de Roma
E' quem tenta, senhor, quebrar teus ferros.

RÉGULO

E no mundo o que é Régulo sem elles?
Dos vindouros o exemplo elles me fazem:
Dos contrarios a injuria: a luz da patria:
E mais não sou, privando-me dos ferros,
Que um escravo perjuro, e fugitivo.

LICINIO

Entre os grilhões a perfidos jurastes,
E os Augures...

RÉGULO

Aos arabes, aos mouros
Deixêmos esses torpes, vis pretextos,
Esse infiel caracter: os humanos,
De Roma aprendam como a fé se guarda.

LICINIO

Mas perdendo seu páe, qual fica Roma?

RÉGULO

De que é mortal seu páe, Roma se lembre,
Lembre-se que do arnez já verga ao pezo,
Que aridas pouco a pouco as vêas sente;
Que já não póde, nem suór, nem sangue,
Por ella derramar; que só lhe resta
Morrer como romano. O céo nos abre
Esplendido caminho: de meus dias
Posso a dura carreira, a têa annosa
Findar com gloria, e me quereis infame?
Ah! Possivel não é: — dos meus romanos
Conheço o coração: no pensamento,
Não, desdizer de Régulo não póde
Ninguem que respirou, como eu, nascendo,

Do Capitolio as auras. Este, aquelle,
Sei que no coração que lá me applaudem:
Sei que inveja me têm, que entre os impulsos
De alto excesso de amor, que os illudira,
Aos deuses para si pede outro tanto.
Ah! Não, não mais fraqueza: a terra, a terra
Essas armas fataes!... Não se retarde
Um momento sequer ao meu triumpho.
Amigos, filhos, cidadãos, amigo,
Complacencia, favor de vós imploro,
Exhórto cidadão, páe determino. (1)

PUBLIO

Deuses! Já tudo lhe obedece!

ATTILIA

Oh Numes!

LICINIO

Eis já todas as dextras desarmadas.

MANLIO

Tens o caminho franco.

BARCE

Oh céos benignos!

RÉGULO

O passo livre está: pódes, Amilcar
Subir aos teus baixeis, que eu já te sigo.

AMILCAR

A ter inveja d'elle emfim começo. (2)

(1) O povo e os soldados abaixam as armas e abrem caminho.

(2) Sobem á náo Amilcar, Barce, os africanos e Régulo.

RÉGULO (1)

Povos de Roma adeus!... A despedida
Seja digna de nós: graças aos deuses,
Emfim vos deixo, e deixo-vos romanos:
Ah! Conservae sem mancha o grande nome,
E vós sereis os arbitros da terra,
E o mundo todo ficará romano.
Oh d'este almo terreno amigos Numes!
Deusas propicias á troiana extirpe!
Este povo de heróes de vós confio:
Sejam cuidado vosso, e vosso objecto,
Este chão, estes tectos, estes muros.
Fazei, que em seu recinto venerando,
Gloria, constancia, fé, valor, justiça,
Todos, todos, os dons floreçam, durem.
E se os influxos de maligna estrella,
Um dia o Capitolio ameaçarem;
Régulo, oh deuses! Régulo sómente,
Seja victima vossa, e se consuma
Toda a furia dos céos, na fronte d'elle;
Mas Roma illesa... Ah! Corre o pranto... Adeus!

FIM

(1) Para a terra.

INDICE